

José Paulo Alves Fusco

A ESPADA E A FÉ



EVE
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

EXPLICAÇÕES PRELIMINARES

Todo livro que se apresenta para ser editado passa por um longo processo até chegar às mãos do leitor. Isso em se tratando de qualquer editora, porque todas têm a responsabilidade dividida com o autor pelo que é publicado. Em se tratando de uma editora espírita, o cuidado tem que ser maior. Além da coerência do texto e o tema tratado, que deve entreter, agradar e ensinar, há que se levar em conta a coerência doutrinária. Tudo é atentamente observado para que a obra esteja de acordo com os princípios doutrinários codificados por Allan Kardec e expostos em suas cinco Obras Básicas.

Assim, o livro que você tem em mãos, passou por diversos revisores, e a aprovação foi unânime. No entanto, cada um sob o seu ponto de vista, assinalou o que via de mais importante e o que precisaria, talvez, de explicações adicionais, para maior aproveitamento do leitor. Leia, então, o que segue, antes de deleitar-se com a leitura desta emocionante história.

O autor, narrando fatos acontecidos há mais de dois mil anos, utiliza certas expressões atualizadas: "lisos como sabão", "vermelho como tomate", etc. Isso é justificável porque, apesar de ter vivido naquela época, o narrador é uma entidade que agora escreve para leitores dos dias de hoje. Então é perfeitamente possível "pensar em dois mundos" sem perder o fio da trama.

O tema divórcio é citado duas vezes no livro. O leitor poderá pensar: Será que já havia o divórcio como o conhecemos hoje? E o autor explica que o divórcio existia, mas de formas diferentes das que temos hoje, e em várias modalidades. Desde o simples repúdio da mulher pelo homem e até o contrário. Na sociedade daquela época o que dirigia as possibilidades de um e de outro cônjuge era o poder de quem as executava. Era uma sociedade violenta, comparada aos nossos valores atuais. Não raro ocorriam assassinatos que ficavam impunes, pelo fato de o mandante ser de poderosa família patriciana. Muitas vezes, também, por mínima falta, o culpado era enviado às galés, se não possuísse meios financeiros ou amigos influentes para defendê-lo.

Em certa passagem do romance, há o episódio que trata "dos retratos" de Tibério e, logo adiante, a citação de que as tabernas eram controladas por Pôncio e pelo clero. Ambos os fatos têm efetiva comprovação como verdade histórica.

Há também a citação de "latrinas públicas", cujos dejetos eram lançados em alto-mar. Difícil entender que há mais de dois mil anos já havia esse, «sinal de progresso. Mas a História, pesquisada em várias fontes, dá conta de que era assim mesmo em Tiberíades, uma cidade inovadora em vários aspectos, tendo sido projetada por famoso arquiteto romano.

No final da obra, quando o personagem Antônio entra em seu período vivido na Inglaterra, o autor teve a satisfação de verificar in loco a veracidade dos fatos apresentados no seu romance e a importância deles para os ingleses na atualidade.

No decorrer da obra, o autor apresenta minuciosas descrições dos usos e costumes da época, das qualidades e características físicas e morais dos personagens, nomes de ruas, cidades, distâncias entre localidades, etc. Tudo isso leva a uma veracidade indiscutível. Fica a pergunta: O autor foi intuído mediunicamente, realizou pesquisa, é um romance histórico mas de ficção ou hauriu os detalhes nos "arquivos permanentes da memória cósmica"? A explicação foi satisfatória: Intuição aliada a extensa pesquisa histórica. Pela intuição, recebeu da Espiritualidade o esquema da história, que basicamente é verídica. Coube-lhe contá-la de forma adequada, utilizando seus próprios recursos, seus pensamentos e sobretudo sua capacidade de pesquisa. O autor, professor-doutor de Universidade, com efeito, é um especialista em pesquisa organizada com metodologia científica. Propondo-se a compor a obra ambientada na época do Império de Calígula, filho adotivo de Tibério, aprofundou-se na pesquisa histórica. Não fosse assim, correria o risco de ambientar situações em locais, palácios, ruas, cidades, anfiteatros em uma época diferente de sua efetiva construção. Como se sabe, o Império Romano durou mais de mil anos e não pode ser representado por uma simples

aglomeração de seus fatos ou eventos mais importantes, como se tudo tivesse acontecido na mesma época...

O livro conta uma história vivida há mais de dois mil anos. Prende a atenção do leitor, apresentando em várias oportunidades desfechos completamente inesperados, nas tramas bem concatenadas. O autor é detalhista na descrição de paisagens, usos e costumes daquela época, de modo que o livro é extenso, mas sem ser cansativo. Isso induz o leitor a entrar na trama como se efetivamente convivesse com os personagens da história.

Penetre, então, sem mais demora, nesta emocionante história. Com certeza, você compartilhará das emoções vividas pelos personagens e, o que é mais importante, extrairá excelentes lições de vida, das quais, adianto duas :

Achamo-nos todos, presentemente, no lugar certo, com as criaturas certas e com as obrigações exatas, a fim de realizarmos o melhor ao nosso alcance.

Livre e responsável, a alma traz em si a lei do seu destino. Prepara, no presente, as alegrias ou as dores do futuro. O espírito se esclarece e se engrandece intelectual e moralmente na medida do trajeto efetuado em direção ao bem e à verdade...

*Hilda Fontoura Nami**

* N.E. - Hilda reside em Ribeirão Preto/SP, é professora de Português, Inglês, Literatura Portuguesa, Inglesa e Norte-Americana, co-autora do livro "Psicobiofísica nos Problemas Humanos", há mais de duas décadas executa trabalhos de revisão e copidesque para autores, editoras, acadêmicos e professores universitários.

APRESENTAÇÃO

Em primeiro lugar, "A Espada e a Fé" corresponde ao segundo de uma série de três romances, iniciado com o título "Gládio de Sangue", publicado em 1996 pela Editora e Gráfica São João.

Agora, continuando a saga dos personagens em sua busca pelos caminhos da elevação espiritual, apresentamos mais uma etapa cumprida por todos na matéria, cujos acontecimentos principais se deram durante o período contemporâneo à vinda do Cristo, que significou uma oportunidade única para quem teve o privilégio de estar aqui na mesma época.

Entretanto, como sói acontecer, alguns poucos tiveram a clarividência de vislumbrar ali a sua porta de entrada, seu rito de passagem, enquanto a maioria escolhia a opção cômoda e ilusória dos valores e poderes terrenos, que de nada servem em nossa verdadeira pátria, a espiritual.

A trama se desenvolve ainda na Roma antiga, no período correspondente ao império de Tibério, desde sua ascensão ao poder, passando rapidamente pela fugaz aparição de Caio César, ou Calígula, até o início do governo de Cláudio.

Apresentamos, então, a continuação de uma história de amor vivida por Antônio e Ester, na verdade Flavius e Silene em uma existência anterior, que aqui comparecem novamente se buscando e amparando nas lutas e compromissos de resgate, foijando as armas necessárias aos seus avanços.

Antônio, assim como o foi Flavius, é um soldado e, mais do que isso, um típico cidadão romano com seus valores básicos construídos dentro do contexto social da época. No entanto, tangido pelos acontecimentos, o enorme vazio que sente no coração o impele à procura de sua verdade interior longe do ambiente viciado da Metrópole, na Judeia, onde misteriosas mãos o direcionariam ao encontro de Ester, para juntos novamente provarem mais uma vez o amor elevado que os une.

Para que o leitor consiga se posicionar melhor no entendimento, apresentamos também, na medida em que a trama se desenrola, detalhes correspondentes aos usos e costumes, valores sociais e econômicos, que balizavam a conduta e determinavam as vidas das pessoas na Grande Cidade.

A exemplo do que fizemos em "Gládio de Sangue", iniciamos a nossa história pela infância dos personagens, definindo aí os primeiros elementos que norteariam os relacionamentos entre eles, aproveitando para contextualizar o meio onde floresceram as personalidades desse grupo espiritual.

Quando na mocidade, amadurecem então os compromissos e laços, tornando mais nítidas as opções e tarefas a serem desempenhadas, bem como se cristalizam os dramas e são gerados os fatos que marcariam a todos emocionalmente, determinando as razões e os caminhos para cada um.

As atitudes, caminhos e descaminhos de todos acabam por definir as consequências, a obrigatória coleta da sementeira, farta e doce para uns, mas árida e amarga para outros, a materialização ou não dos planos estabelecidos amorosamente na pátria espiritual, conjunto com seus benfeitores e entidades mais elevadas.

A oportunidade valiosíssima que todos tiveram de privar da presença do Mestre Amado seria fundamental para o futuro, embora aparentemente uns tenham aproveitado mais do que outros, e posso afirmar que, depois disso tudo, a vida espiritual de Antônio nunca mais seria a mesma.

Muitas das situações retratadas na trama não são diferentes do que se nos apresenta atualmente, pois apesar de serem diferentes os atores, a novela da vida continua sempre mais ou menos com o mesmo enredo.

Os compromissos que nos unem são claros, indelévels em nossa alma, apesar de não quisermos por vezes enxergar, com nossos olhos encobertos pelo brilho enganoso das riquezas materiais. No entanto, mais cedo ou mais tarde inexoravelmente chega a nossa vez e temos de encarar de frente nossas limitações, não mais em função dos valores de nossa mãezinha Terra, mas tendo como horizonte o progresso espiritual no reino de nosso Pai Eterno, aquele mesmo reino que nosso Irmão Celeste veio anunciar.

Sendo nosso objetivo principal o de resgatar e privilegiar essa mensagem, espero que este livro, assim como o anterior, possa despertar novamente nos corações o sorriso do Cristo em sua hora suprema, há tanto tempo esquecido nos confins da memória, seu amor infinito, reativando assim aquela força universal, vibrante e espantosamente poderosa que temos, que é o AMOR como redenção e salvação da humanidade.

Em uma próxima oportunidade, fechando a trilogia, esperamos continuar contando com a ajuda do Alto, de modo a poder apresentar aos leitores a opção final do soldado romano pelos exércitos de que falava Jesus, o início de sua caminhada em direção à verdadeira luz.

I - ALÉM DO HORIZONTE

"Levantei-me ainda aturdido, sem acreditar no que havia acontecido.

Pouco a pouco meus sentidos foram sendo restabelecidos e se assenhoreando novamente de meu corpo dolorido.

A cabeça doía superlativamente sob o sol causticante do continente africano e custei a ficar em pé de novo, pois uma vertigem estranha teimava em jogar-me ao chão a cada tentativa.

Olhei vagorosamente em tomo, procurando explorar com mais calma a paisagem do lugar onde estava, na busca ansiosa por mais sobreviventes.

Súbito, uma lufada de ar mais quente, carregado do cheiro conhecido de cadáveres e sangue, agrediu minhas narinas e fez minha cabeça doer mais ainda.

Avassalado por um enorme aturdimento ao vislumbrar meu próprio corpo caído no meio de uma poça de sangue, ao mesmo tempo que ainda envergando o peplo¹ encarnado, o elmo trabalhado de general, percebi naquele momento que minha batalha havia enfim, terminado, que nunca mais retomaria a Roma.

Ao influxo de entidades amigas, me senti cair ao chão, ainda no auge do desespero, sem nada entender direito, perdendo novamente a consciência.

¹N.E. Peplo - Túnica sem mangas que os antigos usavam presa ao ombro por fivela. Elmo - Armadura antiga para a cabeça, espécie de capacete.

Finalmente, a paz, o repouso, a presença não vista mas sentida de amigos misteriosos a amparar-me, como que em um novo nascimento.

Mais tarde, ainda no plano espiritual, pude perceber a grande luz que se formava no infinito, cercado amorosamente o orbe terrestre e, só muito tempo depois, fui descobrir que se tratava da preparação para receber o Mestre dos Mestres.

Nem que fosse somente para respirar o ar do mesmo planeta que Ele, ou que fosse somente para poder fazer parte ou compor a mesma espécie escolhida para a Sua manifestação, ou ainda poder usufruir do grande cinturão de fluidos magnéticos que Sua presença levaria à Terra. Sentia que daí poderia, pelo menos, tirar alguma coisa boa para auxiliar minha caminhada, nem que apenas por alguns poucos passos.

Aí chorei, chorei muito implorando uma nova chance, como se fosse a mais humilde das larvas no pântano da vida a vislumbrar a luz do sol, que elas não sabem o que é, mas se colocam contemplativas a receber sua luz e calor.

Atirei longe a farda, o pepló encarnado, o elmo, o gládio... tudo.

Fiquei nu, em uma nudez mais do que total, juntando todas as minhas forças, e ofereci minhas qualidades, as minhas vontades, tudo aquilo, ou o muito pouco de positivo que havia juntado desde a eternidade.

Ali caído, impressionado e sem forças frente à grandiosidade daquele momento que testemunhava, contemplando todo o magnífico cenário que se desenhava para o grande ato de amor que mudaria para sempre a face do planeta.

Permaneci não sei por quanto tempo em prece, ou súplica fervorosa, porque eu era um soldado e não sabia rezar. Mas eu queria mesmo mudar, participar, e parece que alguém finalmente se compadeceu de minha miserável condição, pois quedei adormecido, sentindo a presença de minha mãe espiritual e de meu tio Marcos².

Mãos amigas e fraternas levaram-me a algum lugar, onde senti uma paz infinita, e um caminho de luz desenhou-se nitidamente à minha frente."

Para situar melhor as ideias, vou retomar ao tempo, na época em que estava na Bretanha, no comando da II Legio "Augusta", no ano 43 d.C..

O imperador Cláudio havia estacionado grandes efetivos na região, perto de 50.000 homens, e nos preparávamos para uma longa campanha de conquistas.

Sentia-me já um velho, embora contasse com apenas 40 anos, acusava já o espírito alquebrado e dolorido pelas duras refregas da vida, queixando-me sempre com meu velho amigo Sérgio.

"Acho que vivi demais, vi coisas demais e fiz coisas de menos."

Naquela época, eu acreditava fortemente que tinha presenciado e participado de coisas, testemunhado acontecimentos em demasia. Depois de um certo tempo, pensava eu, a alma fica cansada e passa a não valer mais a pena viver, pois os fatos da vida começam a se repetir e parece que começamos a "adivinhar" o que vai acontecer.

No entanto, naquele momento, sob a luz das estrelas e abrigados ao calor das fogueiras do acampamento, passavam e voavam milhões de sentimentos e recordações pelo meu espírito.

Algumas delas muito suaves, mas também outras muito amargas. Suaves pelas lembranças deixadas pelos amigos, o perfume do amor de minha alma afim, a me esperar já no firmamento. Profundamente dolorosas, considerando o meu coração teimosamente empedernido, apegado ainda ao brilho ilusório da matéria, que não percebeu e não soube aproveitar o minuto radioso que soara no relógio de minha vida espiritual.

Como nosso Pai é grande em sua bondade incomensurável! Somente Ele, em sua infinita

² ¹ Ver em "Gládio de Sangue", do mesmo autor. Marcos era irmão de Lucínia e pai verdadeiro de Flávia, irmã adotiva de Flavius. Desencarnou antes do nascimento da filha

misericórdia, poderia conceber e empreender essa tarefa ao longo das eras, abrangendo todos os seres e coisas, desde a mais ínfima manifestação de vida, até o mais complexo organismo humano, a sofisticada rede de leis físicas a governar o universo material.

É com esses sentimentos antagônicos e desencontrados, que inicio a história que vou contar a vocês.

Desfila diante de mim novamente, a silhueta inconfundível da Roma antiga, do primeiro império, seu burburinho e o barulho ensurdecador da vida pulsando em suas ruas, ao longo dos dias modorrentos e quentes de ócio de seus habitantes.

Por instantes mergulho virtualmente nas lembranças de um tempo precioso para mim, e pareço sentir novamente aquele cheiro característico de suas ruas, o semblante comum dos cidadãos, a atmosfera de orgulho e presunção, o sentimento de grandeza que se respirava então.

Um tempo pleno de heróis com pés de barro, do culto às façanhas pessoais, dos deuses de pedra insensíveis aos lamentos dos menos afortunados, aos gritos dos escravos, cuja caminhada era normalmente bastante difícil e cheia de obstáculos.

Os monumentos às vaidades humanas eram muitos, materializando-se nos cargos e expressões de poder político e militar, no exercício da autoridade, no peso das fortunas sobre os ombros frágeis dos humildes.

Os semblantes marciais e as marchas forçadas dos militares adentrando a Porta Nomentana em triunfo, arrastando atrás de si os despojos e levas de vencidos, destinados à escravidão nas casas e propriedades patrícias. As honras ao herói do dia, pois a Cidade vivia às custas e sustentada moralmente por seus heróis, consumidos por todos, voraz e rapidamente.

Expressões políticas, variando nas suas características de liberdade e de força, detentores da autoridade e do poder, senhores da fortuna e da guerra, grandezas efêmeras que perduram apenas por um momento fugaz. Tronos e púrpuras, mantos preciosos das honrarias terrestres, togas da falível justiça humana, parlamentos e decretos supostos irrevogáveis.

Entretanto, a morte se encarregaria de abrir suas portas para o reino das sombras, derruindo inexorável as falsas glórias do mundo no torvelinho das ambições perdidas, reduzindo todas as vaidades e o falso brilho efêmero da matéria a um simples punhado de cinzas.

As construções maravilhosas das sete colinas, o Tibre serpenteando por entre a metrópole, levando consigo os detritos e rejeitos de milhares de casas e estabelecimentos diversos. Vejo ainda os aquedutos ligando, finalmente, os bairros mais pobres do outro lado do grande rio, levando até seus habitantes o benefício do fornecimento de água limpa.

Lembro-me dos mármore brancos do Forum romano, resplandecentes ao sol mediterrâneo, como que a sugerir que a justiça devesse ser sempre limpa e pura.

Perto dali, as termas de Agripa, onde o povo romano dava tratos ao ócio e se regalava diariamente com suas múltiplas opções, sem pagar um tostão.

Era paradoxal o grande império que, semeando a morte e a destruição, também era capaz, por outro lado, de oferecer às pessoas comuns comodidades e serviços que são, mesmo nos dias de hoje, difíceis de encontrar.

As corridas de cavalos no "circus" e as lutas de gladiadores ("munus gladiatoria") continuavam e continuariam, ainda por muito tempo, como o grande programa de diversões do povo em geral.

Coma o ano 13 de nossa era e Augusto governava o império com mão de ferro, mas com sabedoria. No ocaso de seu governo, muitas glórias e conquistas seriam ainda por ele alcançadas, antes de passar o império a Tibério, seu filho adotivo.

Passei por ali novamente, mercê da misericórdia de nosso Pai, entre honrarias, ouro e glória, mas também muita miséria, dor e infelicidade, conduzindo meu pesado fardo de orgulho, excesso de peso que, qual gordura, impede o bom desempenho do atleta e minha alma de voar.

Da escuridão de minhas sombras inferiores, não consegui contemplar a magnífica presença do

Mestre em toda a sua plenitude, pois quem já se julga no alto dificilmente olha para cima.

No entanto, aqui estamos novamente para dar nosso testemunho pessoal e levar a todos vocês um pouco da energia de amor infinito que, apesar da dureza pétrea de nosso espírito, mesmo assim conseguiu transformar meu caminho estreito e tortuoso em estrada luminosa, guiando minha alma nas outras experiências e provas que deveria ainda passar.

Todos temos ainda dentro de nós um pouco do romano, um pouco do escravo, um pouco do vencedor e um pouco do vencido, mas o importante é que tenhamos sempre a sabedoria de transformar nossas quedas em novas oportunidades, nossas vitórias em mais vitórias, transformar as feridas da guerra em lições de paz.

Com esse objetivo, rogo ao Pai eterno que derrame sobre nossos compromissos, mais uma vez, as suas bênçãos, e permita que tenhamos a coragem suficiente para conseguir levar mais esta mensagem de paz, progresso e harmonia a nossos irmãos.

As construções elegantes e sóbrias exibiam mármore preciosos, talhados por mãos de artistas, chamando a atenção pela singularidade de suas colunas severas e majestosas.

Passado tanto tempo, minha alma ainda revive os seus dias amargurados e tristes, quando a luz passou rente a meus olhos sem que eu a visse. As vezes, só notamos as oportunidades depois que as perdemos, talvez como uma característica inerente mesmo à natureza humana, ainda muito materialista, que só aceita as coisas depois de submetê-las ao pente fino de sua lógica cartesiana.

Bate à nossa porta e não percebemos, fala aos nossos ouvidos e não ouvimos, aparece aos nossos olhos e não vemos.

Nossa alma imortal acusa o chamamento, escuta com nossa audição espiritual e enxerga com nossa visão cósmica e nos traz, depois que demandamos aos planos mais sutis da existência, a certeza de que ainda temos um longo caminho a percorrer, que, na verdade, estamos no início de uma estrada, a qual se torna mais luminosa na medida em que a percorremos.

Frente a dimensão de infinita bondade de nosso Pai, que nos permite um caminho seguro para nossa evolução no contexto de Sua obra, nos sentimos ínfimas criaturas e mesquinhos em nossa pequenez terrena.

Nossas instituições mais "respeitáveis" tomam-se brinquedos, nossos valores transformam-se em manifestações de uivo selvagem, que parte da fera que ainda somos. Nossas questões territoriais tão caras aos olhos dos governantes, o conceito de pátria, perde todo o sentido, uma vez que somos todos irmãos, na verdade cidadãos da mesma pátria universal e filhos criados pelo mesmo Pai.

No entanto, neste período por que passa a humanidade, qual na infância de um ser humano qualquer, nada disso fazemos e falta-nos ainda consciência plena do que representam nossos atos. Simplesmente, ainda não possuímos suficiente elevação espiritual para entender nosso papel na grandiosa tarefa de edificação do universo, quedando, então, em enormes gastos de energia e contribuindo para um adensamento cada vez maior da atmosfera de ódio e infelicidade que nos persegue já há tanto tempo.

E assim era naquele tempo, muito claro e vívido ainda em minha mente, quando tive novamente a tão cara oportunidade de ingressar mais uma vez em nosso campo de provas, na atmosfera espessa da matéria. Uma chance especial de estar presente e poder privar do mesmo ar, da mesma terra, beber da mesma água, que haveria de cruzar com aquele ser excelso, digno filho do Pai maior e nosso Irmão Celeste, que aceitou conosco compartilhar em um esforço incomensurável de amor e piedade infinita, para nos trazer um pouco mais de luz, injetar ânimo em nossos duros corações e mostrar o verdadeiro caminho de luz, que está o tempo todo à nossa disposição.

Só é necessário, verdadeiramente, o querer fazer.

II - OS OLHOS DE UM JOVEM

O projétil de argila voou ceieiro e atingiu o seu alvo, precisamente o reluzente elmo do "velho" Rômulo, amigo de Mânlio, meu pai, companheiro de muitas lutas nas Gálias e na Germânia.

Soltou uma imprecação pesada demais para descrever.

"Aqueles pestinhas! Aposto que é coisa de Antônio, filho do Mânlio."

Esgueiramo-nos sorratamente e nos perdemos no turbilhão de gente que ia e vinha na rua movimentada do porto de Ostia.

Rômulo era um velho soldado, embora na verdade não fosse muito velho, mas é que naquela época, a duração média de vida era menor em relação aos tempos atuais, sendo que aquele que passasse dos 40 anos recebia já o tratamento de "velho".

— Qualquer dia vamos nos dar mal por sua causa. Meu pai me disse para ter respeito pelos mais velhos, principalmente se forem soldados.

Era Júlia quem falava, irmã de Sítus, que junto com Sérgio eram meus inseparáveis companheiros nas jornadas de aventura e traquinagens nas ruas.

Sítus pertencia à importante família patrícia dos Cipiões, com um longo histórico de serviços a Roma, eminentes personalidades militares e, principalmente, políticos de renome, que muito contribuíram para a grandeza do império.

Seu pai, Emiliano, dando continuidade à tradição do nome familiar, tinha sido também brilhante soldado, comandante da Legião na qual meu pai, Mânlio, tinha servido.

Meu pai tinha sido "reformado" no posto de centurião, após 25 anos de serviço, o que assegurava a nossa família uma certa folga financeira.

Roma sabia tratar bem seus veteranos e nada tínhamos do que reclamar, pois, além de um bom soldo, papai tinha sido aquinhado com uma pequena propriedade no campo, na região da Toscana, que nos rendia bons frutos.

— Júlia tem medo à toa. Rômulo nunca vai saber que fomos nós e, além disso, é bom que uma boa sacudidela naquela cabeça lembre a ele de terminar de nos contar aquela história.

Apesar de soldado humilde, Rômulo tinha um invulgar talento como contador de histórias. Quando ele aparecia em casa para conversar com papai e tomar um falemo, logo se via cercado de gente a ouvir avidamente suas narrativas de guerra e conquistas diversas.

Podia até não ser verdade, mas era a sua maneira de contar que nos absorvia a todos e até papai, que mais do que ninguém se divertia muito, pois sabia que mais da metade das histórias eram puro exagero.

Quando nos reuníamos todos em volta da fogueira para ouvir alguma passagem, o "velho" se transfigurava, parecendo tomado por um espírito divino, tal a perfeição de sua linguagem e a eloquência de sua expressão corporal.

O estalar de um graveto transformava-se no andar de uma fera e as fagulhas que subiam viravam estrelas no céu.

Nunca mais vou esquecer daquele homem de alma tão rica.

Quando íamos dormir, o fazíamos com um olho aberto e outro fechado, tal o grau em que ficávamos impressionados, sendo que os protagonistas das histórias continuavam dançando em nossas cabeças até muito tempo depois.

O pior mesmo era quando tinha continuação, o que nos trazia grande desassossego, bem como discussões acerbadas a respeito do que deveria acontecer com os personagens, quem deveria morrer e

o que faziam os heróis. Naturalmente, as coisas terminavam sempre em casamentos, cenas de heroísmo e desfiles pomposos em triunfo pela Porta Nomentana.

Ao longo de minha infância, o velho Rômulo aspergiu aqueles anos com o doce perfume dos heróis e das princesas.

Houve uma ocasião em que tentamos dramatizar uma das histórias, o que ao final acabou nos valendo somente umas boas palmadas de nossos pais.

Uma das cenas exigia que o herói resgatasse a princesa e, montado num cavalo branco, pulasse um penhasco para conseguir fugir dos "bandidos" e salvar a "mocinha", em uma das façanhas mais arriscadas da nossa infância, até mesmo de nossas vidas.

Síxtus imediatamente ofereceu-se para fazer o papel de herói, enquanto que o papel de princesa caberia à nossa amiga Ana.

Na realidade, o papel tinha mesmo que ser dele, pois o cavalo que usaríamos era de propriedade de Emiliano, seu pai. Honestamente, Síxtus era mesmo o mais talentoso para aquele mister, uma vez que possuía grande domínio nas artes equestres, parecendo um pequeno centauro, tal a intimidade que demonstrava com suas montarias.

Todos os dias, por volta do meio-dia, Emiliano Cipião chegava em sua casa, um "domus"³ enorme, deixando o animal em questão, um magnífico árabe, aos cuidados de seus palafreiros, especificamente Ilídio, um liberto grego de grande talento.

Nesse dia, sorrateiramente, Síxtus passou as mãos nas rédeas do animal e saiu tranquilo por uma porta secundária, que levava a uma ruazinha sem muito movimento ao lado da mansão, longe do burburinho, onde todos nós já o esperávamos ansiosos.

Dirigimo-nos, então, para fora da cidade, buscando um lugar propício à encenação que pretendíamos fazer.

Algumas vezes a milícia urbana nos parou, mas nos liberaram imediatamente ao verem Síxtus, pois este era bastante conhecido da soldadesca devido à projeção de seu pai.

Ao chegarmos do outro lado do Tibre, passando pela ponte Sublícia, prosseguimos por mais alguns minutos até que, numa curva da estrada, encontramos o lugar que nos pareceu ideal.

Meio afastado da via principal, havia uma erosão do terreno que servia bem para cumprir o papel de penhasco, e começamos a armar nosso "circo" para encenar uma história contada por Rômulo.

Ao final, para ser breve, Síxtus deveria apanhar Ana, montar no pobre animal e, a galope, saltar por sobre o "penhasco" e se colocar a "salvo" do outro lado. Nós outros, divididos em dois grupos, cumpriríamos o papel de "bandidos" e "amigos" do herói.

Na hora da cena, Síxtus fez menção de "pular fora", com medo de que pudesse ocorrer algum acidente que viesse a machucar o cavalo.

— Se o cavalo se machucar estou morto. Meu pai me mata e aí vocês vão ter que me salvar de verdade.

— Ora, larga de ser medroso, um burquinho desses aí não é nenhum perigo, se é que realmente você entende alguma coisa de cavalos.

Petrônio estava exagerando um pouco ao chamar a erosão de "burquinho", porque, na verdade, se tratava de uma valeta respeitável.

O filho dos Políbios era uma espécie de "voz" de nosso "bando" e tinha a singular capacidade de sintetizar o pensamento de todos, quando de alguma situação duvidosa. Além disso, era o nosso poeta e intelectual, razão pela qual tinha sua opinião bastante respeitada pelo grupo.

Síxtus sentiu a provocação e, ferido em seus bríos de "entendido" na matéria, resolveu ir em frente, desprezando todos os apelos da prudência.

³ "Domus" corresponderia hoje a uma espécie de mansão, normalmente térrea, possuindo entre 900 e 1000 metros quadrados de área construída.

— Pois muito bem, vou mostrar a todos vocês quem é o medroso. Sou capaz de fazê-lo de olhos fechados. Vamos logo Ana, vamos mostrar que somos especiais, e não "plebeus" como esses aí.

Ana Rufinus era uma menininha pequenina, prima de Petrônio, que devia ter por volta de 10 anos. Estava muda e tremia como se sofresse o frio do inverno gaulês.

Síxtus e a "heroína" conseguiram montar no estupendo animal e iniciamos então o cumprimento do "ritual" da cena.

Eles deveriam vir a galope, desviar dos "bandidos", que éramos eu, Petrônio, Sérgio Minúcius e Licínio Varras, saltar o "penhasco" e chegar a "salvo" junto aos seus "aliados", que eram Mário, Rinaldi, Lúcia, Júlia e os gêmeos Artêmio e Cássio, terminando em uma feroz "guerra" de bolotas de barro entre os dois grupos.

A essa altura, devido ao tempo que levamos discutindo os pormenores da "operação", tinha juntado já uma pequena multidão de garotos para assistir ao "espetáculo".

O cavalo resfolegava e demonstrava uma certa intranquilidade face ao obstáculo, mas resolvemos levar a coisa até o fim assim mesmo.

Fiquei pensando no que meu pai, Mânlio Turrânio, diria se algo desse errado, pois ele era amigo e devia favores a Emiliano Cipião, tendo sido seu comandado nas Gálias.

E minha mãe, então? Elêusis, sendo grega de nascimento, com sua proverbial calma e prudência, simplesmente odiava esse tipo de exibicionismo. Quando meu pai se "aposentou" das armas, ela cortou seus longos cabelos dourados como pagamento de promessas feitas às divindades pela proteção e consideração para com seu homem.

Entender a devoção de minha mãe não era muito difícil e naquela época era um acontecimento importante a "aposentadoria" na Legião. O tempo de serviço era muito longo, geralmente entre 20 e 30 anos, e a probabilidade de acontecer alguma coisa com o soldado era muito elevada, em uma vida dura e sofrida, cheia de perigos e rudezas, sem lugar certo para ficar, longos períodos longe de casa. Assim, ter de volta o homem em casa era motivo de grande satisfação, porque agora finalmente mamãe poderia descansar um pouco das tarefas mais duras e ser mais protegida.

Eram tempos difíceis e a ausência do homem colocava a família em situação de grande vulnerabilidade, muito embora, no nosso caso, o fato de papai ser um oficial militar nos trouxesse alguma proteção adicional por parte dos "urbanici"⁴.

A região escolhida para nossa encenação parecia uma pintura onde a sisudez do inverno havia desaparecido, dando lugar à extrovertida alegria da primavera, entornando pelos campos ao redor imensos potes de flores e raros perfumes.

Nisso, demos sinal aos nossos "heróis" e lá vinham eles em desabalada carreira, com o veloz corcel dando tudo de si, os dois passageiros balançando para cima e para baixo loucamente por sobre o enorme animal.

A pequena Ana parecia uma bola pulando com suas roupas esvoaçantes, enquanto Síxtus fazia de tudo, sem muito sucesso aliás, para conservar um mínimo de dignidade naquela empreitada.

O cavalo passou por nós como uma flecha, mas ao chegar à borda do "penhasco" improvisado, pareceu mudar de ideia e parou de repente.

Os dois infelizes cavaleiros realizaram então um autêntico voo, passando por sobre o "penhasco", indo se esborrachar por detrás dos outros "heróis" que os aguardavam do lado de lá.

A pequena Ana, talvez até por ser muito pequena e possuir pouca massa, teve poucos ferimentos, alguns arranhões sem gravidade nas mãos e braços, levando apenas um grande susto.

Quanto a Síxtus, no entanto, sofreu uma fratura muito séria na perna direita, o que lhe valeu uma estada forçada de vários meses na cama, além é claro, de várias reprimendas e puxões de orelha toda vez que seu pai lembrava do ocorrido.

⁴ Milícia urbana, a normal e a pretoriana, que exercia a função de polícia na metrópole.

Naquela hora, passavam pelo local alguns soldados que reconheceram o menino.

— Olhem só! O menino que voa é o filho do nobre Cipião. Vamos levá-lo aos pais rápido, caso contrário nos tiram a pele se descobrirem que passamos por aqui e não fizemos nada.

Áureo, um dos decuriões da milícia urbana, era o chefe por ali e logo "requisitou" uma carroça que passava pela estrada para levar o pobre Síxtus ao "domus" da família.

O restante dos meninos parecia ter evaporado no ar e fui o único a acompanhar o acidentado até sua casa.

A chegada foi impressionante, mais devido ao séquito de pessoas que nos aguardavam, certamente alertados previamente por alguém que presenciou o fato, ou mesmo por Ilídio que deu pela falta do animal.

A nobre Fúlvia, mãe de Síxtus, espumava de raiva e era a mais agitada de todos.

— Quero saber quem deixou esse menino sair de casa com aquele animal. Quando descobrir arranco a pele de um por um. Cipião! Exijo que você tome providências enérgicas. Essas coisas acontecem conosco porque você é muito mole. Isso tem que parar.

Fúlvia, a exemplo da própria Júlia, sua amiga e esposa de Tibério, era o protótipo da romana da época. Com raríssimas exceções, desde os primeiros tempos do império, a mulher romana havia se entregado à dissipação e ao luxo excessivo, em detrimento das obrigações santificadoras do lar e dos cuidados com a família.

A facilidade e o costume difundido de adquirir escravos para os serviços mais grosseiros de ordem doméstica, inclusive os referentes à própria educação e instrução, havia acarretado grande queda moral no equilíbrio das famílias patrícias. A disseminação dos artigos de luxo vindos do oriente, aliada à ociosidade, amoleceu as fibras de energia e de trabalho das matronas romanas, encaminhando-as para as frivolidades da moda e intrigas amorosas, que preludiavam a mais completa desorganização da família, no esquecimento de suas tradições mais apreciáveis.

Emiliano Cipião mandou um de seus escravos levar-me até nossa casa, acompanhado de uma carta, escrita às pressas em uma tabuinha de cera.

Meu pai leu a carta, que certamente não deveria ser muito elogiosa a meu respeito e ficou vermelho como um peru, renunciando uma verdadeira tempestade de humor, logo confirmada.

— Ainda está doendo, filho?

Mamãe não tinha conseguido ficar indiferente e acabou indo me ver no quarto, com as nádegas ainda ardendo pelo castigo paterno. As mãos de meu pai eram muito duras e rudes, mas, na verdade, não tinham feito grande estrago.

As mãos de mamãe, ao contrário, eram macias. Seu tom de voz era muito suave quando queria nos passar alguma reprimenda.

Tinha pena de Síxtus, pois sua mãe não lhe dava carinho e compreensão como Elêusis fazia comigo. Por isso, meu amigo era agitado, sempre à procura de alguma coisa, algo indefinível, em conflito constante com todos e consigo mesmo.

— Gostaria de ser seu filho e de Mânlio, nobre Elêusis. Antônio tem sorte em ter vocês como pais.

Quantas vezes ele se lamentou em nossa casa da situação familiar deteriorada em que vivia, seu espírito ansioso por amizade, mais do que por dinheiro e poder.

— Deixe de bobagem, Síxtus, que seus pais fazem tudo por vocês, por Júlia também, só que de uma maneira diferente. Por isso, deve procurar entendê-los e a seus motivos, pois tenho certeza que esperam muito de você e de sua irmã.

Mamãe tentava sempre temperar aquela angústia de meu amigo com a alegria que saía abundantemente de sua alma e, invariavelmente, tudo acabava em sorrisos, acompanhados de doces e bolos que devorávamos com grande prazer.

Naquela noite meu espírito estava inquieto, não pelas palmadas, que de resto eram até merecidas,

mas pelas situações diferentes que todos nós vivíamos. Na minha idade, tinha já alguma percepção para começar a identificar os vácuos morais a que se entregavam as pessoas, na busca de gozos e poder.

Muitas vezes ficávamos, Síxtus, Júlia e eu, a observar de fora os ruídos e luzes das festas monumentais dadas em sua casa. As pessoas chegavam em liteiras luxuosas, conduzidas por numerosos escravos e as mulheres, com sua maquiagem pesadíssima, parecendo mesmo verdadeiras máscaras mortuárias, como que procurando esconder seu interior devasso, revelando apenas uma superfície mentirosamente polida e límpida.

Os ruídos dentro da casa cresciam de intensidade e revelavam o que se passava, chegando ao auge pela madrugada, quando os excessos resultantes das libações descontroladas faziam baixar todas as guardas restantes da decência e da moral de cada um, descambando então, o festim, para orgias abertas e desenfreadas, transformando tudo num festival de licenciosidades de toda ordem.

Enquanto isso, ficávamos quietos no quarto, escutando os ruídos da borrasca moral lá fora e quedávamos pensativos, até o ponto de não aguentarmos mais de sono e dormir.

Mércio, irmão mais velho de Síxtus, logo acabou também aderindo a tais costumes e dissipações, delas tomando parte ativa sempre que estava na metrópole.

— Está doendo um pouco, mãe.

No silêncio noturno de nossa casa, parecia, às vezes, que só nós dois existíamos no universo. Fantasiei isso muitas noites.

As mãos de mamãe eram muito suaves e logo estava eu adormecendo ao som de suas canções gregas, doces em sua voz maviosa.

III - DIVIDINDO AS ESTRADAS

No ano 14 de nossa era, Tibério chega ao poder escudado nos feitos de Germânico⁵, seu velho companheiro das campanhas na Germânia e na Pártia, trazendo ainda muitos outros camaradas de armas para posições de confiança na administração do império, dentre eles Sejano, posteriormente nomeado prefeito dos pretorianos.

Augusto havia morrido e nós, já homens feitos, envergávamos com orgulho a "toga viril", que separava, aos olhos da Sociedade, os meninos dos adultos.

Agripa Póstumo, irmão adotivo de Augusto e herdeiro presumido, havia também sido defenestrado, pondo fim a uma disputa longa pelo poder, a qual gerou inúmeros conflitos e incontáveis atos criminosos por partidários de ambos.

Indiferentes ao que acontecia nos meios políticos, os anos passavam velozes frente a nossos olhos, plenos de liberdade, brinquedos, aventuras, histórias de Rômulo, mas tinha, finalmente, chegado o momento de encarar a vida com mais seriedade, de buscar nossos lugares na sociedade romana, sendo os Cipiões uma das famílias patrícias mais prestigiadas da metrópole.

Aos doze anos, geralmente os destinos de meninos e meninas se separavam, assim como os destinos dos pobres e dos ricos. Somente os meninos, se pertenciam a uma família abastada, continuavam a estudar, sob o chicote de um "gramático" ou professor de literatura, examinando os autores clássicos e a mitologia, não por serem místicos, mas porque seu conhecimento indicava a cultura das pessoas.

⁵ Os militares de renome, normalmente os mais famosos e de família patrícia, tomavam o nome de onde obtiveram suas maiores glórias. Tal é o caso de Germânico, Britânico, Gálio e muitos outros.

Na casa de Sítus não tinha sido diferente e mais ainda, as meninas tinham um preceptor grego de nome Philêmon, que trouxe consigo um padrão diferenciado de cultura para a época. Nós todos do "grupo" acabamos por usufruir do velho grego, com destaque a Petrônio Políbio, cujo talento para as letras aflorou em toda a sua plenitude em pouco tempo.

Dizer que os destinos de meninas e meninos se separavam na realidade é muito pouco, porque o mesmo parecia acontecer com os amigos de infância que, de repente, assumiam uma personalidade própria e lançavam-se na busca de seus próprios caminhos. Passávamos então, a nos interessar por coisas que antes eram como folhas ao vento, despercebidas aos nossos olhos, e os primeiros raios das paixões humanas começavam a fazer suas vítimas entre nós.

A vida começava a cobrar seus tributos mais pesadamente ao nosso redor, depois em nós mesmos, como um círculo a se fechar vagarosamente.

Mamãe e papai envelheceram de repente, depois da notícia da morte de meus dois irmãos mais velhos, Lívio na Germânia e Clódio na Judeia, sendo este vítima de um ataque de guerrilheiros locais, segundo notícias que recebemos.

Senti muito também, principalmente por Clódio, com o qual tinha uma grande afinidade de pensamentos, podendo contar sempre com sua ajuda nas questões domésticas. Mamãe dizia que ele era o meu retrato no futuro quando crescesse, tal era nossa semelhança física.

Os cabelos dourados da nobre Elêusis começaram a branquear depois que recebeu a notícia fatal da Judeia, em comunicado frio e lacônico do comando da Legião. Em sua sensibilidade de mãe, parecia adivinhar também o que o futuro me reservava. Neste caso, infelizmente para mim, o destino me poupou e me obrigou a viver longos anos, longos demais, o suficiente para sofrer a perda dos entes queridos, amigos e colegas de Legião, nosso "grupo" da infância e principalmente, do meu amor.

Quando um indivíduo sai, finalmente, da puberdade, sua verdadeira personalidade parece que vem à tona, desdenhando toda a pureza e simplicidade dos primeiros anos. De uma hora para outra nos tomamos egoístas, premeditados, começamos a usar as pessoas, buscar os gozos materiais com maior sofreguidão, desdenhar amizades puras, iniciando, enfim, uma descida que ninguém sabe onde acaba.

Numa sociedade com valores em "queda livre" como a romana, onde imperava a licenciosidade, sendo a traição encarada como um dos muitos fatos da vida, não seria de esperar que logo também estivéssemos disputando "um lugar ao sol" neste mundo deformado.

Sítus era a síntese daqueles tempos que, incentivado por valores inculcados desde tenra idade na casa paterna, passou a viver somente para os gozos materiais e a busca do poder. Como naquela época isso era encarado como socialmente correto, digno dos "fortes", é justo dizer do orgulho que Emiliano e Fúlvia Cipião sentiam pelo filho.

Júlia, sua irmã, parecia haver se tomado uma cópia de Fúlvia e agora andavam juntas o dia todo a fazer intermináveis visitas, no ócio que era visto como a principal virtude do patriciado, ou seja, não fazer nada e obrigar os outros a trabalhar, trazendo mais riquezas para a família.

O ideário era de conquista e não de trabalho.

A pequenina Ana, filha de Lucíola e Fábio Rufinus, havia se transformado em uma linda mulher, bem ao gosto típico romano, tendo sido minha primeira paixão.

Sua mãe, Lucíola, era nobre na acepção da palavra e não media esforços para ajudar os mais necessitados, a começar pelos escravos de sua própria casa, mantidos com mão de ferro pelo marido, um bebedor inveterado, esbanjador de dinheiro em intermináveis noitadas de jogatina, homem de crueldade indescritível.

Mais de uma vez, a matrona teve de interceder pessoalmente a favor dos infelizes de sua casa, quando vítimas da selvageria de Fábio, tratando os ferimentos com suas próprias mãos, por várias vezes fazendo partos de madrugada.

Apesar de sua mãe, Ana tinha herdado muitas características do pai e, sendo filha mais velha,

somente ela era capaz de enfrentá-lo de igual para igual, para grande júbilo de Fábio e desgosto de Lucíola.

Seus olhos escuros eram profundos, impenetráveis, o rosto redondo, frágil e bem delineado era de uma beleza exuberante, formando um todo transbordante de vida e mistério, em nítido contraste com seu comportamento expansivo e alegre.

A mãe de Sístus, ciumenta ao extremo, a detestava ostensivamente, sabedora que era da preferência da moça pelo filho, chamando-a de "a atrevida de duas caras" ou "a estrangeira" pelos seus traços um tanto orientais, vagamente semíticos.

A pequena Ana, já não tão pequena assim, despertava em meu íntimo sensações novas há muito adormecidas no espírito. Seus olhos e seu rosto, principalmente seus cabelos escuros, remetiam-me a lembranças estranhamente familiares e quase sempre quedava em profundas meditações sobre o significado disso tudo.

No entanto, o meu deslumbramento acabava, via de regra, quando nos juntávamos para conversar, porque então caía o véu do encanto e ela tomava a feição de uma obra inacabada, trazendo-me grande angústia ao coração.

Em sua crueldade, quando estávamos a sós, Ana chegava a incentivar-me a que lhe fizesse a corte, terminando mesmo, às vezes, em tórridos momentos, cujo fim, invariavelmente, era sua fuga estratégica alegando um compromisso urgente.

— Ana, porque faz isso comigo? Será que não significo mesmo nada para você?

Nessa hora, um sorriso enigmático revelava seus dentes brancos como a neve, mas também como os dentes de um felino, sorrindo a observar sua presa indefesa.

— Ora, Antônio, o que você quer? Casar comigo? É muito cedo, temos muita coisa pela frente e não quero me precipitar.

Naquela hora parecia para mim que ela efetuava milhões de cálculos em sua cabeça.

— Afinal, do que reclama? Estamos aqui juntos e isso é o que importa.

Quase sempre nossas conversas mais sérias terminavam dessa maneira, descambando então para assuntos comecinhos do dia, as corridas, fofocas diversas, a última novidade das lutas.

Meu espírito apenas sentia uma certa inquietação, face a intensidade de seus sentimentos e o arrebatamento de sua louca paixão por Sístus.

Tudo ficou mais claro pouco tempo depois, numa festa em que meu amigo anunciaria seu noivado com Cláudia Spínter, de família ilustre e descendente direta da primeira mulher de César, Júlia Spínter.

O aspecto doentio da personalidade de Sístus começou a se revelar definitivamente, para nós, um certo dia, quando fomos às corridas, um grupo de jovens barulhentos em busca de emoções fortes no "circus" romano.

No "circus" Máximus, as corridas eram disputadas por facções, ou "times", que se diferenciavam pelas cores vermelha, branca, azul e verde, cada uma com seus simpatizantes e "torcidas", isto sem falar, é claro, no jogo das apostas que corriam soltas ao longo das disputas.

"Panem et circenses", ou seja, pão e circo para o povo, visando manter o frágil equilíbrio do sistema caótico de valores da Sociedade romana.

Junto com as corridas, ocorriam também os combates de gladiadores (ou "munus gladiatoria"), que aconteciam nos anfiteatros com exibição e morte de animais e execução de condenados na arena.

O despotismo, a rudeza e a crueldade das massas são próprias em todos os tempos, bem como a ingenuidade de seu entusiasmo e o furor de sua cólera.

Tudo isso, efetivamente, representa o preço que o regime paga em troca de sua própria existência, cuja condição é a abdicação prática do povo, soberano teórico. Alimentando-o e distraíndo-o, o regime assegura-se contra a revolução política e garante as classes abastadas contra a revolução social. Desse modo, o ócio contribuía para manter e alavancar purulenta chaga moral, pois

o povo queria sempre mais e induzia o governo a uma espiral de crescente crueldade.

Tibério era o imperador naquele ano, perto de 21 d.C. e as corridas tinham recebido grande impulso por parte de seus áulicos e elementos da Corte, como, de resto, eram já financiadas totalmente pelo Estado.

Escolhemos um lugar perto da tribuna de honra, onde ficaria o imperador juntamente com seu séquito, iniciando imediatamente nossas conjecturas quanto às apostas, quase sempre bancadas por Síxtus.

O burburinho do público era enorme, com todos falando ao mesmo tempo, calando apenas para saudar a chegada do imperador em pessoa, que deveria iniciar solenemente os jogos.

O barulho foi, pouco a pouco, aumentando, parecendo os atuais estádios de futebol nos dias reservados às partidas mais importantes.

A massa ululava quando entraram as equipagens para a apresentação prévia ao povo e autoridades. Cada "time" precedido por seus arautos e equipes de apoio, todos vestidos nas respectivas cores, cada um conduzindo bustos dos deuses e a coleção de troféus ganhos por seus heróis.

Aquele ano tinha sido o ano dos "verdes", os quais haviam triunfado em quase tudo a que concorreram, possuindo, de fato, o melhor quadro de "aurigas"⁶, mas, em particular, um gaulês enorme de nome Eric, cuja destreza não dava chances a ninguém, fazendo de tudo, literalmente, para atingir a vitória. Era o máximo que o povo poderia esperar, na ideologia do mais forte, provocando um fenômeno de transferência coletiva que cegava a todos, transformando até o mais pacato cidadão em uma máquina mortífera de guerra.

Síxtus estava acompanhado oficialmente por Cláudia, digo oficialmente porque ele não tinha pejo em convidar suas inúmeras amantes e "casos" para lhe fazer companhia.

—Nobre Síxtus, acho que os "verdes" vão ganhar novamente.

Para mim, parecia que o resultado iria se repetir.

— Não sei não, Antônio, ouvi falar muito bem de um novo conjunto dos "azuis", conduzido por um judeu cujo nome não me lembro agora. Se ganhar, vou ganhar muito. Se perder, é mais um incentivo para ganhar mais adiante.

O clamor da multidão aumentou de intensidade, pois o imperador em pessoa acabara de lançar o lenço, senha para autorizar o início das corridas.

Corremos todos para os balcões de apostas, passando de qualquer maneira por aquele emaranhado ruidoso de massa humana, voltando depois aos nossos lugares para "torcer".

A primeira corrida envolveu oito "quadrigas"⁷, duas de cada "time", percorrendo um total padrão de dez voltas pela arena do "circus". A cada volta uma emoção diferente, carros se tocando, chicotes a estalar por todos os lados, uma capotagem espetacular. Os que vinham atrás acabaram passando por cima, sem tempo de desviar, ficando o condutor preso às rédeas de um dos animais, arrastado sem vida até o fim do "páreo".

O povo delirava, pois a vitória inesperada dos "azuis" se encarregou de trazer mais graça ao espetáculo.

Numa hora dessas não dava nem para conversar, pois a explosão do público era ensurdecedora. Pensar que ficávamos

horas a fio naquele tumulto, mas havíamos aprendido a ler nos lábios uns dos outros.

No auge de cada "páreo", à medida que avançava o espetáculo, igualmente as reações das pessoas iam subindo de intensidade. Imprecações de toda espécie, cusparadas voavam para a arena, maldições eram lançadas quando de uma manobra mais desastrada. E não se pense que era somente

⁶ denominação dos condutores de veículos de corrida com tração animal.

⁷ referente a veículo fracionado por quatro cavalos.

espírito esportivo, porque, na realidade, a preocupação maior era com a própria bolsa, que podia encher ou esvaziar em função do perde-ganha na arena.

No meio do evento, um corredor, tendo sido vitorioso por várias vezes, recebeu do próprio Tibério o bastão e uma salva de prata cheia de moedas de ouro, sinal de sua liberdade. Nesses momentos mágicos, o imperador assumia mesmo a feição de um deus perante a multidão.

A coisa toda continuava num crescendo que, às vezes, me dava a impressão de que estava prestes a explodir. As mulheres irreconhecíveis, suadas, com a maquiagem praticamente desfeita escorrendo pelo rosto, gritavam feito homens, trocando cotoveladas e soltando impropérios que fariam corar um marinheiro da frota.

Na hora da corrida de bigas, Síxtus me lançou um olhar maroto.

—E agora! Vamos ver de que lado fica a Fortuna⁸, meu amigo.

De visão mais conservadora, eu tinha apostado alguma coisa nos "verdes".

A corrida começou e também o alarido ensurdecedor, subindo de intensidade a cada volta. Os "verdes" tomaram a dianteira e parecia que nada mais iria detê-los. Os inevitáveis acidentes não tardaram a ocorrer, pois eram dezesseis bigas a disputar aquele "páreo".

Três equipagens haviam já sumido do mapa, com dois de seus condutores feridos de morte, enquanto que a emoção crescia

a cada segundo porque, a duas voltas do final, a tal biga "azul" do corredor judeu começou a se aproximar dos ponteiros, e logo depois encostava no líder "verde".

A última volta foi disputada lado a lado com os chicotes trabalhando em todo seu vigor, nos animais e nos próprios condutores rivais quando, na última curva, um tranco maior fez voar para o alto o último "verde" e a biga do judeu cruzou a linha de chegada como vencedor.

O barulho era tal que parecia colocar em risco a integridade do enorme "circus". Lenços voavam, flores, reclamações e lamentos de quem perdeu, gritos de júbilo por parte dos que ganharam.

— Eu sabia, Antônio! A própria Fortuna havia me dito em sonho que hoje seria meu dia. Este dia pede uma comemoração especial e prometo que vai ser algo diferente mesmo.

— Sabe, Síxtus, acho que você tem mesmo muita sorte. Parabéns pela vitória e espero que continue sempre assim, em nome dos deuses.

— Hoje à noite vá lá em casa, Antônio, que irei fazer uma surpresa em meu noivado com Cláudia.

Terminados os jogos, segui para minha casa, deixando Ana em companhia de Cláudia e Síxtus.

Em casa, procedi a uma rápida toaleta e coloquei uma nova "indumenta" para ir à anunciada festa de noivado em casa de Síxtus.

Ao chegar, notei grande movimentação no salão principal do "domus", sinal de que o anfitrião resolvera promover uma festa de verdade, convidando todos os seus amigos.

Ana, ao me ver chegar, correu a contar-me o principal comentário do dia.

— Antônio, que bom que você chegou. Síxtus disse que tem uma surpresa para nós para comemorar a vitória de hoje.

Ana estava deliciosamente trajada, envolvida por uma leve túnica branca ornada com borlas douradas e vermelhas.

Pensei no que poderia ser aquela "surpresa".

— Se soubesse que seria uma festa desse tamanho teria me arrumado melhor.

Olhei ao redor. Estavam todos ali, pelo menos os nossos amigos em comum, mais outros que eu não conhecia, amigos de Fúlvia e de Emiliano talvez, ou mesmo de Júlia.

Fúlvia nos viu e se aproximou imediatamente, seus olhos brilhantes ardendo de curiosidade.

— Antônio, que bom que você veio. Será que você poderia me dizer o que meu filho preparou para

⁸ Como o próprio nome indica, era a deusa responsável pelos sucessos, pelas vitórias, pelos bons acontecimentos e pela fartura.

hoje? Ele é realmente imprevisível.

Logo em seguida, correu para o lado de Emiliano que passava por ali.

Ana, sabendo que Síxtus estava comprometido com Cláudia, tinha resolvido que não poderia ficar sem fazer nada a respeito.

Ela era muito bonita e seu plano era impressionar Síxtus, visando a deixá-lo com ciúmes. Para tanto, passou a flertar abertamente com vários homens, que logo passaram a enxamear ao seu redor, e foi nesta noite que eu percebi, muito claramente, que minhas chances com Ana eram nulas.

Embora em condições financeiras favoráveis, minha família não pertencia à nobreza patriciana e, numa Sociedade como aquela, jamais poderia fazer frente a um pretendente do porte de Síxtus.

Depois de uma série de brindes, após comermos os vários pratos preparados e servidos pelos servos, eis que surge afinal Síxtus para anunciar a tão aguardada "surpresa".

— Meus amigos, como todos sabem hoje é um dia especial para mim. Tive provas conclusivas que a deusa da Fortuna de fato está do meu lado.

"Assim, resolvi aproveitar a ocasião propícia, que dificilmente poderá se repetir de modo tão favorável, para anunciar nosso noivado, meu com Cláudia Spínter, a qual, sem dúvida, é conhecida de todos aqui".

Nessa hora os convidados prorromperam em palmas e assobios, com votos de felicidade para os dois noivos.

O noivado, sem comportar obrigações reais, era celebrado em Roma com muita frequência e constituía apenas uma das mil ninharias que preenchiavam os dias das pessoas. Consistia em um compromisso recíproco assumido pelos noivos, com o consentimento dos pais e na presença de determinado número de parentes e amigos, alguns atuando como testemunhas, enquanto outros apenas aproveitavam as iguarias e distrações oferecidas na festa que encerrava a cerimônia.

Nesta ocasião, o noivado concretizava-se na entrega que o noivo fazia à noiva, de presentes de valor e de um anel simbólico do ato de compromisso.

— Vamos, Síxtus, dê logo os presentes. Estamos todos curiosos.

Fúlvia era, na verdade, a mais curiosa de todos.

— Calma, nobre Fúlvia, que vou satisfazer a curiosidade dos amigos que vieram honrar hoje a minha casa.

"Como sabem, a cerimônia de hoje é uma maneira de deixar claro para toda a Sociedade que existe um compromisso entre mim e Cláudia, que estamos fazendo uma troca de corações e, desse modo, é assim que vai ser feito."

Dizendo isso, Síxtus passou a Cláudia um pequeno embrulho, que continha finíssimo anel de ouro maciço cinzelado artisticamente, simbolizando a pretendida união entre eles.

— Agora, meus amigos, a surpresa. Como sabem, também hoje a Fortuna me sorriu e ganhei vultosa soma apostando em uma biga dos "azuis".

A inquietação e curiosidade chegava ao auge. Eu também estava muito curioso, embora viesse a me arrepender depois.

— Por isso, resolvi fazer esta surpresa e selar esta nossa união de corações com corações de verdade, dos vencedores.

Dizendo isso, abriu um pacote maior que continha, nada mais nada menos do que os corações rubros dos dois cavalos vencedores.

Foi um pandemônio na casa, do que me aproveitei para despedir-me de todos rapidamente. Nem vi ninguém, pois estava muito chocado com a cena.

Em casa, relatei os fatos a meu pai e Elêusis, que me ouviram calados.

— Mamãe, será que são essas pessoas que mandam no mundo?

Foi meu pai que respondeu, após um minuto de reflexão.

— E, filho, eles pensam que mandam.

IV - CÁLICE AMARGO

Síxtus havia entrado para a Legião, mercê da elevada posição de sua família na escala social⁹, onde comandava, pelo menos nominalmente, uma corte estacionada na Trácia.

Era dessa maneira que funcionava a máquina do Estado romano, ou seja, os patrícios normalmente exerciam funções legislativas no senado, podendo ser ainda no exército ou no judiciário, de acordo com os "direitos" que competiam a cada um como descendente de família proeminente.

No império fundado por Augusto, esses poderes "senatoriais" tinham sido um tanto limitados e seus detentores não exerciam mais nenhuma influência direta nos assuntos privativos do governo imperial, a menos que convocados especialmente para tanto pelo imperador. No entanto, mesmo com essas limitações, mantinham a hereditariedade dos títulos e "dignidade" das famílias patrícias, estabelecendo desse modo mais nitidamente as linhas de separação de classes na hierarquia social.

Os que detinham posição de poder, e a família dos Cipiões era um dos melhores exemplos, tinham que saber caminhar no "fio da navalha", saber temperar bem amizades e inimizades, pois, em caso de alguma turbulência, outros poderiam se prevalecer da autoridade e do poder para, aproveitando uma eventual "virada de mesa", exercer as piores vinganças contra desafetos pessoais, não raro redundando em mortes, ordens de prisão, ou as mais injuriosas e difamantes acusações.

Nos menores escalões, o poder mudava de mãos com muita frequência, restando aos vencidos, muitas vezes, engordar as fileiras dos degredados para os confins do império.

Quanto aos soberanos de fato, alimentando e distraindo o povo com pão e circo, asseguravam o regime contra a revolução política e garantiam as classes abastadas contra a revolução social.

De maneira estruturada na hierarquia social, ainda que em escala menor, pode-se dizer que as diversas classes comportavam-se basicamente da mesma maneira. Por isso as pessoas, tão logo o nascer do sol, já se viam envolvidas pelos deveres da "clientela", uma vez que não eram só os libertos que tinham patrões dos quais dependiam, mas literalmente todos, desde o simples "parasita social" ao grande senhor.

Todo romano se considerava como que ligado a alguém mais poderoso pelas mesmas obrigações de respeito¹⁰, às quais os ex-escravos continuavam sujeitos com relação ao amo que os libertara.

As manhãs despertavam normalmente no vaivém das habituais "cortesias" que as pessoas prestavam aos mais ricos, que no entanto não estavam desobrigados de prestá-las depois de recebê-las, uma vez que por mais que um romano tivesse subido na Sociedade, sempre conhecia alguém de posição mais elevada e merecedor de uma homenagem.

As mulheres estavam excluídas desse verdadeiro turbilhão de salamaleques abstendo-se, em geral, tanto de cortejar como de serem cortejadas.

Emiliano Cipião, devido à elevada estatura social de sua família, só prestava homenagem a Tibério, mas recebia inúmeras visitas de seus "clientes" o dia inteiro, pessoas que vinham lhe colocar seus problemas, pedir sua intervenção num assunto conflituoso ou pedir empréstimo para solucionar uma emergência, isto sem falar nos artistas de diversas áreas que eram por ele amparados generosamente, ainda que com alguma resistência da parte de Fúlvia.

Pode-se dizer que minha família era "cliente" de Emiliano Cipião, o qual, embora não me despertasse nenhuma simpatia por seus métodos, sou obrigado a reconhecer que sempre nos deu muita atenção, razão pela qual tenho muitas coisas por testemunhar em seu favor.

Sendo companheiro de Síxtus desde pequeno, passamos juntos por todos os estágios de

⁹ As famílias patrícias podiam servir ao Estado tanto em cargos políticos e administrativos quanto na carreira das armas e, como não havia uma escola militar para formação de oficiais, tal como hoje a entendemos, os postos mais elevados na hierarquia da Legião eram ocupados segundo a importância da família dos postulantes.

¹⁰ Ou "obsequium".

aprendizado, tivemos os mesmos professores e, vez por outra, o próprio Emiliano nos brindava com uma visita pessoal em nossa casa, pois gostava de rememorar, junto com meu pai, os feitos nas campanhas militares, divertindo-se muito até altas horas da noite contando casos e antigas piadas da caserna.

Nesses dias, Síxtus, Júlia e eu ficávamos escondidos acordados, ouvindo, maravilhados, por entre as frestas das janelas e portas, as histórias contadas, imaginando algum dia também poder fazer parte daquele mundo, sentir as mesmas sensações e ter coisas para contar.

Desse modo, por ser de família pertencente à classe senatorial, Síxtus logo viu-se à frente do comando de uma coorte, enquanto que eu teria de me contentar em entrar no exército através da sua forma protozoária, ou seja, como legionário, muito embora tenha conseguido fazê-lo pela cavalaria.

Ao me ver entrar no "atrium" da casa envergando a vestimenta militar, Emiliano exultou, lembrando-se talvez de um passado prazeroso já um tanto distante.

— Ora, salve, nobre Antônio. Se for pelo nome e pela sua aparência, digo que logo teremos um outro general.

"Não tenha pressa, contudo, porque se o uniforme de um general é mais brilhante e vistoso, por outro lado suas funções e responsabilidades, às vezes, o obrigam a fazer coisas e tomar decisões dolorosas.

No meu caso, filho, logo me acostumei a isso, uma vez que, na batalha, tenho o coração frio, duro, petrificado pela luta, para suportar ver cair um irmão a meu lado, varado por um golpe de espada mas, ainda assim, ter forças para continuar lutando sem derramar uma lágrima."

Pegou-me pelo braço e nos encaminhamos até o magnífico jardim da mansão, cuidado pelas mãos hábeis de um grego de renome, que fazia muito sucesso em Roma, pois havia uma verdadeira mania nacional quanto a tudo que se relacionasse com plantas.

— Antônio, quando vejo você agora, juntamente com Síxtus, em vestes militares, pareço retroceder no tempo e imagino novamente eu mesmo e Mânlio, quando, acompanhados por Comélio Cipião, meu saudoso pai, fomos apresentados ao nobre Augusto.

"Naquela oportunidade fomos colocados à disposição do inesquecível Druso para, junto com o gênio militar de Tibério que despontava então, iniciarmos nossas vidas na caserna, nas campanhas contra os Récios e os Vindélicos, terminando com o próprio Tibério na Germânia.

Sinto na alma a mesma emoção que me assaltou naquele momento e julgo que é chegado o tempo de fazer o mesmo por vocês dois.

Logo iremos nos apresentar novamente ao César e colocar nossos jovens à disposição da pátria, como tem sido uma sagrada tradição familiar.

Quero dizer que isso inclui você também, Antônio, que por uma dívida de gratidão com o nobre Mânlio, que perdi a conta das vezes que me salvou a vida em combate, tratarei de me ocupar pessoalmente de seu futuro, como se fosse meu próprio filho.

Vocês serão também companheiros de armas como eu e seu pai, e serão fortes assim como nós fomos um dia."

Emiliano falava num estado quase hipnótico, obcecado com a ideia de poder "reviver" as glórias pretéritas, agora na pessoa de seus "filhos".

Ao vê-lo naquele momento, ninguém poderia supor que tal homem pudesse passar da extrema ternura de pai à crueldade inaudita de um frio assassino em questão de segundos, bastando, para tanto, incorrer em sua ira.

Síxtus, com seu temperamento sujeito a borrascas imprevisíveis, era bem o retrato de seu pai.

— Nobre Emiliano, não tenho como agradecer o que já tem feito por minha pessoa e ainda serei motivo de mais preocupações de sua parte. Não sei se estarei à altura de sua generosidade.

O velho soldado ficava vermelho quando se exaltava.

— Nunca, meu caro, tenho total confiança no filho de Mânlio Turrânio, meu querido companheiro

de muitas lutas. Sei que, sendo filho de quem é, logo você também me será motivo de muito orgulho e alegria.

Nós não estávamos vendo, mas Fúlvia espreitava por detrás de um dos muitos reposteiros de tapeçaria indiana que forravam as paredes do solar.

"Imagine! O filho de Mânlio ombreando com o meu Sístus. Aquele homem rude e tacanho plebeu acha que pode conseguir facilmente o que nossa família demorou séculos para construir."

Era uma mulher muito perigosa, dissimulada e vingativa, cujas ações teriam ainda muitos desdobramentos infelizes para aquela casa.

"Haverei de pôr um fim nas pretensões desse moço e de seu pai. Nunca pensei ter de fazer isso um dia, Mânlio. Nunca consegui esquecê-lo, mas também nunca o perdoei por ter trocado o meu amor pelo daquela plebeia. A Fortuna me sorri quando coloca seu filho no meu caminho, pois terei afinal a chance de exercer minha vingança naquele que lhe é mais caro, diretamente no coração."

Saí da mansão dos Cipiões, demandando à casa de Ana para, juntamente com Sístus, irmos ao "circus" assistir a algumas corridas para passar o tempo.

Apesar do compromisso "quase oficial" com Cláudia Spínter, Sístus se relacionava abertamente com Ana, causando com isso muitos comentários pelo submundo da Sociedade, que afinal se perdiam dentro do grande mar de escândalos que formavam a Roma imperial daquele tempo.

Ana, minha primeira grande paixão de jovem e minha grande decepção de homem, jogava um jogo perigoso e deveria ainda colher os frutos de sua imprudência e desvario. Suas armas eram as usadas normalmente na Sociedade, a mentira, a intriga e a perfídia, tudo com a finalidade de comprometer meu amigo e trazê-lo para desposá-la, ao invés de Cláudia.

Sístus havia caído no jogo e, mais do que isso, assumia atitudes impensáveis numa pessoa em seu estado normal.

Ana, para deixá-lo com ciúmes, tentou abertamente conquistar um primo distante por mero capricho, além dos limites da decência e afrontosamente, aproveitando-se do fato dele ser comprometido com uma antiga rival. Desse modo, pensava ela aproveitar a oportunidade para fazer ciúmes em Sístus e executar uma vingança pessoal.

Tal atitude acabou por gerar uma série de conflitos, culminando com a morte "acidental" do rapaz durante um treinamento na academia.

Sístus não gostava de perder, aliás o que mais o deixava fora de si era a sensação de ter sido derrotado ou passado para trás em qualquer coisa, por mínima que fosse.

Depois disso tudo, Ana, finalmente, se entregou, deixando-o acreditar que o preferia a qualquer outro homem do mundo, pensando naturalmente que desse modo, ele a pediria em casamento, deixando de lado o compromisso com Cláudia Spínter.

A mente turbulenta e caótica de meu amigo não suportaria uma lógica tão racional e, até então, parecia que seu artifício não estava dando certo, apesar deles continuarem com seu relacionamento amoroso.

Haveria ainda muitas questões a serem respondidas, mas tudo parecia encaminhar meu amigo em direção a um mar de problemas, o que me deixava bastante preocupado.

De onde estava, saindo da mansão dos Cipiões, situada no Palatino, era possível contemplar a majestuosidade do "circus" Máximus com sua capacidade para 250.000 pessoas sentadas.

Era uma bela obra, sem dúvida, cuja forma parecia caprichosamente determinada pela natureza, pois situava-se na depressão do vale Múrcia, compreendida entre o Palatino ao norte e o Aventino ao sul. Serviria depois de modelo para o circo de Gaio, que Calígula ergueria no Vaticano, cujo obelisco-central adorna hoje a praça de São Pedro.

Minha arma era, então, a cavalaria e conseguia vencer as duras penas o tortuoso e barulhento caminho, apesar de um pouco mais confortável que os pedestres "mortais", montado em soberbo animal que ganhei de meu pai, por ocasião de minha entrada na Legião.

As ruas eram estreitas e sua estreiteza era tanto mais incômoda devido aos ziguezagues que, nas "sete colinas", desciam ou subiam grandes inclinações, donde o nome "clivi" de várias delas: "Clivis Capitolinus", "Clivis Argentarium" e outras.

Normalmente, por receber diariamente os dejetos das casas, não eram tão bem conservadas quanto César prescrevera em sua "lei póstuma", que regulava o trânsito em geral, além do que nem sempre eram dotadas de calçadas e pavimentação.

Isso trazia grandes transtornos, tanto para cavaleiros quanto para pedestres, pois se esses tinham que tomar cuidado para não se sujar e ficavam expostos ao contato físico com o mar de gente que por ali transitava, os cavaleiros, por sua vez, corriam o risco contínuo de cair de suas montarias.

No caminho, cruzei com Sérgio Minúcius, outro grande companheiro de jornada e fiquei contente em saber que ele também tinha entrado para a Legião.

— Folgo em sabê-lo. Imagine só! Nos encontraremos todos novamente, porque Petrônio já está conosco e Licínio Varrus serve na Palestina. Haveremos de encontrar um meio de ficar todos juntos na mesma unidade.

Nós praticamente gritávamos um com o outro na rua, tal era o nível de ruídos de todo tipo, apesar de estarmos já acostumados porque era assim todos os dias.

Durante o período de claridade, havia sempre intensa movimentação, uma espécie de "caos organizado", que redundava em um nível infernal de barulho. Tão logo abriam suas portas, as múltiplas tabernas e bares se enchiam rapidamente de gente, começando também as inúmeras e variadas operações de troca entre os comerciantes do mundo todo, que tinham presença permanente nas ruas da metrópole.

Barulhos de escolas, cambistas e até profissionais executando em plena rua operações metalúrgicas elementares em panelas, aros e armas, batendo-os incessantemente sobre as pedras desgastadas do leito.

— Síxtus vai ficar contente em saber da novidade. Tenho certeza que ele, através de sua influência, vai poder nos juntar a todos novamente.

Ao mencionar o nome de Síxtus, notei que a tristeza carregou sua expressão.

— Antônio, nosso amigo trilha um caminho muito perigoso. A teia das paixões já o tem como vítima certa e devemos fazer alguma coisa a respeito, falar com ele, trazê-lo novamente à razão. Cláudia é uma mulher muito bonita, de boa reputação e não hesitará em romper o noivado caso continue aquele relacionamento insano com Ana, que já põe toda a cidade a falar.

Sabia que Sérgio tinha razão, mas pouca coisa poderíamos fazer, uma vez que Síxtus não admitia interferências, diretas ou não, em seus assuntos particulares, sem ligar se alguém sai ferido ou no que possa resultar de suas ações.

— Você sabe, Antônio, a morte daquele rapaz, primo de Ana, não me sai da cabeça. Foi tudo muito conveniente, a quebra da proteção da arma, coisa que há tempos não acontecia na Academia, além da expressão no rosto de Síxtus. Para mim, foi ele mesmo que armou o "acidente".

— Bobagem, Sérgio, acidentes acontecem com qualquer um.

Mesmo outro dia nas corridas vimos como Eric quase morreu debaixo dos cavalos, logo ele que já tem mais de dez anos neste negócio, ainda por cima traído por uma simples rédea rompida.

No fundo, partilhava das mesmas dúvidas de meu amigo, mas não queria colocar mais lenha numa fogueira que, no meu entender, já estava quente demais.

— Vou buscar Síxtus para irmos às corridas. Vamos nos encontrar nos guichês de apostas. Esperaremos lá por você.

Saudamo-nos e continuei minha caminhada, pensativo.

"Não existem dois rostos iguais, ou duas mãos, ou mesmo dois pares de olhos na multidão mas, visto como um todo, parecem todos iguais. Cada um tem uma visão, uma expressão facial e até um jeito especial de gesticular com as mãos. E o caminho do macrocosmo para o microcosmo e

vice-versa. Para conhecer as pessoas, é preciso descer do cavalo, no entanto se quiser caminhar mais rapidamente e com maior precisão, monte de novo para enxergar melhor e mais longe.

Se quiser contemplar as estrelas é bom aprender a olhar para cima, mas não se esqueça de também olhar para o chão para não tropeçar, pois é por ali o seu caminho."

Há muitos anos, isso me foi dito por meu pai e ficou gravado para sempre em minha memória.

E fundamental contemplar as estrelas, mas também o é descer do cavalo e andar com as próprias pernas, conhecer as pessoas, porque a sabedoria, apesar de chegar até nós vinda do Mais Alto, é sedimentada de baixo para cima, pouco a pouco, nas lições do dia a dia.

Neste mundo, havia muitas pessoas que andavam a cavalo, mas se recusavam a descer ao chão para conhecer as outras pessoas, para trazer a elas a experiência de ser cavaleiro e aprender o que sabem os pedestres, como e porque se caminha no mundo.

Do mesmo modo, havia muitas outras pessoas que andavam a pé, obrigadas a carregar um fardo muito pesado, sem ter oportunidade de cavalgar, para aprender como é belo o horizonte, como é gostoso sentir o vento no rosto e ouvir suas palavras sussurradas em nossos ouvidos.

Minha alma sentia que era por aí que passavam meus caminhos, mas não sabia, exatamente, como percorrê-los com a lógica de uma sociedade tal qual a romana, decadente, cheia de vícios, caótica em sua escala de valores distorcida, governada por milhares de deuses de pedra, insensíveis à dor humana.

Muitos atos que hoje são considerados de extrema crueldade, eram vistos como normais do dia-a-dia, uma vez que todos eram criados dessa maneira, a argamassa com que se construíam seus valores básicos.

Assim, tanto nas corridas como nas lutas (o "ludus munera"), o objeto de atenção era o espetáculo em si, as técnicas utilizadas, se quem ganhava era o "vermelho" ou o "azul", sem importar absolutamente o homem, ou o indivíduo que estava dentro da arena a correr ou combater.

Sempre senti um grande fascínio pelas lutas de gladiadores, face a seu viés técnico, tendo em vista minha profissão de soldado. Treinava na Academia do Campo de Marte, mas a maior parte do tempo passava na escola de gladiadores que, na metrópole, era propriedade do governo.

Cheguei na casa da família Rufínus e, tão logo entrei, fui recebido por minha amiga, cabisbaixa e denotando grande abatimento. Caminhava lentamente em minha direção e meu coração acusou de imediato, pois sentia ainda uma ternura muito grande por aquela mulher.

Abracei-a carinhosamente e passei a mão por seus cabelos negros, tal qual o fazia, às vezes, na época em que ainda vivíamos o poema inocente de nossa infância.

— O que aconteceu, Ana? Porque está assim?

Demorou para responder.

Caminhamos até o jardim de sua casa e sentamos num dos bancos de pedra artisticamente trabalhados.

— Antônio, hoje eu finalmente conheci Síxtus. Tudo ficou claro e agora compreendo um pouco mais profundamente seus pensamentos e que nunca deveria ter me aproximado dele. Acabaram-se todas as ilusões.

Ela prosseguia em tom grave e sentido.

— Apesar de todo o amor que eu lhe dei, de tudo o que eu fiz, recebo agora em troca uma taça de fel, recebo na alma uma verdadeira cusparada daquele canalha, aquele crápula.

— Calma, Ana, conte-me o que houve. Não sei como, mas quem sabe possa ajudá-la a diminuir um pouco ou amenizar o que está sentindo.

Tomou novo fôlego.

— Sabe, Antônio, aqui entre nós, fiz tudo o que você pode imaginar, e mesmo até o que você não pode, para demonstrar a esse monstro o meu amor.

"Me entreguei a ele sem pestanejar, participei das tramas doentias por ele urdidas contra

desafetos, sob a ameaça de me deixar. Menti, acusei falsamente e enganei muita gente, inclusive você, Antônio, que sempre teve tanta consideração por minha pessoa e que sei de um amor apaixonado, o qual, infelizmente, também perdi há muito."

Escutava com o coração apertado, porque o amor do qual ela falava estava longe de ser esquecido, ainda me queimava por dentro.

— Hoje, recebemos a visita de Sístus, que dizia querer falar urgentemente com meu pai, mas sabe você o que ele veio fazer? Veio pedir a mão de Hipólita, minha irmã menor, em casamento, o que meu pai de pronto aceitou, tendo em vista as evidentes vantagens materiais de uma união com a família dos Cipiões.

"Além disso, trouxe uma carta escrita de próprio punho por Emiliano a meu pai, na verdade quase que uma intimação, pois ficava implícito que não seria aceitável uma negativa."

Cheguei a levantar do banco, tal o espanto que senti pela revelação.

— E não é tudo. Vou lhe revelar um segredo que não quero que conte a ninguém, muito menos àquele crápula. Estou esperando um filho, Antônio, e esse filho não terá pai, nem família, nada. O que vou fazer? Só a morte me resta como consolo e salvação, pois não terei forças para suportar a vergonha, o olhar de todos em casa, meus amigos.

Isso criava de fato uma grande complicação, e meu amigo iniciava ali uma triste caminhada que poderia levá-lo, ainda muitas vezes, a retomar a este mundo em condições bastante adversas.

É difícil dizer alguma coisa nessas ocasiões. Sentia-me impotente para fazer qualquer coisa.

—E preciso que você mantenha a serenidade, minha amiga. Apesar do que me contou, vou conversar com Sístus e saber o que ele pensa fazer. E preciso ter confiança, mas acima de tudo coragem para enfrentar os percalços do caminho que você mesma escolheu.

"Se você aceitou se envolver, pela via da cumplicidade criminoso, da mentira e da luxúria, por ela você foi também envolvida, mas agora é preciso ter a mente calma para poder enxergar as coisas com maior clareza.

A morte não será, para você, uma solução, pois apenas agravará a situação e fará muito infelizes aqueles que gostam de você."

Minha amiga estava em um estado de profunda depressão.

Chamei sua jovem criada e recomendei que a levasse até seus aposentos, preparando antes um chá de ervas e tranquilizantes.

— Fique confiante em que, de uma maneira ou de outra, as coisas vão se resolver mas prepare-se desde já para lutar, porque são muitas as provas que ainda virão por aí. Pense sobretudo neste inocente que cresce dentro de seu ventre e não tem culpa de nada. O que será dele sem você?

Deixou escapar um profundo suspiro e teve tempo de me dizer, antes de desaparecer pelo corredor.

— Sabe, Antônio, o tempo todo era você. Estava na minha cara e eu não vi.

Aquela frase ecoou ainda durante muitos anos em minha lembrança.

Virei as costas e fui embora, uma lágrima furtiva teimando em cair, contemplando com os olhos da alma o sepultamento final de um sonho de felicidade que um dia brotou no coração de um menino nascido em Óstia.

V - ENCONTRO COM TIBÉRIO

Andávamos apressados, Emiliano, Sístus e eu, rumo ao palácio do imperador no Palatino, não muito distante da mansão dos Cipiões.

A audiência tinha sido agendada a muito custo, face aos múltiplos deveres e atividades diversas que disputavam a atenção de um Tibério já desgastado pelos anos.

Minhas expectativas para esse encontro eram as piores possíveis, tendo em vista tudo o que se conhecia e se falava sobre o imperador, verdadeiro tirano, cruel e sanguinário ao extremo, segundo alguns, verdugo de todos os povos contra os quais lutou. Seus adversários no campo de batalha eram esfaqueados sem piedade, atitude esta que era incentivada por ele em todos os soldados das legiões, o que trazia em si a decretação "a priori" de terríveis carnificinas.

Muito se falava também sobre as barbaridades e crimes hediondos cometidos pelo tirano nas sombras do palácio. De natureza psicótica, os humores de nosso ilustre anfitrião não me deixavam motivos para muitas esperanças.

Adentramos pela via Capitolina (na verdade uma "clivi") e, num instante, fomos introduzidos em uma ante-sala por Sejano, prefeito do pretório e amigo de Emiliano.

O conselheiro mais chegado ao imperador era uma figura impressionante, de aparência horripilante, alto, gordo, de rosto constantemente congestionado e vermelho, com uma expressão sempre desdenhosa e insolente. Não inspirava nenhuma confiança e, pelo contrário, sua presença afastava de vez todos os bons fluidos que povoavam minha mente.

Entretanto, parecia que laços ocultos aproximavam de alguma forma aquele indivíduo de Emiliano.

— Aguardem um momento que virei buscá-los, pois o César resolve, neste instante, assunto da maior importância.

Saiu por uma porta lateral e ficamos ali, pensativos, admirados da variedade enorme de objetos, tapeçarias, e mesmo pelo esmero empregado na construção do palácio, especialmente seu piso de mármore polido. A batida de nossas "caligas"¹¹ provocava naquele chão um som bastante peculiar.

— Recebemos notícias de nova revolta na Trácia, o que deve estar contribuindo para a queda do resto dos cabelos de Tibério. Tenho certeza que ele preferiria estar lá resolvendo pessoalmente a questão do que ficar aqui angustiado, somente à espera de notícias.

"Vocês dois, Síxtus e Antônio, lembrem-se disso e de que ele fica bastante irritado nessas horas, além do que corre um boato de mais um complô para assassiná-lo, o que traz um pouco mais de tensão ao momento. Por isso deixem que eu fale, porque conheço o homem de longa data e sei por onde andar. Segundo me contaram, ele vê fantasmas por todo lugar."

Esperamos um pouco mais e, logo, Sejano veio nos chamar.

— Vamos, o César os aguarda.

Passamos por outra ante-sala e adentramos o recinto onde Tibério concedia suas audiências. Dali fomos para outro aposento, utilizado como sala de reuniões em conjunto com seu "estado- maior" militar.

Lá estava ele, em pé, aspecto um tanto cansado, usava um finíssimo aro de ouro circundando a cabeça e vestia o "paludamentum", isto é, o manto púrpura do chefe de guerra, o que significava a gravidade dos assuntos daquele dia.

O rosto do tirano, de fato, inspirava terror, apesar de aparentemente o termos encontrado de bom humor. Face raspada, olhos nervosos e injetados, sua expressão era de extrema crueldade e desconfiança, sendo sua postura qual a de uma fera, espreitando sua presa.

Paramos à sua frente e fizemos a saudação militar de praxe, ao que fomos correspondidos com uma piscada de olho e um sorriso enigmático.

— Ora vamos, nobre Emiliano, sabe que entre nós não existe tal coisa.

Relanceou os olhos por nós e, despedindo Sejano, convidou-nos a que chegássemos mais perto.

— Meu nobre amigo, ao que vejo vem escoltado por dois valentes guerreiros. Um deles eu conheço, que é seu filho Síxtus, mas o outro quem é?

— Nobre Tibério, hoje venho aqui cumprir uma promessa de soldado feita a mim mesmo, uma dívida de gratidão com quem várias vezes ombreou comigo nas campanhas. Este é Antônio, o filho de

¹¹ As "caligas" eram nossas sandálias, utilizadas na Legião, feitas de couro tratado e muito resistente.

Mânlio, meu "primipilus" na *Germania*.

O velho imperador apurou os olhos e me rodeou, andando calmamente como se estivesse executando um cerco a uma caça.

— Ah! O filho de Mânlio, claro que me lembro. E muito fácil e gratificante lembrar dos bons soldados, porque a maioria que está aí hoje são apenas números.

"Muito interessante! Em qual unidade serve, filho?"

Eu estava engasgado pela emoção, parecia que tinha um pão atravessado na garganta.

— Nobre Tibério, atualmente sirvo na milícia urbana da metrópole.

Os olhos do César cintilaram de prazer.

— Ora, Emiliano, mas que absurdo temos aqui. O filho do nobre Mânlio na milícia urbana? Temos bons soldados por lá, mas, aqui entre nós, não é lugar para você.

"Seu pai lutou comigo e foi um dos melhores comandantes de homens que já vi atuar. Se você for da mesma estirpe guerreira, que eu o sei de antemão porque estou acostumado a avaliar pessoas, também deve nos trazer grandes alegrias e honrar a pátria com sua espada.

Por que você não me disse há mais tempo, Emiliano? Estava guardando como um presente, não é?"

Comecei a relaxar com os comentários favoráveis do imperador.

— Nobre Tibério, antes de apresentá-lo oficialmente, junto com Síxtus, meu próprio filho, queria ter certeza de que ambos teriam realmente aptidão para me autorizar a falar por eles.

"De qualquer modo, a milícia urbana é um bom treinamento preparatório e sabemos o quanto isso é importante."

Dirigiu-se a mim novamente.

— Tem frequentado a Academia, filho? Conte-me os detalhes. Sentamos todos nos "triclínia" espalhados ao redor da enorme mesa cheia de mapas e rolos de papel.

— Sim, tenho frequentado diariamente a Academia junto com Síxtus, para manter minha forma e apurar o estilo. Também frequento a escola de gladiadores, onde podemos aprender também muita coisa interessante com os estrangeiros que por ali aparecem, novas formas de luta.

"Em minha modesta opinião, todo soldado deveria passar por ali, antes de seguir para a frente de batalha."

Parecia ter acertado o alvo. Sabia que a escola de gladiadores era um dos orgulhos pessoais de Tibério.

— Muito interessante. E Síxtus? Também já se aprontou para servir a pátria?

— Temos trabalhado muito para isso, nobre Tibério. Acredito que logo deverei embarcar para a Trácia e reunir-me à minha coorte.

— Excelente! Estamos com problemas sérios por lá e precisamos resolvê-los rapidamente pois, como sabem, Roma está cercada de inimigos por todos os lados, razão pela qual não podemos nos dar ao luxo de um envolvimento muito longo com nenhum deles, para que os outros não se animem a também tentar a sorte.

"No entanto, não quero que fique pedra sobre pedra daqueles ingratos, que deverão sentir o peso da mão de meus soldados, e claro, também suas mulheres serão contempladas.

Muito bem! O que acha disso, Emiliano?"

O pai de Síxtus estava visivelmente satisfeito com os rumos da conversa.

— Compartilho da sua opinião, nobre Tibério, sem contar com os problemas que já temos aqui, bem no meio do império.

Tibério assentiu vagarosamente com a cabeça. Ainda não havia assimilado a morte de seu filho Drusus, assassinado em condições misteriosas há dois anos. Tive a nítida impressão de vê-lo encolher mais os ombros, como que submetido à pesada carga. Por instantes, a fera parecia recuar.

— Sim, meu caro, tem toda a razão. Ainda sonho com Drusus tentando me dizer

alguma coisa, estendendo as mãos para mim como quando era pequeno, apresentando ainda a arma

fatídica cravada nas costas. Ninguém conseguiu, até o presente, desvendar essas visões e ajudar-me a interpretar o que ele quer me dizer. Acredita que continuamos vivos depois da morte, Emiliano?

Apesar de uma figura qual onipotente qual um deus, investido do poder máximo sobre a Terra, Tibério revelava aí sua condição fundamental de homem e, como todos, temeroso do desconhecido.

— Assim dizem alguns. Pitágoras, por exemplo, o filósofo grego que vivia em Samos. No entanto, nobre Tibério, não podemos perder a fé em nossos deuses. Drusus deve estar amparado no empíreo, certamente, de lá nos ajudando também em nossas missões, confiadas pelos nossos maiores.

Ficamos por instantes mergulhados em silêncio.

— As vezes, acho que Pitágoras tinha mesmo razão. Mas não é isso que viemos aqui hoje conversar, não é mesmo? O que me diz, amigo velho?

— Sim, nobre Tibério, mais uma vez você tem razão pois, ainda que nossos mortos queridos nos aguilhoem o coração de saudade, não podemos nos descuidar do que vivemos no presente.

"Gostaria de discutir algumas ideias que tive sobre o futuro de Antônio. Pensei em reeditar a minha parceria com Mânlio agora em nossos dois filhos, sendo esta a razão maior pela qual vim procurá-lo."

Os olhos do imperador brilharam novamente e seu corpo pareceu readquirir a energia perdida. Obviamente, o assunto que lhe trazíamos lhe dava grande prazer pessoal.

Enquanto tomava da pena e ia escrevendo, Tibério ia falando conosco.

— Ótima sugestão, Emiliano. Na verdade era sobre isso que eu queria mesmo lhe falar. Estou, através deste instrumento, nomeando o nosso Antônio, "primipilus" da coorte de Síxtus, para podermos novamente contemplar rediviva a dupla Emiliano e Mânlio, agora em seus nobres filhos.

Aquilo era muito mais do que poderíamos sonhar e mal podia esperar para chegar em casa e contar as novas a meu pai.

— Aqui está, Emiliano, esta é a nomeação. Sejano deverá encaminhar o restante dos procedimentos e avisar o nobre Caio Lúcio, comandante da IV "Scythica". Vá, Antônio, e leve para que o nobre Mânlio leia o sucesso de seu filho e tenha certeza também do grande sucesso de sua família.

Tomei aquele rolo escrito em minhas mãos e tratei de guardá-lo no bolso sob o peplo, com todo o cuidado.

— Bem, meus amigos, agora tenho outros compromissos porque, apesar de apreciar esses bons momentos com meus companheiros, a vida não pára e não é feita só de prazeres. Devemos também estar preparados para resolver questões chatas e aborrecidas.

Despediu-se de nós e saiu por uma porta lateral, por onde pouco depois entrou o volumoso Sejano, que nos conduziu até o "atrium" do palácio.

Apesar da majestosidade de tudo o que vi ali, não invejava Tibério. O assassinato do filho, as intrigas e os inimigos ocultos espreitando a todo momento, ficar esperando todos os dias por um ataque das sombras.

Isso não era de se espantar numa pessoa que sempre perseguiu a fatalidade, vivendo pela crueldade, que havia eliminado seu próprio irmão adotivo, Agripa Póstumo, para chegar ao poder.

Esta geralmente era a verdadeira história triste, oculta por detrás dos brilhos faustosos da corte, por onde transitavam os "fortes".

De qualquer modo estávamos livres e caminhávamos fora do palácio, com Emiliano visivelmente satisfeito pela maneira como tudo tinha sido encaminhado.

— Meus filhos, vocês se divirtam por aí, vão aos jogos, às termas, que estou ansioso para ver a cara de meu amigo Mânlio Turrânio e contar-lhe as novidades. Vejo vocês depois.

Despedimo-nos e continuamos, Síxtus e eu, a caminhar pela via Salária em direção a sua casa.

— Sabe, Antônio, fico pensando. Você escutou o que disse Tibério sobre os sonhos que tem com Drusus? Você acredita nisso? Qual a sua interpretação para tais fatos?

Lembrei-me, então, das discussões intermináveis com Licantropo, nosso professor grego, acerca dos ensinamentos e postulados de Pitágoras sobre a vida depois da vida.

— Síxtus, acredito que os postulados pitagóricos fazem sentido, caso contrário, não seriam injustos os deuses se não nos dessem mais oportunidades para fazermos face aos nossos compromissos? E, por acaso, também não é verdade que colhemos somente aquilo que plantamos?

"Quem sabe, agora Drusus gostaria de dizer e fazer muitas coisas que não conseguiu, vagando seu espírito então, inquieto, implorando mais uma oportunidade?"

Na verdade, eu não tinha esperança que Síxtus entendesse e aceitasse tais postulados, tendo em vista, em primeiro lugar, sua descrença no princípio básico da igualdade entre os espíritos, o que ia frontalmente contra o sistema em que vivíamos.

Meu amigo parecia assustado e um tanto reservado. Na realidade, como todo romano daquela época, era extremamente supersticioso, e qualquer "sinal" diferente no cotidiano provocava nele ataques avassaladores de angústia, instando-o a procurar magos e bruxas que pudessem interpretá-los.

No hiato religioso de então, além do caráter eminentemente cosmopolita da metrópole, floresceram várias escolas religiosas que, ainda que nenhuma tenha conseguido hegemonia absoluta entre o povo, contribuíram para formar uma espécie de "caldeirão de crenças" na cabeça das pessoas, cada uma com determinada finalidade e utilizada como "alavanca" moral em função da situação ou circunstância vivida em cada momento.

O epicurismo, fundado pelo filósofo grego Epicuro, questionava o papel das milhares de divindades, seus ritos, castigos, prêmios, questionando o fatalismo dos deuses como uma fraude, sendo estes apenas um meio maquiavélico utilizado pelas classes mais favorecidas para manter seu domínio sobre o povo e governar suas vontades.

Basicamente, sua moral tinha por objetivo reconhecer as necessidades humanas e satisfazê-las com prudência para atingir a felicidade, devendo tal virtude regular os atos dos homens. Na verdade o prazer epicurista não era hedonista, um fim em si mesmo, mas a busca da ausência de dor física como o grande bem, além da compreensão do lugar ocupado pelo homem na natureza através do conhecimento do comportamento e da razão de ser das coisas.

A escola pitagórica, também com um certo número de seguidores, defendia a tese da sobrevivência da alma e do retomo sucessivo desta à Terra, para aprendizado e aperfeiçoamento, tendo como pano de fundo a lei maior de causa-efeito.

Mesmo tendo abandonado a teoria dos números do grande filósofo de Samos, assim como as pesquisas científicas, tomou ares ritualísticos e doutrinários que, ao preço de purificações e de continência alimentar e moral, prometia a felicidade e a vida futura a seus iniciados.

Normalmente, seus sacerdotes ou "magos" levavam uma vida calma, retirada e discreta, podendo-se adjetivá-los como puritanos doces e meditativos, vestidos com longas túnicas de linho branco e usando longos cabelos.

Por sua semelhança com tais "magos", bem como pela promessa de vida eterna para todos, no início de minha estada na Palestina cheguei a confundir Jesus com um dos pitagóricos, tal a sua calma, serenidade, seu sorriso radiante, confiança e sua aura de um magnífico magnetismo.

O estoicismo de Zenon, doutrina que parecia gozar de maior público em Roma, pode-se dizer que era uma espécie de "doutrina de luxo", cujos ensinamentos eram muito próximos aos do Mestre de Nazaré.

Os estóicos acreditavam em uma Razão ou um Deus superior, que governava a natureza em todos os aspectos, tendo como grande objetivo atingir a harmonia com todas as coisas, principalmente os homens. Como filhos desse Deus ou Razão, pregavam a irmandade entre os seres humanos, tendo como maior laurel o esforço consagrado ao atingimento da virtude.

Desse modo, o estoicismo pôde fornecer, exatamente em tomo da virtude, a armadura moral de

protesto contra os cruéis imperadores que ainda viriam, podendo ainda ser encarado como a "massa crítica" que forneceria posteriormente terreno fértil para a difusão do cristianismo na metrópole.

Como nenhuma pessoa acreditava somente numa escola ou noutra, admitindo-se entre o "empíreo" e o orbe terrestre a existência de "agentes" e divindades "intermediárias", era natural que o homem de então considerasse como tais todos os deuses do paganismo, dirigindo-se a um ou outro conforme suas necessidades, salvaguardando, desse modo, os cultos tradicionais e as cerimônias.

Também como consequência, se salvaguardavam os oráculos, porque tais deuses ou demônios poderiam aconselhar os homens e, nessa "livre concorrência de mercado", os deuses estrangeiros, sobretudo os orientais, menos oficializados mas ricos de apelos místicos e promessas de "salvação", tinham assegurada sua vitória.

Tais colocações explicam a quantidade enorme de oráculos, magos, bruxos e bruxas que pululavam em Roma, oferecendo seus serviços de "intermediários" com as forças do além (por um dado preço, é claro), sendo alguns deles muito famosos e procurados naquele tempo.

Esse era o "caldo religioso" no qual estávamos imersos e, ainda que pudesse ser rotulado como estóico, pitagórico ou epicurista, ou até mesmo como platônico, a verdade é que o homem comum romano era essencialmente supersticioso até o âmago de sua alma.

Finalmente chegamos ao "domus" dos Cipiões e nos refestelamos no "triclínium" da mansão, saboreando algumas frutas secas e vinho colocados à mesa.

— Antônio, não sei se devo lhe falar. Talvez você vá pensar que estou ficando louco, mas tenho tido alguns sonhos inquietantes.

"Como sei de suas preferências pelos pitagóricos, gostaria que você me ajudasse a resolver esse enigma, que mais me confunde a cada dia que passa."

Síxtus parecia transtornado, como raras vezes o tinha visto.

— Apesar de não ser o dono da verdade pode contar comigo, Síxtus. Diga-me o que aconteceu, que já estou por demais curioso.

Sua fisionomia era a de, um homem cansado.

— Quando no sonho, pareço estar usando roupas que não as minhas, um guerreiro sim, mas não romano.

"Vestido de preto, um escudo de pele de animal no braço, uma tosca espada na outra mão, sinto uma urgência no ar, que estamos prestes a atacar. Estou a pé e todos correm rumo a uma aldeia. Ouço gritos, palavrões, ruídos de cascos de animais, vejo eu mesmo em desabalada carreira atrás de várias mulheres, eu as ataco, mato todas, suas crianças, velhos, homens, tudo o que me aparece pela frente.

De repente, vejo passar outro guerreiro, também de preto, a cavalo perto de mim. Ele me olha, grita e ri sarcasticamente.

"Matem os bastardos. Nenhum deles pode viver."

Vem até mais perto e me dá um tranco com seu cavalo, incitando-me a continuar na luta. Obviamente é o chefe do bando.

Sinto uma súbita fúria assassina tomando conta de meu ser e reinicio novamente a macabra tarefa, gritando loucamente, fora de mim. Quero parar e não consigo, mas pareço gostar do que faço."

Síxtus toma um longo gole de vinho antes de prosseguir, rosto banhado de suor, seus olhos projetando alguma coisa sinistra, demoníaca, operando dentro de si.

— Continuamos, Antônio, a matança, até não restar mais ninguém. O mais estranho é a alegria, a euforia que senti. Fizemos uma enorme fogueira e jogamos nela todos os cadáveres, dançando em volta e comemorando com gritos de júbilo, um barulho infernal, atiramos os pequeninos com um só golpe de braço e chegamos a fazer um torneio para ver quem jogava mais longe.

"Minhas roupas estão sujas de sangue. Desejo me lavar no riacho que passa atrás da aldeia. Chego

no riacho e vejo dois dos homens com uma mulher. Eles a estão violando, ela grita, quer escapar mas eles não deixam, espancam-na repetidas vezes. Estão todos nus e sinto um desejo enorme crescer dentro de mim. Quero aquela mulher, nem que para isso tenha de matar todos de novo.

Pego minha espada e corro até eles. Grito para saírem dali que a mulher era minha por direito. Eu tinha matado mais inimigos do que todos ali e achava que tinha a primazia naquele caso.

Fizeram pouco de mim. Um deles atirou uma pedra em meu rosto e senti o gosto de sangue em meus lábios. Avancei e matei os dois com golpes certos, sem lhes dar tempo para reagir. Pensei em dizer que tinham sido vítimas de uma emboscada.

Dei um soco na mulher e ela desmaiou. Era branca, cabelos longos e negros até abaixo da cintura, era linda, pensei, e era minha. Também me despi e arrastei a moça para detrás de alguns arbustos altos na outra margem. Ela era doce, macia, cheirava a perfume de rosas, imaculada, pensei, e toda minha.

De repente a escuridão me assalta. Sinto uma dor terrível por trás da cabeça, estou manietado, mas vejo o meu corpo por sobre o da moça.

Estamos mortos os dois? Mas continuo preso e ouço vozes, cada vez mais, se aproximando.

Sou levado como um cachorro, sob correntes, batem-me nas costas com chibatadas de vários formatos. Levanto a cabeça e olho ao redor. Pareço enlouquecer de pavor, Antônio.

Homens e mulheres pingando sangue, segurando os despojos dos filhos a me apontar acusadoramente. Mas estão mortos, eu mesmo matei a todos.

"Assassino traiçoeiro, pior do que uma serpente, que ao menos avisa quando vai atacar. Agora é a nossa vez, você é nosso e não escapará de nossa vingança."

A expressão de seus rostos é hedionda, Antônio, não dá para descrever. Me sinto morrer mil vezes, apunhalam-me, batem-me com o chicote, sou estrangulado, sinto meus ossos partirem diversas vezes.

Não sei por quanto tempo fico assim. Juro vingança e aí parecem gostar mais ainda de me castigar.

"Ainda vou me vingar", penso, "não perdem por esperar, pois vou fazer uma pilha enorme com seus crânios.""

Síxtus está próximo de um colapso nervoso, o suor brota de todos os poros e suas mãos tremem como as de um velho.

— Calma, Síxtus, é melhor se acalmar e deixar para depois. Vou chamar Lea para que ela lhe traga um chá.

Olhou para mim com os olhos meio vidrados. Parecia mesmo estar enlouquecido.

— Não, Antônio, preciso lhe contar, preciso que você me ajude.

"Não sei como, mas conseguia ler os pensamentos de todos ali. Eu queria vingança e meus algozes também queriam o mesmo, numa série que parecia não ter fim.

Ficamos naquela agonia por muito tempo, sofri muito na carne até não aguentar mais, mas não perdi a consciência nenhuma vez, apesar de sentir que estava morrendo. Não suportava mais aquele suplício, minhas carnes saíam já nas mãos de meus algozes de tão apodrecidas, mas mesmo assim o castigo não parava.

Pedi clemência, comecei a chorar desesperadamente, pois nunca havia imaginado um suplício de tal magnitude. Riram de mim e diziam, "o assassino pede clemência, o algoz de nossas vidas, de nosso mundo, vai sofrer mais ainda."

Parei de resistir e me abandonei passivamente ao castigo. O pranto era convulso e sacudia meu corpo todo, por isso não pude perceber quando tudo cessou. Pude divisar duas figuras trajando túnicas brancas à minha frente, tais como as usadas pelos pitagóricos, depois uma luz muito forte envolveu o que restava de mim e perdi a consciência, ou melhor, acordei.

Dias e dias com isso na cabeça, Antônio. As vezes passam semanas, meses, sem acontecer nada,

mas, subitamente, volta tudo e tenho que reviver todo esse sofrimento.

Deve ser um aviso, mas não sei o que é. Tenho ido aos bruxos e adivinhos mais famosos, e nenhum deles me explica isso tudo de forma convincente."

A história de Sístus era, de fato, muito impressionante, ensejando milhões de considerações, mas naquela hora ele já estava por demais desgastado, os nervos à flor da pele e não conseguiria escutar o que eu tinha para lhe dizer.

—É preciso serenidade, Sístus. Vou ajudá-lo, é claro, apesar de não saber exatamente como, mas hoje você tem de se acalmar e descansar um pouco.

"Esse tipo de aviso dá margem a várias interpretações, razão pela qual precisamos ter a mente lúcida e aberta para poder analisá-lo corretamente.

Quando recebemos tais visões, normalmente o "empíreo" se vale de uma linguagem tal para nos mostrar ou sugerir mudanças de rumo em nossas vidas.

Por outro lado, pode mesmo ser um sonho apenas, sem nenhum poder maior que possa atingi-lo aqui em nosso mundo."

Ele estava lívido. Lea tinha trazido uma beberagem de ervas calmantes, que Sístus tomou de um só trago, sem ver.

— E, Antônio, mas o que é isso, então?

Mostrou-me uma profunda marca em seu pescoço, tal qual feita por coleira de ferro, do mesmo tipo das usadas normalmente em escravos.

Aquilo me deixou bastante impressionado e, por momentos, fiquei mesmo sem nada para lhe dizer.

— Vamos fazer uma coisa, Sístus, amanhã vou procurar um mago egípcio, novo na cidade e do qual dizem maravilhas por aí. Procurarei combinar um horário especial para nos atender, pois sinto que seu relato merece uma investigação mais profunda, além do meu alcance.

Já era tarde da noite e levantei-me para ir embora.

— Amanhã nos vemos, meu amigo. Esta poção deverá trazer- lhe descanso e paz.

Despedi-me de todos os demais no solar e demandei em direção à minha casa, cavalgando com uma certa pressa, porque as noites não eram muito seguras na Roma Imperial.

Ao longo do percurso, cruzei e fui saudado por várias patrulhas de "urbanici", até chegar em minha casa, próxima do bairro do Esquilino.

Papai e mamãe aguardavam-me acordados.

— Orá, salve centurião Antônio, logo terei um filho general. Sempre o disse a sua mãe.

Estreitou-me num abraço apertado, com um sorriso enorme dançando em seus lábios.

— Meu filho segue os passos do pai.

Elêusis estava radiante e também juntou-se a nós, orgulhosa, num abraço mais apertado ainda.

Eu estava emocionado e ficamos assim um longo momento, parecendo um só.

Olhei bem para os dois. Meu pai estava mais magro, cabelos mais brancos, rareando, e minha mãe com seus cabelos já prateados, seus olhos azuis brilhantes como o mar da Grécia.

Apesar da idade, estavam lindos, continuavam lindos como sempre foram em minha mente.

Nunca mais vou esquecer daquele abraço. Nossos cheiros, nossos corpos, nossas lágrimas de alegria misturaram-se e fomos um só.

VI - O OLHO DE JÚPITER

"O casamento do ano", era o que todos diziam em relação ao enlace de Sístus com Hipólita, irmã mais nova de Ana.

Os preparativos já estavam bastante adiantados e parecia que era para valer, que finalmente meu amigo seria "fisgado" pelo casamento.

A insensibilidade de Sístus em relação à situação de Ana era gritante, mas o que espantava mais era sua frieza ao falar do filho que estava por nascer. Ainda mais impressionante tinha sido a atitude de Fábio Rufinus, seu futuro sogro, que já tinha decretado a sorte da criança, a qual seria defenestrada para o "monturo" público, tão logo nascesse e em segredo.

Na ausência do pai verdadeiro, tomando para si o "patria potestas", as ordens do cruel avô tinham sido taxativas, tendo despachado Ana e sua mãe Lucíola para uma herdade localizada nos arredores de Roma, onde deveria se dar o nascimento do pequeno infeliz.

Fui visitá-las várias vezes e pude testemunhar o inferno pessoal de minha amiga e sua mãe, por conta dos tempos difíceis que viriam. Para piorar um pouco mais, às vezes, Lucíola tinha que se ausentar por vários dias a mando de Fábio, homem rancoroso e cruel, que exigia frequentemente sua presença usando como pretexto o iminente casamento de Sístus com Hipólita.

— Antônio, como vou fazer para me livrar de meu neto e ainda conseguir paz para viver? Fábio é um homem muito difícil, está irredutível e já não tenho mais esperanças neste caso. Tenho medo de que sua brutalidade seja demais para Ana, que não está muito bem de saúde.

"Os médicos têm me trazido previsões sombrias sobre o seu estado e não sei mais a quem recorrer. Ela já não fala as coisas coerentemente e tem contínuos espasmos a noite toda, com longos lapsos de consciência."

Lucíola era uma alma nobre e seu pranto era o de um anjo que está prestes a perder o poder de voar. As lágrimas desciam copiosamente naquele rosto suave de mãe e eu pouco poderia fazer para estancá-las, uma vez que a tragédia pessoal daquela família já estava completamente delineada.

—Nobre Lucíola, a situação é de fato muito difícil. Também procurei falar com Fábio, mas ele nem me deu atenção, dizendo que tal assunto não é da minha conta. Além do mais, conhecendo o bem, sei que sua decisão é irrevogável e apenas um milagre poderia fazê-lo mudar.

"O que nós podemos fazer, e não me atreveria a propor essa ideia se a situação não fosse tão urgente, é procurar amenizar o futuro desta criança, buscar para ela uma família que a aceite como filho e simularmos sua morte, para que sobre ela não venha a incidir algum dia o ódio e a vingança de Fábio."

A estremecida "quase-avó" parecia ter ficado pálida de repente, pois a ideia de incorrer na ira do marido a enchia de terror ao lembrar de fatos passados. Ao mesmo tempo, sentia imenso pesar com a perspectiva de perder o neto, filho de Ana, que tantas vezes sonhou acalentar nos braços.

Entretanto, a simples menção do "monturo" público trazia à sua alma generosa a certeza de ser a pior solução, de modo que naquele momento, senti que aceitava a minha proposta para a questão. O problema seria onde achar alguém que se dispusesse a ficar com a criança em tais condições.

— É como fazer isso, Antônio? Que os deuses nos livrem a todos se Fábio descobrir, pois manda matar a criança na hora e sabe-se lá mais o que ele faria com nós todos aqui. Ainda trago na carne a lembrança do que aconteceu da última vez que contrariamos sua vontade. Ele ficou louco, possesso e somente a muito custo pudemos controlar a situação, graças a Hipólita, que além de Ana, consegue exercer alguma influência sobre ele.

A questão toda era difícil e delicada de resolver, mais ainda pelo estado preocupante de Ana. Meu coração ainda batia muito forte pela menina franzina e valente de minha infância, minha confidente de muitos anos, mas também sentia muita tristeza e decepção face a sua escolha.

As vezes, passamos muito tempo tentando encontrar uma pessoa para vestir a indumentária ideal, a qual imaginamos seja a mais apropriada para nossa alma gêmea, mas quando verificamos que as vestes, na verdade, não servem, passamos a sentir um vazio enorme e grande sensação de perda.

Ana estava sofrendo muito e colhia agora os frutos amargos de sua imprevidência, contemplando seus sonhos de menina escoarem qual água da chuva sobre a terra.

Entramos em seu quarto, onde quedava ela deitada inconsciente no leito, em estado febril com seu corpo tomado por tremores esparsos, atestando já alguma falta de controle motor, indicativo de

um processo conturbado de desligamento dos liames fluídicos que prendiam seu espírito ao veículo carnal.

Sua barriga volumosa, em gritante desproporcionalidade com o tamanho de minha amiga, indicava também a iminência do desenlace do parto, o que formava um quadro bastante preocupante.

— O médico vem aqui todo dia, Antônio, com previsões bastante sombrias, podendo, segundo ele, ocorrer o parto a qualquer hora. Védia, nossa ama e parteira é de minha total confiança e poderemos utilizá-la para efetivar as providências que você me sugeriu. Acredito mesmo que será a melhor saída para a criança. Quanto a Ana, a única coisa que podemos fazer é pedir aos deuses que intercedam por ela, que é nova e poderá ainda ter toda uma vida pela frente.

"Não é justo que ela se vá agora tão cedo sem ter uma segunda chance, uma outra oportunidade para refazer sua vida e, quem sabe, no futuro, até trazer novamente o filho para junto de si, reparando essa monstruosidade que Fábio quer perpetrar."

Sáímos do quarto pesarosos, pois o que via ali não me autorizava pensamentos mais otimistas.

— Lucíola, vou dar andamento, então, ao que combinamos. Vou em busca de um casal que aceite acolher a criança e combinar os detalhes, para que tudo passe desapercibido, principalmente por Fábio. Caso persista qualquer dúvida, diremos que o menino morreu no parto.

Despedi-me e tomei do cavalo regressando à minha casa, onde cheguei já tarde da noite.

Os astros brincavam no céu e, vez por outra, parecia ver uma estrela cadente. "Algum sinal", pensei, "naquela hora algum mago estaria já interpretando aquilo para algum crédulo cheio de dinheiro".

Estava desolado com o estado de Ana, meu coração se confrangeu ao vê-la naquela situação lastimosa.

Conversei com minha mãe e meu pai sobre o assunto. Não aguentava mais e abri meu coração.

Nossas brincadeiras de infância, a menina valente, pequenina, de olhos negros brilhantes, depois a menina já com jeito de mulher, minha confidente, muitas promessas no ar, muitas esperanças se formando e fincando raízes em minha alma, as primeiras festas, a mulher linda na qual se transformou, o sorriso branco imaculado, sua inteligência aguda, depois o desvio do destino, uma opção equivocada e agora a situação ali de tragédia, meu amor às portas da morte com a barriga enorme, uma criança repudiada pelo pai e pela família.

Chorei copiosamente e junto com minhas lágrimas, caíram e se foram também todas as minhas esperanças, meus sonhos antigos de jovem, tudo.

Falei sobre o desespero de Lucíola e o plano que propus em relação ao pequeno ser inocente, já rejeitado mesmo antes de nascer.

Mânlio e Elêusis ouviram tudo o que eu tinha a dizer, todo o meu desabafo, e não saíram de perto de mim em nenhum momento. Meus amigos espirituais e protetores seculares, que ainda hoje acompanham minha errática trajetória.

Mamãe me preparou um caldo quente de carne e legumes, seguido de um chá calmante para que eu pudesse dormir. Na verdade foi tudo em vão, porque naquela noite não preguei os olhos, que a frágil imagem de Ana não me saía da cabeça.

Papai me deu um beijo e foram os dois em seguida para seus aposentos. Ficariam ali conversando até tarde da noite como gostavam de fazer há muito tempo, desde que meu pai voltou em definitivo para casa. A noite oferecia uma oportunidade de sossego preciosa para o exercício da reflexão e introspecção, visto que no barulho e na agitação do dia da metrópole era muito difícil encontrar espaço para tal.

Amanheceu o dia e me encontrou com os olhos pesados, cansado de tanto rolar na cama. Estava longe de ter readquirido meu estado normal e precisava fazer alguma coisa para descarregar minhas energias em excesso.

De temperamento dinâmico, os dias em Roma, normalmente, pareciam muito curtos, mas naquele

momento se alongavam indefinidamente, testando meus nervos e meus sentimentos.

Procedi a minha toaleta habitual, vesti meus fatos militares e dei de cara com Sérgio, já a me esperar à mesa da sala de refeições em animada palestra com Mânlio.

— Salve, nobre centurião e dorminhoco do império. Seu pai está a me contar as novidades de sua promoção. Parece que a sorte bateu à sua porta, meu amigo, por isso aproveite bastante.

Eu estava com um aspecto horrível, olheiras escuras, que não passou despercebido a ninguém.

— Salve, Sérgio. Agradeço pela parte que me toca, mas você também está nos planos de Síxtus e deverá vir conosco, juntamente com Petrônio, Licínio, Mário e os outros. Segundo ele, quer reeditar a nossa turma de amigos na Legião e você sabe que quando ele cisma com alguma coisa, de um jeito ou de outro arruma uma maneira de conseguir.

Minha mãe trouxe uma cesta com frutas secas, pão e leite, que não me despertaram o apetite, apesar de sua aparência convidativa.

— Filho, precisa sair um pouco mais, se divertir, ao invés de ficar somente tentando resolver os problemas dos outros. Tudo o que está acontecendo é fruto de escolhas feitas por todos, de opções de vida que você não pode mudar.

— Sim, pai, você tem razão, mas no caso de Ana é diferente. Ela tem uma importância muito grande para mim e você sabe disso. Não posso simplesmente virar as costas e ir embora.

Sérgio já sabia que alguma coisa não ia bem.

— Ana está muito mal, Antônio? Algum dia que você for visitá-la me fale, pois quero ir também.

— Oh! Sérgio, você não vai gostar do que vi. Acho que nossa amiga dessa vez não escapa, pois está com aspecto bastante ruim. Além disso, tem o problema da criança, já enjeitada antes de nascer por ordem de Fábio.

Ficamos em silêncio por alguns momentos, sem ter nada o que dizer.

— Mas seu pai tem razão, Antônio, vamos às termas nos divertir um pouco. É preciso que nos realimentemos de alegria sempre, caso contrário acabamos na tristeza, porque para todo lado que olhamos neste mundo podemos ver muita miséria.

Pensei um pouco e fui obrigado a admitir que Sérgio tinha razão. Se estava pensando em ajudar Ana, deveria primeiro de tudo estar em condições de fazê-lo, física e moralmente, além do que o exercício tinha o duplo benefício de manter meu corpo em forma e distrair minha mente, esquecendo, por momentos, dos problemas e tomando meu espírito mais leve.

— Muito bem, Sérgio, concordo, mas antes vamos passar pela escola de gladiadores para treinar um pouco.

Meu amigo animou-se com a perspectiva.

— Isso mesmo, assim é que eu gosto de ver. Passamos em minha casa e depois vamos à escola. Despedimo-nos de meus pais, estranhamente calados e ganhamos a rua.

Após um trajeto repleto de enormes sacrifícios para andar naquelas ruas cheias de gente de todos os lugares, o barulho infernal de fundo, passamos pela casa de Sérgio, onde nos aguardava seu irmão Mário. Fomos andando em direção ao Capitólio, numa longa e sofrida caminhada, para depois nos dirigirmos ao Campo de Marte, perto de onde se localizava a escola de gladiadores.

Éramos já fregueses da escola, razão pela qual Lúcius, o instrutor-chefe, nos recebeu com um largo sorriso.

— Salve os heróis da Legião. Fico contente em vê-los, pois hoje temos aqui uma nova leva de homens recém-chegados da Germânia, prisioneiros de Afrânio Comélio. É verdade o que dizem por aí a respeito de sua promoção, Antônio?

Lúcius, além de instrutor, era um amigo de verdade, de longa data, companheiro de muitas noitadas de festas.

— Salve, nobre Lúcius. Sim, é verdade, razão pela qual devo redobrar meus esforços. Como você sabe, se tirarmos as vestes, um cadáver de soldado toma-se igual ao de um oficial e não quero servir

de modelo para tais comparações.

j|S=B Vamos ter oportunidade de enfrentar hoje suas novas feras, Lúcius?

Mário era o mais belicoso dentre nós e seus olhos brilhavam com tal perspectiva.

—Estava pensando em um período de treinamento primeiro, porque eles ainda não são gladiadores, estão muito "verdes" e despreparados para a arena. Por outro lado, se vocês quiserem somente o treino pela espada, acho que não haverá inconveniente porque, segundo me disse Helvídio Apolodoro que os trouxe, são homens muito duros e guerreiros difíceis de domar, hábeis no manejo da espada.

O treinamento do qual ele falava, ou seja, a preparação dos gladiadores para a arena, era a própria razão de ser da escola, correspondendo às quatro "especialidades" ou tipos de luta que eram tradicionalmente praticados no "munus gladiatoria".

Os chamados "samnitas", cujas armas eram o escudo e a espada, os "trácios" que se protegiam com um escudo circular, manejando um punhal como arma ofensiva, os "murmillos" que usavam um capacete com a figura de um peixe marinho (a "murma"), manejando uma pequena espada, e finalmente os "retiarius", geralmente opositores dos "murmillos", manejando um tridente e usando uma rede como para uma pesca, tudo muito sugestivo.

No entanto, no nosso caso, como praticávamos basicamente o manejo da lança e da espada, tais guerreiros mesmo sem treinamento eram mais do que suficientes.

— Muito bem, Lúcius, vamos ver esses seus guerreiros germânicos, se eles são bons mesmo.

Tais guerreiros tinham muita fama, gerando pavor nos povos limítrofes ao império, principalmente nas Gálias, face a sua ferocidade e força física. Seu aspecto normalmente impressionava por serem muito altos, louros, quase todos com porte físico avantajado em relação ao romano comum.

Suas mulheres eram lindíssimas, as jovens pelo menos, verdadeiras valquírias segundo os próprios germânicos, gerando disputas ferozes no mercado de escravos entre os mais ricos e devassos da Sociedade romana. Eram transacionadas a peso de ouro, ao contrário dos homens, também muito valorizados, mas como mão de obra, que iam direto para as galés ou para o anfiteatro, posto que os homens de Roma neles não confiavam, talvez menos em suas próprias esposas, também ávidas de prazer.

Enquanto isso, na mansão dos Cipiões, Fúlvia tinha uma conversa com seu filho.

— Síxtus, já notou que Antônio desapareceu? Não mais pôs os pés aqui depois que foi promovido. Você não acha estranho? Parece até que já conseguiu tudo o que queria.

— Bobagem, faz apenas um dia que ele não vem aqui. Antônio não é disso, tem a alma pura e jamais pensaria em se aproveitar de qualquer um. É um fraco e sempre vai depender de alguém para conseguir suas coisas.

Fúlvia não se dava por vencida e fazia tudo para nos indispor. Seus ciúmes a meu respeito tinham, é lógico, razões que depois seriam plenamente reveladas e entendidas, mas naquele momento parecia ter uma ideia fixa na mente, uma dentre muitas.

—Tenho dúvidas, pois desde pequeno não gosto desse moço. Lembre-se que ele é amante daquela mulher, Ana, irmã de sua noiva, pois não veio aqui outro dia a lhe cobrar satisfações? Como se você devesse satisfações a alguém, não é, filho?

"Nossa família só deve satisfações ao imperador e olhe lá, porque mesmo Tibério tem grande respeito por seu pai e pensaria duas vezes antes de nos prejudicar."

O poder era um doce na boca de Fúlvia, oriunda de uma família patrícia falida, na verdade um brinquedo que ela gostava de acariciar o tempo todo.

Realmente eu tinha conversado com Síxtus em sua casa, fazendo uma última tentativa de sensibilizá-lo quanto a situação aflitiva de Ana, porém sem sucesso. Seu coração apresentava já os sinais de dureza característica dos Cipiões e não piscou um olho para esnobar seus direitos e

prerrogativas em cima de mim, razão pela qual achei melhor ir embora para não desgastar ainda mais nosso relacionamento.

— Ora, mãe, isso tudo já está resolvido. Antônio gosta muito daquela metida e não suporta a ideia de tê-la perdido para mim, um dia. De qualquer modo, deixe-o por minha conta que saberei me cuidar, pois em três meses estaremos embarcando e tudo isso pertencerá ao passado, esquecido nas lutas que nos esperam.

— Está bem, meu filho, mas não diga que não o avisei. Principalmente em terra estranha, evite confiar naquele moço daqui por diante, porque nunca se sabe o que pode vir dessas pessoas. A gente dá a mão e eles logo querem o corpo inteiro.

Cheguei em casa ao final do entardecer, após um dia de muito suor em exercícios e lutas nas teimas, encontrando logo na entrada um mensageiro da parte de Lucíola.

Trazia uma tabuinha de cera com uma mensagem grafada à ponta de estilete.

A situação de Ana era terminal e não passaria daquela noite. Mandeí imediatamente o portador de volta com a resposta de que iria imediatamente.

Entrei em minha casa, onde meus pais já me esperavam à mesa.

— Sente-se filho, que eu e sua mãe queremos lhe falar.

Tinham ambos a fisionomia grave, típica de quando discutíamos assuntos de grande interesse para a família.

Ficamos um longo tempo em silêncio. Bebi um copo de leite e pude notar que meu pai e minha mãe trocavam de vez em quando um olhar cúmplice.

— Meu filho, sabemos que o servo aí fora trouxe notícias alarmantes sobre Ana, que está condenada e não tem mais esperanças.

“Sua mãe e eu conversamos muito a respeito e tomamos uma decisão importante, para você e para nós, porque sabemos o quanto você gosta da pobre menina.

Há muito tempo atrás aconteceu um fato semelhante e tomamos também uma decisão mais ou menos parecida com a que vamos tomar aqui hoje.

Você não sabe, nunca soube porque não iria fazer nenhuma diferença, mas Lívio, seu irmão, na verdade não era nosso filho verdadeiro.”

Lágrimas assomaram a seus olhos ao lembrar da figura de meu irmão morto em campanha no exterior.

Fiquei muito espantado com a revelação, mais ainda por terem escondido a verdade sobre algo tão importante durante todo esse tempo.

Minha mãe teve de continuar, pois meu pai estava muito emocionado.

— Um dia, seu pai chegou em casa com a notícia de uma criança, um órfão recém-nascido cuja mãe morrera no parto e o pai em campanha na Alemanha. Esse homem morreu nos braços de Mânlio e fê-lo prometer arrumar as coisas para que sua família não passasse necessidades.

“Muito bem, pouco depois seu pai voltou, essa mulher morreu e o pequeno tinha ficado só no mundo.

Presos pela palavra empenhada e também pelo pequeno, que era muito bonito, branquinho como neve, olhos azuis como o céu, seu pai e eu resolvemos adotá-la e a registramos em nosso nome, sem que ninguém soubesse tratar-se do mesmo órfão do soldado morto.

Nunca nos arrependemos, pois esse menino cresceu, viveu junto conosco e nos deu muitas alegrias, a todos nós, principalmente a você mesmo, Antônio, que por várias vezes foi por ele acompanhado e cuidado quando criança.”

A emoção do momento era muito forte e também sentia já o pranto copioso a molhar minhas vestes.

— Desse modo, Mânlio e eu conversamos muito e concordamos que seria uma justa homenagem a Lívio fazermos o mesmo pela pobre criança que Ana vai ter, se vier a ocorrer o pior. Sinto mesmo

que, de algum lugar que não sei explicar onde, seu irmão sorri satisfeito e aprova nossa decisão.

"Portanto, meu filho, fique sabendo que poderá trazê-lo para nós, que cuidaremos dele como se fosse um seu irmão, outro irmão, do qual diremos que é um filho de um amigo de Mânlio, cujo pai e mãe morreram. Não estaremos mentindo, apenas repetindo a história de nosso querido Lívio.

Agora vá logo ver o que ocorre com a infeliz e saiba que estamos prontos para receber o pequeno, pois compreendemos também o que ele representa para o seu coração."

Abraçamo-nos todos os três, nossa família em mais um "momento da verdade", estreitando ainda mais os nossos laços, que até hoje trazem esses dois anjos perto de mim, verdadeiro castigo para eles, que poderiam já estar longe a uma hora dessas, mercê de suas enormes conquistas.

Sei que Lívio aprovaria o que estávamos fazendo, assim como Clódio com aquele seu olhar alegre e brincalhão, aquela afinidade de almas, coisa difícil de explicar, que tínhamos entre nós.

— Vai ser hoje, algo me diz. Tenho que andar rápido.

Fui aos meus aposentos, troquei os fatos militares por uma roupa mais confortável e comi alguma coisa, animado por uma força que, de repente, parecia ter tomado conta de mim.

— Quer que eu vá com você, filho?

— Não, pai, pode deixar que eu mesmo resolvo isso. Apesar de já ter combinado com Lucíola, desejaria que nem ela nem ninguém mais soubesse do verdadeiro paradeiro do pequeno. Vou dizer a ela que foi levado para longe, para as Gálias, por um casal de camponeses.

— Como quiser, filho. Acho acertada essa sua decisão, porque assim nada poderá no futuro afetar a vida da criança, para o bem ou para o mal.

Saí "voando" de casa, tomei meu cavalo e corri até a herdade da família Rufínus, passando pela Porta Maior e pelo pequeno trecho de estrada que ligava a via Appia à propriedade.

Ao chegar, notei grande agitação entre os criados.

Védia, a criada e parteira, passou correndo com dois cântaros de água.

Entre na casa, onde Lucíola conversava com o médico, um grego de nome Heródoto.

— Mas meu caro Heródoto, o que fazer então?

O esculápio tinha o olhar grave e preocupado, o que me fez gelar a espinha, a presença da morte por perto. Este era uma espécie de "aviso" que eu sentia quando da iminência de alguma ocorrência fúnebre. Seja em combate, ou mesmo no anfiteatro, nos "munera", era essa a sensação que eu tinha.

— Agora só podemos esperar. A criança quer nascer, faz força e não consegue porque a mãe é muito estreita.

"Já vi inúmeros casos iguais a esse e infelizmente, podemos esperar pelo pior. Não tem jeito e acredito que não exista ninguém no mundo capaz de salvá-los. Desculpe estar sendo franco, mas não posso esconder a verdade de vocês numa hora destas."

Lucíola estava entregue pelo pranto.

Védia saiu do quarto da enferma e veio me chamar.

— Domine, a domina chama por você.

Corri até ela, pois quem sabe, ao menos pela volta da consciência, poderia estar ocorrendo uma melhora.

Mal sabia eu que era justamente aquela "melhora aparente", que normalmente as pessoas apresentam pouco antes de deixar o corpo físico. É como se fosse um momento de extrema lucidez, para facilitar os trabalhos de desligamento dos liames fluídicos pelos nossos amigos do plano espiritual. Eles então "comprimem" os liames para depois distendê-los todos de uma vez e então cortá-los.

— Antônio, Ah! Meu pobre Antônio. Acho que vou deixá-los, pois não consigo suportar mais essa dor. Mate-me, Antônio, faça-me essa última caridade.

— Ana, não fale besteiras. Você já está melhor, pois até recuperou a consciência. Agora é bom guardar as forças para a hora do bebê nascer.

Sua testa estava molhada por um suor frio e pegajoso.

Atrás de mim, Lucíola e Heródoto a tudo assistiam impotentes.

— Não tente me enganar, Antônio, pois vejo no semblante do médico e de mamãe que meus minutos estão contados. O que vai ser de meu filho? Meu pai não o quer e ordenou que fosse jogado no "monturo" público.

Olhei para Lucíola, que entendeu o que eu quis dizer.

— Não, minha filha, seu pai mudou de ideia, pois conseguimos convencê-lo a receber seu filho na família, o neto que ele sempre quis. Ele está muito esperançoso e só não está aqui agora porque participa de uma audiência de guerra com o próprio Tibério.

Lucíola mentia sorrindo, uma caridade para tentar dar um pouco mais de energia para a filha, vontade de viver. Na verdade fazia um esforço sobre-humano para falar e aparentar alegria, pois seu coração de mãe jazia também despedaçado.

— Antônio, não fui muito boa com você, não é? Você me perdoa? Eu não conseguiria mentir para você, sabe? Poderia mentir para qualquer um, menos para você. Sempre houve algo de especial entre nós, mágico, que nunca conseguimos trazer à realidade. No entanto, vou com sua imagem sempre alegre em minha mente, corajoso e verdadeiro. Gostaria que esse filho fosse seu.

Ela ia perdendo inexoravelmente as poucas forças que ainda restavam em seu corpo castigado.

Dei-lhe um pouco de água.

— Ana, seu filho é também meu filho.

Ela olhou para mim, sua cabeça pendeu inerte para o lado, seus olhos esgazearam de repente. Ana estava indo embora. No plano espiritual, amigos se esforçavam para ajudá-la no transe e fazer rapidamente seu desligamento.

— Médico, Ana morre. Venha ver.

Heródoto se aproximou pressuroso.

— Sim, ela morreu. Seu pulso acabou. Terminou. Que pena, pois poderíamos ter tentado salvar a criança pelo menos, fhas agora que a mãe morreu é impossível. Deve estar morta também.

Súbito, me deu um "estalo" na cabeça.

— Mas, espere um pouco. A criança ainda pode estar viva dentro dela?

O médico assentiu com a cabeça.

— Ora, então vamos salvá-la. Vamos, Heródoto, corte a barriga de Ana e retire de lá a criança. Eu deveria estar parecendo um louco falando, pois todos arregalaram os olhos.

— Como? Cortá-la? Será que você ficou louco? Ana não é um pedaço de queijo para ser cortada dessa maneira. Pequenas incisões, talvez, mas desse jeito, quem sabe o que poderá acontecer?

Naquela época, pela falta de técnicas modernas de parto, havia uma taxa de mortalidade muito elevada entre as parturientes.

Perdi a paciência. Desembainhei a espada e coloquei no pescoço do médico.

— Heródoto, ande logo, sem mais conversas. Não podemos perder tempo. Corte Ana e salve a criança. Sua vida depende disso agora.

Eu estava transtornado e ele percebeu que teria poucas chances de dialogar comigo.

— Você está louco. Vou fazê-lo, mas não me responsabilizo por nada.

— Engana-se, Heródoto, pois se a criança não nascer ou nascer sem vida, você irá acompanhá-la na ponta de minha espada.

O coitado estava lívido de terror. Mandou Védia trazer mais água.

Começou então a remexer seus instrumentos, onde tomou de uma faca pontiaguda afiadíssima e se pôs finalmente a fazer a incisão.

Védia chegou com a água e ajudava o médico como podia, impressionada com o que estava vendo.

Logo, aprofundando o corte cuidadosamente, enfiou a mão rapidamente pelo buraco da bolsa de água já rompida, buscando as pernas ou qualquer outra parte da criança, puxando-a com força em

seguida.

— Minha nossa! Está com o cordão amarrado no pescoço, mas ainda vive. É um milagre. Nascido de uma morta.

Lucíola acompanhava tudo com os olhos esbugalhados. Eu mesmo tinha já perdido as forças e quedava indefeso, sentado no "triclínium".

— Aqui está. Ainda vive e é um menino, o filho do milagre. Meu caro Antônio, eu não sei o que foi que você me obrigou a fazer aqui hoje, mas agradeço de coração. Minha vida daqui por diante vai mudar bastante, sinal de sorte, pois consegui vencer a morte dentro de seus próprios domínios, arrebatando de suas mãos uma vítima inocente já certa.

Ao final, estávamos todos transidos de emoção, enquanto o pequenino chorava a plenos pulmões, lavado por Védia.

Lucíola aproximou-se de Heródoto.

— Meu caro amigo. Como você mesmo disse, é o filho do milagre que nasceu aqui hoje. Entretanto, como sabe, Fábio ordenou que fosse atirado ao "monturo" público, o que Védia deverá fazer ainda hoje. Estamos todos agradecidos, apesar da dor que a perda de Ana nos traz, podendo contar com nossa amizade sempre que precisar.

"Nunca é demais pedir ao amigo o máximo de discrição, pois ninguém precisa saber o que ocorreu aqui. Se por acaso você quiser contar a alguém a título de ilustração, por favor, não use nunca o nome de nossa família, porque para mim já é demais a perda de uma filha querida sem ter de aguentar as maledicências dos outros."

Heródoto era um médico já de uma certa idade, com bastante compreensão e história de vida, aquiescendo imediatamente às solicitações de Lucíola.

Após receber seus honorários pelos serviços, acrescido de uma generosa quantia para assegurar o seu silêncio, saiu rapidamente em demanda a casa de outro cliente.

Ao ficarmos a sós, Védia embrulhou carinhosamente o recém-nascido em uma manta macia e saiu da casa, cumprindo sua parte na farsa que armamos, como se fosse levar a criança ao "monturo". Tínhamos que tomar muitos cuidados, pois nem todos os servos da casa eram leais a Lucíola, havendo mesmo alguns com a recomendação expressa de Fábio para vigiar tudo o que acontecesse e depois lhe contar.

A uma ordem da dona da casa, os criados arrumaram o quarto, limpando toda a sujeira gerada pela improvisada "operação", terminado o quê, as criadas de confiança começaram a arrumar o corpo de Ana, preparando-o para as cerimônias fúnebres do dia seguinte, onde a família iria "chorar" sua morta, dando uma satisfação à Sociedade sobre o que tinha ocorrido.

Perto de uma hora depois, despedi-me de Lucíola e empreendi o trajeto de retomo pela pequena estrada que desembocava na via Appia.

Cerca de cem metros antes de chegar à via principal, discreto barulho chamou-me a atenção, indicando-me que Védia ali me aguardava com a valiosa "encomenda". Sem trocarmos palavra, tratei de pegar o menino embrulhado na manta e prossegui a galope em meu caminho sem olhar para trás. Creio que não gastamos dez segundos nesta operação.

Cheguei em casa já altas horas da madrugada, onde meus pais e Sérgio, que insistiu em participar também da "trama", esperavam-me impacientemente.

— Que foi, filho? Teve algum contratempo na viagem de volta? Como foi?

Todos queriam saber ao mesmo tempo tudo o que havia ocorrido, enquanto mamãe tomava as providências para dar ao menino sua primeira refeição, um pouco de leite de cabra.

Só após muito tempo, serenadas as emoções, tive forças suficientes para contar o ocorrido. De qualquer modo, Ana tinha ido embora, mas deixou sua marca e seu perfume junto de mim. O filho rejeitado tinha grande semelhança com ela.

Foi assim que nasceu, para os nossos corações, o pequeno Silano.

VII - EM CAMPANHA

O tempo foi passando e logo Hipólita deu à luz o filho de Síxtus, um menino raquítico e enfermigo, o qual exigiu muitos cuidados para que pudesse alcançar a vida.

Como se tratava de uma criança doente, Síxtus pensou, inicialmente, em exercer sua prerrogativa de pai e rejeitá-lo, no que foi energicamente repellido pela esposa, que queria a todo custo lutar pela saúde do menino.

Fúlvia, com seu caráter venal, dava razão a seu filho e praticamente exigiu de Hipólita que rejeitasse o pequeno infeliz, pois não admitia a ocorrência de um aleijado na família.

— Imaginem só o que vão dizer. Não dá para aguentar essa "coisa" na família. Vamos virar motivo de deboche e escárnio por toda Roma.

— Ora, mas o que a senhora está dizendo? E sua filha aí que não se casou até hoje? Será que não é melhor vocês duas se olharem no espelho antes de me criticarem?

Estavam todos dispostos a pressionar Síxtus, que detestava sentir-se alvo de cobranças daquela forma.

— Não vai dizer nada, Júlia? Ouvi dizer que Sejano está de olho em você.

— Meu filho, isso não vem ao caso e quando Júlia se casar, seja lá com quem for, não vai gerar um monstro como esse.

Júlia acompanhava o pensamento da mãe.

— É isso mesmo, Síxtus, o que você está esperando? Ponha o monstrinho para fora.

— Não devo fazê-lo, apesar da lei me facultar esse direito. Queria mesmo, mas Hipólita não me perdoaria. Não quero incorrer em sua ira, por ora pelo menos, porque se ela optar em ficar com ele em definitivo, aí será o divórcio na certa e neste caso teremos grandes prejuízos, sem contar que o pequeno também será meu herdeiro legal.

Não demonstrava o menor sentimento de amor em relação ao próprio filho. Aliás, muito pelo contrário, Síxtus sentiu ódio pelo menino logo da primeira vez que o viu, como se lhe chegassem impressões dolorosas de um passado do qual não se recordava.

Emiliano não tomou parte nas discussões, apesar de também ser partidário da rejeição pura e simples. Poderia até ter convocado o "tribunal" doméstico, que era um de seus direitos como chefe maior da família, para deliberar a respeito do que fazer e ordenar, simplesmente, a rejeição. Preferiu não fazê-lo, porque isso lhe trazia pesadas recordações pessoais de um passado que ele definitivamente queria esquecer.

O ambiente no "domus" estava tão carregado que Hipólita resolveu partir com o pequeno Sílio, demandando uma propriedade rural da família, não muito distante da cidade, com o objetivo de tentar criá-lo em um ambiente menos turbulento, sem falar na alimentação mais saudável e nos benefícios dos ares do campo.

Desse modo, esperava também escapar das recriminações do marido, que não perdia oportunidade para culpá-la por ter gerado um aleijado, como se ele mesmo não tivesse participação na concepção do filho.

Com sua mente já normalmente perturbada, e sofrendo de profundo desgosto, dado que se sentia atingido em seu orgulho, pela situação de saúde do pequeno Sílio, Síxtus desanda também com sua vida, caindo em um ritmo frenético de festas, jogatinas e licenciosidades diversas, tentando, dessa maneira, aplacar suas emoções desencontradas em relação a tudo, mas, principalmente, tentando esquecer sua própria frustração de pai.

Certo dia, tendo marcado uma consulta com um mago egípcio que eu conhecia de reputação, levei Síxtus para ver se conseguia, de alguma forma, ajudá-lo em seu desespero, mas sobretudo procurando também aliviar um pouco a carga sobre os ombros de sua pobre esposa.

A casa onde atendia Menés, o mago, ficava localizada nos arrabaldes do Subura, um bairro mal afamado onde moravam prostitutas, bandidos e todo tipo de pessoa com má reputação inclusive gladiadores e os aurigas de corridas, que eram profissões mal vistas pela sociedade. Seria quase que o equivalente às favelas da atualidade.

Entramos por uma porta estreita, que dava no que parecia ser a sala de espera da casa, a qual possuía apenas dois cômodos, onde reinava completa escuridão, quebrada apenas por uma réstia de luz muito fraca, filtrada por um buraco no tecido que fazia as vezes de cortina, separando a sala onde estávamos do aposento de "atendimento".

Não demorou muito e meu amigo foi convidado a entrar no pequeno salão, enquanto eu ficava sentado em um tosco banquinho na "sala de espera".

Mais ou menos no centro, Síxtus pôde distinguir uma mesa redonda coberta por um pano verde, sobre o qual havia uma bola de puro cristal negro e reluzente, descansando em uma base de mármore.

Menés foi direto ao assunto e solicitou que ele se sentasse à sua frente, de modo a poder começar a "sessão".

Antes de sentar, o mago percorreu lentamente os quatro cantos do quarto dizendo algumas palavras em tom muito baixo, numa língua desconhecida.

Terminado o estranho ritual, sentou-se também por sua vez e, olhando Síxtus fixamente nos olhos, passou levemente as duas mãos por sobre a bola de cristal, sem tocá-la, após o quê, começou a falar.

— Foi muito difícil convencer seus inimigos a sair. Tem muitos deles que o perseguem dia e noite, não é mesmo? Argumentei com eles com calma e solicitei que nos deixassem a sós, para que pudéssemos conversar mais livremente sem interferência. Eles foram, mas disseram que vão voltar, porque dizem ter contas a acertar com você.

Síxtus, que já era uma pessoa impressionada, começou a suar frio.

— Meu caro romano, vai ter que tomar mais cuidado com seus atos, porque foram muitos os compromissos assumidos, nesta e noutras passagens por este mundo, correndo agora sério risco de não conseguir cumpri-los.

"Um dos seus adversários me disse que você é um assassino, que estuprou e matou sua esposa, depois de dizimar a aldeia em que vivia."

Os nervos de Síxtus estavam a ponto de explodir.

"Como ele podia saber disso? A menos que Antônio lhe tenha contado."

— Outro deles veio me dizer que, numa outra oportunidade, você se divertia degolando meninos indefesos no fio de sua espada, só para ouvir o barulho que faziam no desespero para estancar o sangue e respirar ao mesmo tempo.

Isso Síxtus não havia me contado e, por isso, maior ainda se tomou sua inquietação.

— Você teve muitas chances, sendo que, por várias vezes veio a este mundo em posição de fazer algo para se redimir, falhando desgraçadamente em todas elas. O exército de desafetos atrás de você é um claro indicativo disso.

"No entanto, sinto que apesar de tudo que já fez, existe quem interceda a seu favor e são eles que me pedem para transmitir um recado. Preste bastante atenção, porque são palavras que vêm de entidades que o acompanham desde muito tempo, que estão muito infelizes e preocupadas com sua situação."

Relanceou os olhos pelo ambiente, vagarosamente, como que procurando algo, antes de continuar.

— Uma delas tem o nome de Margit, a mulher que foi por você desonrada, às margens daquele rio e diz que já o perdoou há muito tempo.

"Diz que era sua devedora de outras existências, tendo sido sua esposa e mãe por várias vezes, que o ama muito e está muito infeliz com suas quedas. No entanto, o seu marido daquela época não o perdoou e sofre também muitas angústias, pois no seu coração não há lugar para o perdão. Ela

também o ama muito e diz que vocês foram irmãos e rivais várias vezes, numa sequência muito longa de ódios e rancores. Ela diz que é hora de parar e envia muitas vibrações em sentimentos amorosos para vocês, mas é sua responsabilidade começar a mudança nesta sua passagem na Terra, Síxtus, porque senão, de nada vão adiantar os esforços dela e de muitos mais, se você não se colocar em posição para receber seus eflúvios positivos."

Síxtus ouvia a tudo sem dar um pio, pregado na cadeira por forças superiores.

— Assim, são várias as questões que você tem com muitos . outros, bem como existem muitas entidades como Margit, incumbidas de resolver tais questões e encaminhar todos rumo a um futuro melhor, de paz e entendimento.

"Uma delas me diz que, dentro mesmo de sua atual casa, você dispõe de valiosa oportunidade para iniciar a reversão de sua situação. Vejo que já teve um filho, mas que por orgulho não o quis, condenando a mãe do infeliz a uma morte na tristeza e sem nenhuma consideração. Não cometa mais um erro grave e aproveite a chance para iniciar sua mudança interior. Seu filho, cuja fraqueza material é muito grande, necessita muito de seu auxílio de pai para levar a efeito suas tarefas e atingir também os objetivos a que se propôs¹².

Se quiser melhorar, é mister aprender a respeitar e ajudar seu filho, que representa uma das provas de sua vida, uma porta para alcançar sua redenção.

Seus inimigos no plano espiritual esperam sua falência, enquanto aqueles que o amam apostam em sua vitória. Em quem aposta você, romano?

Não deixe que os gozos ilusórios e efêmeros de uma sociedade sem sentido o enganem, pois nada constroem, senão a infelicidade dentro de nós."

Dizendo essas palavras, Menés deu por encerrada a reunião e saímos, Síxtus e eu, cada um para sua casa.

Não voltamos mais a falar sobre o assunto, mas parecia que Síxtus tinha resolvido dar uma trégua a Hipólita e seu filho. Além disso, estávamos às vésperas do embarque para a Trácia, o que tomava todo o nosso tempo em preparativos diversos.

Deixar todas as pendências resolvidas, despedir-me de todos os amigos e, o mais penoso, despedir-me de mamãe e papai. Nunca pensei que fosse tão difícil.

Na verdade, a campanha na Trácia em 25 d.C. não foi bem uma guerra porque não combatíamos contra nenhum exército organizado, mas enfrentávamos uma série enorme de escaramuças e guerrilhas, que nos impediam os movimentos e não nos davam muita liberdade de manobra, comprometendo nossos efetivos maiores utilizando um número relativamente pequeno de homens.

Seria mil vezes preferível combater contra um exército regular de modo a resolver logo a questão, sem falar que estaríamos fazendo aquilo que sabíamos fazer bem.

Por outro lado, foi uma experiência que me deixou profunda impressão, porque descobri que estávamos lutando contra pessoas desejosas de paz. Nós éramos ali, os invasores, e eles, os defensores de sua terra, o que contribuía para trazer grande confusão moral à minha cabeça. Apesar disso, era um soldado e cumpria ordens.

A mão forte de Roma, ávida por impostos para custear suas ineficiências, é que tinha sido a causa real daquele conflito. O desrespeito dos governantes designados pelo imperador açulou os ânimos da população e contribuiu para fortalecer a posição dos nacionalistas, que não se conformavam com a situação de submissão de sua pátria.

Saímos do porto de Undecium e cruzamos o Adriático até Naron, na Dalmácia, prosseguindo depois, em marcha forçada, até nossos acampamentos de destino. Servimos na IV "Scythica", cujos

¹² ¹ Ver "Gládio de Sangue". Na verdade, era Plauto que voltava para viver como filho de Flávia (agora Hipólita) que aceitou recebê-lo em seu ventre, selando dessa forma o seu perdão. Síxtus era Tarquínio, cúmplice de Plauto em vários crimes e tendo sido por este atraído, dispondo aí de preciosa oportunidade para também exercer o seu perdão, transformando em amor paterno puro e sincero, o antigo ódio de inimigo.

efetivos principais encontravam-se estacionados na Mésia, perto de uma localidade chamada Naissus.

As tropas ali acantonadas eram parte de uma extensa linha, formada em conjunto com os efetivos que estavam na Ilíria, configurando um dispositivo militar de enormes proporções para proteção da Itália do norte.

O término das revoltas na Dalmácia e na Panônia, que então formavam a Ilíria, tinha sido uma grande vitória para Roma, deixando livres os caminhos para consolidação das conquistas do império no oriente.

Pela importância estratégica de tudo ali, parecia que os romanos tinham vindo, de fato, para ficar e foi o que fizemos por cerca de 5 anos, tentando pôr fim ao caos implantado pelas diversas ações da guerrilha dos nacionalistas, que nós chamávamos de "bandidos".

Nossa rotina era muito difícil e ficamos durante longo tempo "patinando" em nossas ações, pois os "bandidos" pareciam sempre saber de antemão o que tencionávamos fazer, quase como se adivinhassem nossos pensamentos.

De temperamento impulsivo, Síxtus queria, logo no princípio, mostrar "serviço" para a população mediante ações decisivas, massacrar algumas aldeias para servir como punição exemplar, na base do "olho por olho".

Afortunadamente, Caio Lúcio, o comandante da Legião, tinha outras ideias e não aprovava o uso de tais métodos por seus homens. Mesmo assim, no início foi difícil segurar os ímpetos de "vingança" de nosso amigo, que aproveitava também para dar vazão a todas as suas frustrações pessoais. Somente com o correr do tempo pôde perceber que, se quisesse ganhar aquela parada teria de ser com inteligência e astúcia ao invés do uso da força bruta.

Passávamos o tempo reunidos em nosso acampamento, saindo vez por outra em missões de patrulha, ou tentando fazer os guerrilheiros botarem a cara para fora da toca.

Como disse antes, nossos adversários pareciam "saber" de antemão tudo aquilo que íamos fazer, trazendo a todos nós grandes suspeitas de que tínhamos um espião infiltrado em nossas linhas.

Evidentemente, alguma coisa estava muito errada por ali e tínhamos que descobrir o que era, uma vez que somente nossa unidade não conseguia deslanchar no combate à guerrilha, enquanto o restante da Legião ia colhendo vitórias significativas, uma atrás da outra.

O futuro ainda nos traria amargas surpresas e após algum tempo aconteceu um fato revelador.

Como tinha plena confiança em nós, Síxtus colocou-nos a todos em posições estratégicas em sua unidade e assim, Petrônio Políbius, bem como Mário e Sérgio, foram designados "Optios", uma espécie de suboficial.

Petrônio, amante dos prazeres como todos os poetas, amava também e sobretudo as mulheres, terminando por se apaixonar por uma jovem de Naissus chamada Leiria. Em seus arroubos de conquistador, não conseguiu perceber o engodo no qual caíra, porque a menina, insuspeitadamente para todos, era, na verdade, mulher de um dos principais chefes da guerrilha.

Em uma de nossas incursões perdemos mais de cem homens, os "bandidos" novamente a nos esperar, enquanto conseguimos apenas alguns poucos prisioneiros.

Síxtus estava angustiado pela situação e logo ao chegarmos em nosso acampamento, mais do que depressa tratou de ocupar-se pessoalmente dos infelizes que caíram em nossas mãos.

Ele sabia ser cruel para obter informações e não tardou muito para que, mercê de sofrimentos atroz, alguns deles nos contassem, finalmente, de onde partiu a traição.

As ordens para armar a emboscada foram dadas por Vetí, justamente o marido da jovem paixão do poeta.

Após a surpresa inicial, prendemos imediatamente a mulher do guerrilheiro e daí, não foi difícil sabermos com detalhes como obtinha suas informações, assim como o método que utilizava para avisar o bando de nossos planos.

Em nossas investigações, pudemos constatar que, na noite anterior à emboscada, Petrônio tinha se encontrado com a amante, o que veio a confirmar, na prática, nossas suspeitas.

—Aí está, Antônio. O tolo que governa sua vida pelo coração, por ele acaba morrendo e, o que é pior, levando muitos com ele.

— Síxtus, deixe que eu resolva isso com ele. Se alguém tiver que prendê-lo, quero que seja eu, ao invés de um desconhecido qualquer.

Síxtus estava fora de si, mas concordou comigo.

— Muito bem, vá então, mas quero-o em uma hora. Por isso, nada de truques, Antônio, que eu o conheço bem e sei que você também é muito mole. Enquanto isso, vou ocupar-me aqui dessa diabinha e mostrar a ela que não se deve brincar com as vidas de soldados romanos.

Saí da cela já sentindo pena da mulher, ouvindo seus gritos, à medida que me afastava pelo corredor da construção improvisada como edifício de comando.

Petrônio estava em sua barraca descansando.

Entrei sem avisar, dando um susto no rapaz.

— Ora, Antônio, que surpresa. Mas porque essa cara? Parece até que morreu um parente.

Eu estava também muito nervoso e, num acesso de raiva incontida, arranquei-o do leito com violência e joguei-o no chão.

—Morreu sim, seu imbecil. Por sua causa, seu poeta de meia tigela, sua inconfidência com aquela vagabunda foi responsável pela morte de mais de cem homens, bons soldados, pais de família, que não queriam outra coisa senão acabar logo com essa guerra de mentira e voltar para suas casas.

— Ora, Antônio, está por acaso se referindo a Leiria? Ela é apenas uma camponesa infeliz com o marido. Deixe-a comigo que eu sei bem como tratar uma mulher ansiosa.

Me deu vontade de matá-lo ali mesmo.

Em rápidas palavras, contei a ele tudo aquilo que descobrimos nos interrogatórios. Ele ouviu quieto, ansioso no princípio mas desabando pouco a pouco, na medida em que avançava com as revelações.

— Muito bem, Petrônio, você conseguiu, enfim, fazer uma grande bobagem. Tomei a meu cargo a tarefa de prendê-lo, por isso quero que você fique aqui mesmo em sua tenda sem falar com ninguém. Não tente fugir porque, a essa altura, não existe mais lugar nenhum onde possa ir.

Petrônio estava arrasado e cheguei a sentir pena, pois era uma pessoa dotada de muita sensibilidade artística e devia já estar morrendo por dentro.

— Antônio, e os homens? Já sabem de tudo?

— Ainda não. Por enquanto, somente Síxtus, Sérgio e eu mesmo. Daqui a pouco, voltarei com Síxtus para que ele resolva sobre seu destino. Agora, trate de ficar quieto e aja como um homem.

Saí da barraca e chamei dois homens, ordenando que ficassem de sentinela e não permitissem a saída de Petrônio em nenhuma hipótese.

Voltei ao pequeno "quartel" de comando, onde nem cheguei a entrar, pois Síxtus vinha já ao meu encontro com uma expressão diferente nos lábios.

—Onde está a mulher? Vamos trazer Petrônio aqui para fazer uma acareação. Sabe, Síxtus, ainda estou perplexo com isso e gostaria de ouvir tudo de novo, mas na presença dele aqui.

— Agora é tarde, Antônio. Essas mulherezinhas à toa não são muito resistentes. Logo haverá comida para os abutres.

Não foi difícil imaginar o fim da infeliz.

Seus concidadãos iriam dizer que ela tinha sido uma verdadeira patriota, pois tinha morrido por seu país, para salvá-lo dos invasores que éramos nós.

— Vamos logo, que eu quero ver a cara do infeliz. Quero deitar a mão nele antes de qualquer outra coisa.

Sérgio estava ao lado de Síxtus e também estava horrorizado, ante a perspectiva do desfecho

daquele episódio. O julgamento na caserna, a morte infamante, a desonra, sobretudo para sua família em Roma.

Parecia, no entanto, que os deuses do destino não haviam esgotado seu estoque de surpresas para aquele dia.

A frente da barraca de Petrônio estavam os dois sentinelas impávidos, sem mover um músculo.

= i. .p- Alguma coisa diferente?

—Nada, dómine, está tudo em silêncio como o senhor deixou.

Entramos na barraca e nova comoção nos sacudiu a todos.

Pendendo do teto, jazia inerte o corpo do poeta, balançando suavemente. Tinha se enforcado utilizando seu manto, preso à viga superior da barraca, deixando uma pequena tabuinha de cera por sobre a cama de campanha.

“Desculpem todos pelos transtornos que causei. Não queria colocá-los em má situação, mas vocês sabem que, na verdade, nunca fui mesmo um soldado.

Quando estiverem lendo essa mensagem, provavelmente já estarei longe, terei ido de uma vez.

Gomo último desejo, se é que ainda posso contar com isso, gostaria que tudo ficasse por aqui mesmo. Poupem minha família dessa vergonha, que nada tem a ver com o que ocorreu.

De resto, acho que nunca conseguirei pagar pelas consequências do que fiz.

Perdoem-me.”

Fiquei possesso e interroguei as sentinelas. Não tinham ouvido nada de anormal.

— Quero segredo absoluto. Pagarão com suas cabeças se algum comentário vazar em relação ao que aqui testemunharam.

Ficamos ainda longo tempo ali, frente ao cadáver, deliberando a respeito do que poderíamos fazer. Conseguimos a muito custo, Sérgio e eu, convencer Síxtus a encerrar o episódio por ali mesmo.

— Me escapou muito fácil o animal, mas tudo bem. Acedo ao seu pedido, Antônio, como um favor pessoal que passa a me dever daqui por diante. Deixo tudo a seu cargo e de Sérgio. Não quero mais ouvir nada a respeito desse caso, sendo que, para todos os efeitos, vamos dizer então que Petrônio teve um ataque repentino do coração e morreu. Isso, de resto não deixa de ser uma verdade, não é?

No dia seguinte, providenciamos a cremação do cadáver e enviamos as cinzas para seus pais em Roma, junto com seus pertences, na maioria livros e pergaminhos diversos, com os quais se distraía e divertia a todos com seus comentários.

Me senti especialmente culpado, porque tinha sido eu a insistir para que Petrônio entrasse para a Legião e nos acompanhasse, o que me tomava, praticamente, um co-responsável por tudo.

Ficamos naquela região mais alguns meses e retomamos a Roma, onde nos esperavam notícias não muito agradáveis.

No entanto, nada se compara com a alegria da volta para casa.

Durante nossa estada na Trácia, por várias vezes tivemos de voltar a Roma para tratar de algum assunto urgente, mas não era a mesma coisa do que voltar em definitivo e vitorioso.

Voltávamos como heróis e fomos recebidos pelo povo reunido, entrando pela via Nomentana, tal como era o costume de centenas de anos de vitórias.

Para comemoração de nosso retomo foram ordenados vários dias de jogos e lutas no anfiteatro, assim como distribuição gratuita de cereais, tudo pago pelo governo.

As coisas não iam muito bem para os Cipiões e o velho Emiliano estava às portas da morte, vitimado por terrível enfermidade que lhe comia os pulmões por dentro.

Tudo foi tentado, mas em vão: desde temporadas nas termas de Pompeia e Herculano até o recurso desesperado a magos e charlatães de todo tipo. A verdade é que o homem ia definhando diariamente a olhos vistos.

Fúlvia e Júlia, sentindo-se já libertas do jugo do marido e pai, entregaram-se logo à atividades

noturnas diversas na mais absoluta luxúria e dissipação, para grande desgosto do doente que assistia a tudo sem poder fazer nada.

Hipólita, mulher de Sixtus, preferiu continuar morando no campo a ter de conviver com sogra e cunhada, em tudo e por tudo desagradáveis a seus olhos.

A última vez que vi Emiliano com vida, ele mal podia falar, rosto já encovado qual o de um cadáver, não era nem sombra do homem forte que tinha sido. Naquele dia fui vê-lo, juntamente com meu pai, sem saber que no dia seguinte não mais estaria entre nós.

A mansão estava quase vazia e somente uns poucos servos davam assistência ao doente quando chegamos.

Conversamos longamente com o médico que ficava continuamente junto ao moribundo, o qual não nos deu maiores esperanças, prognosticando o desenlace fatal para qualquer momento.

Entramos no quarto, deixado meio na penumbra para não machucar os olhos do doente, que estava sentado em seu leito, apoiado em várias almofadas.

— Salve, nobre Emiliano, companheiro de jornada. Viemos visitá-lo e pedir os seus conselhos para uns negócios que estamos pensando realizar.

Meu pai tentava fazer de conta que tudo estava normal, mas não obteve muito sucesso, pois a aparência de Emiliano era tão pungente que falava por si.

A verdade é que após ficar doente, seus muitos "amigos" o tinham abandonado qual animal pestilento.

Chegamos mais perto para podermos escutar o que o doente falava, um leve murmurar fraco.

— Meus amigos, as mil torturas do inferno desabaram sobre meus ombros e agora ferozes adversários vêm cobrar as dívidas decorrentes de meus atos. Não sei como ninguém aqui impede a entrada dos canalhas, que se aproveitam de um velho doente e indefeso como eu.

Nós não podíamos ver, mas no plano espiritual havia uma algazarra muito grande pelos desafetos do moribundo, que esperavam avidamente pelo momento da vingança.

"Morre, desgraçado, anda logo, vem para cá, cair em nossos braços para podermos também exercer nossa justiça.

Meu filho foi morto por sua causa, seu infame, mas mesmo assim, apenas a morte dele não o satisfaria, não é mesmo seu crápula? Você tinha que torturá-lo antes, ver o rapaz em pedaços para ficar contente.

Pois agora é chegada a sua hora e não me escapará."

Emiliano ouvia a tudo com a audição da alma, já mais do lado de lá do que na matéria. Vez por outra, via as caras horrendas que lhe faziam, o esgar estarrecido das entidades que o rodeavam.

"E eu então, o que me dizem? Tenho mais direito à vingança do que vocês todos. Roubei para comer e sabe o que fizeram comigo, por ordem desse animal? Foram cortando todos os meus membros, um a um, para que eu desse nomes, pois haviam me confundido com um chefe de quadrilha.

De nada adiantaram meus pedidos de clemência e sem o meu concurso, minha mulher morreu na prostituição e meu filho foi vendido como escravo, morrendo também na viagem."

Eram vários depoimentos, tudo isso passando frente aos olhos e ouvidos espirituais do velho déspota.

Um profundo suspiro escapou de seu peito e seu rosto congestionado não lhe permitia mais falar. A intervalos espaçados, expelia golfadas de sangue, em acessos de tosse que faziam estremecer seu corpo.

Sáímos dali quando percebemos que Emiliano já não tinha mais posse de sua consciência, estando prestes a acertar suas contas com seus inimigos.

Naquela mesma noite, o moribundo subitamente distendeu seus membros e fechou os olhos.

Estava tudo acabado.

Durante muitos anos, na calada da noite, seu espírito perturbado vagaria erraticamente fugindo

de seus algozes, em gargalhadas insanas a ecoar pelas paredes do solar.

VIII - JUDEIA

Com a morte de Emiliano Cipião, Síxtus assumiu a casa e todos os bens do pai, abandonando seus projetos militares. Os cidadãos pertencentes à classe senatorial tinham essa prerrogativa e, além de uma cadeira no senado, acabou por assumir também importante cargo na administração do império, em função do que passou a dispor de instrumentos valiosos para alavancar seus próprios negócios.

A vida de Síxtus passou a se resumir em uma busca desenfreada por dinheiro e gozos materiais, juntamente com sua mãe e irmã, razão pela qual passei a vê-lo cada vez mais raramente.

A extrema crueldade com seus servos e escravos, bem como com seus próprios amigos, acabou por afastar de si todo relacionamento puro e sincero, cercando-o cada vez mais de elementos interessados apenas em tirar proveito de sua posição social e conseguir alguma vantagem material.

Em seu casamento, a vida em comum tomou-se praticamente inexistente, aumentando cada vez mais a distância que o separava de Hipólita e do pequeno Sílio, constantemente enfermo.

O destino aparentemente nos separava para sempre, mas haveríamos de nos encontrar mais adiante, em situação mais dolorosa para todos.

Não encontrava mais sentido em minha vida naquele dia-a-dia inosso da metrópole, pois não escutava as palavras que minha alma queria ouvir, o que me levou pouco a pouco a desenvolver um projeto alternativo e ousado em minha cabeça.

Passei a encarar com seriedade a perspectiva de partir para a Judeia, um desafio, com o objetivo de buscar a verdade sobre o desaparecimento de meu irmão Clódio. Movia-me a esperança distante, tendo em vista seu corpo nunca haver sido encontrado, apesar dos vários testemunhos dando conta de seu desaparecimento.

Em meu íntimo, nunca tinha aceitado tais explicações, simplesmente porque ninguém “desaparece” de repente, sem deixar rastros, a menos que houvesse desertado, o que não parecia possível nem a mim ou a meu pai, pois Clódio jamais se acovardaria a ponto de fugir do exército. Seus antigos companheiros também esposavam a mesma opinião quanto à sua bravura e coragem, o que também contribuía para aumentar em mim as suspeitas quanto ao caso.

Papai e mamãe tinham já aceitado a perda do filho querido e por isso, reagiram com pessimismo, quando contei sobre meus planos.

— Meu filho, precisamos aceitar os ditames do destino. Clódio foi um bom menino, um bom filho, amoroso, que nos deu muitas alegrias. Agora, certamente, deve estar usufruindo das recompensas no império, por ter sido uma boa pessoa e bom soldado. Vamos deixá-lo em paz.

Papai falava com amargura de seu filho-herói perdido. Na verdade a relutância dos dois prendia-se também à sensação de medo que tinham de não mais me ver neste mundo.

— Meu Antônio, sei que você está com o espírito cansado, sentindo as asperezas deste mundo que já torturam seu coração de jovem, mas não vá me trazer mais desgostos, pois você é hoje nossa razão maior de viver.

Mamãe tinha medo de me perder também naquela terra distante e o simples mencionar do nome Judeia trazia lágrimas a seus olhos.

— Sabe, mãe, nada mais faz sentido para mim nesta vida repetitiva e inútil aqui em Roma. Meu espírito anseia por algo mais, uma força desconhecida que não sei explicar me atrai para aquela terra. Sinto que preciso seguir minha estrela-guia, pois aqui ficando nada mais conseguirei senão um tédio enorme e uma vida de dissipação diária.

“Acredito que é lá que estão minhas respostas, numa nova vida, outras experiências, pessoas,

novas oportunidades, o esquecimento de minhas desditas. Não consigo esquecer Ana, a perfídia de Síxtus e as circunstâncias que cercaram o nascimento de nosso querido Silano.

Se eu perder essa minha vontade de procurar, de buscar pelo futuro, nunca conseguirei me libertar desse passado. Além disso, até mesmo em memória de meu irmão querido que conheci tão pouco, vejo-me na obrigação de continuar o seu caminho. Sinto que preciso ir mais além, ver as mesmas paisagens que ele viu, sentir as mesmas emoções que ele sentiu, completar, de alguma forma, as coisas que ele deixou por fazer e que ainda não sei quais são.

Não posso perder essa oportunidade de seguir as pegadas de Clódio, pois sinto que elas irão me levar ao encontro de meus próprios compromissos."

Na verdade, eu já havia tomado minha decisão e solicitado a Caio Lúcio, comandante da Legião, que me conseguisse uma transferência para uma das unidades estacionadas na Judeia.

Caio Lúcio conseguiu que eu fosse designado para a coorte "Itálica", uma "miliária" (composta por mil homens) com base em Cesareia e alguns efetivos em Jerusalém, sendo que minha partida estava prevista para dentro de um mês.

Ao final, meus pais entenderam minhas razões e, apesar da sensação de perda antecipada que sentiam, fizeram de tudo para tornar mais felizes os dias até a data de minha partida.

Na última semana, cuidei de tomar as diversas providências necessárias à viagem, despedir-me dos amigos, pagar dívidas e resgatar outros compromissos, além de intensificar meu preparo nas visitas à escola de gladiadores, juntamente com Seigius, meu companheiro inseparável que, ao saber de minha ida iminente, encontrou também uma maneira de ir junto.

As razões de Sérgius eram semelhantes às minhas, sentindo-se deslocado em um mundo que já não respondia às nossas aspirações, embora não soubéssemos ou tivéssemos consciência dos motivos concretos por trás dessa nossa opção. Por esse motivo, não conseguíamos traduzir nossas ansiedades em ações objetivas e a ida para a Judeia nos parecia, senão uma saída, um lenitivo para acalmar a sede inexplicável que sentíamos por um mundo novo.

O mais difícil seria o adeus às paisagens familiares e queridas da grande metrópole, onde mesmo o infernal barulho diário nos trazia sensações reconfortantes, lembranças da infância, das brincadeiras de nossa "turma", onde mesmo os locais onde colhemos os amargos frutos da incompreensão, onde deixamos enterrados nossos ideais da mocidade, nos traziam reflexos brilhantes na memória.

Quantas histórias tínhamos já por contar, mas, naquela hora, jamais suspeitaríamos que estávamos apenas no início da jornada, que nossa viagem à Judeia nos traria ainda muitos sonhos, esperanças, alegrias e dissabores, onde se daria a prova principal dessa nossa passagem pela Terra, a maior das oportunidades trazida amorosamente pelo Mestre dos Mestres.

Senti o cheiro conhecido da sopa de cenouras com cebolas e pequenos pedaços de carne, preparada carinhosamente pela nobre Elêusis no fogão de lenha, e, naquele momento, meu coração encolheu de saudade.

A silhueta de meu pai recortada na janela, a espiar para dentro de casa e piscando os olhos em um sorriso cúmplice para mamãe. Ele gostava muito daquela sopa e mamãe sabia transformar aqueles gestos simples em momentos especiais para todos nós.

— Ainda demora um pouco. Por que vocês não dão uma volta por aí? Dentro de uma hora poderão provar esta maravilha que estou preparando para meus heróis.

Senti mesmo que era verdade o que mamãe dizia, que papai e eu éramos seus heróis e jurei naquele momento não decepcioná-la jamais.

Sáimos eu, meu pai e Silano, dispostos a buscar água em dois grandes barris, levados no lombo de um burrico que possuíamos para esse fim.

Naquela época, as casas não dispunham de água encanada, a qual era trazida à Grande Cidade através de aquedutos que vinham da região dos Alpes até os locais de coleta pública, denominados

"castella" de água.

Logo depois, fomos andar um pouco a esmo pelas ruas, conversar com os amigos e conhecidos sobre as últimas notícias, dos quais eu aproveitaria também para me despedir.

A rede viária romana perdia-se num labirinto inextricável, anarquia de caminhos estreitos, sinuosos e fugidios, como se tivessem sido traçados aleatoriamente através da massa das gigantescas "insulae", casas enormes de até seis pavimentos que se escoravam umas nas outras.

Aquilo tudo era familiar, fazia eco e era estranhamente querido a meu coração... era a minha cidade. Ali, eu sabia onde estava, o que fazer, por onde andar, conhecia seus perigos, suas promessas, suas curvas voluptuosas, amante que me respondia na mesma moeda.

O fluxo ininterrupto de transeuntes para lá e para cá, lembra um rio de pessoas que os obstáculos a sua frente não impedem de se tomar torrencial. Nas inúmeras ruelas e becos humildes, longe de espelhar a grandeza do império, há todo um mundo, à sombra ou ao sol, que vai e vem, grita, negocia, se acotovela e empurra, formando uma estranha coreografia.

O tempo passou depressa e no dia da partida estreitava nos braços o pequeno Silano, choroso, que não queria me largar de jeito nenhum. Éramos muito apegados um ao outro, na verdade, desde o seu movimentado nascimento, e sentíamos bastante quando precisávamos nos separar.

— Antônio, você vai voltar, não é?

— Claro que vou, menino. Lembre-se de praticar os exercícios que lhe ensinei, senão não conseguirá entrar para a *Legião* quando crescer.

Silano era muito voluntarioso, mas parecia sentir uma dependência muito grande de mim.

— Vou tentar, mas sem você fica tudo mais difícil. Não sei se vou conseguir, além do que mamãe não gosta de me ver treinando.

— Olha, faça uma coisa. Na hora de treinar fale com papai, que ele já sabe o que fazer. Você sabe que papai foi o melhor soldado do exército no seu tempo.

Ele pareceu se conformar, mas logo apunhalou-me o coração com sua lógica infantil.

— E sim, Antônio... mas não vai ser a mesma coisa.

Lembraria muitas vezes daquele rostinho coberto de lágrimas.

— Vai sim, Silano. Procure não se meter em encrencas, está bem? Vou escrever para você contando as novidades e poderá ler as cartas para seus amigos.

Todos em nossa casa sabiam ler e escrever, por especial esforço de mamãe, que fazia disso uma questão de honra pessoal. Ela dizia acertadamente que quem não sabia ler e escrever não saberia pensar e decidir seu próprio destino.

Era hora de embarcar, hora de dar um último e apertado abraço em papai.

— Que os deuses o protejam, filho, que você consiga encontrar o que procura e seu coração anseia. Muito cuidado por lá e nunca se esqueça de nós, que o esperamos de volta.

Não consegui dizer nada. Mamãe não tinha vindo, preferindo ficar em casa a sentir a dor de perder um filho pela segunda vez.

Subi pelo pranchão de embarque e quedei na amurada, acenando aos dois entes queridos, até sua imagem sumir na distância, Silano nos ombros de papai.

Finalmente só comigo mesmo e meus sonhos, meus projetos na nova terra, a esperança de descobrir alguma coisa sobre o desaparecimento de Clódio, mas, na realidade, na busca por minha própria estrela, perdida não sei onde.

Milhões de pensamentos passaram pela minha cabeça ao longo da viagem.

Oh, Ana! Se você não tivesse sido imprevidente, se tivesse me escutado, quem sabe estaríamos agora juntos para sempre, gozando nossa felicidade, talvez com Silano, que poderia bem ter sido meu próprio filho.

Ora, mas o que estou dizendo? Na verdade Silano era meu filho do coração, independente de não ter sido gerado, fisicamente, por mim.

Silano tinha ainda todo um caminho a percorrer, todas as oportunidades do mundo, enquanto Ana..., Ana... esta era uma flor que tinha sido colhida antes de desabrochar. Quanta injustiça, pensei, que tanto esperava ela da vida e quão pouco colheu.

Seu semblante ia ficando em minha lembrança como a costa da Itália, cada vez mais longe até desaparecer totalmente no mar, ficando apenas a saudade do perfume inebriante de sua alma fugitiva.

A enorme galera, uma trirreme chamada "Roma", singrava velozmente o Mediterrâneo a partir de Óstia, juntamente com dezenas de outras naus da mesma classe, seguidas por outro tanto de naves repletas de soldados, para fazer face à ação dos inúmeros grupos de piratas que infestavam aquelas águas.

Seguia também em outra galera, o procurador Pôncio Pilatos, que retomava à Judeia depois de passar uma temporada na capital do império cuidando de seus inúmeros negócios.

Minha designação tinha sido justamente a de servir junto à procuradoria da província, na coorte "Itallica" com base em Cesareia e portanto, deveria trabalhar muitas vezes junto ao procurador.

Ao longo dos intermináveis dias de viagem, aproveitamos para estreitar os laços com nossos companheiros de unidade que seguiam no mesmo barco.

Sérgius estava bastante animado, na expectativa de novas aventuras. Ele era mais aventureiro, neste sentido, do que eu e procurava emoções, enquanto no meu caso a procura tinha um significado maior e mais oculto, que ainda precisava descobrir.

Viajavam conosco na "Roma" vários soldados e oficiais cujo destino era o mesmo, cada um com sua própria motivação, objetivos a atingir, sendo em sua grande maioria estrangeiros, gauleses, frígios, que preferiam formar grupos à parte a confraternizar conosco, romanos.

As muitas noites no mar ensejaram várias oportunidades para reflexão acerca do passado, especulando sobre as razões de nossas ações, estimulando a imaginação quanto ao que poderia ter sido.

Senti muita pena de Hipólita e do pequeno, pois sabe-se lá o que Síxtus poderia estar fazendo para infernizar ainda mais sua vida.

Naquela época, apesar de esposar, em tese, os ensinamentos pitagóricos, eu ainda não entendia direito as razões e as relações de causa-efeito que nos prendiam a todos no mesmo trecho da estrada. Estávamos vivendo então em um mundo carente de valores, de um vetor que nos dirigisse seguramente rumo à evolução espiritual, carência esta que seria suprida depois com a chegada de Jesus.

A teia de compromissos que nos ligava, ainda estava longe de ser resolvida e o futuro imediato logo se encarregaria de nos colocar à prova.

Após um arrastar penoso por mais de um mês, chegamos, finalmente, ao porto militar de Cesareia, magnífica obra de engenharia.

O fabuloso porto, semicircular e construído com enormes blocos de calcário branco, seguindo as diretrizes do grande arquiteto Vitruvius, era bem um notável exemplar da engenharia marítima dos romanos.

Tinha perto de duzentos metros de comprimento e era destinado, especificamente, à frota de guerra e embarcações de recreio. Ali, a vida palpitava e era incessante o tráfego de homens e mercadorias procedentes de todo o mundo conhecido de então.

Ao longe, o mar purpúreo, verde e branco do poente, cessava sua movimentação arrebatando-se nas escarpas sobre as quais se elevava a enorme fortaleza do governador.

Estávamos todos admirados com o que víamos, pois esperávamos chegar a um local "bárbaro", sem nenhum conforto, ou com poucas edificações e muita pobreza.

Depois, em minhas andanças, eu descobriria, de fato, muita pobreza, mas, naquele momento, estava mudo em função da grandiosidade que testemunhava daquela obra esplêndida.

Descemos e verificamos que Umídio Décimo, tribuno da "Itallica" estava já a nos esperar.

— Salve, nobre Antônio, ouvi muita coisa a seu respeito, principalmente contadas pelo nobre Caio Lúcio, com quem minha família mantém estreitos laços de amizade. Assim, é grande nossa expectativa sobre seu desempenho por aqui, pois precisamos de gente com pulso firme para tratar com esses bárbaros.

Umídio Décimo era o tribuno da coorte, mas na realidade o peso das ações repousava sobre os ombros dos comandantes efetivos de tropa, nós os centuriões, pois naquele caso como em muitos outros, ele aproveitava a influência política de sua família para exercer sua prerrogativa de "comando".

Entretanto, era sincero e gostei de seu jeito, pois aparentava ser alguém de fácil diálogo e entendimento. Muito tempo depois, os fatos atestariam o aceito de minhas impressões iniciais, pois Umídio tomou-se um influente político e grande orador.

— Salve, Umídio Décimo. Espero corresponder às suas expectativas, ainda mais sabendo que falou por mim o nobre Caio Lúcio, com quem tive a honra e o prazer de servir.

"Este é Sérgio, meu "optio", companheiro de longas jornadas e que lhe apresento também como excelente soldado e homem de palavra.

Estou muito impressionado com tudo aqui. Não esperava, de forma alguma, encontrar obras tão grandiosas, superando mesmo o que temos na própria Roma. Se o restante for igual ao que vemos, temos que concordar que a Judeia é de fato um país muito rico e devemos tomar cuidado para não sermos conquistados porque, se dispõem de tantos recursos, deverão, certamente, dispor de muita organização política e militar".

Umídio soltou uma sonora gargalhada.

— Realmente, Antônio, todos que aqui chegam invariavelmente tem a mesma impressão que você, mas a realidade é bem outra, como logo descobrirá.

"Poderia conversar durante muito tempo aqui com você e colocá-lo a par da real situação, mas não vou estragar a surpresa. Quero que vocês mesmos descubram, à medida em que forem se enfronhando em suas atividades.

E, de fato, um país de contrastes, com muitas coisas interessantes, que ensejariam mesmo toda uma vida de aprendizado, mas, por outro lado, convivendo também em muitos aspectos com um primitivismo atroz.

Por ora vou deixá-los, porque devo recepcionar o governador e sua mulher. Sálvio vai ficar com vocês para levá-los até os alojamentos e ficará à sua disposição.

Amanhã, pela manhã, espero os dois na fortaleza para apresentá-los oficialmente ao governador, por isso procurem chegar bem cedo para conversarmos um pouco de modo a que eu possa colocá-los em dia com a situação, assim como posicioná-los a respeito do próprio Pilatos, que é sem dúvida uma personalidade bastante peculiar".

Despedimo-nos e ficamos com o ordenança que deveria nos servir daí em diante.

Sérgio estava também impressionado com a grandeza de Cesareia e, como eu, ansiava por dar uma volta e conhecer o local.

Era mesmo uma linda cidade, fundada por "Herodes, o Grande" e edificada, intencionalmente, para ser essencialmente romana, inclusive em seus costumes. A intenção de Herodes tinha sido homenagear o imperador César Augusto e, logo após sua fundação, as autoridades romanas converteram a cidade em capital administrativa e militar da província.

Apesar da grande curiosidade, resolvemos deixar o "turismo" para o dia seguinte e nos dirigimos, diretamente, até os alojamentos de nossa unidade, logo anexo às instalações do porto.

Fizemos uma rápida toailete e solicitei a Sálvio que nos levasse a uma taberna, pois desejava um pouco de música e barulho para espantar a infinita saudade que sentia de casa.

Chegamos a uma típica taberna romana, denominada "Augusta" que, como quase tudo por aii,

procurava homenagear, com seu nome, ao antigo e augusto imperador.

Parecia que tudo tinha sido meticulosamente estudado para nos deixar à vontade, e a verdade é que Cesareia era mesmo mais uma cidade romana, apesar de se encontrar tão longe da península.

O barulho dos soldados bebendo, os risos, as piadas e o entrecocar de canecas de vinho tiveram o dom de me acalmar um pouco, dando-me a impressão de estar entre pessoas com nossos mesmos costumes.

— Venha, domine, vou guiá-lo até uma mesa vazia.

O "gerente" da casa, reparando em meus trajes de oficial graduado, tratou logo de nos arrumar uma mesa discreta em um canto mais afastado, embora tivéssemos uma visão panorâmica de todo o recinto.

Pedimos uma jarra de "chianti" e queijo, para comemorar nossa chegada.

Não tardou muito e logo chegava à nossa mesa um centurião de nome Aulus, que convidamos a sentar e beber conosco.

— Salve, companheiro, vejo que são recém-chegados. Vieram na frota que chegou hoje? Soube que o governador estava meio difícil.

— Salve. Chegamos hoje, mas nada sei sobre o governador. Na verdade, Umídio deverá nos colocar a par da situação, pela manhã.

O velho soldado relanceou os olhos ao redor da mesa antes de continuar.

— Então, você é Antônio, nosso "primipilus" da "Itallica".

Permita que eu lhe dê algumas informações que poderão ser úteis para a reunião de amanhã.

Olhou para Sérgio, meio preocupado.

— Este é Sérgio, meu "optio". Entretanto, é mais meu amigo do que subordinado, por isso pode falar sem reservas. Tudo o que sei ele sabe também.

Tomou um gole antes de continuar.

— Nosso governador, como você irá perceber ao longo do tempo, é uma personalidade muito difícil de tratar. Ninguém consegue adivinhar o que lhe passa pela cabeça, pois, via de regra, suas ações são contraditórias às suas palavras.

"As vezes, tem-se a impressão de que ele está satisfeito, mas, logo em seguida, toma atitudes punitivas, não sendo raros os casos de castigos, aparentemente sem razão.

Hoje mesmo, quando da chegada ao porto, logo ao descer, ordenou a Umídio que prendesse o ordenança que servia a Prócula, sua esposa, sob a acusação de desrespeito."

Olhei dissimuladamente para Sérgio, pois tive a desagradável sensação de que aquele homem procurava ganhar minha confiança com algum objetivo oculto, o que me desagradou de pronto.

As discussões acaloradas entre os soldados aumentava cada vez mais e uma voz tímida começou a entoar uma canção, sem contudo contagiar ninguém.

— Caro Áulus, parece que você não está muito satisfeito com Pôncio, não é mesmo? Há quanto tempo está aqui?

Sérgio era muito direto, às vezes até demais, qualidade esta que admirava, apesar de vez por outra colocá-lo em dificuldades.

Áulus pensou um pouco antes de responder e notei que havia uma certa perturbação em seu olhar.

— Ora, meu caro "optio", não vai aqui nenhum julgamento, mas creio que seria interessante vocês terem, desde já, uma visão do que irão encontrar por aqui.

"Não se deixem enganar pelo que seus olhos vêem. Existe muita majestade por aqui, na riqueza e mesmo na pobreza, bem como na crueldade.

Vocês que vêm da metrópole, onde tudo funciona, têm lá seus amigos, esposas e filhos, por certo, haverão de sentir ainda muita falta de tudo, pois as coisas aqui ocorrem movidas pelo interesse, se é que me entendem."

Fez um gesto significativo com as mãos.

— Temos muitos soldados da fortuna nesta região, porque qual outra razão poderia mover alguém para vir lutar e talvez morrer neste fim de mundo?

“Aqui, cada um procura se cercar de amigos que tenham objetivos em comum, porque, desse modo, fica mais fácil atingi- los.

Será justo que alguém viva os melhores anos de sua vida neste buraco e volte para casa somente com um tapinha nas costas? Pensem nisso.

Agora, vou lá para trás do bar, ver se consigo arranjar algum dinheiro no jogo de ossinhos. Porque não me acompanham?”

O homem já estava um pouco “alto” e, por prudência, resolvemos ficar por ali mesmo, despachando-o a passos trôpegos por entre as mesas, rumo a um aposento meio camuflado, onde se disputavam animadas partidas do assim chamado “jogo de ossinhos”, muito popular naqueles tempos apesar da proibição oficial.

Sem dúvida, havia interesses ocultos nas palavras de Aulus, e para mim estava claro que minha chegada tinha despertado receios nas pessoas. Isto me colocava de sobreaviso e fechava, mais ainda, minha guarda.

Pensando bem, aquela conversa, longe de me trazer preocupações, tinha-me sido de grande utilidade e, então saberia, mais ou menos, como agir quando chegasse a hora.

Alguém começou a cantar uma antiga marcha militar, da época de Mário segundo alguns, e logo estávamos também na “farra” fazendo coro e batendo canecas nas mesas.

Ainda hoje pareço viver novamente aqueles momentos de pura alegria, onde o companheirismo podia ser sentido no ar, respirado, o vinho correndo à vontade, às vezes um rostinho de mulher bonita a nos sorrir.

Era pura poesia, a parte encantada de um romance ambientado numa época por si mesma cruel.

IX - PÔNCIO PILATOS

No dia seguinte acordamos mais cedo do que de costume para atender à solicitação de Umídio, tribuno da “Itallica” e meu chefe teórico, que desejava trocar algumas ideias antes da minha apresentação oficial a Pôncio

Tomamos um rápido desjejum e demandamos à fortaleza do governador, sempre guiados por Sálvio, nosso ordenança designado.

Ao sairmos dos alojamentos, verificamos que a cidade, mesmo àquela hora, regurgitava já de gente de todo tipo, atestando que Cesareia havia acordado muito antes de nós.

Sem tempo para conhecer melhor as redondezas, nos dirigimos a passos rápidos, abrindo caminho por entre a multidão compacta, que parecia tomar conta de todos os espaços disponíveis nas ruas. Por instantes, tive a impressão de estar num dos bairros de Roma, com sua visão cosmopolita, mas as ruas e casas de Cesareia eram incomparavelmente mais limpas e planejadas.

Caminhávamos em silêncio, eu pensando na rápida e etílica conversa tida com Aulus na noite anterior.

Como seria o governador? Cruel? Despótico? Será que isso poderia impedir minha liberdade de ação para as providências que tencionava tomar? E quanto a investigar as circunstâncias da morte de meu irmão?

A morte de Clódio tinha ocorrido há cerca de dez anos. Será que alguém ali ainda se lembraria dele? Dez anos representam muito tempo, mas um “não-sei-o-quê” me encorajava a não perder as esperanças.

Comentei com Sálvio sobre o caos daquelas ruas.

— Isso não é nada, domine, quero ve.' o que vai dizer quando conhecer Tiberíades. Lá realmente

podemos falar em caos.

"Esta é a cidade do governador e ainda recebe muitas atenções de nossa polícia, razão pela qual o grosso dentre malfeitores e ladrões acaba por ficar fora dos muros. No entanto, precisando fazer dinheiro com o produto de suas ações, adivinhe para onde eles vão? Tiberíades, é claro, onde existem menos efetivos disponíveis para coibir esse tipo de atividade."

Fiquei impressionado com a quantidade de mendigos, falsos e verdadeiros, cegos, coxos, caolhos, enfim, de todos os tipos de moléstias, que infestavam as ruas. Calculei que, se alguém quisesse percorrer aquelas ruas dando uma moeda a cada pedinte, certamente teria que voltar pedindo, porque não sobraria nada.

Os lamentos dos pedintes, os barulhentos pregões dos comerciantes, carregadores e aguadeiros naquela atmosfera já densa e sufocante àquela hora da manhã, entre poeira, suor e balidos de ovelhas, formavam o pano de fundo para o cotidiano da vida de seus moradores.

Simpatizei com Sálvio, que me parecia de confiança, resolvendo transformá-lo, oficialmente, em meu ordenança pessoal. Além disso, tal providência poderia facilitar e tomar mais rápida a minha "iniciação" naquele mundo novo.

A única informação que tinha sobre o governador referia-se ao já célebre episódio por ele protagonizado, envolvendo os retratos de Tibério logo quando de sua chegada à província.

Em aberto desafio, Pôncio mandou afixar em toda Jerusalém, inclusive no próprio Templo, várias efígies enormes do imperador, causando espanto e provocando o rancor do povo judeu e, mais ainda, dos sacerdotes, tendo em vista que nenhum de seus antecessores, respeitadores de uma tradição que proibia as imagens, havia ousado cometer tal despropósito.

No mesmo dia, milhares de indignados e enfurecidos judeus viajaram até Cesareia, exigindo a imediata retirada das efígies, permanecendo por longo tempo às portas da fortaleza em vigília ininterrupta.

Pôncio apareceu então para a multidão revoltada e declarou que se todos, independente de serem homens, mulheres ou crianças, não aceitassem e honrassem os retratos de Tibério, seriam aniquilados sem piedade. No entanto, os judeus, mesmo ameaçados tão rudemente, em aberto enfrentamento às armas dos soldados romanos, arrojavam-se ao chão, declarando aos berros ser melhor enfrentar a morte corajosa a baixar a cabeça ante tal sacrilégio.

Nesta hora, o governador, exibindo uma volubilidade típica dos psicopatas, reformulou suas ordens determinando o recolhimento das efígies para o interior da fortaleza Antônia, em Jerusalém. Entretanto, corria à boca pequena mas de fonte segura, que Caifás o sumo-sacerdote e seus seguidores haviam repassado grande soma em dinheiro aos cofres do governador, com a dupla finalidade de compensar sua "magnanimidade" e aparecer ao povo como negociadores de sucesso.

Continuávamos nossa caminhada e logo chegamos aos dois altos e estreitos portões da fortaleza de Cesareia, que deveria ser o ponto de partida de minhas atividades junto ao governador.

A sentinela prestou a continência de praxe e, ao notar meu uniforme e o ramo de videira simbólico em minhas mãos, apressou-se a informar Umídio de minha presença.

Logo estávamos percorrendo o intrincado labirinto da grande edificação, aproveitando o tempo para troca de algumas impressões.

De fato, a residência do governador era mesmo quase que um labirinto na acepção da palavra, exibindo uma confusa disposição de escadas, corredores, pátios interiores, passadiços e outras dependências. Imaginei que, em caso de algum imprevisto, se fosse necessário evacuar o local rapidamente, tal só seria possível aos "iniciados" naqueles tortuosos caminhos, havendo mesmo uma chance real de alguém menos avisado se perder por ali.

Pelas diminutas janelas dos corredores era possível ter uma visão panorâmica da luta do Mediterrâneo, encrespado peio forte vento vindo do leste.

Adentramos finalmente um salão de audiências especiais, bastante amplo e ricamente adornado

no mais puro gosto romano, com variadas estátuas e pinturas distribuídas por todo o aposento, o qual era cercado ainda por não menos valiosas tapeçarias e pontilhado de vasos de plantas exóticas, estrategicamente colocados para proporcionar uma agradável tonalidade verde e espalhar delicado perfume pelo ambiente.

O mobiliário era composto basicamente por uma mesa grande, uma poltrona à guisa de trono e alguns tamboretas, com um grande número de almofadas de vários tamanhos e cores pelo chão.

— Sabe, Antônio, na verdade não sei se hoje é um bom dia para as apresentações a Pôncio, pois ele já está reunido com o sumo-sacerdote Caifás, que veio acordá-lo muito cedo e aniquilar qualquer possibilidade que pudesse ter de bom humor.

“Na verdade, talvez seja bom para que você aprenda mais depressa com quem vai trabalhar, porque vai testemunhar o que de fato ele é, sem disfarces.

Agora, vamos até o salão principal onde ocorre a reunião.”

Mentalmente, pensei que Umídio estava com a razão, ou seja, se eu estava designado para trabalhar com o governador, melhor seria conhecer desde logo suas particularidades, quaisquer que fossem.

Saímos dali e passamos para um salão maior, muito mais grandioso em suas dimensões e acabamento, de onde vinham sons de discussão, onde algumas pessoas se dirigiam em altos brados umas às outras.

No centro do salão, em pé, ao lado de um trono ricamente trabalhado, um homenzinho pequeno e gordo bufava furiosamente com seus interlocutores.

— Venha Antônio, vamos ficar por aqui e observar. Aqueles homens de preto são sacerdotes judeus e aquele mais exaltado com uma espécie de gorro na cabeça é Caifás, o sumo-sacerdote, o chefe supremo de sua religião, mas que também enfeixa em suas mãos um grande poder político, sendo esta a razão pela qual Pôncio se dispôs a recebê-lo a uma hora dessas.

O sacerdote chamado Caifás estava bastante exaltado.

— Você precisa dar um jeito nisso e prender o impostor. Ele está solapando toda a autoridade constituída bem debaixo de seu nariz e você não percebe.

— Ora, Caifás, você delira. Como pode um homem em sua posição enxergar uma ameaça num pobre coitado, demente, um andarilho do deserto.

“Além disso, como poderei fazer alguma coisa? Se mandar prender o pobre cairei no ridículo, além do que ele, na verdade, não fez nada e não representa nenhuma ameaça ao império.”

— Pôncio Pilatos, grande governador romano, talvez não consiga perceber a ameaça representada por esse homem, mas logo mudará de ideia.

Olhei interrogativamente para Umídio.

— Umídio, o que eles estão falando? Quem é esse homem ameaçador do qual fala o sumo-sacerdote?

— Ninguém com quem devamos nos preocupar. Caifás tem verdadeira aversão por um pregador judeu que, se não me engano, vem de Nazaré, uma das regiões em que se divide a província.

“Ele acha que este pregador, de nome Jesus, já foi longe demais, pois suas pregações reúnem milhares de pessoas que vão ouvi-lo, na maioria pobres escravos e deserdados de toda espécie.

Tão cedo você vai aprender que os judeus têm muitos profetas, sua religião tem pregado o aparecimento de muitos deles.

Claro que mandamos investigar o nazareno, pois não podemos correr riscos, de maneira alguma, principalmente em uma terra distante e diferente como esta.”

Enquanto falávamos, a discussão entre o governador e seus convidados prosseguia acalorada.

Notei ao lado de Pôncio, encostado em uma das colunas, o meu interlocutor da noite anterior, o centurião Áulus, acompanhado de meia dúzia de soldados, que a tudo assistia atentamente, pronto a intervir, caso necessário.

— Nossas investigações revelaram que esse tal de Jesus é inofensivo e não significa nenhum perigo ao império, o que significa que não compensa maiores esforços de nossa parte.

“Como falei, é na realidade mais um pregador, dos muitos que têm aparecido por aqui. Veja você que este homem é filho de um carpinteiro, de família pobre e muito humilde, igualmente a seus seguidores também miseráveis em sua maioria.”

Os berros prosseguiram e Caifás parecia não se dar por vencido.

— Mas Pôncio, majestade, temos várias testemunhas que o ouviram se declarar rei dos judeus, o que vai contra os interesses do império.

— Ora homem, deixe de bobagens. Rei, você disse, mas onde está o seu exército? Por acaso se refere àquele monte de famintos^ bastardos e escravos? Caifás, você me faz rir.

— Aqueles famintos e bastardos podem vir a se armar algum dia, romano, não se esqueça dos zelotes.

A referência ao grupo revoltoso armado dos judeus deixou o governador rubro de cólera.

— Você não tem o direito de vir aqui me pedir um disparate desses! Há alguns anos você veio me procurar e pedir para prender um tal João Batista, porque ele era uma ameaça, falava contra Roma, enfim, com os mesmos argumentos que ora escuto contra esse Jesus.

“Muito bem, prendemos o tal João Batista e Herodes lhe cortou a cabeça. Durante muito tempo fui motivo de chacota em Roma e prometi a mim mesmo nunca mais fazer uma besteira daquele tamanho.

Por isso, se quer prendê-lo, vá em frente e faça-o logo. Mas, se o homem for inocente e apelar ao meu julgamento, terei de soltá-lo e, depois do que conversamos aqui, pode estar certo de que o farei, nem que, para isso, eu tenha de jogar você e todos os seus malditos sacerdotes no seu precioso rio Jordão.”

Isso pareceu acalmar um pouco os ânimos belicosos dos exaltados judeus.

— Governador, você ainda há de me dar razão quando esse povo começar a lhe trazer problemas de verdade e então, vai me procurar pedindo ajuda.

—Fala muitas asneiras, Caifás, o que me deixa impressionado para um homem de sua posição.

“Em primeiro lugar, não preciso de sua ajuda.

Em segundo lugar, saiba você que conheço perfeitamente as verdadeiras razões que o trazem aqui com esse absurdo pedido.

Sabe porque você não prende o homem? Porque você tem medo dele e, até mais do que isso, medo da reação do povo, que, na verdade, o admira e idolatra, deixando pouco a pouco suas lindas sinagogas às moscas.

Sabe porque você não prende o homem, Caifás? Porque você é um covarde e, além disso, ao fazê-lo estaria, rapidamente, pendurado numa cruz pelos seguidores exaltados do nazareno.

Por isso, antes de vir aqui me amolar com sua covardia, é melhor olhar para seu próprio rabo e ver onde está preso.”

Agora era Caifás que enrubescia, claramente envergonhado de sofrer tal descompostura na frente dos seus.

— Sabe, Antônio, este é Pôncio Pilatos, o governador. No entanto, não se engane, pois se tivesse algo a lucrar com a morte do nazareno, este teria já sumido do mundo dos vivos há muito tempo.

Os hebreus já se preparavam para sair, profundamente desgostosos.

—Esperem um pouco. Umídio, traga nosso novo comandante da coorte para apresentá-lo aqui aos nossos amigos.

A fisionomia de Pôncio tinha sofrido então incrível mudança. Estava já alegre e expansivo, em contraste com seu ânimo de segundos atrás.

— Salve, nobre Antônio. É esse o seu nome, não é? Venha conhecer a Caifás, um dos maiores imbecis de todos os tempos e seus meninos.

Falava com um sorriso nos lábios e tive que me esforçar muito para não rir também da cara de espanto dos sacerdotes.

— Venha Umídio, chegue também mais perto e vamos tomar um vinho em homenagem a nossos visitantes.

Umídio divertia-se também com a situação inusitada.

— Salve, Pôncio, vejo que já conhece nosso novo centurião- chefe e, por isso, não vou gastar muito tempo com maiores apresentações, a não ser que vem recomendado por nosso bom companheiro, Caio Lúcio.

A figura de Pôncio Pilatos era bastante singular, ou seja, era virtualmente impossível não notá-lo em qualquer lugar. De estatura relativamente baixa, se considerarmos os padrões da época, exibia uma barriga pronunciada, denunciadora do exagerado apego aos prazeres da boa mesa, além do quê, normalmente usava uma peruca colorida na tentativa de disfarçar seu acelerado processo de calvície.

Naquela ocasião, usava uma túnica leve e simples, adornada com brocados de ouro na altura do pescoço e nas mangas, com um cinto de linho trançado na volumosa cintura.

Seu rosto intumescido e naturalmente rosado refletia inúmeras noitadas de libações alcoólicas, formando um conjunto mais ou menos sensual com seus lábios carnosos e seu olhar de constante enfado, o que quase sempre deixava seus interlocutores em posição desconfortável.

Como pudemos ver naquele momento, Pôncio não tinha a menor preocupação e nem se dava ao trabalho de qualquer saudação ou cortesia para com seus hóspedes.

— Ah! Caio Lúcio é muito meu amigo, pois já tivemos grandes momentos juntos. No entanto, sei também que vem recomendado por Síxtus Cipião, filho de Emiliano e assim, não consigo decidir se gosto ou não de você.

Nessa altura, a conversa mudou completamente o centro de gravidade dos sacerdotes para a minha pessoa, razão pela qual o governador tratou de despachar seus incômodos "aliados" com rapidez, sem mesmo uma palavra de despedida, enviando, para isso, Aulus e alguns soldados.

Sem prestar atenção na saída do pessoal, passou a me rodear e a inspecionar avidamente, com seus olhos miúdos, trazendo-me algum mal estar pelo exame inesperado.

—Ora Umídio, parece que temos aqui um soldado de verdade, ao invés daquela marmota que os deuses fizeram-me o favor de levar.

"Soube que lutou nas Gálias... muito interessante. Os homens que vêm do campo de batalha realmente podem ser chamados de homens, dispostos a morrer pela pátria. Não é isso, centurião?"

— Sim, nobre Pôncio, todos nós temos a missão de fazê-lo, caso necessário, e as ocasiões para isso aparecem todos os dias, não é mesmo? Testemunhei vários companheiros partirem alegremente desse mundo, quando em combate, sem ouvir uma só queixa.

Pilatos era cínico por natureza e seu temperamento volúvel e imprevisível colocava sempre a todos na defensiva, como puderam sentir os infelizes sacerdotes. No entanto, seu maior desconforto acontecia quando se achava em presença de alguém sem medo, imediatamente encarado como ameaça por seu cérebro doentio.

Fez um longo silêncio, parecendo meditar, antes de completar.

— Ninguém parte desse mundo alegremente, meu caro.

"Antônio, como militar e combatente de longa data, sei que não é preciso lembrá-lo que seus deveres continuam os mesmos por aqui, ou seja, obediência e disciplina, para a glória maior de Roma".

Ele parecia falar cinicamente, numa espécie de provocação.

De repente, fuzilou-me com o olhar.

— Morrerá por mim, centurião?

Devolvi-lhe o olhar uma vez que, apesar do espanto misturado à curiosidade, definitivamente não

sentia medo daquele homem.

— Tudo farei para a glória maior de Roma.

Ele pareceu registrar mentalmente minha resposta.

— Morrerá também por mim, centurião?

Era uma voz feminina, a esposa do governador, que entrava no recinto.

— Ouvi gritos de discussões. Será que perdi alguma coisa?

Cláudia Prócula era uma mulher bonita, cerca de quarenta

anos, de corpo fino e delgado, com aproximadamente a mesma altura do marido. Como eu verificaria depois, era inteligente e de uma perspicácia analítica, nada escapando à profundidade de seus olhos castanho-escuros.

Fiquei impressionado com a governadora, cujos olhos pareciam ter luz própria e irradiavam uma serenidade não encontrada no ambiente que nos cercava.

Seguindo a moda da época, usava normalmente uma peruca de cabelo preto natural, com uma franja horizontal que escondia sua fronte, caindo sedosos e brilhantes por sobre os ombros até a altura das costas.

— Salve minha querida. Não se preocupe, pois já resolvi tudo e despachei aquela turma de insolentes. Espero não voltar a vê-los tão cedo.

— Falavam novamente sobre o profeta nazareno? Mas que insistência incômoda. Na verdade, eles temem o homem e sua multidão de seguidores, pois receiam perder a base de poder que ora desfrutam, isto sem falar, é claro, no dinheiro envolvido em suas múltiplas atividades de caráter "religioso".

"Não gosto dessas pessoas e por isso chego até a sentir simpatia pelo nazareno e torcer por ele. Tenho curiosidade de vê-lo e ouvi-lo, saber o que leva milhares de pessoas a segui-lo e venerá-lo tão intensamente."

— Ora Prócula, se fosse vê-lo, não teria, decerto, nenhuma surpresa, posto que todos eles se parecem. Com relação ao medo que sentem, creio que sua interpretação está correta, pois nossa polícia secreta e seus informantes têm nos trazido informações neste sentido.

Embora não se ocupasse pessoalmente das atividades da coorte, coisa que eu teria que fazer, Umídio tinha especial prazer em tratar dos assuntos da polícia secreta e sua rede de informações espalhada pela província.

O que eu não sabia era que Cláudia, em pessoa, tinha já comparecido, em várias oportunidades, às pregações do Mestre.

Pude notar um brilho diferente nos olhos da governadora enquanto Umídio falava, o que me trouxe a sensação de que havia alguma coisa a mais no ar, por ali. Mais tarde, eu saberia que Cláudia, apesar de ser uma mulher de elevados princípios, esmagada sob o peso de um marido volúvel, cínico e muitas vezes violento e depressivo, tinha um caso com o tribuno militar.

Na verdade, Pôncio também sabia, mas nada fazia, movido pela intrincada rede de interesses que governava seus atos, a começar por seu próprio casamento, realizado devido à importância da família de sua esposa.

Como a maioria dos matrimônios romanos, aquele não se assentava nas bases do amor, mas sobre interesses políticos de ambos e de suas famílias. A sensibilidade de Cláudia, no entanto, a tinha tomado uma pessoa magoada, com uma espécie de permanente estado de tristeza na alma, o que lhe competia ocultar, face à elevada posição do marido.

— Vou anotar suas observações, Umídio, mas ainda assim tenho curiosidade em assistir a uma das pregações do profeta.

"Mas o novo comandante militar não respondeu à minha pergunta. Morreria por mim, soldado?"

— Pode ter certeza, nobre Cláudia, que darei minha vida várias vezes se necessário for, se, com isso, puder preservar a integridade deste governo. Sou um soldado a serviço de meu país e acredito

nos deuses que nos regem os destinos, razão pela qual tenho plena convicção que nossa hora já está definida nos livros do destino, traçada por mãos poderosas que tudo fazem para o bem do ser humano.

Pôncio pareceu espantado com minha resposta.

— Vejam só, que temos um pitagórico entre nós. Prócula vai gostar muito de conversar com você. E depois, fixando um olhar significativo em Umídio:

— Parece que você terá um concorrente à altura, caro Umídio.

Cláudia sorriu, desafiadora.

— Tem razão, Pôncio querido. Parece que Antônio tem alguma coisa a mais que vento na cabeça, ao contrário de muitos dos seus amigos judeus.

Sem nada dizer, nem cumprimentar ninguém, em um comportamento típico, Pôncio saiu do salão e desapareceu no interior da fortaleza, deixando-nos a sós.

Nisso, voltava o centurião Aulus de sua missão de "despachar" os visitantes.

A governadora, por sua vez, despediu-se também, pronta para seus outros afazeres diários:

Muito bem, Antônio, seja bem vindo e espero venha nos visitar sempre com o nobre Umídio, para trocarmos algumas ideias sobre as correntes filosóficas.

Após isso, Umídio, Aulus e eu nos reunimos no salão anexo, onde, inicialmente, tínhamos chegado.

— Como vê, Antônio, as coisas por aqui são bem diferentes das Gálias, não é verdade? Mas logo vai se acostumar. Vou deixá-lo a sós com Aulus, pois algumas pessoas estão me aguardando.

A sós com Aulus, pude, então, dar início às tarefas típicas de meu comando.

Resolvi, em primeiro lugar, fazer um reconhecimento da área, após o que procuraria me inteirar das atividades e pendências, principalmente as administrativas que, já naquela época, formavam um massacrante bolo burocrático.

Sem o saber, embora alguma coisa me alertasse intemamente, Aulus era mais um dos inúmeros nós da rede de corrupção que campeava na província.

Ao contrário de Prócula, que era uma pessoa letrada e culta, admiradora de Homero e Virgílio, o governador era um ignorante supersticioso, só lhe importando o dinheiro, a ponto de se lançar em todo tipo de empreitada ilícita e complexa. Para tanto, tinha uma corrupta e perigosa relação "comercial" com o "clero" judeu, que contribuía, graças a trapagens e negociatas, para o aumento vertiginoso da fortuna pessoal do governador, que já era enorme.

Aulus era apenas mais um, dentro do verdadeiro rio de interesses que abastecia vasta rede de corruptos e corruptores.

— Aulus, não vou mexer em nada, por enquanto. Quero primeiro conhecer melhor a cidade, antes de qualquer providência e, por isso, deixo ainda os afazeres administrativos de praxe em suas mãos. Amanhã a esta mesma hora, vamos nos encontrar, novamente, para examinarmos novas disposições.

— Nobre Antônio, parece que os governadores gostaram de você. Vi quando Prócula demonstrou inusitado interesse em sua pessoa.

Piscou um olho para mim, divertido.

— Ótimo, pois assim poderei fazer meu trabalho com mais liberdade. Como você já sabe de ontem à noite, Sérgio é o meu "optio" e vou levar Sálvio como meu ordenança pessoal.

"Vou gastar algum tempo para conhecer a região e fazer algumas observações pessoais por minha conta."

Notei que ele ficou um pouco preocupado, apesar de tentar dissimular, imaginando talvez que eu estivesse falando em desvendar os esquemas espúrios estabelecidos.

— Não quer que eu mande alguém mais experiente para acompanhá-lo? Poderá facilitar seu caminho.

— Não se preocupe, porque gosto de fazer essas coisas sozinho. Qualquer novidade eu lhe comunico no alojamento, à noite.

Estava prestes a sair quando ele me disse ainda algo revelador.

— Com tempo, Antônio, poderá se inteirar melhor de nossos negócios por aqui, sem pressa, uma vez que tudo acaba passando por suas mãos.

Despedi-me com um aceno, pedindo a um dos criado que me "guiasse" para fora daquele "quebra-cabeças".

Encontrei com Sérgio e Sálvio, que esperavam ansiosos na casa da guarda.

Saímos para a rua e, reservadamente, passei a narrar a Sérgio o que tinha se passado lá dentro.

— Creio que temos de nos acautelar com algumas pessoas por aqui. Não confio naquele Aulus, que me traz sensações muito ruins, despertando meu senso de alerta o tempo todo.

— Também não gostei dele, mas não falei nada a você porque pensei que poderia ser apenas mera impressão de minha parte. Sabe como é, às vezes a gente se engana.

Sorrimos, pois meu amigo se referia ao fato de termos experimentado uma certa animosidade um com o outro quando éramos crianças.

Depois que saímos da fortaleza, Aulus ficou pensativo, preocupado com minhas últimas palavras.

"Será possível que não teremos mais sossego? Não foi suficiente acabar com o desgraçado do Cirênio que logo nos mandam mais essa pedra? E se ele também quiser nos prejudicar? Cirênio estava querendo muito e praticamente só trabalhávamos para ele, mas seu erro foi querer por as mãos na parte de Pôncio. Está certo que foi preciso fazer alguns "arranjos", mas conseguimos, finalmente, convencer Pôncio a livrar-se dele."

Para quem tivesse sensibilidade, seria possível sentir o pesado magnetismo, de baixo teor vibratório, que tomava conta da fortaleza. Naquele ambiente, habitavam exércitos de entidades diversas perturbadas, que trabalhavam obsidiando a todos os seus habitantes, vampirizando suas energias e satisfazendo sua sede de vingança, pois muitos deles eram desafetos de outras existências, tanto do governador quanto de sua mulher.

Não era diferente com Áulus, que sofria também a influência de perseguidores invisíveis, com os quais tinha pesados débitos do pretérito, e que trabalhavam o tempo todo, visando a provocar sua ruína.

Desse modo, naquele caldo vibratório, encontraram campo favorável para desenvolver e executar livremente seus planos vingativos, sem enfrentar, praticamente, nenhuma oposição, dado que mesmo Prócula, apesar de suas qualidades morais, não conseguia elevar seus pensamentos trabalhando positivamente suas energias, deixando-se quedar, comodamente, à sombra do poder de seu marido.

Muitas centenas de anos haveriam ainda de passar, antes da redenção de todos os envolvidos naquele compromisso conjunto, cujos destinos estavam entrelaçados, devido à similaridade do teor vibratório de cada um.

Mal sabia eu do triste papel que deveriam desempenhar aquelas pessoas, além do que a mim próprio estava reservado, da terrível impotência para encontrar o objetivo final desejado, a oportunidade pela qual havia implorado tanto antes de minha vinda ao orbe.

— De qualquer forma, Sérgio, é bom tomarmos cuidado, pois algo me diz que ainda teremos surpresas.

Saímos para a rua, juntamente com Sálvio, para fazer um reconhecimento pela cidade, aproveitando a oportunidade para visitar as várias guarnições distribuídas pela área urbana.

Não sabia por onde começar. Levava a sério todas as tarefas que deveria desempenhar em função de meu cargo, mas ainda trazia engasgada na alma a figura de Clódio.

Durante muitas noites haveria de sonhar com sua imagem, sorridente como sempre, como que a me chamar, querendo dizer alguma coisa.

Jurei a mim mesmo não desistir de minha busca, não apenas para satisfazer uma curiosidade, mas, principalmente, por causa de mamãe e papai, que mereciam alguma informação mais precisa sobre o paradeiro do filho, onde ele estava sepultado, ou apenas saber o que de fato tinha

acontecido.

Eu poderia mesmo, e várias vezes cheguei a pensar em fazê-lo, abandonar tudo, simplesmente voltar para Roma e meus amigos, viver uma vida normal junto dos meus e de Silano, mas nessas horas, uma força invencível convencia-me a ficar, indicando que era por ali que deveria ocorrer minha busca interior.

O destino, sem eu saber, puxava-me pelas mãos, qual criança aprendendo a andar.

X - MUITOS CAMINHOS

Sáimos para a rua guiados por Sálvio, que ia nos mostrando e descrevendo as particularidades dos locais por onde passávamos.

Impressionou-me bastante a cidade, sua arquitetura, o gênio que projetou tudo aquilo, a disposição das ruas, monumentos, um verdadeiro sistema de água e esgoto, tudo, enfim, feito com o fito de agradar o refinado gosto romano.

A fortaleza do governo estava situada em uma espécie de parque majestoso, profusamente arborizado, no centro do qual erguia-se um templo em honra a Augusto, personagem principal de todas as homenagens por ali.

"Herodes, o grande" (o rei construtor), tinha procurado edificar uma esplêndida vila e um porto, réplica do Pireu, chamando-a de Cesareia, exatamente para homenagear o imperador romano e, tão logo ficou pronta, Roma passou a utilizá-la como sede do governo da província.

A cidade tinha evoluído para um gigantesco semicírculo, limpo e cuidado, meticulosa e sabiamente desenhado, rodeado por uma alta muralha de calcáreo branco, dotada de torres de vigia a intervalos determinados.

O abastecimento de água era também engenhoso, projetado para funcionar através de dois aquedutos que desciam diretamente das nascentes do vizinho Monte Carmelo.

Tudo ali era de uma brancura quase absoluta, casas, edifícios públicos, pontes, monumentos, colunas brilhando ao sol, um traçado primoroso que forçava, caprichosamente, todas as ruas a desembocar no mar qual numa apoteose.

Somente o azul do Mediterrâneo e a profusão de cores das milhares de flores dos jardins contrastava com a brancura do cenário por onde passávamos.

Nas ruas, entretanto, o barulho e o caos eram os mesmos já velhos conhecidos, pessoas do mundo todo, animais, vendedores escancarando a voz anunciando seus produtos, liteiras, patrulhas diversas que nos saudavam à medida que passávamos, muitos mendigos e desocupados em geral, bem como os transeuntes "comuns" em permanente regateio com artesãos e comerciantes.

A rua principal era a "cardo maximus", ao longo da qual, de ambos os lados, alinhavam-se as "insulae" típicas de Roma, cujo estilo de construção tinha se espalhado por todos os recantos do império, apesar de terem sido concebidas, originalmente, como uma solução para o exíguo espaço urbano da velha Roma.

As tabernas também existiam em grande número e depois viria a saber que eram controladas à socapa pelo "clero" judeu e, indiretamente, pelo próprio Pôncio Pilatos, que, na surdina, tirava daí mais uma fonte de dinheiro fácil.

Ao chegar no coração da cidade, o "cardo maximus" dava num grande forum, na intersecção com a outra via principal.

De fato, pude constatar com meus olhos que Herodes tinha erguido o grande forum como uma fabulosa obra de arquitetura, com um arco triunfal de quatro portas todo em mármore branco, através do qual o monarca contava agradar ainda mais a Augusto, que praticamente tinha sido o pioneiro na construção de arcos triunfais.

Ficamos ali longo tempo boquiabertos, examinando a grandeza daquele prodígio tão minuciosamente trabalhado.

Em seu topo, ostentava duas quadrigas puxadas por elefantes, conduzidas por diversas estátuas gigantescas de bronze dourado, também do imperador Augusto. Isso me trouxe uma sensação de banalização da imagem do imperador, visto quase que em todo lugar, despertando em minha mente uma ponta de dúvida sobre as reais intenções de Herodes em homenageá-lo.

Em tomo do pórtico, em uma enorme e trabalhada plataforma retangular, réplicas perfeitas, em escala reduzida, de alguns dos monumentos do verdadeiro foram de Roma, os templos de Apoio, Marte, Júpiter, além da basílica Emília, onde ficava a sede da corte judicial da cidade, bem como outras duas estátuas enormes de Augusto.

Era tudo quase perfeito, exibindo aspectos que até mesmo hoje poderíamos classificar como modernos.

"Herodes, o grande", além dos aquedutos e da água potável para quase toda a cidade, providenciou a implantação de um inteligente e vasto sistema de latrinas públicas que entravam pelo mar. Por seus grandes túneis penetrava água salgada quando da maré alta, limpando todo o conjunto e levando os detritos, existindo, inclusive, uma tubulação especial preparada, utilizando um mecanismo especial, para permitir a entrada das águas do Mediterrâneo nas ruas da cidade, para lavá-las.

A preocupação do arquiteto tinha ido ao paroxismo, em alguns aspectos, inclusive até a orientação do eixo de construção das casas, evidentemente as pertencentes ao patriciado e altos funcionários.

Nas mansões mais abastadas, refeitórios e banhos de inverno eram orientados para a face oeste, por serem utilizadas, normalmente, no período da tarde e assim, mantinham sempre uma temperatura agradável. Do mesmo modo, dormitórios e bibliotecas eram orientados para o leste, com o objetivo de privilegiar uma melhor conservação dos rolos e livros, além das roupas de cama, livrando-os do mofo provocado pelos ventos úmidos do sul e do oeste do Mediterrâneo.

Os refeitórios de primavera e outono, também pela mesma razão, eram orientados para o leste sendo, no verão, voltados para o norte para se manter fresco. O mesmo ocorria com os salões, onde normalmente se exibiam pinturas e tapeçarias, pois a luz constante realçava o brilho das cores.

Durante um bom pedaço do dia ficaríamos por ali, conhecendo melhor a "urbs" e tomando ciência da rotina da milícia.

Enquanto isso, a roda da vida em Roma não parava, movimentando forças deste e do outro plano, galvanizando adversários e mentores, com a finalidade de melhor dispor as coisas para cumprimento dos vários compromissos de cada um.

O pequeno Sflío, filho de Síxtus e Hipólita, definhava a olhos vistos, com os médicos unânimes, prevendo um desfecho iminente para aquele drama.

Alguns meses depois de minha partida, por mecanismos que o leitor poderá intuir, meu amigo tinha passado por uma profunda transformação em seu sentimento pelo filho, cuja vontade de viver, além da corajosa atitude da esposa, enfrentando todas as dificuldades, acabou por abrir de vez as portas de seu coração ao amor de pai.

Síxtus passou, então, a procurar de todas as formas alegrar o pequeno e encher seus dias com atividades e jogos diversos, de modo a modificar a disposição e o ânimo de todos. Ao mesmo tempo, percebeu que seria inútil continuar tentando trazer Hipólita de volta para sua casa em Roma, pois os sentimentos de Fúlvia e sua irmã, Júlia, não ensejavam maiores esperanças de reconciliação familiar.

Embora ainda voltado aos prazeres da carne e à volúpia do dinheiro, quase sem perceber, meu amigo foi pouco a pouco sendo conduzido para perto do pequenino enfermo e já quase não conseguia ficar longe do menino.

Como conhecia bem a meus pais, dado que tínhamos praticamente sido criados juntos, pediu a Elêusis e Mânlio que lhe permitissem levar Silano para fazer companhia a seu filho na fazenda.

A princípio, mãe foi contra, mas pai acabou vencendo a discussão com o argumento de que o destino, ao trazer mais essa encruzilhada aos seus caminhos, poderia estar aí também providenciando um secreto caminho para mais tarde permitir a Silano acesso a dias melhores, mesmo que não fosse pelo lado formal, mas pelo da amizade, muito mais sólido e duradouro.

Assim, passavam os dois pequenos seus dias na fazenda, junto a Hipólita, e de fato, em um primeiro momento, pôde o enfermo experimentar alguma melhora em seu estado geral, mas após algumas semanas, voltava novamente o processo de depauperação de seu frágil organismo.

Os médicos chamados por Sfxtus não conseguiram explicar tal piora, mas continuaram a receitar poções e chás diversos, além de unguentos e outros dos mais variados lugares do mundo conhecido, mas o corpo de Sflío parecia não querer reagir a nada.

Na verdade, inconformadas ainda em ter na família o pequeno aleijado, Fúlvia e Júlia conspiravam em segredo absoluto. Seu orgulho desmesurado só conseguia enxergar o ridículo que passavam nas festas que frequentavam, porque a notícia era já do conhecimento de todos.

Fúlvia sonhava com um futuro diferente para seus filhos e para si mesma. Agora que estava livre de Emiliano teria finalmente a chance de desfrutar mais livremente dos prazeres do mundo, mas eis que tinha aparecido o pequeno aleijão a estragar tudo.

Síxtus merecia algo melhor, e se aquela cretina não tinha conseguido lhe dar um filho forte e saudável, digno do nome da família, ela, por certo, pensaria em um jeito de se livrar de ambos e arrumar uma nova oportunidade para o filho.

"Primeiro, tinha sido aquela sirigaita, irmã de Hipólita, a lhe requisitar os favores e agora isto! Nunca! Jamais vou permitir que uma catástrofe dessa venha a se abater sobre minha casa. Emiliano jamais me perdoaria."

Fúlvia possuía uma personalidade paranóica e vivia em um mundo de mentira, só seu, onde o que importava era apenas aquilo que considerava aceitável face a educação que tinha recebido. Podia-se dizer que era um exemplo de crueldade, insolência e rapacidade, muito astuciosa em suas maquinações, mas sobretudo uma enferma mental.

Na busca por uma "solução" que pudesse satisfazer sua mente perturbada, Fúlvia, em conluio com a filha, consultou, secretamente, mais de uma dezena dos mais *famosos* feiticistas e astrólogos, sem sucesso, pois as informações que obtinha eram sempre muito genéricas e não lhe permitiam tomar nenhuma ação efetiva.

Vários deles até, movidos mais pela cobiça à bolsa da rica cliente, chegaram a passar-lhe às mãos diversos talismãs, garantindo que o menino não sobreviveria por muito tempo, mas a verdade era outra e o pequeno infeliz parecia nada acusar, ainda mais depois que Silano tinha ido lhe fazer companhia.

Ao contrário de seus desejos, a cruel avó verificava contrariada uma melhora diária do neto, mercê do tratamento médico intensivo providenciado pelo pai, que, subitamente, passou a fazer absoluta questão do filho.

A procura por esse tipo de "serviço** de aconselhamento era normal naquela época e, no meio dos romanos supersticiosos, fanáticos por toda sorte de áugures e adivinhos, estava na moda o trato com bruxos e astrólogos, principalmente se tivessem sofrido algum processo na justiça, desterrados ou postos a ferros, o que trazia maior suspense e cercava as consultas de um certo "glamour".

Curiosamente, apesar da severa legislação promulgada contra a magia, desde o próprio imperador até o mais humilde dos cidadãos, a sociedade acabava nas garras desses tipos e muitos, a exemplo de Fúlvia, tomavam-se virtuais escravos morais dos milhares de egípcios, mesopotâmios, gregos e sírios, que diziam ler o futuro e ter contato direto com os deuses.

Em sua insanidade, Fúlvia decidiu procurar secretamente uma famosa envenenadora, Locusta, encomendando uma poção cujos efeitos não fossem repentinos, a ponto de despertar suspeitas nos médicos, nem muito lentos porque estava por demais ansiosa para resolver logo a questão.

A radical mudança interna operada em Síxtus açulou ainda mais os ânimos criminosos da dupla de mãe e filha, induzindo as duas a colocar logo em prática seu plano.

Com a cumplicidade de uma serva egípcia de nome Ati, o veneno era colocado, ocultamente, na rala sopa de legumes que alimentava o doente. Mas um dia, tendo a feiticeira errado na dose e Sflío fosse ajudado por uma providencial diarreia, acabou ele por experimentar leves sinais de melhora, trazida pela violenta expulsão orgânica do veneno presente em seu corpo.

Desesperada com a demora do desenlace fatal, Fúlvia consegue então, a peso de ouro, cooptar um dos médicos em favor de sua causa, o qual, fingindo querer solicitar amostras do material expelido pelo paciente, acaba por ministrar-lhe na água uma dose mais forte do poderoso veneno.

— Tio Síxtus, será que Sílio não vai melhorar?

— Ah! Silano, daria tudo para que isso pudesse acontecer, mas temos que seguir o que dizem os médicos, porque é a nossa única esperança.

Ao longo do tempo, havia surgido uma grande e sólida amizade no coração dos "primos" e, na medida em que piorava o estado do amigo, Silano ficava cada vez mais desesperado.

— Tio, se eu pudesse, dividiria minha vida com ele. Não ia me fazer falta, porque tenho bastante força para nós dois e, então, poderíamos brincar todos os dias. Sílio não ficaria mais tão triste.

A consciência de Síxtus pesava-lhe, horrivelmente, sobre os ombros.

Lembrou-se do nascimento do filho, das palavras de sua mãe e de Júlia e, pior ainda, o remorso que sentia por quase ter' concordado em rejeitar o menino. Tais fatos permaneciam, indelevelmente, gravados na memória e não lhe permitiam um minuto de paz.

Ao mesmo tempo, lembrava-se também do filho de Ana, que não tivera nenhuma chance, que estaria por certo nas galés ou vendido como escravo nas mãos de algum mercador.

Sílio, no entanto, parecia possuir uma vontade enorme de viver e não entregava os pontos. Dotado de uma inteligência arguta, todos os dias colocava escravos e servos para correr, a trazer-lhe brinquedos e levá-lo para todos os cantos da propriedade.

Meu amigo sorriu com amargura da notável peça que o destino havia lhe pregado. Olhou para Silano... quase a mesma idade. Poderia mesmo ser seu filho.

"Que fortuna a de Mânlio e Elêusis ter um menino forte como aquele para enfeitar sua casa e prosseguir com as tradições da família. Mesmo não sendo deles próprios, mas de um antigo companheiro de lutas, Silano se parecia muito com Mânlio e Antônio e seria, certamente, um grande homem."

Naquela altura, Síxtus nem poderia desconfiar que, na verdade, se tratava de seu filho com Ana.

—E, meu filho, tem toda razão. Se fosse possível, eu mesmo já teria dado minha vida para ele, mas os deuses parecem ter outros planos, talvez levá-lo para ajudá-los em suas tarefas.

"Mesmo assim, a luta ainda não está perdida, não é mesmo? E tudo faremos para que nosso amigo fique conosco por muitos anos. Não vamos nos preocupar nem demonstrar tristeza, porque poderá prejudicar o ânimo dele."

E muito penoso, pior até do que a doença, para um espírito dinâmico ser obrigado a permanecer manietado a uma cama.

— Papai, hoje eu deveria ter ido até o monte da esperança a cavalo junto com Silano, mas mamãe não deixou. Disse que eu preciso descansar.

— Sua mãe tem razão. Obedeça a ela, pois sabe coisas que não sabemos, ditadas pelo seu coração amoroso. Além disso, é ela quem conversa com os médicos e recebe todas as informações para sua medicação.

No fundo, Síxtus sentia também surda revolta a comer-lhe por dentro. Experimentava, às vezes, vontade de mandar açoitar os pobres escravos que cuidavam da casa, como se eles fossem culpados de alguma coisa.

Em seu desespero, venceu o medo supersticioso que tinha e procurou novamente por Menés, o

mago egípcio, que tampouco pôde lhe trazer qualquer esperança.

Suas noites eram geralmente de um sono agitado e convulso, povoado por imagens de seres grotescos que pareciam se divertir com seu infortúnio.

Em uma delas, no entanto, foi diferente. Parecia ouvir acordes melódiosos ao fundo, enquanto tentava abrir os olhos, ofuscados por uma luz branca intensa, ao mesmo tempo que percebia a presença de alguém perto de si.

"Pelos deuses, o que é isso? Onde estou? Mais uma daquelas alucinações! Será que nunca mais vou ter um pouco de paz? Já não basta minha má sorte, minha perversidade para com meu próprio filho? Morreria várias vezes sem pensar, se, com isso, pudesse reparar minha traição.

Deuses de minha família, de meus pais, será que não escutam meu pranto? O que preciso fazer para resgatar minha alma desse buraco onde estou?"

Sua agonia era extrema e genuína a dor em sua alma, razão pela qual foi ouvido em esferas superiores, pelos mentores espirituais que patrocinavam sua caminhada desde priscas eras.

"Artêmio, parece que nosso filho está prestes a encontrar seu caminho. Precisamos ajudá-lo, pois ele prova agora, com sua súplica sincera uma grande mudança em suas disposições internas."

Artêmio era o responsável por venerável instituição socorrista localizada nas cercanias de Roma, além de responder pelo auxílio pessoal a diversos de seus "filhos" nas provas da matéria.

"Clara, é preciso ter alegria, mas muita ponderação nesta hora. Por certo, nosso filho experimenta profunda inflexão moral em sua vida, mas sua tarefa não acabou. Ainda lhe são reservadas muitas encruzilhadas e somente ele poderá levar até o fim a missão que escolheu."

A figura respeitável de Artêmio aumentava mais a luminosidade do local, espargindo sobre todos deliciosa e suave fragrância perfumada.

"Vamos deixar uma mensagem ao nosso filho do coração e depois orar, pois só a oração mantém abertos os condutos da alma, por onde fluem as bênçãos do Mais Alto."

Daquela vez, Sítus intuiu que não haveria ameaças ou gritos de vingança, mas algo especial... nunca sentido... um pouco de paz.

O luminoso ancião estendeu a destra por sobre a fronte de meu amigo, sendo imitado por sua companheira.

"Meu filho, estamos felizes por você estar finalmente aqui conosco. Quantos longos anos temos esperado por este momento, mas sentimos que valeu a pena. Chegou até o limiar de sua verdadeira estrada através da dor, porque nas horas boas é muito difícil escutar o chamamento da voz do amor e da razão.

Por outro lado, devo dizer que resta grande distância adicional a ser percorrida, e é preciso continuar andando, sempre para frente.

Aquilo que hoje parece difícil ao seu entendimento, possui sólidas raízes no passado, na teia de compromissos que todos vocês têm uns com os outros e, somente assim, em conjunto, poderão resolver os nós, desamarrando suas almas dos pesos que ainda os mantêm presos a grandes escombros que dificultam o caminhar.

Tanto você quanto seu filho, pelo qual tanto pede nesta hora, experimentam preciosa etapa de resgate de seus débitos, pois mesmo nesta existência, você mesmo lançou por terra seu outro filho e a mulher que o gerou, ao invés de acolhê-los na proteção de sua casa, forçando ambos a uma situação vergonhosa e incerta.

Agora, quando maior é seu desejo da companhia de um filho para alegrar seus dias, ser o seu companheiro, dividir com você suas alegrias, recebe, ao invés, a taça da tristeza, cujo amargo líquido deverá sorver até a última gota.

Que bom seria se Sílio fosse um menino forte e saudável como Silano, não é? Pense nisso, mas não deixe de pensar também nas dolorosas provas que ainda esperam por todos.

Se hoje ele queda enfermo, já no limiar do plano espiritual, em outras existências ele foi

responsável pela interrupção da vida de muitas outras crianças, negando também a elas o acesso à estrada do resgate de seus próprios compromissos.

Em que pese seus anteriores fracassos e quedas, seu pranto sentido e sincero de pai foi ouvido e espero que também tenha ouvidos e coração para sentir as difíceis tarefas nos ombros dos menos felizes, pois saiba você que somos, em realidade, filhos do mesmo Pai."

As lágrimas corriam livremente pelo rosto do tribuno e parecia que milhares de pétalas brancas desciam do firmamento e penetravam fundo no seu ser, trazendo deliciosa sensação de alívio.

"Fique sempre ao lado de seu filho e dê a ele alegria, apesar de, por vezes, a tristeza forçá-lo para baixo, caso contrário o pequeno pássaro não conseguirá empreender seu voo.

Reforme suas disposições internas quanto a fazer sofrer seus pobres escravos e servos, almas que dependem de suas ações para conseguir também vislumbrar a luz de suas vidas. Considere que, assim como você, também eles possuem pesados compromissos a saldar, não sendo preciso tomar as coisas ainda mais difíceis, sem falar no risco de gerar aí, novas situações de ódio e rancores, ensejando novas quedas e retardando, mais ainda, sua reconciliação.

Ao contrário, se, ao invés disso, se dispuser, através de um esforço verdadeiro, a ajudar com amor e companheirismo, àqueles que dividem e colocam em suas mãos os seus destinos, conseguirá obter grande vitória pessoal e cobrirá de luzes seu horizonte, abrindo a todos a perspectiva de um futuro melhor.

Além disso, se fizer isso em honra de seu filho, trará a ele também muito mais energias, para que possa, finalmente, renascer para a verdadeira vida."

Dizendo isso, pronunciou sentida prece e Síxtus sentiu-se diluir naquela chuva de pétalas e perder novamente a consciência.

Naquela manhã, acordou com uma imagem estranha e gostosa na mente, um pássaro todo branco voando em um dia claro de sol em direção ao horizonte. Parecia-lhe voar com ele e, num dado instante, notou rolar dos olhos da ave uma lágrima e entendeu ali uma mensagem de adeus.

Experimentou uma harmonia muito grande, um bem estar que há muito tempo não sentia, novas forças para enfrentar as agruras da vida.

Acordou com Silano que, choroso, vinha ao seu encontro pelo corredor.

— Tio, Sflío não acorda, é preciso chamar o médico.

Abraçou temamente o menino, seu insuspeitado filho.

— Eu sei, Silano, ele se foi... em direção ao infinito.

Meu "irmão" adotivo ficou ainda por longo tempo em copioso pranto pela perda do amigo.

— E agora, tio, o que vai acontecer?

Síxtus deu um longo suspiro antes de responder.

— Quando chegar a nossa vez, ele virá nos buscar.

Após o abandono do corpo carnal, Sílio foi recebido inconsciente nos braços de Artêmio e encaminhado para um local de refazimento, visando a prepará-lo para novos voos na matéria.

"Artêmio, Sílio já cumpriu sua missão? E Síxtus? Se era seu compromisso o ajuste com Sílio, o que acontecerá agora que está sozinho?"

Argeu era outro dos colaboradores naquele grupo de tarefeiros.

"Engana-se quem acha que ele está sozinho. Na verdade, Síxtus deu já o primeiro passo, o mais importante, pois, ao final, aceitou de coração o compromisso com seu filho, cumprindo significativa etapa de reconciliação. Como você está lembrado, tendo sido traído por Sílio no pretérito e induzido por ele ao crime, conseguiu perdoar finalmente ao seu algoz e selou aqui as bases para uma paz que nunca mais será quebrada.

Não obstante, prosseguem os laços que o unem à sua atual mãe e irmã, além de sua esposa, isto sem falar em Silano, na verdade seu filho com a infeliz Ana, outra de nossas filhas que ressurgue deslumbrante do resgate na matéria.

Muitos são ainda os atores que lá continuam em incessantes lutas. Basta uma simples olhada para perceber a grande quantidade de nós que ainda os prendem a todos, que nos serve de indicativo de que ainda temos um longo trabalho pela frente.

Mesmo Sílio, que tendo sofrido tanto em sua última experiência, necessita também de solver várias pendências que lhe entravam o pleno desenvolvimento. Entretanto, de agora em diante, podemos ter mais confiança em seu sucesso, porque alarga-se um pouco mais sua esfera de amizades sinceras e energias positivas, condição indispensável à nossa elevação.

Argeu, ninguém vive sozinho."

XI - RAIOS DE LUZ

O tempo voava e, enquanto a vida continuava na Metrópole, procurei tomar pé rapidamente da situação militar na província, entrando logo naquilo que seria a rotina típica de um comando de unidade.

Naquela época, três legiões, a VI Ferrara, a X Fretensio e a III Gallica, estavam concentradas na Síria, sob as ordens diretas do Legado imperial, em virtude de ser ali um ponto estratégico de suma importância para defesa da região oriental do império, tendo por missão básica vigiar os movimentos dos partos¹³ e dos judeus rebeldes.

No total, na província toda, apesar de poder ser rapidamente suprida de reforços se necessário, havia seis coortes, quase todas "quingenárias", com quinhentos homens, sendo a "Itallica" uma "miliária" e a mais importante estacionada em Cesareia, residência oficial de Pôncio Pilatos.

O restante das tropas ficava distribuído pelas áreas de conflito da Judeia, grande parte delas em Jerusalém, na fortaleza Antônia, um dos locais que denominávamos de "pontos quentes" em razão de seu potencial de conflitos.

Minha maior dificuldade era com a diversidade de origem dos soldados sob meu comando, formado em sua maior parte por tropas compostas por gregos, trácios, samaritanos, sírios, gauleses, germânicos e outros provenientes da península ibérica, região que depois seria conhecida como Espanha. Para minha felicidade, no entanto, os judeus eram isentos do serviço militar, pois, caso não o fossem, estaria, sem dúvida, com um grande problema nas mãos.

No entanto, em que pese as diferentes origens do pessoal, logo encontramos maneiras satisfatórias de comunicação, o que não resolveu, é evidente, o fato de que os homens dentro das armaduras continuavam sendo diferentes de nós.

A vida pública do Mestre estava no auge e não se falava de outra coisa nas ruas, nas casernas e nos bares, tendo eu então a oportunidade de travar, pela primeira vez, contato com um dos chamados "milagres" atribuídos a Jesus.

Um dia, saímos em patrulha pelas cercanias de Betfagé, uma cidadezinha perto de Jerusalém, levando comigo Sérgio e Copônio, um dos centuriões mais antigos da guarnição, seguidos por cinco decúrias de cavaleiros.

Passamos o dia todo em infrutíferas buscas a uma quadrilha de assaltantes que agia já há longo tempo naquela região. Ao cair da tarde, resolvemos parar à sombra de um pequeno bosque para um rápido descanso, antes de retomar à fortaleza.

Eu me sentia muito incomodado por não ter encontrado os bandidos, trazendo-me uma intuição preocupante de já ter vivido antes aquele momento.

Lembrei de Petrônio e sua imprudência, que acabou por colocá-lo a perder e, em minha cabeça,

¹³ "Pertencente ou relativo à Pártia, antiga região correspondente, mais ou menos, ao atual Coraçã (Ira). (Dicionário Aurélio)

tomei a resolução de levar a cabo uma criteriosa investigação em cima de todos que sabiam daquela nossa saída, pois algo me dizia que era por ali que encontraria a solução do enigma.

Estávamos sentados os três em silêncio, quando se aproximou Ströd, um dos decuriões, um enorme germânico de mais de dois metros de altura, que parecia mais uma rocha do que um homem.

— Salve, Antônio.

— Salve, Ströd, o que me traz você de novidades? Estou cansado de ser surpreendido desta maneira e, se alguma coisa não mudar depressa, cabeças vão rolar, meu caro.

Eu estava mesmo muito nervoso e isso transpirava para os homens.

— Também eu não entendo o que aconteceu. Minha fonte me assegurou que hoje eles estariam por aqui, indicando-me inclusive o lugar onde estaria um de seus acampamentos.

— Pois é, mas na volta pode deixar por minha conta, porque essa sua "fonte" vai me contar novamente toda essa história direitinho. Amanhã poderemos, até se for o caso, trazê-lo junto para passear.

Fiquei com pena do informante, porque, se assim o fizesse, estaria revelando sua identidade e, na prática, decretando sua pena de morte. Entretanto, mesmo assim, eu o faria alegremente se, com isso, pudesse evitar o sacrifício de um único de meus homens.

— Sabe, Antônio, esses judeus são muito inquietos, lisos como sabão, certamente movidos mais pelo seu fanatismo do que pela razão. Eles têm uma quantidade enorme de profetas andando por aí, os quais, segundo dizem, fazem milagres um atrás do outro, cada um deles prometendo uma solução melhor e salvação para aqueles que os seguirem.

"Veja você o tal de Jesus, aquele que dizem vir da Galileia. Dizem que é filho de carpinteiro, um ignorante e, apesar disso, muitos vêem nele o filho de Deus, sendo que ele mesmo se deixa proclamar rei dos judeus, com a missão de libertar seu povo do jugo romano.

O mais incrível é a multidão que o segue pelo país afora, milhares de pessoas fanatizadas que morreriam por ele, se assim o quisesse.

Os homens comentam muito a esse respeito e, cá entre nós, talvez melhor seria dar logo um fim nesse homem, pois me incomoda esse movimento de massas, prenúncio certo de problemas."

Notei que Copônio se remexia inquieto.

— Inclusive, contando com alguns seguidores no meio de nós, não é mesmo nobre Copônio? Sabia você, Antônio, que nosso velho centurião também já recebeu um milagre das mãos do nazareno, que já foi bafejado pelo hálito suave dos deuses do céu?

Strod fazia troça com nosso companheiro de armas, pois sabia que normalmente o velho soldado, no fundo, gostava de suas provocações e via a todos como seus filhos.

No entanto, a resposta de Copônio veio num tom que não admitia brincadeiras e, dada sua seriedade, fiquei bastante impressionado.

Tratava-se de um soldado veterano de muitas batalhas, acostumado a ver muitas coisas e acima de tudo, era um homem acostumado à rígida hierarquia e à dura lógica militar.

Sacudi nervosamente o ramo de videira em minhas mãos e decidi também provocá-lo

— Fala, centurião, e diga-nos, então, a verdade sobre o que diz Strod. Foi mesmo agraciado da forma como fala o Germano?

— Não foi bem assim tão simples, e acho que não seria justo colocar este homem ao mesmo nível dos bandidos que nos dão tanto trabalho todos os dias.

"Na verdade, nunca experimentei tamanha sensação de paz e tranquilidade como naquele dia.

Como sabe, Antônio, tenho um filho, Gaio, já mocinho e que logo me dará a felicidade de envergar a toga viril, para o que, inclusive, conto com seu comparecimento e apoio na cerimônia.

Desde o início do ano passado, começamos a nos preocupar com ele, pois começou a aparecer por todo o seu corpo grande quantidade de pequenas feridas, que cresciam até explodir, espalhando uma secreção e um cheiro insuportável.

No começo, Clara e eu pensamos tratar-se de uma pequena alergia e não nos preocupamos. Em vista disso, passamos a usar apenas um unguento receitado por Dionísio, o médico, o mesmo que atende a Pôncio e sua mulher.

À medida que o tempo foi passando, ficou claro que o problema era mais sério do que supúnhamos e mesmo Dionísio se declarou incapaz de achar uma solução.

Os dias passavam, Antônio, e as noites compridas também, levando junto a paz de nossa casa.

Os olhos de Clara estavam já secos de tanto chorar e o corpo de nosso filho parecia mais uma chaga viva, sua respiração tomava-se cada vez mais difícil e tínhamos que nos revezar à sua cabeceira para vigiá-lo e desobstruir com os dedos a sua garganta quando de crises mais fortes."

Percebi a gravidade do que ele me contava, e lágrimas começavam já a brilhar nos olhos do velho soldado.

— Sabe, Antônio, que os deuses me perdoem, mas vou lhe dizer uma coisa que, espero, fique somente entre nós aqui, valendo também para o mastodonte do Ströd.

"Meu coração de pai estava pequenininho e não suportava mais ver o sacrifício de Gaio, assim como sua mãe. Clara parecia já um fantasma assustado a andar pelo interior de nossa casa, não dormia mais e tinha também muito medo de perdê-la.

Pensei inclusive, os deuses me perdoem, em dar um fim misericordioso ao sofrimento de Gaio, encomendá-lo às mãos de Públio, meu pai, já no "empíreo".

Eu, realmente, o faria, mas na noite em que tomava a decisão, uma voz mais forte do que qualquer coisa que já ouvi, estalou uma ideia dentro de minha cabeça, não sei de que jeito, me fazendo ver que talvez valesse a pena continuar lutando, ter mais esperança, não fugir da batalha. Resolvi então não fugir, pois se meu filho estava ali, enfrentando a tudo corajosamente e com um sorriso nos lábios, que direito tinha eu de desertar e deixá-lo sozinho?

A manhã do dia seguinte encontrou-me ainda acordado à cabeceira de meu filho, aguardando por qualquer coisa, mesmo um desses milagres baratos, como diz Ströd, sem muita esperança, até mesmo já conformado com minha tragédia pessoal, quando um raio de sol entrou novamente por nossa janela e veio iluminar o negrume que havia tomado posse de nossas vidas.

Naquela manhã, Clara estava diferente, com os olhos exibindo uma alegria radiante como há muito eu não via, trazendo-me até o temor de que ela tivesse perdido o juízo de vez.

Uma sua amiga, Licínia, mulher de Sálvio que você já conhece, havia contado a ela sobre o homem chamado Jesus, o tão decantado rabi da Galileia, o fazedor de milagres, e Clara estava possuída por uma alegria tão grande que não tive coragem de enfrentá-la. Sua esperança era enorme e sua dor de mãe tão pungente, que somente pude confortá-la e escutar o que tinha a dizer.

Segundo Licínia, Jesus tinha já curado um sem-número de casos piores que o de Gaio, inclusive até sem a presença física do enfermo, o que sem dúvida, caso fosse verdade, configuraria um milagre na acepção da palavra.

Fiquei ali escutando por mais de uma hora o seu coração de mãe esperançosa, os relatos dos feitos do assim chamado Mestre, dando já graças porque, mesmo se nada daquilo fosse verdade, pelo menos valia por aqueles momentos de refrigério da alma que estávamos vivendo.

Pouco a pouco, tentei fazer ver a ela que tais coisas nunca poderiam ocorrer, que mesmo os médicos mais caros tinham-nos feito perder as esperanças, que aquilo era coisa de ignorantes das províncias, não para pessoas educadas como nós, cidadãos romanos, fortes, conquistadores do mundo que, apesar de tudo, nada podíamos fazer para trazer Gaio de volta.

No entanto, quanto mais eu falava, mais crescia sua excitação na defesa daquele Mestre que ela nunca tinha visto. Clara parecia estar possuída por energia desconhecida, uma nova alegria tinha brotado dentro de si e eu não me achava mais no direito de tirar dela aquele apoio para sua razão de viver.

Ela ficara sabendo, através de Licínia, que naquela noite o nazareno Jesus iria falar ao povo em

Betânia e queria levar Gaio.

Não tive coragem de negar a ela aquele pedido e resolvi acompanhá-la até o fim. Meu coração também já não aguentava mais aquela situação e eu estava disposto a tentar qualquer coisa para salvar meu filho."

Naquela altura da narrativa, apesar de querer esconder, mesmo o rude germano experimentava grande comoção.

— Naquela mesma noite, Antônio, nos disfarçamos com roupas emprestadas de nossos servos, envolvemos cuidadosamente o corpo de Gaio e partimos, levando-o em uma liteira até Betânia, em busca da reconstrução de nossos sonhos.

"Ao chegarmos na praça principal, descemos dos cavalos e abrimos caminho a muito custo, até chegarmos nas primeiras filas e podermos ver o homem. Não conseguimos levar Gaio e o deixamos aos cuidados de nossos servos, pois tentaríamos falar com o chamado rabi e levá-lo até ele.

Logo ao ver aquele homem, ouvir sua voz, não sei como explicar a vocês aqui, mas ficou muito claro para mim que se tratava de alguém diferente, especial, que nunca mais iria esquecer durante toda a minha vida.

Aquele a quem chamavam Jesus era, na verdade, um gigante, bem mais alto do que a média, quase como Ströd, ombros largos, branco, rosto longo e estreito, bem diverso do tipo comum do povo que temos visto por aqui. Seus cabelos eram bem lisos, dava para ver bem claramente pois estávamos muito perto dele, com tonalidade ligeiramente caramelada e caído por sobre os ombros. Usava ainda um bigode e uma barba rala da mesma cor dos cabelos, sem ocultar porém, seus lábios relativamente finos, assim como seu nariz algo comprido e ligeiramente proeminente.

É muito difícil descrevê-lo com fidelidade de modo a fazer justiça à sua beleza e majestade, pois se diziam que ele era um rei, de fato, tinha mesmo tudo para sê-lo.

Seu sorriso franco tomava aparente uma dentadura branca impecável, ao contrário do que estamos acostumados a ver nas bocas desse povo miserável.

Seus olhos pareciam dois poços profundos e brilhantes, ligeiramente rasgados e de viva cor de mel, parecendo concentrar uma quantidade infinita de energia, que, por sua vez, irradiava e mantinha a todos nós paralisados, em uma espécie de êxtase coletivo.

Era mesmo um formidável exemplar da espécie humana, exibindo na face uma placidez indescritível que, iluminada parcialmente pelas tochas, infundia um estranho respeito em uma linguagem não falada, mas entendida por todos.

Subitamente, ele olhou para mim e um inesperado calor inundou-me dos pés à cabeça."

Naquele momento, todos os homens, menos as duas sentinelas, estavam já reunidos em tomo, ouvindo o relato de Copônio.

— Aí, meus companheiros, não suportei mais. Aquele olhar pleno de uma paz infinita rompeu as barreiras de meus sentimentos e caímos de joelhos ali mesmo no chão, eu e Clara, desesperados, chorando o pranto dos condenados.

"Não sei quanto tempo se passou, mas senti uma mão por sobre minha cabeça e me levantei, experimentando um alívio enorme em meu espírito torturado, como estivesse saindo de um pesadelo.

Seus olhos de grande profundidade transmitiam-me alguma coisa que eu não saberia dizer a vocês aqui, agora, através de palavras, mas que indubitavelmente se tratava de algo bom, muito amor, companheirismo, tudo que puderem pensar.

Com os ouvidos da alma, escutei sua mensagem de paz, que poderia ir junto com meu filho, que minha fé e meu amor de pai tinham sido a sua salvação, que Gaio teria ainda mais uma chance, que nós teríamos mais uma chance.

Tentei argumentar com ele, mas alguma coisa me disse que não era mais preciso, que tudo tinha sido feito como deveria ser e, enquanto Jesus se afastava com os seus, logo me vi sozinho, junto com Clara e a liteira que conduzia Gaio." ,

Copônio deu um longo suspiro antes de continuar.

Olhando por entre as copas das árvores parecia já tentar vislumbrar os brilhos das primeiras estrelas- que não tardariam a anunciar a chegada da noite.

— Chegamos em casa e vou dizer uma coisa a vocês. Dormi como nunca havia feito até então, eu e Clara, quando tive um sonho em que Públio, meu pai, me dizia que aquele tinha sido o maior presente que tinha recebido a minha alma imortal, que o próprio filho de Deus havia abençoado minha casa e, por isso, ele estava muito contente e já desejoso de experimentar novas provas.

“Talvez não saibam, mas em minha família somos todos pitagóricos e acreditamos na sobrevivência da alma, que aquilo que somos hoje é um reflexo do que fomos e fizemos em outras existências.

No dia seguinte, acordamos com Gaio à nossa cabeceira, com seu sorriso maroto, rosto limpo e rosado, como se nada tivesse acontecido.

Fizemos uma inspeção completa em seu corpo e nada encontramos, nem mesmo o próprio Dionísio, que se declarou incrivelmente surpreso com o que via, assegurando mesmo tratar- se de um verdadeiro milagre. O próprio Pôncio Pilatos e Cláudia Prócula chamaram-me para que lhes relatasse o mesmo que ouvem aqui, causando-lhe profunda impressão, mais ainda a Cláudia, que manifestou desejo de conhecer o Mestre pessoalmente.

Por isso, meus caros, em particular a você, meu prezado Ströð, digo com toda a veemência de meu ser, que nada tenho contra esse homem, muito pelo contrário, devo tudo a ele. Aqueles de vocês que são pais, que já experimentaram na carne o infortúnio de perder um filho para a doença maldita, sabem o que estou dizendo.

Se algum dia me solicitarem o testemunho, é isso que direi e, mais ainda, morreria por ele se fosse preciso.”

Aqueles dentre os guardas mais incrédulos ameaçaram alguns risinhos, sufocados logo em seguida por um olhar glacial que lhes dirigi.

— Muito interessante, Copônio, porque seu depoimento traz mais luz à essa questão e prova a mim mesmo o ponto de vista que sempre defendi, que não se pode confiar nessa turma de sacerdotes desavergonhados, para os quais a ignorância do povo é necessária para que possam se manter no poder, plenos em sua riqueza, em detrimento daqueles que realmente mereceriam maiores oportunidades.

“O fato deles desejarem tão ardentemente a morte desse homem, já por si mesmo significa a prova de sua inocência, pois que culpa pode existir em alguém que só faz o bem?

Mesmo que não acreditemos em suas palavras, a eloquência de seus atos é seu melhor defensor.”

Dei ordens para voltarmos à fortaleza, uma vez que já começava a escurecer e isto significava perigo naquela região.

No outro dia, resolvi empreender uma curta viagem, passando por algumas das cidades vizinhas, em uma espécie de “revista”, procurando também “mostrar a cara” e manter elevado o moral da tropa, além de iniciar minha pequena investigação para colocar em pratos limpos nossa falta de resultados no combate aos bandidos.

Muito mais tarde eu iria descobrir que as razões por detrás daquilo tudo eram mais profundas e perigosas do que pensava, estando eu correndo perigo de vida desde meu desembarque em Cesareia.

Levava comigo dez cavaleiros comandados por Gstad, outro germânico, e saímos pela porta oriental em direção a Betânia, nosso primeiro ponto.

Tinha já passado por lá uma dúzia de vezes, mas sem tempo para poder reparar muito nas coisas, premido por um ou outro compromisso mais urgente, além do que, tais cidades eram muito pequenas e desprovidas de maiores atrativos.

Decidi também olhar tudo com mais calma e procurar conhecer melhor as particularidades daquele povo, seu estilo de vida, costumes e quem sabe até um dia, sua religião e suas leis.

Durante nossa caminhada pensei bastante na narrativa de Copônio e comparei mentalmente com a situação de Clódio, meu irmão. Papai e mamãe sofreram muito também com seu desaparecimento e tenho certeza que eles dariam tudo para tê-lo de volta, assim como eu também.

Por um momento fugaz, passou-me um clarão gostoso pelo pensamento e, não sei porquê, tive uma espécie de "aviso" que ainda teria sucesso em minha busca, que não deveria desistir.

Dei uma rápida olhada para trás, os homens cavalgando a trote manso, seguindo o ritmo ditado pelo meu cavalo, e senti como que um nó na garganta. Não é que estivesse com medo, mas com aqueles homens havia sempre uma grande probabilidade de nos metermos em encrencas.

Aqueles dez, como de resto em muitas outras unidades de cavalaria, eram todos de origem germânica, de extrato social muito baixo e comportamento agressivo com os judeus e, o que era mais grave, não entendiam uma palavra do que eu dizia, sendo Gstad uma espécie de chefe e intérprete para a pequena tropa.

Lá ia com eles, com sua cota de malha escura, elmos dourados e reluzentes gládios-padrão ao cinto e escudos hexagonais orlados de metal, calções vermelhos e justos até a metade da pema.

Tive um calafrio, pois quem tinha aqueles como amigos, certamente não precisava de inimigos.

As caravanas começavam a chegar ininterruptamente à capital dos judeus, trazendo seu universo de pessoas e coisas para vender, peregrinos em visita ao Templo, os indefectíveis mendigos verdadeiros e falsos aqui e ali, implorando um auxílio para esta ou aquela enfermidade, o latido dos cachorros mexendo com os animais, a grande nuvem de poeira que se formava na estrada, sem contar o cheiro forte de especiarias e alimentos putrefatos no ar.

Veza por outra, cruzávamos com pequenas aglomerações dos chamados "Manzerim", ou considerados bastardos, os quais eram vistos como seres inferiores aos próprios escravos, existindo uma série gigantesca de proibições que praticamente os relegava ao esquecimento.

O bastardo, considerado como tal de acordo com uma rede intrincada de regulamentos e pressupostos religiosos, não podia se casar com levitas ou israelitas de origem "pura", além do que não podia ocupar cargos de responsabilidade, devendo manter-se afastado do resto da população, desempenhando as funções chamadas "desprezíveis", vivendo sob a tirania dos ditos "puros". Desse modo, independente de serem honrados, leais, generosos e justos, para a intolerante ortodoxia judaica, tratavam-se de "pecadores da pior espécie".

Fica claro, portanto, que a nação judaica enfrentava então, como de certa forma até hoje ocorre, uma violenta divisão social.

No último quilômetro antes de chegarmos a Betânia, a vegetação de ambos os lados era mais verde e florida. A esquerda podia ser vista, quase que totalmente escondida, a encosta oriental do Monte das Oliveiras, fechada pelos milhares de cedros e olivais e, à direita, também muitas palmeiras e figueiras e uma espécie chamada cinamomo, com seus cachos de flores violetas e perfumadas.

Pouco depois de Betânia, a cerca de oitocentos metros, chegava-se a Betfagé, um pequeno amontoado de casas minúsculas, todas elas de um só pavimento, cujo teto era formado por uma rede entrelaçada de ramos de árvores, reforçada com camadas de palha.

Betânia, na verdade, era somente um pouco maior do que Betfagé, situada à esquerda do caminho, e dizer que eram cidades não corresponde ao nosso padrão atual de urbanismo. Assim, podemos pensar nelas como sendo aldeias.

Os arredores da pequena cidade eram repletos de herdades com plantações diversas, figueiras, hortas, além das criações de galinhas.

Penamos um pouco, mesmo a cavalo, para atravessar suas ruas e chegar até o prédio que servia de quartel, pois as chuvas tinham transformado o leito carroçável em um só lamaçal.

Apesar de também pequenas e modestas, as casas eram maiores que as de Betfagé, dispendo quase todas de terraços e invariavelmente caiadas de um branco imaculado, construídas algumas em

pedra lavrada, atestando também, de certa forma, o maior poder aquisitivo de seus habitantes.

Algumas de suas ruas eram pavimentadas com pedras, principalmente aquelas mais próximas do quartel, para facilitar a entrada e saída de cavaleiros e provisões.

Parecia mesmo uma cidade de "presépio" atual, com o núcleo principal à esquerda da estrada e do outro lado um grupo menor de casas espalhadas quase que poeticamente, pelas fraldas da montanha.

Chegamos, finalmente, ao nosso destino, sendo recebidos por um decurião responsável, de nome Mário. Quando ouvi o nome tive de fazer força para não rir, porque o rapaz era fisicamente o oposto do lendário general, franzino, baixo, a armadura parecia ter sido feita para outra pessoa, sem falar no elmo.

Nosso pequeno "quartel" ali era, na verdade, uma casa adaptada ao nosso uso militar ao longo do tempo. Normalmente, quando havia necessidade de estabelecer uma guarnição em alguma localidade, nós, romanos, o fazíamos em casas de civis, segundo uma antiga regra denominada "militare hospitium", ou seja, simplesmente requisitávamos uma das propriedades da vila e a reformávamos para adaptá-la às nossas necessidades, convertendo-a num quartel de dimensões compatíveis com a quantidade prevista de soldados.

Assim, era fácil fazê-lo e dispúnhamos de guarnições em quase todas as localidades da província que tinham algum interesse.

O "quartel" em Betânia possuía um pátio retangular a céu aberto, com cerca de sessenta metros de lado, ao redor do qual havia três prédios com dois cômodos cada um, para abrigar as diversas atividades ali desenvolvidas. Como em quase todos os outros, no centro do pátio havia duas grandes árvores e um poço de água.

No piso baixo da ala central, ao final de um túnel, podia-se ver um pátio de terra suja e batida, fechado ao fundo por barracões de madeira que serviam como estrebaria. Alguns soldados, trajando somente suas leves túnicas vermelhas, cuidavam e escovavam meia dúzia de cavalos, fazendo-os exercitar o trote com ajuda de cabrestos.

As sentinelas, postadas lado a lado nos batentes do portão, fizeram continência logo que me viram chegar, ramo de videira nas mãos, indicando meu posto.

Dali, partiríamos logo à tarde rumo a Jerico, prosseguindo depois até Citópolis em direção a Tiberíades.

Procurei ter uma conversa reservada com Mário, na tentativa de descobrir algo de novo, algum detalhe que fosse, que permitisse seguir o "fio da meada" e desvendar as constantes surpresas que vínhamos enfrentando.

— Mário, fiquei sabendo de suas dificuldades por aqui e verifiquei que suas perdas de material têm sido mínimas. Por outro lado, as atividades dos bandidos é maior por essas bandas. O que está acontecendo aqui? Você poderia me explicar? Quem lhe deu as ordens de operação?

Notei que meu interlocutor ficou meio reticente, mas acabou respondendo.

— Nobre Antônio, aqui faço o que possò com o equipamento e pessoal que disponho, mas recebi minhas instruções diretamente do centurião Áulus, que estava no comando geral antes de sua chegada. Posso garantir que sigo à risca tudo o que me foi ordenado.

Eu não duvidava que assim fosse e seu argumento era válido, mas o nome de Áulus já era um começo, pois agora poderia examinar suas ordens e confrontar com os padrões de ações empreendidas pelos bandos.

— Ele deixou algo por escrito?

—Não, domine, suas ordens foram verbais, mas presenciadas por dois outros decuriões, Caio e Lício, que poderão atestar minhas palavras.

— Não é necessário, mas vamos mudar algumas coisas por aqui e quero que você siga, precisamente, tudo o que vou lhe deixar, dessa vez, por escrito. Não importa as opiniões ou contra-ordens que venha a receber. Fui claro?

Deixei Betânia juntamente com o destacamento que me acompanhava, certo de que ainda tinha muito trabalho pela frente.

Tomamos a direção de Efrém, para o norte, nos afastando cada vez mais da região do Mar Morto, agora a galope rápido, para chegar ainda naquele dia, aproveitando para retomar meu trabalho logo na manhã do dia seguinte.

Ao chegarmos numa curva da estrada, não deu nem para ver de onde vieram, mas cerca de uma vintena de homens caíram como um raio em cima de nós.

Tentei fugir, mas fui atingido por trás e a última coisa de que me lembro é o instante em que caí do cavalo e o chão que se aproximava de meu rosto.

E o fim, pensei, depois, o escuro.

Não sei por quanto tempo fiquei entre a vida e a morte, navegando num mar de sonhos e pesadelos que se alternavam com pequenos períodos de silêncio total e inconsciência. Rostos conhecidos e desconhecidos iam e vinham, papai e mamãe, também Clódio como que se esforçava em querer me dizer alguma coisa mas, quando estava quase a compreender suas palavras, eis que desaparecia.

XII - ESTER

Pessoas que eu nunca tinha visto gritavam-me impropérios e estendiam as mãos querendo me agarrar, sem que eu conseguisse sair do lugar, imobilizado por uma força desconhecida. Nesses momentos, quando estavam prestes a conseguir seu intento, sempre acontecia alguma coisa ou aparecia alguém que eu não conseguia ver e os punha todos a correr espavoridos.

Falavam numa língua diferente, mas o mais incrível é que eu conseguia entender tudo o que diziam.

"Vamos pegá-lo mais cedo ou mais tarde, por isso, não adianta tentar fugir porque você já está preso aí neste lugar."

Uma figura feminina com a fisionomia congesta, cabelos desgrenhados, roupas rasgadas, carregava nos braços uma massa sanguinolenta, olhos esbugalhados.

"Veja o resultado do que fez. Por que? Nunca lhe fizemos mal algum e é isto o que recebemos? Exijo que seja feita justiça."

Aquele que parecia ser o chefe sempre aparecia, ao final daquelas crises, para uma ameaça final.

"Não se preocupe, soldado romano, centurião, que temos muita paciência e saberemos esperar por você. Logo, seus amigos de luz não poderão mais salvá-lo e veremos, enfim, chegar a nossa hora.

Prometemos esperar, não fazer nada enquanto o Enviado Supremo da luz estivesse aí na Terra, promessa esta que foi feita aos seus amigos, que me disseram sobre seus novos caminhos, que agora seria a sua chance. Resolvemos aceitar, apesar de você mesmo, por várias vezes, nunca nos ter dado nenhuma chance, mas, aqui entre nós, não creio que consiga, que alguém desprovido de compaixão e cruel como você se transforme assim de repente, mesmo com a presença da Grande Luz tão perto."

Apesar de nunca ter visto nenhum daqueles rostos antes, de alguma forma eles pareciam estranhamente familiares a meu espírito. Minha intuição dizia que laços invisíveis de amor e ódio me uniam àquela gente, sem que minha razão atinasse o como ou porquê.

"Não precisa se esforçar para identificar nomes ou lugares utilizando sua lógica mesquinha, centurião, mas ouça apenas o seu coração. Você nos conhece sim, e foi o responsável várias vezes por nossas quedas, nosso verdugo implacável, há incontáveis anos nos perseguindo e humilhando, destruindo nossas esperanças.

Veja aquela mulher com o menino nos braços. Conhece-a? Pois devia, uma vez que foi ela sua amante, iludida inúmeras vezes por suas promessas mentirosas, suas ações criminosas, que acabaram fazendo com que matasse, ela mesma, seu próprio filho, desesperada pela fome e pela doença.

Pense, centurião, e em sua consciência me diga se ela tem ou não razão. Assim como essa mulher, existem centenas por aqui à sua espera mas, vou repetir, não violaremos nossa promessa aos Homens de Luz. Saberemos esperar, pois estamos há muito tempo aguardando uma oportunidade e não fará diferença alguns anos a mais."

Por vezes sem conta vivi esses momentos em atormentados sonhos e também senti por perto, quando pensava desfalecer e perder a razão, na hora certa, como que uma suave mão em minha frente, clareando minhas ideias e recolocando em harmonia meus pensamentos desencontrados.

Nessas horas, julgava mergulhar num mar azul de águas cristalinas e me sentia desprender da consciência, adormecer como quando era pequeno e descansava minha cabeça no colo de mamãe.

De vez em quando, parecia perceber a figura de um velho, também conhecido de minha alma, fisionomia preocupada, mas que também me trazia uma agradável sensação de proteção.

A primeira pessoa que vi, ao abrir os olhos, foi um anjo, ou assim pensei que fosse, porque nunca em minha vida tinha visto uma mulher igual àquela.

Ela cochilava, sentada em um banquinho, ao lado do que parecia ser minha cama, e fiquei longo tempo admirando o contorno suave de seu rosto, seus lábios rosados, seus cabelos negros presos num gracioso coque no alto da cabeça, tudo, enfim, naquele ser delicado caído do céu.

Depois de alguns minutos ela acordou em sobressalto e olhou para mim, e aí pude mergulhar meus olhos naquelas duas pedras preciosas de um escuro profundo.

Ela enrubesceu vivamente e se retirou correndo através da pequena porta do aposento onde eu estava, aparentemente uma espécie de dormitório.

Minha cama era um tipo de catre, dos chamados "de tesoura", muito comum, feito de tela e cordas entrelaçadas, sendo sua armação construída à base de dois montantes de madeira, talvez de pinho, cada um solidamente amarrado a dois pés que se cruzavam "em aspas" e que não ficavam muito elevados do chão.

Passei os olhos pelo ambiente, tentando identificar alguma coisa familiar, que pudesse me dar alguma indicação quanto ao lugar onde estava.

Tentei levantar e uma aguda pontada na fronte me fez desistir, trazendo inúmeras estrelinhas luminosas a dançar à minha frente.

O dormitório era retangular e possuía boas dimensões, sendo que seu único mobiliário, além da cama e do banquinho, era uma arca de madeira sólida, o que evidenciava um padrão de vida relativamente elevado para seus moradores. Sobre a arca havia uma bacia, uma jarra de metal com água, um lenço e um pequeno ramo de alecrim de flores perfumadas com tonalidade azulada. Sobre a cabeceira da cama, pendurada na parede caiada de branco e à pouca altura do piso de ladrilho vermelho, uma singela lamparina de azeite em forma de concha alumiaava o quarto, em vista da insuficiente claridade que filtrava pela estreita fresta que fazia as vezes de janela.

Pelo barulho que ouvia lá fora, adivinhei que estávamos pela manhã de um dia qualquer. Nunca mais vou esquecer aqueles sons característicos de todas as manhãs nas aldeias da Judeia, cujos dias começavam, invariavelmente, pelos ruídos das moendas de trigo, rouco e monótono, que partia, simultaneamente, de todas as casas, que convertiam o trigo em farinha, usada para fazer o pão ou ainda tortas de vários tipos.

Logo entrou um homem pela porta, acompanhado, timidamente, pelo anjo que vi ao despertar, e só aí me dei conta que estava sem roupas, razão pela qual procurei me esconder o máximo possível com o lençol.

Trocaram algumas palavras em hebraico, que intui apenas o sentido de estarem falando a respeito de meu estado.

— Onde está minha roupa? Quem são vocês?

O pouco que sabia da língua pareceu não me ajudar muito, pois a pequena soltou um riso abafado e novamente correu para fora do quarto.

O homem se aproximou lentamente e sentou no banquinho, sem parar de me examinar e à grande atadura que tinha na cabeça.

— Está se sentindo bem? Graças a Deus, pois pensamos que ia morrer.

Ele falava um grego perfeito, sem nenhum sotaque, o que veio confirmar, de certa forma, que se tratava de uma família de alguma relevância social.

— Fique tranquilo, porque aqui você está seguro. Minha casa dispõe desse aposento nos fundos para o caso de recebermos alguma visita e, geralmente, ninguém vem aqui.

O homem trajava uma túnica de franjas coloridas verticais, com mangas compridas e amplas.

— Pode me contar como vim parar aqui? Quem é você?

Antes de me responder, chamou novamente a moça, que deduzi ser sua filha, pedindo a ela alguma coisa.

— Meu nome é Joab e tenho um pequeno negócio de transporte de mercadorias para Jerusalém. A moça que viu é Ester, minha filha.

“Vinha para cá com uma caravana proveniente de Jerusalém, quando notamos o vermelho de sua túnica por entre os arbustos e acabamos por encontrá-lo numa poça de sangue perto de alguns outros soldados, infelizmente, todos mortos.

Discutimos muito sobre o que fazer, pois como sabe, vocês não são muito populares entre o meu povo. Após muitas marchas e contramarchas, resolvi pôr um ponto final na questão e ordenei a meus homens que o despissem e colocassem em uma maca, coberto até a cabeça e em trajes de pastor, para o caso dos bandidos voltarem para terminar seu trabalho.

De mais a mais, pensei seriamente que você fosse morrer, mas como todos aqui somos seguidores do Mestre Jesus, decidi colocar em prática o que ouvimos em suas pregações, pois vejo sinceramente em você um irmão na carne ao invés de um adversário, filhos que somos do mesmo Pai.”

Nem conhecia o tal Mestre Jesus e já me sentia devedor, pois suas palavras e ensinamentos tinham decidido minha sorte lá na estrada.

— Não trouxemos nada de seu uniforme ou armas, porque aqui é uma casa de paz, além do que poderia chamar muito a atenção dos vizinhos e causar problemas.

“Mesmo assim, pode agradecer a meu irmão Marcos, que é médico em Jerusalém e estava conosco na caravana, que foi o responsável pelo seu tratamento e não mediu esforços para seu restabelecimento.”

Naquele instante entrou Ester e uma outra mulher, mais idosa, trazendo uma grande bandeja com o que adivinhei ser o “café da manhã”, composto por leite quente, rodela de pão tostado, queijo e um pouco de mel.

A visão da comida fez meu estômago se retorcer por uma espécie de reflexo, porque fazia alguns dias que não ingeria alimento sólido.

— Esta é Raquel, minha mulher. É melhor que não tente se levantar, pois ainda está muito fraco e ficou vários dias entre a vida e a morte.

“Por enquanto, ficará aqui neste quarto em repouso, aqui mesmo em Cafamaum, até que resolvamos o que fazer. Se quiser alguma coisa, toque o sino de metal e Ester virá servi-lo. Agora, com sua licença, vamos deixá-lo em paz, para que possa comer e repousar mais um pouco.”

Após devorar o alimento colocado na bandeja, adormeci novamente, um sono profundo e agradável como há tempos não tinha.

Enquanto eu me recuperava dos ferimentos sofridos, a notícia de meu desaparecimento tinha já chegado à fortaleza Antônia, causando muito alvoroço. A perda de dois oficiais graduados num curto intervalo de tempo era algo com que se preocupar, representando mesmo uma séria perda de prestígio por parte do conquistador romano e, desse modo, até o governador não poderia ficar alheio a esse fato, pois sabia que, cedo ou tarde, seria convocado a dar explicações ao Legado Imperial na Síria.

Desse modo, movido mais pela perspectiva nebulosa que se revelava para seus planos, o próprio Pôncio Pilatos, rapidamente, se dirigiu a Jerusalém, visando a se ocupar pessoalmente do assunto.

Certa manhã, vamos encontrar várias pessoas reunidas nos aposentos privados do governador, a tensão quase que sólida no ar.

— Vamos, imbecis, quero saber em detalhes o que ocorreu.

Nosso rechonchudo procurador imperial ficava vermelho como um tomate quando estava nervoso e, à sua pergunta, recebeu apenas um silêncio glacial.

— Você, Áulus, diga-me o que aconteceu, pelo menos você que tem uma miligrama a mais de cérebro.

Áulus sacudiu os braços nervosamente e, por fim, falou espremido.

— Não sei, domine, mas parece que caíram em uma emboscada.

— Isso todos já sabemos, mas como é possível uma coisa dessas?

E, abaixando a voz, como que tentando disfarçar de alguma testemunha invisível.

— Você me disse que estava tudo sob controle. Será que os miseráveis querem agir sozinhos? Pensam escapar de um castigo de verdade? Ai de todos, se assim for.

— Domine, posso assegurar que tudo já havia sido providenciado. Caso algo estivesse planejado eu certamente saberia, pois confio em Isaac, o qual pode não nos apreciar, mas gosta muito de dinheiro.

Pôncio bufava e andava de um lado a outro dentro do aposento.

— Mas, então, por que aconteceu esta tragédia? Mesmo eu não posso me dar ao luxo de permitir a perda de dois oficiais em prazo tão curto. Como vou explicar que meu território está à mercê de bandidos?

Todos ouviam de cabeça baixa os desabafos do governador.

— Domine, sei que foi um grupo menor que atacou nossos homens. Fiz investigações em sigilo e Isaac me garantiu que nem ele sabe quem são. De qualquer modo, me afiançou que até hoje, ao final do dia, vai trazer-me os nomes e onde encontrá-los.

— Palavras, Áulus, somente palavras. Quero ações imediatas, mas sem nos envolver diretamente, para não levantar mais suspeitas sobre os negócios. Quero que esses malditos resolvam as coisas eles mesmos, tragam-me as cabeças dos responsáveis ao invés dos nomes. Você tem mesmo, até hoje à noite, para resolver isso e descobrir onde foi parar Antônio, cujo corpo sumiu.

Dentre todos, Umídio Décimo exibia uma fisionomia impassível, como se nada daquilo lhe dissesse respeito.

— Pôncio, é melhor não perdermos agora o senso da prudência. Devemos esperar mais alguns dias, uma semana, que alguma notícia certamente irá aparecer. De mais a mais, não fará nenhuma diferença se tivermos que nos explicar ao Legado imperial.

O governador tremeu dos pés à cabeça ao pensar na possibilidade.

— E você, nobre tribuno, parece que nada disso o afeta, não é mesmo?

O que mais o irritava em Umídio era sua calma e o ar superior, mesmo nas piores situações.

— Ora, caro Pôncio, não vai ajudar em nada se for mais um a ficar nervoso. Se o corpo de Antônio sumiu, logo teremos notícias dele, pode estar certo, pois nada some dessa maneira sem deixar nenhum rastro.

Passado o momento inicial, via de regra a lógica e a tranquilidade de Umídio tinham o dom de acalmar os ânimos do procurador, mesmo em assuntos os mais prosaicos, até mesmo atuando maquiavelicamente como mediador nos atritos de Pôncio com a governadora.

— Vamos deixar a cargo de Aulus as providências, principalmente para que tais ocorrências não se repitam. Uma vez ou outra, uma emboscada com alguma perda de soldados menores pode até ser vantajosa, de modo a manter elevado o moral da tropa, além de fazer ver a Roma que somos necessários por aqui.

"Enquanto isso, vamos adiante com nossos negócios e atingindo nossos objetivos. De qualquer maneira, a ninguém interessa esse tipo de conflito, porque, se Roma decidir intervir na província, todos acabamos perdendo. Perdem os "nobres e santos" sacerdotes do Sinédrio, perde Caifás, Anás, eu, vocês, todos nós."

O ambiente tinha desanuviado um pouco e os ânimos serenado um pouco.

— Umídio tem razão, domine. Não há motivos para nos desesperarmos no curto prazo e garanto que tudo ainda está sob nosso controle. Hoje mesmo terei novidades e irei, pessoalmente, providenciar para que esses miseráveis sejam varridos do mapa.

A reunião se dispersou rapidamente e foram todos cuidar de suas próprias obrigações.

Esta era a situação em que me encontrava, nem mais nem menos, onde campeava a corrupção, desde o próprio governador até simples soldados. Aliás, os pobres dos soldados é que acabavam pagando a conta, muitas vezes com a própria vida.

Uma vasta teia de interesses acabava entrelaçando em estranha simbiose os conquistadores e conquistados, alguns aparentemente "patriotas", mas todos funcionando como sanguessugas do fluido vital daquele povo.

Evidentemente, mesmo antes de chegar à Judeia, eu já suspeitava de alguma coisa, porque tinha sido alertado em Roma, por Sixtus, inclusive, que conhecia bem Pilatos e sua família, sobre a cupidéz que reinava entre os dirigentes da província, mas nunca tinha pensado que tal coisa tivesse atingido essas proporções. Até aquele momento, no entanto, ninguém havia ainda tentado qualquer aproximação comigo.

A menos da leve insinuação feita por Áulus em nossa primeira noite em Cesareia, todos tinham revelado extrema discrição em relação ao assunto, deixando-me confuso e cada vez mais perdido.

Houve um dia, em que pensei até em retomar de uma vez para Roma, tal o desânimo, pois nada do que fazia dava certo, as pessoas pareciam escapar entre meus dedos. No fundo, sabia que Áulus era uma "peça-chave" em todo o esquema, e que, se o pegasse, conseguiria desvendar muitos daqueles enigmas, mas ele não era bobo e sabia levar a situação, fingindo cega obediência e lealdade ao governador, o que me deixava desarmado para fazer qualquer coisa.

Poucas semanas antes da malsinada viagem de inspeção, resolvi ter uma conversa com o governador a respeito, sondar e ver o que poderia estar por trás de tudo, saber até onde poderia ir.

Estava em Cesareia nesse dia e o homem consentiu em me receber, exibindo sua habitual cara de enfado.

— Salve, Antônio, fale logo o que deseja, porque tenciono sair com Cláudia para inspecionar minhas fazendas. Você sabe que não se pode deixar essa gente sozinha, ainda mais esses judeus, avessos a qualquer trabalho mais duro.

Acostumado que estava já, aos humores do governador, senti que minha presença ali era incômoda e que ele queria se livrar logo de mim.

— Salve, governador, mas estou muito preocupado com algumas coisas que tenho notado, particularmente com a constância das ações dos bandidos, sem que nós consigamos fazer nada.

"Sabe como é, parece que todos ficam sabendo de antemão onde e como vamos agir, quantos homens levaremos, nossos planos, razão pela qual nunca chegamos a nenhum resultado concreto.

Creio que estamos sendo espionados por alguém de nosso próprio círculo, inclusive de alta patente, pois só assim seria possível conhecer certos detalhes de nossas operações. Para ter uma ideia, em uma das vezes, somente três de nós sabíamos da estratégia a ser utilizada, ou seja, Copônio, Aulus e eu mesmo, mas quando nos posicionamos para surpreender os bandidos, ninguém apareceu.

Por esta e outras razões estou muito preocupado e gostaria de saber sua opinião a respeito."

Pôncio coçou lentamente sua proeminente barriga e ficou quieto por instantes, parecia estar pensando profundamente em alguma coisa distante.

Sentou pesadamente em seu pequeno trono, examinando-me por longo tempo, como que avaliando algo.

— Sabe, Antônio, realmente acho que você tem toda razão, mas é preciso ter muito cuidado, que, às vezes, as pessoas acabam sucumbindo à ideia do dinheiro fácil, e acabam se tomando muito perigosas.

"Como você, estou há muito tempo apreensivo com tudo isso, muito antes de sua chegada, sendo que Árrius, seu antecessor, investiu muito tempo para tentar descobrir algo, mas como sabe, infelizmente, não teve tempo para concluir suas investigações."

Era um verdadeiro artista e quem o ouvisse seria capaz de jurar em cima da pureza de suas intenções.

— Você já tem algum suspeito?

— Gostaria de saber sua opinião sobre Aulus.

O governador nem pestanejou, frustrando minhas expectativas.

— Aulus já está comigo de longa data, desde outras missões antes deste governo e tenho nele absoluta confiança. Não foram poucas as vezes em que voltou ferido de patrulhas e, pessoalmente, foi responsável por grande número de prisões e mortes dos fascfnoras.

“Se fosse você eu o esqueceria e, muito pelo contrário, procuraria colocá-lo a par de seus planos para aumentar sua probabilidade de êxito.

Aulus conhece muita gente e pode ser um parceiro valioso para o que pretende.

De qualquer modo, vou pedir a ele para procurá-lo e combinar as ações contra os bandidos.

A propósito, Umídio pode ser de inestimável ajuda com sua polícia secreta e portanto, acho que também deve procurá-lo. Já falou com ele a respeito?”

— Não, mas vou procurar seguir sua orientação.

Já ia me despedindo, quando Pôncio, repentinamente, me deteve.

— A propósito, Antônio, quando de sua chegada a Cesareia eu lhe fiz uma pergunta e você se enrolou muito bem para responder, rodeando vários assuntos sem nos dar uma resposta direta e objetiva.

Novamente aquela sensação de ter virado caça ao invés de caçador.

— Morreria por mim, Antônio?

Pôncio era um maníaco e como tal apresentava notáveis contradições em sua conduta, principalmente em seu humor. Uma hora estava furioso e no instante seguinte calmo ou alegre e vice-versa.

Era uma pessoa perigosa para se ter como inimigo, razão pela qual achei mais prudente satisfazer seu ego doentio.

— Sim, nobre Pôncio Pilatos, morreria pelo governador e pela governadora.

A entrevista terminou aí e, como sempre, sem despedidas, meu interlocutor sumiu no interior do fabuloso palácio.

De qualquer modo, tinha agora a certeza de que, se Áulus estivesse de fato envolvido na trama, bem como Umídio, também o estaria o governador.

Devido a esse tipo de coisa, estava cada vez mais convencido de que nada poderia fazer naquele lugar, motivado para ir embora, só mudando minhas disposições, quando me lembrava de Clódio. Apesar de tudo, minha estada na Judeia me possibilitava grande liberdade e meios para efetuar minhas pesquisas sobre o paradeiro de meu irmão, embora passados mais de dez anos.

Enquanto os acontecimentos rolavam em Jerusalém, poucos dias depois de recobrar a consciência, estava já ensaiando meus passos pelo interior da casa de Joab.

Estávamos em Cafamaum e ficava horas a fio na janela admirando o Kennereth, o chamado Mar da Galileia, coalhado de pequenas velas triangulares das embarcações pesqueiras que iam e vinham em sua faina diária.

Meu anfitrião possuía também uma pequena frota daqueles barcos e, por vezes, convidava-me a sair com ele, o que só seria possível, na verdade, depois que meu organismo se recuperasse melhor dos ferimentos recebidos.

Entretanto, mesmo sem ir a lugar nenhum, aproveitei muito aqueles dias para descansar, não apenas o corpo, mas meu espírito farto com as futilidades da vida na sociedade romana.

Certo dia apareceu em casa de Joab um rapaz de nome Amós, muito amigo da família, que tinha sido, segundo Ester, seu pretendente há algum tempo, mas cuja proposta tinha sido por ela recusada por sentir nele um irmão, ao invés de um noivo.

De alguma maneira que me deixou intrigado, apesar de procurar disfarçar, ele pareceu me reconhecer de pronto, apesar de minha aparência geral e da história contada por Joab, que tinha me apresentado como sendo Hesíodo, um amigo grego, passando uns dias em sua casa.

Meu anfitrião alertou-me para não dar muita conversa ao rapaz que, segundo ele, fazia parte, secretamente, de um dos numerosos grupos de “zelotes”, encarados pelo povo como patriotas, os

quais sentiam ódio mortal pelos romanos e eram muito perigosos.

Mais tarde, lamentaria muito ter permanecido tanto tempo junto daquela gente, porque minha aproximação seria ainda o motivo de sua desgraça.

No entanto, durante aqueles dias inolvidáveis minha admiração e respeito por Joab e sua família cresceram muito, além do crescente sentimento de carinho que brotava dentro de mim pelo anjo Ester, a jóia daquela casa.

Era muito raro ter um momento a sós com ela, visto que os bons costumes do meio social judeu não permitiam que um homem se entretivesse a sós com uma mulher, ou ainda que esta sorrisse ou falasse a desconhecidos.

O papel da mulher na sociedade judaica era abjeto, quase nulo se compararmos com a realidade atual de liberalização dos costumes, e podia-se mesmo notar, às vezes, quase que um desprezo pelas companheiras por parte dos homens.

Quando a mulher judia saía de casa, era obrigada a manter o rosto oculto por véus, de modo a tomar impossível até mesmo um vislumbre fugaz dos traços de seu rosto. Caso não o fizesse, era considerado um ato de tal forma ofensivo aos costumes que a ortodoxia, praticamente, obrigava o marido, se fosse mulher casada, a repudiá-la, sem ser obrigado a nenhum pagamento a título de divórcio.

A situação doméstica não era muito diversa, traduzindo-se em um papel de coadjuvante e subalternidade, sendo que sua formação limitava-se, estritamente, aos valores domésticos, como tecer e cozinhar.

Nas cerimônias de noivado e casamento, então, ficava ainda mais patente essa inferioridade, pois se tratava de verdadeiras operações de compra e venda, dado que a mulher passava de "propriedade do pai" a "propriedade do marido".

Em que pese tudo isso, não eram tão rígidas tais condições na Galileia, o que tomava os galileus em geral mal vistos, ou considerados como "impuros", pelos judeus mais ortodoxos de Jerusalém.

Em casa de Joab e Raquel, reinava grande paz e harmonia, e sempre havia um clima gostoso de camaradagem e amor suspenso no ar.

Muitas vezes, tivemos oportunidade de conversar à luz do luar, à beira do lago Kennereth e, como Cafarnaum era naquela época um dos lugares preferidos pelo Mestre para suas pregações, muitas vezes a conversa acabava desembocando nos ensinamentos de Jesus, pois a família toda professava a nova fé trazida pelo filho de Deus encarnado.

Nestas horas, Ester parecia transmudar-se e o seu todo adquiria dimensões majestosas, face a eloquência de suas palavras e a luminosidade que emanava de seus olhos.

Apesar de todo o rigor que envolvia a figura da mulher na sociedade judaica, naqueles nossos encontros e palestras pude perceber que Ester também não era indiferente à minha pessoa, certeza esta que trouxe um encanto novo, nunca sentido, ao meu coração.

Foi ali, no meio daquela gente simples, mas inteligente, amorosa e sincera, que eu descobri o meu lugar, a placa indicativa do caminho da minha vida.

XIII - ENCONTRO COM JESUS

Ocultamente, tratei de enviar a Jerusalém uma mensagem, através de uma das muitas caravanas que por ali passavam, visando a dar notícias a Umídio sobre minha situação, posto que a esta altura deveriam já estar me dando por perdido.

Sem revelar muitos detalhes de onde estava, encaminhei algumas recomendações à guarnição da fortaleza, avisando que ainda iria demorar algumas semanas mais, até meu completo restabelecimento nas mãos competentes de Marcos, médico e irmão de meu anfitrião.

Apesar de todos os cuidados, as circunstâncias logo acabariam por impedir de uma vez a continuidade de meu disfarce, o que, na verdade, já era esperado.

Cafamaum tinha sido por muito tempo a cidade predileta para as pregações do Mestre por sua vida calma, localização paradisíaca beira do lago, mas sobretudo, por seu povo pacífico e trabalhador, o qual eu também acabaria por admirar.

Quem me dera, pensava eu, poder simplesmente largar tudo e ficar por ali vivendo uma vida simples de pescador junto à mulher amada, acompanhar meus filhos crescerem longe da atribulada e viciosa sociedade romana, onde imperava o culto das aparências e da crueldade em detrimento da evolução do verdadeiro homem que habita dentro de cada um.

Meu espírito se agarrava a cada dia com maior sofreguidão àquela cidadezinha e me aproximava cada vez mais de Ester. As vezes, costumávamos dar longos passeios à beira do grande lago, onde me deliciava ouvindo Je sua boca as lições deixadas por Jesus que, desse modo, tinham para mim um sabor diferente.

Naquelas horas, deixava minha mente voar em liberdade por aquele mundo diferente que minha amada descrevia, usufruindo de sua paz, construindo castelos de amor e fraternidade.

No entanto, acabava a magia quando voltávamos para casa, pois minha alma de soldado romano era dura demais para aceitar o "novo reino" ou a "boa nova" trazida pelo rabi da Galileia. Ainda eram profundas as raízes dos valores culturais semeados na Metrópole e, apesar das palavras do Mestre ecoarem muito fortes em meu coração, aquele era, para mim, um mundo impossível, onírico, ao qual nunca teríamos acesso.

Foi a época mais prazerosa que vivi durante aquela minha existência na Terra.

Quantas noites passei sozinho, em comunhão de pensamento com os deuses que habitavam a placidez daquele lago, quase sempre até o início da madrugada. Naquela hora, uma névoa branca envolvia o mar e o céu, de forma que, entrar naquela água, era como nadar em um sonho. As vezes, uma fatia pálida de lua ainda pairava, mesmo enquanto a primeira luz rosada começava a surgir anunciando o nascer do dia.

A água costumava estar dolorosamente fria, apesar do calor forte que chegaria mais tarde, o que significava um batismo vigoroso, confortador, purificante e refrescante, verdadeira terapia energética para curar os ferimentos físicos e morais em minha cabeça.

Não foram poucas as vezes em que testemunhei a saída dos pescadores em seus barquinhos para a colheita diária, no farto depósito de riquezas daquele lago. Frequentemente Joab conversava alguns minutos comigo ali, antes de se reunir a seus homens e fazer-se ao largo.

Cada uma das manhãs ali, formava um dos muitos momentos mágicos que descobri naquela terra, onde se iniciavam as voltas que a roda da vida deveria cumprir a cada dia.

Os barcos todos ficavam alinhados na praia, presos a suas âncoras um ao lado do outro, com seus enormes cascos maltratados pelas tempestades, em sua maioria de uma coloração cinzenta meio azulada como a água, balançando ritmadamente ao sabor das ondas.

Certo dia, Joab apresentou-me a Simão Pedro, aquele que viria posteriormente a comandar, com mão de ferro, o grupo deixado por Jesus.

O grande Simão Pedro era também pescador, homem de físico avantajado, cabelos espessos fortemente encaracolados, descorados pelo sol até quase ficar branco. Seu rosto era grande, corado e ossudo, seus olhos azuis aguçados e penetrantes, seus ombros um tanto curvos.

Segundo Joab, não havia ninguém melhor do que ele no comando de um barco, sendo por essa e outras razões muito respeitado em Cafamaum. Como muitos de seus amigos, sua família toda era dedicada a ajudar na disseminação das palavras do Mestre.

Naquele dia, Jesus deveria fazer uma de suas pregações nas areias da praia e resolvi acompanhar Ester, apesar dos protestos de Amós, que não concordava que um "impuro" como eu frequentasse as reuniões junto com eles, ideia prontamente rechaçada por Joab.

— Engana-se, meu filho. Por acaso você já esqueceu que Jesus fala a todos os corações e não apenas àqueles que você chama de "puros"? Repetidas vezes o próprio Mestre deixou claro que somos todos filhos do mesmo Pai, somos irmãos e, portanto, a fraternidade deve reinar entre nós e fazer morada em nossos corações.

"Somente assim poderá o amor frutificar e transformar a humanidade, resolver, enfim, essa horrível situação de decadência que observamos por toda parte, onde homens escravizados são tratados pior do que animais, apenas por terem nascido em outro país ou não disporem de fartura material, ou ainda professarem uma crença diversa da nossa ou terem uma cor diferente.

Amós, o valor de uma pessoa não está em sua cor, origem ou crença, mas dentro de si, e é lá que devemos permitir a entrada do que nos diz o Mestre Amado."

O antigo pretendente de Ester era jovem e rancoroso, não se deixando vencer facilmente por argumentos.

— Engana-se Joab, pois sinto que esse seu amigo grego, Hesíodo como ele afirma, não é digno de confiança e ainda trará muitos problemas a esta casa.

Na verdade, Amós já sabia de tudo a meu respeito através de sondagens que fez, pessoalmente, junto aos servos da casa, mas, principalmente, porque ele era, sem que eu o tivesse identificado, o chefe do bando que tinha nos emboscado semanas atrás.

Percebendo que não conseguiria nada com suas ideias, virou as costas e se retirou da casa bufando de raiva. No seu íntimo, ainda alimentava a esperança de ser aceito por Ester e poder, dessa forma, viver tranquilamente, à sombra dos bens e do dinheiro do sogro. Este era o real motivo pelo qual ele não havia ainda, até aquele momento, feito nada para me desmascarar, receoso de desagradar Joab e colocar seus planos em perigo.

"Maldito romano, deveria ter me certificado de sua morte na estrada, pois teria economizado muitas dores de cabeça para todos. O pior de tudo é que agora ainda vejo Ester interessada no desgraçado, tratando a ele, um invasor, como se fosse um de nós, melhor do que nós.

Vou provar a todos que estão enganados a meu respeito, porque não sou a ovelha que pensam e, se não for para mim, não será para ninguém."

Amós, assim como muitos outros, mesmo alguns apóstolos de Jesus, achava que a vinda do Mestre significava, como diziam, o Messias que haveria de libertar o povo judeu do jugo dos invasores.

A casta sacerdotal, por sua vez, torceu a profecia a seu favor, procurando fazer crer ao povo que tal Messias haveria de ser, primeiro e sobretudo, um sumo-sacerdote.

Os longos anos de dominação estrangeira fortaleciam a esperança nesse Messias, convertendo-o, na cabeça das pessoas, em um chefe político que libertaria a nação através das armas.

Os grupos como o de Amós, apesar de Jesus pregar abertamente um outro tipo de libertação, alimentavam a crença de que a situação poderia evoluir favoravelmente para eles e o Mestre se converter no Messias de quem falavam as profecias.

Estavam todos longe da verdade e Jesus, com suas palavras de amor, continuava arrebatando as multidões de infelizes e maltratados, o que por sua vez multiplicava a inveja e o rancor dos sacerdotes, que juraram matá-lo por isso. Tal raiva seria ainda multiplicada várias vezes quando da ressurreição de Lázaro, homem influente de Betânia e grande simpatizante das ideias do Mestre.

Naquele dia, ao final de meu passeio matinal e um giro pela cidade, voltei à casa de Joab para o almoço, pois a reunião deveria ocorrer ao cair da tarde.

Em Cafamaum existia uma antiga fonte, à qual o povo atribuía diversas propriedades terapêuticas, que a fazia motivo de atração para os forasteiros, além do que era ao seu redor que as pessoas costumavam se reunir para ouvir Jesus.

Cheguei à casa de meu anfitrião guiado pelo delicioso cheiro da comida, preparada amorosamente por Raquel e Ester.

Como eu era um "convidado" da casa, seguindo o costume hebreu, eu tinha, obrigatoriamente, de ter meus pés e mãos lavados por Ester, uma das mulheres da casa. Concluída a lavagem com água morna, os pés eram envolvidos em um lenço de linho e pressionado o tecido até que ficassem enxutos, após o que, eram friccionados com gotas de mirra, que proporcionava uma suave e duradoura fragrância.

Joab tinha um outro convidado para a refeição, um velho amigo de nome Matheus, também seguidor dos ensinamentos do profeta galileu.

Matheus era um antigo seguidor de João Batista, que passou a acompanhar Jesus depois da morte deste, tomando-se também um orador corajoso, distribuidor das palavras da "boa nova".

Apesar de seu aspecto cansado, muitas rugas a marcar sua testa, cabelos e barba compridos em desalinho, seus olhos azuis profundos traziam-me lembranças e inquietações cujas causas não conseguia atinar com clareza.

— Sabe, Hesíodo, Matheus é grande amigo desta casa, já é um de nós e, graças a ele, tivemos a oportunidade de tomar contato com a grande verdade, o filho do Deus vivo.

— Não ligue para ele, meu jovem, porque Joab é muito exagerado por natureza e costuma aumentar as coisas, fazendo aparecer méritos diversos que, na verdade, não tenho.

"O que ocorreu é que vim lembrar a Joab um compromisso ao qual ele mesmo havia se proposto antes de nascer, mas que acabou esquecendo no meio das turbulências do mundo material."

— O que aconteceu foi isso mesmo, caro Hesíodo, pois não fosse meu amigo Matheus e eu seria ainda um pescador ignorante errando por aí, sem encontrar um caminho que nos levasse a todos para perto da verdade.

Fiquei intrigado, pois, pelas palavras do velho, parecia ele professar também os ensinamentos de Pitágoras, o grande profeta de Samos, de mais de quinhentos anos passados.

— Vejo que seu amigo é também pitagórico, não é, Joab? Parece que acredita também nas vidas sucessivas.

Os olhos azuis do ancião brilharam com a provocação.

— Sim, grandes verdades estão encerradas nos ensinamentos deixados pelo sábio grego, mas uma grande lacuna somente agora veio a ser preenchida pelo Mestre Jesus, o filho de Deus encarnado, que veio nos trazer as leis do amor e anunciar a "boa nova", a abertura definitiva do reino do Pai aos seus filhos desgarrados na matéria.

"A lógica contida nos postulados de Pitágoras é perfeita, ou seja, as "vidas" sucessivas, as leis de causa-efeito entre o que fizemos no passado em outras existências e o que hoje temos de enfrentar. No entanto, estando definido o destino, faltava pavimentar a estrada a percorrer, o que só conseguimos através do amor.

O amor é o combustível que move nossas almas rumo ao prometido reino de Deus, que, em última análise, é o pai de todos nós. Ele nos colocou aqui para aprendermos esta lição e a nos ajudarmos uns aos outros, para juntos atingirmos nosso objetivo final.

A convivência pacífica, o respeito, a boa vontade e a energia investida para adquirir novos conhecimentos, pode trazer a paz, dar oportunidade a todos os homens, promover o progresso material e o entendimento entre os povos, mas somente o amor a nossos semelhantes pode promover e elevação de nosso espírito imortal.

Enquanto não enxergarmos nossos semelhantes como irmãos diletos, principalmente os infelizes, deserdados da sorte, que carregam pesadas pedras em sua existência terrena, sem os quais não terá sentido a vida num plano mais elevado, de nada adiantará falar sobre o amor, porque será apenas mais uma coisa da boca para fora, quando, na verdade, o que importa é aquilo que vai por dentro, é a realidade sentida.*'

Resolvi desafiar um pouco mais o ancião.

— Nobre Matheus, sabemos todos que na judeia existe uma quantidade enorme de profetas, sem falar nos sacerdotes "oficiais" do Sinédrio, cada um pregando de uma forma diferente as suas próprias ideias. Joab e eu já conversamos bastante sobre Jesus, o chamado rabi da Galileia, e também Raquel e Ester, tendo me impressionado bastante suas ideias, verdadeiramente revolucionárias se considerarmos como as coisas estão estruturadas no mundo de hoje. Então eu lhe pergunto: Como pode você ter certeza que Jesus não é apenas mais um profeta e que seus ensinamentos são de fato verdadeiros, ao invés dos outros todos que ouvimos por aí?

Matheus deu um sorriso significativo, deixando perceber que lhe agradava minha curiosidade.

Passou lentamente os dedos por sua barba branca antes de responder.

— Sua pergunta é muito saudável e demonstra um genuíno desejo de aprender. Se formos analisar o que todos os profetas que andam por aí pregam, certamente iremos descobrir que todos, mesmo o mais decrépito ou insano, tem alguma coisa a oferecer, talvez até muito pouco, mas eu lhe digo que ninguém é de todo mau e nem todo ensinamento deve ser descartado. Por isso, é importante o uso da razão, juntamente com o uso do coração. É preciso escutar e analisar para descobriremos se o que está sendo dito faz sentido, mas para identificarmos a verdade é necessário também usar o coração, é preciso sentir.

"João Batista, antes de morrer, tinha uma missão sublime, ou seja, anunciar a vinda do Filho de Deus e batizar esse enviado com água pura, simbolizando o recebimento da verdade pelos elementos, iniciando sua missão de trazer o que chamamos de "boa nova" às pessoas. E assim ele fez e foi embora.

Que contraste gritante com o que fazem os sacerdotes do Sinédrio, os grandes "guardiões" da religião e da verdade, que não praticam o que pregam, que elegem os interesses maiores, pecuniários, ao invés de cumprir os preceitos e os mandamentos deixados por Moisés à sua guarda.

Maior ainda é a diferença quando comparados a Jesus, que nada mais veio fazer além de nos abrir o coração e derramar dentro dele a água pura e refrescante das leis do amor.

Ele vive por nós e certamente morrerá por nós, pois o homem ainda é muito ignorante para compreender tal mensagem em plenitude, mas sua semente foi lançada e, mais cedo ou mais tarde, dará seus frutos.

Jesus é como o semeador e lança suas sementes pelo solo, que somos nós, a quem compete cuidar, adubar e regar, para que dêem uma boa colheita, que, por sua vez, também serão sementes e assim por diante. Aquele que não cuidar de sua semente não terá colheita, sua terra secará, tomar-se-á areia sem vida e não terá continuidade.

Somente a criação frutificada viverá no reino por Ele apregoado, enquanto que aquele cuja semente morrer, precisará plantar novamente, e outra vez, sucessivamente, se é que consegue me entender, até chegar a conseguir sua colheita."

Aquilo encontrava eco dentro de mim, no mais profundo de meu ser, mas aprendi também que é muito mais fácil falar do que fazer, principalmente quando se trata de valores culturais, arraigados desde tenra idade.

O que dizia Matheus sobre o amor e a fraternidade entre todos os homens era teoricamente lógico, mas significava considerar todos, inclusive escravos, doentes, aleijados, inimigos, como irmãos. Como fazê-lo à luz da realidade cultural e social romana?

Como disse, eu era um produto daquela sociedade, como de resto continuo a ser até hoje e, embora os conceitos e lições de Jesus tivessem lógica, como poderia eu considerar um criminoso como irmão? Como poderia chegar a amar os bandidos que nos tinham assaltado e aniquilado numa das curvas da estrada?

Após um longo silêncio, Raquel encerrou a conversa exibindo sua irretorquível lógica de dona de casa.

— Bom, agora é hora de comermos, antes que tudo esfrie de vez, pois já se faz tarde e daqui a pouco teremos de sair para ouvir o Mestre.

Sentamos ao redor da mesa e Matheus, convidado por Joab, proferiu sentida prece, agradecendo pelos alimentos e pela oportunidade de estarmos todos juntos ali naquele momento, em paz e harmonia.

A refeição era uma sopa à base de verduras e ervas aromáticas, seguida de pescado cozido e cordeiro assado, cuidadosamente condimentados com cebola e alho. Tudo tinha sido meticulosamente preparado e disposto por Raquel e Ester.

Os outros pratos consistiam de frutos secos, uma espécie de sobremesa, em especial passas, tâmaras e mel silvestre, tudo isso regado a vinho.

Ao lado de cada comensal, colocava-se uma bacia de metal, para ir-se lavando as mãos, pois o costume judeu prescrevia que os alimentos deveriam ser tomados com os dedos.

Depois das refeições, costumava-se também eructar ruidosamente, valendo como uma demonstração de satisfação por parte dos convidados, pela comida e tratamento recebido.

Terminado o ritual do almoço, Matheus se despediu, dirigindo-se à casa de Zebedeu, cujos filhos eram discípulos de Jesus, enquanto eu me recolhia ao meu quarto para fazer uma rápida toalete e colocar uma túnica mais confortável para assistir à prédica programada para aquela tarde.

Ao sair, encontrei com Ester, que levava nos braços alguns lençóis limpos para arrumar minha cama.

— Sabe que eu já estou acostumada a chamá-lo de Hesíodo? Para você deve ser muito difícil suportar essa vida, não é? Um cidadão de Roma, a grande capital, não apenas do império, mas de todo o mundo.

Olhei diretamente em seus olhos, fazendo-a corar.

— Ester, nunca fui tão bem tratado em minha vida. Sabe que, às vezes, eu fico pensando nisso tudo, na vida que vocês levam aqui e cada vez mais tenho certeza que são muito mais felizes do que nós, naquela confusão toda.

“É como você disse: outro nome, outra vida, outras verdades a serem vividas, e por certo terei de um dia enfrentar aquilo tudo de novo.”

— Mas deve haver muito mais progresso, cultura, muitos filósofos, diversões, uma vida menos enfadonha, com muitas coisas mais por fazer, riquezas.

— Apesar disso, daria tudo de bom grado, em troca do que vocês têm aqui.

“Essa camaradagem, o amor de seus pais, a tranquilidade, a saúde, esse mar gostoso frente à sua casa, a paz.

Em Roma, existem muitas riquezas, mas também muita miséria, falsidade, crimes, sujeira, muita penúria moral. Você não gostaria de lá.”

Ester guardou os lençóis e voltou à sala de almoço.

— Sabia que já estive em Roma?

— É mesmo? Gostou de lá?

Fez um ar de quem tentava se lembrar de algo.

— Não lembro de tudo. Fui com papai há muitos anos, quando era muito criança.

“A única coisa de que me recordo é das estátuas grandes como em Cesareia, um parque enorme, cheio de gente, muito barulho, latidos, uma profusão de cores. Lembro de papai ter me dito que ali é que estava o dinheiro.”

— Seu pai tinha razão, mas acho que somente o dinheiro mora lá.

— Deixe-me chamá-lo por seu nome verdadeiro, Antônio, pelo menos quando estivermos a sós. Acho um nome bonito, generoso.

Aí foi a minha vez de ficar corado.

— Claro, gosto que você me chame assim.

Tomei suas mãos e levei aos lábios, beijando-as devagar, saboreando cada pedacinho daquele momento.

— Tenho observado você, Antônio, de vez em quando, suas escapadas noturnas até o lago. Você parece triste.

— Gosto de lá, a quietude e a paz, um mergulho em suas águas é suficiente para melhorar o ânimo.

"Fico pensando que, um dia, vou ter de ir embora, pois muitas coisas me aguardam, meu comando, Jerusalém, o governador. Tenho medo de perder a felicidade que encontrei aqui, de acordar e não vê-la mais a meu lado."

Ficamos em silêncio ali, mãos entrelaçadas, olhando um para o outro. Parecia que estávamos esperando por isso há muito tempo.

— Você nunca mais vai voltar?

— Vou sim, e nada neste mundo poderia impedir-me de fazê-lo, agora que a encontrei.

A voz de Joab nos chamava lá fora, que era chegada a hora de irmos assistir à pregação de Jesus programada para aquela sexta-feira.

Antes de sairmos, beijei de leve os lábios de Ester, minha amada e prometi a ela, a mim mesmo, ao infinito, nunca mais deixá-la, levá-la comigo, fazer qualquer coisa para viver o meu amor.

Caminhamos para a praia, o sol brilhando no horizonte, as colinas tomando-se pouco a pouco violetas, o zumbido crescente das pessoas reunidas para ouvi-Lo.

As manhãs começavam frescas e claras, mas ao meio-dia brilhava com força o sol qual uma fornalha, com o calor ficando insuportável na medida que avançavam as horas da tarde.

Fazia mesmo muito calor e suávamos por todos os poros, ali, expostos ao sol. Um e outro conseguiram lugares embaixo de umas árvores, podendo assistir de uma posição mais cômoda e agradável.

Súbito, surgiu no lago a conhecida barca de Simão conduzindo uma pessoa que, pouco a pouco se revelou a todos como a tão aguardada presença, avançando, até chegar perto da areia da praia, onde Ele desembarcou e pude então vê-Lo mais distintamente, a poucos metros de onde estávamos.

Como Copônio havia dito, era uma pessoa diferente das outras. Jesus parecia, verdadeiramente, um príncipe quando comparado aos outros homens e havia sempre um brilho enigmático à sua volta, como se o sol estivesse perenemente derramando sua luz num foco direto sobre sua pessoa, de forma a mantê-Lo continuamente envolto em um halo dourado.

A quantidade de gente reunida para ouvi-Lo era impressionante pelas dimensões do local, sem contar o incessante desfile de doentes e aflitos de toda espécie, mancando, conduzidos, carregados, alguns até mesmo se arrastando, todos chorando por ajuda, ou implorando com seus olhos sentidos de dor.

Jesus era um homem alto, forte e bonito, daquele tipo atraente e fascinante, que forçava as cabeças a se voltar para olhá-Lo pelas ruas, mesmo quando incógnito. Vestia-se, no entanto, de forma tão humilde, com um simples manto branco imaculado, que certamente Ele mesmo havia lavado pela manhã, carregando sempre nos braços o "talith" ou xale de oração franjado. Eram roupas que Lhe caíam bem, mas não o tipo que atraía a aprovação da aristocracia da época ou dos ilustres membros do Sinédrio, que também encontravam aí mais uma desculpa ou motivo para marginalizá-Lo.

Tão logo desceu do barco, o povo precipitou-se para Ele, ansiosos todos de usufruir, rapidamente, os sagrados eflúvios energéticos de Sua presença harmoniosa, mas nesse dia, muitas mães compareceram à prédica conduzindo os filhos, que se confundiam em barulho ensurdecido como um bando de avezinhas a brincar.

Aquele chamado Simão Pedro mais alguns discípulos começaram a repreender gravemente a meninada, de modo a não perdermos o mágico encanto trazido pela chegada do Mestre, mas repentinamente, contra todas as nossas expectativas, sentou-se Jesus numa grande pedra e disse, com infinita ternura:

"Deixai vir a mim os pequeninos, porque o reino do céu lhes pertence."

Fui tomado de intensa emoção e não conseguia dizer nada. Ester percebeu e apertou suavemente meu braço para me tranquilizar.

Houve, então, prodigioso silêncio entre os ouvintes de Cafarnaum e os peregrinos que haviam chegado das cidades vizinhas, enquanto aqueles meninos, muitos dos quais nem tinham aprendido direito a andar, corriam ao encontro do Mestre, beijando-Lhe a túnica com grande alegria.

Pude reparar então, que muitas crianças eram enfermas, que as mães conduziam às pregações do lago para que se curassem ao contato com Jesus.

Também pude ver, mais de perto, o rosto daquele homem. Sorriso divino, revelando, ao mesmo tempo, uma imensa bondade e singular energia, irradiava sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.

Eram valores e sentimentos diferentes, aqueles que experimentava naquele momento, pois era difícil aos romanos como eu entendê-los, voltados que estavam há séculos aos deuses e divindades domésticas, porque esses deuses eram a tradição corporificada do imperialismo da raça, tradição constituída de vaidade e orgulho, egoísmo e ambição.

Após alguns minutos de intensa alegria, elevou-se, então, a majestosa figura e começou a falar, diretamente dentro de nossas almas.

"Bem aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra.

Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus."

Todos ouviam atentamente, engolindo cada palavra, uns chorando mansamente, outros com uma fisionomia de brilhante alegria nos olhos, como se tivessem descoberto um tesouro.

"Vós sois o sal da terra. Vós lhe dais sabor. Vós sois a luz do mundo."

A faixa escarlate remanescente no horizonte, o orvalho, a fragrância úmida das flores silvestres e da grama pisada, o azul do mar descambando para o escuro, tudo exibía frescor e sabor de descoberta.

"Amai vosso inimigo, orai pelos que o tratarem com injustiça, pois o Pai que nos criou nos amava a todos, seus filhos, bons e maus.

Se amais apenas aos que vos amam, qual a recompensa? Deus quer que sejamos como Ele, que amemos uns aos outros como Ele nos ama.

Não junteis tesouros na terra, onde traças e ferrugem destroem e ladrões arrombam e roubam, mas juntai tesouros nos céus, pois onde está teu tesouro, aí estará também teu coração."

Era aquela a resposta à pergunta que fiz a Matheus instantes antes da prédica.

"O olho é a lâmpada do corpo e portanto, se o teu olho for generoso, todo o teu corpo ficará iluminado, mas se o teu olho for avaro, mesquinho e egoísta, todo o teu corpo ficará escuro."

Pensei nos poderosos em Roma, o cego guiando o cego, bem como nos sacerdotes do Sinédrio, as leis de Deus sendo seguidas com tanto empenho, mas de forma tão equivocada.

Insetos zumbiam e cricrilavam na grama, enquanto garças caminhavam lentamente por entre a folhagem ribeirinha e pássaros noturnos começavam já a ensaiar seus mergulhos na água.

Jesus fez uma pausa momentânea, quando algumas garças brancas elevaram-se lentamente dos juncos, batendo suas enormes asas.

Com a cabeça inclinada, sorrindo, observando amorosamente os movimentos dos grandes pássaros até se afastarem para longe, ergueu os braços como a lhes dizer adeus.

Creio que nunca vou conseguir traduzir em palavras a emoção que tomou conta de mim naquele momento.

Sem perceber, estávamos, Ester e eu, de mãos dadas, recebendo em perfeita comunhão, os eflúvios benéficos que inundavam o ambiente.

"Olhai as aves do céu! Não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós mais do que elas? Quem dentre vós, com suas preocupações, pode acrescentar um só minuto à duração de suas vidas? E por que andais tão preocupados com a roupa? Aprendei com os lírios do campo. Na primavera, estas mesmas colinas ficam cobertas de tais cores, como nem Salomão jamais se vestiu. As flores não trabalham nem fiam, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória foi tão enfeitado quanto elas. Se Deus veste assim a erva do campo, o que não fará por vós? Tende mais fé! Pedi e vos será dado, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á."

Anoitecia e já era possível distinguir, ao longe, as luzes da cidade de Zefat, localizada sobre um monte, perto de Cafamaum, que servia como uma espécie de farol ou guia para os viajantes noturnos.

Os apóstolos já se iam preparando para a retirada, pois aquela inolvidável pregação já estava chegando ao fim.

Todos estávamos emocionados e desejávamos que aquele momento não terminasse nunca.

"Construí vossa casa em terreno firme."

Nós não podíamos ver, mas no plano espiritual a assistência reunida para ouvir as lições de Jesus era infinitamente maior, de todas as esferas, de todos os planetas.

"Vinde a mim, todos dentre vós que estais cansados e carregados sob o peso de vosso fardo, e vos darei descanso. Carregai nos ombros o meu jugo e aprendei comigo, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossa alma."

Terminada a fala do Mestre, seus discípulos, rapidamente, O levaram do local, para evitar tumulto e confusão para a imensa massa humana ali reunida.

Ficamos longo tempo ali parados, a multidão se dissolvendo lentamente, os barulhos típicos da aldeia retomando pouco a pouco, eu e Ester de mãos dadas, incapazes de nos mexer.

Joab se aproximou de nós mansamente.

— Joab, vamos ficar um pouco mais por aqui, vamos andar na praia.

Ele concordou com um sorriso.

— Fiquem em paz meus filhos.

Andamos, eu e minha amada por várias horas, paramos algumas vezes, tentando esticar ao máximo aquela noite, com medo de que tudo acabasse e, de repente, nos lançasse novamente no torvelinho descontrolado da "vida lá fora".

Cantamos um para o outro, rimos, conversamos novamente e nos explicamos um ao outro o que tínhamos ouvido do Mestre, trocamos juras de amor, promessas para a eternidade.

Ficamos ali sentados de costas para aquela pedra, nos sentindo vivos, vendo o nascer do sol, ouvindo o canto dos pássaros e os latidos dos cães, o barulho dos cascos dos burros e o ranger das carroças passando, ao longe, na estrada, o som de nossas próprias sandálias, enfim, vencendo as distâncias nas pedras molhadas pelo orvalho.

XIV - SEMEAR ESTRELAS

Infelizmente, passou rápido o tempo e meu sonho de amor foi interrompido por uma carta de Umídio Décimo, me avisando de que Síxtus e Hipólita estavam para chegar e, portanto, esperavam por mim para recepcioná-los em Jerusalém.

Tendo que partir, no entanto, ainda voltaria a Cafamaum várias vezes e teria várias oportunidades de ouvir as suaves pregações do Mestre, junto ao lago Kennereth.

Requisitei uma guarda na guarnição de Cafarnaum e empreendi o retomo a Jerusalém pelo perigoso caminho da Samaria, infestado de ladrões e fascínoras de todos os tipos.

Ao longo do caminho, com meu coração cheio de saudades e pensamentos amorosos por Ester, pude contemplar, com mais vagar, as belezas naturais daquele país, e entendi o grande amor dos judeus por aquela terra generosa.

Ao tempo em que se situa esta narrativa, a Galileia, hoje apenas um mar de areia, era uma verdadeira explosão multicolor de vida, e das suas paisagens maravilhosas brotavam um sem-número de flores de todos os climas. O imenso lago formado pelo perene rolar das águas do rio Jordão, constituía talvez a mais fértil província piscosa do mundo, fazendo roçar suas ondas, mansa e preguiçosamente, ao pé dos pequenos arbustos ricos em seiva.

Grandes nuvens de aves cobriam, em vôo compacto, aquelas águas coloridas como o azul do céu, hoje entre rochedos nus e ardentes.

Ao norte, as culminantes altitudes do Hermon, em eterna estação gelada, figuravam-se em linhas alegres e brancas, artisticamente recortadas no firmamento, divisando-se ao ocidente as elevadas planícies da Pereia, envoltas pelo sol.

Uma vegetação sem igual, fértil, fabulosa, operando a incessante emanção do ar mais puro, temperava o forte calor da região onde se localizava o lago, muito abaixo do nível do Mediterrâneo.

Naquela época, a Galileia era reconhecidamente um vasto celeiro que abastecia toda a Palestina, sendo que, então, o formoso lago de Genesaré não apresentava nível tão baixo quanto o que se vê atualmente. Todas as terras circundantes eram alagadiças, face às inúmeras fontes, canais e do serviço incessante das "noras" que elevavam as águas, possibilitando o aparecimento de uma vegetação luxuriante que enfeitava e coloria, perfumando aquelas paisagens verdadeiramente paradisíacas.

O trigo, a cevada, as abóboras, as lentilhas, os figos e as uvas em frutos semeados e colhidos o ano todo, dando combustível abundante à vida e promovendo a satisfação contínua de todos. Naquela terra ainda, juntamente com os extensos vinhedos e olivais, elevavam-se palmeiras e tamareiras preciosas, cujos produtos eram dos mais ricos da Judeia.

Em Cafarnaum, terra do meu amor, além dessas riquezas todas, prosperava a indústria da pesca, dada a abundância de peixes no imenso criadouro do Kennereth, o que se traduzia numa vida simples e tranquila para seus habitantes.

Dentre todos os povos galileus, o de Cafarnaum era, em tudo, especial e se distinguia por sua beleza espiritual, despretensiosa e singela, sendo isto o que mais me atraiu, qual falena hipnotizada pela luz, à qual não compreende mas reconhece como sendo o chamativo de sua alma.

Lá, o povo consciencioso e crente aceitava a lei de Moisés, mas estava muito longe das manifestações hipócritas do farisaísmo da capital.

Foi devido à essa simplicidade natural e fé espontânea e sincera, que aquela cidade e seu povo foram escolhidos para servir como primeira sementeira, servir de palco às primeiras lições, inesquecíveis e luminosas, do Cristianismo em sua primitiva pureza, o verdadeiro. Ali encontrou Jesus terreno fértil e acolhida amorosa de corações devotados e valorosos, e foi ali que o mundo espiritual encontrou a massa crítica adequada à formação da inesquecível escola, onde o divino Mestre ensinaria e transmitiria a "boa nova", suas lições de amor.

Em todas as cidades da região havia sinagogas, para que as lições da lei fossem ministradas aos sábados, dia que todas as pessoas deveriam dedicar somente ao repouso do corpo e às atividades de elevação do espírito. Nessas pequenas igrejas, a palavra era franqueada a qualquer indivíduo que dela quisesse fazer uso, mas Jesus preferiria, via de regra, o templo sagrado da natureza para difusão da sua palavra, incentivando a que todos, principalmente os mais humildes, pudessem aproveitar a ocasião de comparecer àquelas inolvidáveis prédicas, cuja extraordinária beleza seduzia mesmo os corações mais duros e empedernidos, como o meu.

Tudo conspirava para o sucesso das pregações do Mestre, inclusive os costumes, pois antigas tradições entre os senhores determinava o repouso dos servos no dia consagrado aos estudos da lei.

Ao alvorecer dos sábados, as aldeias acordavam silenciosas e, neste dia, os hebreus, amos ou servos, como também seus animais de carga, praticamente paralizavam tudo a partir do que era chamado "a vigília do sábado", que começava, na verdade, desde o entardecer da sexta-feira.

Os próprios romanos procuravam cultivar tais tradições religiosas, buscando a simpatia do povo conquistado e, assim, era grande a afluência dos escravos às pregações consoladoras do Messias de Nazaré.

Tipos impressionantes de homens simples e abnegados como Matheus, percorriam os mais longos e escabrosos caminhos, com suas vestes rotas, muitos deles descalços, pregando com sentimento e perfeição as verdades de Jesus, como se as suas fronteiras humildes estivessem tocadas pela graça divina.

Partilhamos o caminho com milhares de viajantes, a maioria a pé ou montados em burros, alguns poucos em camelos, outros simplesmente puxando seus animais pesadamente carregados, cujos sinos tocavam acompanhando, em estranha sinfonia, o barulho dos cascos e das rodas das carroças. As vezes ficavam mais excitados, conforme se aproximavam da crista de alguma colina, que dava vista para a capital política e religiosa dos judeus.

Chegamos, finalmente, à fortaleza Antônia, onde entramos saudando as sentinelas como de costume.

Despedi-me da escolta e os liberei para um merecido descanso, após o que deveriam já voltar imediatamente a Cafarnaum, levando uma carta minha a Ester.

Desmontei e, após uma ligeira refeição e rápida toaleta, dirigi-me aos aposentos de Umídio Décimo, teoricamente meu superior no comando, mas que, na realidade, perseguia outros interesses financeiros, mais caros à sua bolsa.

Conseguí atravessar todo o labirinto e encontrei Umídio já a me esperar.

— Salve, Antônio. Vejo que está recuperado.

— Salve, Umídio. Sem dúvida estou melhor, mas não posso deixar de pensar nos jovens rapazes que não tiveram a mesma sorte.

— De qualquer modo, apesar de sua ausência, pudemos obter alguns resultados contra os bandidos e Aulus já me disse dispor, de fonte segura, informações relevantes que logo nos permitirão acabar com todos eles.

Áulus entrou, então, nos aposentos, seguido de Sérgio.

— Salve, Antônio. Estou contente com sua volta. Precisamos conversar depois sobre alguns planos que fiz para capturar ou eliminar os bandidos que os atacaram. O governador, inclusive, faz disso questão pessoal, que seja dada uma resposta à altura para a ousadia desses vermes, atacando um comandante militar romano, não é mesmo, Umídio?

— Sim, Aulus, pois como disse, não podemos deixar que um ato desses fique sem resposta.

"O próprio Pôncio nos aguarda, pois quer saber, sem demora, o que vamos fazer, manifestando seu desejo em nos ver logo depois de sua chegada."

Fiquei meio surpreso e um tanto desconfiado com toda essa solicitude em querer "me vingar", que ali tinha alguma coisa que eu precisava saber. Sérgio dirigiu-me um olhar significativo.

— Enviamos Sérgio e várias patrulhas para vasculhar as cercanias de Betânia, mas quiseram os deuses que não tivéssemos êxito. Entretanto, Umídio conseguiu informações valiosas através de sua polícia secreta, as quais poderão ser significativas para o fim desses fascínoras.

Saímos todos em direção à sala de audiências utilizada por Pilatos quando ficava em Jerusalém.

Chegamos e ficamos esperando pela presença do governador, que chegou logo em seguida acompanhado de sua mulher Cláudia. A governadora era uma mulher muito ativa e inteligente, além de muito mais culta que seu marido, e fazia questão de saber de tudo o que se passava à sua volta.

Pôncio chegou e, para espanto de todos, correu em minha direção estreitando-me num caloroso abraço.

— Ora, pelos deuses, você está com melhor aspecto do que antes. Parece que os ares da Galileia fizeram bem a Antônio, não é mesmo, Umídio?

Cláudia cumprimentou-me também, menos efusivamente do que seu marido.

— Salve, Antônio, sua aparência está realmente muito boa. Podemos saber o motivo de toda essa tranquilidade?

Piscou um olho para mim, divertida que estava, uma vez que nada do que tinha feito em Cafarnaum tinha passado despercebido a todos ali. Os homens de Umídio eram muito bons para colher informações sobre qualquer coisa que acontecesse na província.

Ainda atordoado pelo abraço de Pôncio, olhei para Sérgio, que fazia enorme esforço para não explodir em gargalhadas.

— Salve, nobre Pôncio Pilatos e Cláudia. Estou mesmo me sentindo muito bem e os ares do campo me fizeram readquirir minha tranquilidade, para poder avaliar melhor os acontecimentos.

"Pude tomar contato com muitas coisas e costumes que ainda não conhecia, além de ter tido diversas ocasiões para ver de perto e ouvir o que diz o homem que chamam de rabi da Galileia."

A menção de Jesus fez brilhar os olhos da governadora.

— E verdade? Conte-nos o que ouviu. E verdade que representa uma ameaça ao poder de Roma como dizem os sacerdotes judeus?

Dirigimo-nos para o "triclinium" do governador na fortaleza, aposento onde normalmente ocorriam as recepções festivas patrocinadas pelo casal.

Ainda sentia no peito as emoções dos inesquecíveis encontros com a palavra do Mestre, guardadas para sempre no mais profundo de minha alma. Entretanto, o meu lado lógico romano recusava-se a aceitar o reino pregado por Jesus e foi com esse ânimo que passei a relatar o que vi.

— Nobre Cláudia, na realidade o homem chamado Jesus é inofensivo para nós. Prega a não-violência, o amor, e promete para todos um reino que diz "não ser deste mundo", sendo os seus "soldados" apenas um grande número de infelizes, doentes à procura de socorro, escravos, em sua maioria gente pobre e sem recursos.

"Não me preocuparia com isso, mas certamente deve estar incomodando os sacerdotes judeus, porque aquilo que prega, até onde sei, vai contra tudo o que o Sinédrio tem defendido até hoje."

— Ele não prega a rebelião contra Roma?

Pôncio também estava muito curioso a respeito, espicaçado por sua incrível superstição, lembrando ainda do episódio envolvendo Copônio.

A verdade é que Jesus não era um desconhecido para ele ou Cláudia, pois sua poderosa "rede de espionagem" o tinha sob as vistas desde o início de sua pregação e, portanto, ambos já sabiam sobre seus prodígios e ensinamentos.

Cláudia em pessoa tinha comparecido em várias oportunidades às pregações do Mestre e, apesar de não ser uma "convertida", admirava as obras, as ideias e os ideais de Jesus, sentindo muita atração pela sua pessoa, em função de sua capacidade de desafiar e humilhar a hipócrita casta sacerdotal.

— Não, governador, nada prega contra Roma e também não diz nada contra o pagamento de tributos, nem prega a sedição de qualquer maneira. Muito pelo contrário, dizem que observa estritamente as leis vigentes.

— Testemunhou algum fato extraordinário? O que me diz dos milagres atribuídos a esse homem? Talvez os médicos estejam perto de perder seus empregos.

Todos riram gostosamente do gracejo do governador, mas inconscientemente, numa espécie de auto-flagelação, ele queria, na verdade, alimentar um pouco mais seus temores internos do desconhecido.

— Muito do que vi e ouvi atestou-me, simplesmente, que Jesus é um homem de fato fascinante. Através de conceitos e ideias revolucionárias, prega um mundo ou um "reino" onde todos os homens são irmãos, filhos do mesmo Pai, um lugar sem violências, onde os mais fortes e os mais fracos têm os mesmos direitos e oportunidades.

"Jesus prega também algumas ideias claramente em consonância com os postulados pitagóricos, ao afirmar que "são muitas as casas de meu Pai". Isso se toma mais evidente em uma de suas afirmações de que "um homem precisa nascer outra vez, tanto pela água quanto pelo espírito, ou não poderá entrar no reino de Deus. O vento sopra para onde quer e ouves o som dele, mas não sabes de onde ele vem ou para onde vai, e assim é com todos os que nascem do Espírito.'W :

Quanto aos milagres, testemunhei vários deles pessoalmente.

Vi aleijados voltarem a andar, crianças doentes recuperarem a saúde instantaneamente, até mesmo, por incrível que possa parecer, virtuais conversas dEle com criaturas da natureza, aves e outras. Também vi quando, um dia, cansados de pescar sem êxito, Ele recomendou a todos que voltassem e tentassem outra vez, e depois quando voltaram em seus barcos abarrotados de peixes.

Esse homem pode ser muita coisa, e realmente penso que é um grande líder de seu povo, mas certamente, não representa ameaça a Roma."

Cláudia estava mais impressionada com meu relato do que seu marido.

— Muito interessante, Antônio, prometa que vai me levar para assistir mais de perto a uma dessas reuniões.

O governador não via com bons olhos o interesse da mulher por esse assunto, porque tinha receio de que o fato viesse a público e o fizesse cair no ridículo em Roma, principalmente agora que seus negócios estavam a plena velocidade.

— Cale-se, Cláudia, nem pense nisso. Imagine alguém saber que minha mulher frequenta as reuniões desse... lunático.

"Uma vez que Antônio me afiança que o homem é inofensivo, então acho que devemos parar de nos preocupar com esse assunto e dá-lo por encerrado.

Entretanto, Antônio, Caifás veio em pessoa novamente me procurar, reclamando que meu comandante militar prestigia as reuniões do nazareno, em aberta afronta ao nosso "acordo" de convivência pacífica.

Claro que expulsei-o porta afora, mas sou obrigado a reconhecer que isso não fez bem para nossa imagem. O que me diz disso?"

Umídio adiantou-se às minhas explicações e provou mais uma vez estar bem informado sobre tudo.

— Bem, governador, talvez nosso nobre Antônio tenha se defrontado com sérios problemas por lá, a respeito dos quais não temos nenhum domínio. Problemas "íntimos", talvez, se é que o governador me entende.

Pôncio lançou-me um olhar divertido, pois essa perspectiva, evidentemente, excitava seu cérebro doentio.

— Ora, Umídio, como oficial romano não posso sujeitar-me à vontade desses sacerdotes, suas justiças ou injustiças, nem submeter-me à vontade dos judeus, quaisquer que sejam. Trouxe comigo informações valiosas e asseguro a vocês, agora sem sombra de dúvidas, que não precisamos nos preocupar com o "rei" dos judeus.

—Muito bem, Antônio, ficamos lisonjeados com sua lealdade a este governo e suas ações bem acima do dever. Acho que vamos dar a você uma medalha, o que acha Cláudia?

Todos riram à vontade, porque fiquei vermelho como um peru. Até hoje nunca soube disfarçar meus sentimentos, o que sempre tem me colocado em desconforto, quando desse tipo de conversa "de salão".

— Bem, governador, tirando de lado a façanha de nosso comandante, é importante lembrar que

seu amigo, Sítus Cipião, está prestes a chegar com sua esposa. Parece que ela está doente e deseja se curar aproveitando o clima da região.

— É verdade, Hipólita está enferma e quem sabe, por isso mesmo, teremos aí uma oportunidade para relembrar nossos velhos tempos? Qualquer dia preciso contar a vocês nossas aventuras, eu e Sítus Cipião, pela Roma oculta, a qual só alguns "iniciados", como nós, têm acesso.

"Oh, os prazeres de Baco, as mulheres lindíssimas, as fantásticas "ludi" romanas sem hora para acabar. Naquele tempo, eu podia dizer mesmo que era feliz, era livre, enquanto hoje, sou obrigado a ficar neste buraco fedido, cheio de ignorantes, um pior do que o outro.

Pelo menos agora, meu grande amigo Sítus estará aqui para relembrar os velhos tempos e fazer-me um pouco mais feliz."

Eu podia mesmo imaginar que espécie de dupla eles fizeram nas noites romanas.

— Sítus chega em duas semanas. Vem designado para substituir Umídio, que teve a sorte de conseguir voltar para Roma.

— É verdade, pois em três semanas estarei longe daqui. Vou ocupar um lugar no Senado, dado que meu pai resolveu se aposentar e viver na Campânia, onde temos algumas propriedades.

"Menos mau", pensei, porque era menos um para eu me preocupar em relação a tudo o que vinha notando de corrupção no governo. Pôncio deveria estar imaginando que ele e Sítus poderiam fazer uma boa dupla também neste aspecto.

— Sítus vai residir em Tiberíades e para isso conto com você, Antônio, para providenciar tudo pessoalmente, segurança, transporte, para que eles tenham um bom início por aqui.

Seria bom para todos e para mim, que poderia passar uma boa temporada perto de Ester e sua família, assim como Aulus, que ficaria com campo livre para continuar com seus "negócios", sem minha presença incômoda por perto.

Desse modo, pensando mais em mim, tratei logo de encorajar aquela proposta antes que Pôncio mudasse de ideia.

— Pode deixar por minha conta, que vou providenciar o que for necessário para que nosso amigo tenha uma estada agradável entre nós.

Umídio piscou-me um olho, divertido, pois todos sabiam que Cafamaum ficava relativamente perto de Tiberíades.

— Sabia que você iria gostar da proposta. Esperamos também que você coloque ordem na guarnição de Tiberíades, onde soubemos que reina a maior confusão, com alguma falta de pulso da parte de Comélio Plúcio, centurião comandante do local.

Estava já conformado com a situação e havia assimilado a ideia de cumprir um papel secundário naquela história toda. Desse modo, tinha resolvido levar Sérgio comigo para fazermos de Tiberíades a nossa base, ainda que pudéssemos pouca coisa.

Por outro lado, meu coração estava feliz, porque iria ficar próximo de minha amada, viver novamente aquele sonho dos dias de felicidade que passei a seu lado.

Na saída da audiência, Cláudia pegou-me pelo braço e levou-me por um corredor, com o pretexto de me mostrar umas pinturas.

— Você vai, mas não se esqueça do que lhe pedi. Ainda quero assistir a essas misteriosas lições do rabi da Galileia e por isso, prometa que vai me levar.

Ela me fuzilava com seus grandes olhos castanhos e não tive como negar.

— Está bem, governadora, prometo, mas não assumo nenhuma responsabilidade caso seu marido fique sabendo, o que, certamente, ocorrerá, pois os homens de Umídio são muito eficientes.

— Quanto a isso pode ficar tranquilo. Irei disfarçada e tomarei todos os cuidados para que ninguém me reconheça.

"Sinto que alguma coisa grande está para acontecer por aqui e não ficaria de fora por nada neste mundo.

Outra coisa, por favor, pare de me chamar de governadora, porque, de fato, eu não governo nada, muito mal tento apenas dirigir minha própria vida e não consigo, pois para o seu querido governador somente contam seus próprios interesses."

Cláudia Prócula era uma mulher dotada de rara sensibilidade e estava muito à frente de sua época, parecendo intuir, de alguma maneira, a magnitude da tragédia que de nós se avizinhava.

— Quando achar que chegou a hora, mandarei avisá-la. Enquanto isso, faça de conta que não falamos nada sobre isso, está bem?

Cláudia se deu por satisfeita e saiu rapidamente do corpo principal da fortaleza, encontrando Sérgio a me esperar no pátio.

— Veja só, Antônio, que logo Síxtus estará também por aqui.

— Parece que sim e, Sérgio, cá entre nós, não sei se estou triste ou contente. De qualquer forma, enfocando pelo lado positivo, essa mudança se afigura boa para mim, que vou lhe contar o que aconteceu comigo enquanto estive fora.

Aulus se aproximava e fez um sinal discreto a meu amigo.

— Antônio, Umídio deu ordens para que você leve cem homens para Tiberíades, junto com o centurião Lúcius Flamínio, para ajudá-lo em suas tarefas por lá.

'Tenho inveja de você, que vai passar uma temporada naquela bela cidade, com muita diversão e coisas interessantes para se ver, belas praias, dezenas de cidadezinhas por perto, ao longo da "via Maris", isso tudo sem falar no clima agradável e na proximidade do Hermon."

— É, Aulus, parece que vou passar algum tempo por lá, mas enquanto isso, quero que você me mantenha informado sobre tudo o que ocorrer por aqui.

Despedimo-nos e saímos para a rua, Sérgio e eu, sem sabermos que a chegada de Síxtus iria alterar bastante os planos de todos por ali, principalmente do governador e seus comparsas.

Tomamos dos cavalos e fomos procurar um local mais tranquilo e discreto para conversar, na casa da guarda à porta principal da cidade, onde poderíamos falar livremente.

Depois da tranquila Cafamaum e a viagem pela estrada, Jerusalém era como uma casa de loucos aberta de repente, com gente, luzes, música, vozes e animais zurrando. Soldados romanos montavam guarda em cada esquina, ou passeavam montados a cavalo, por entre o incessante fluxo de animais e seres humanos, com o objetivo de assegurar a ordem.

As lojas e botequins estavam abertos e em plena atividade, com as ruas lotadas de visitantes, peregrinos de outros países em sua maioria, vestidos em trajes coloridos, com seu arrastar de pés executando estranha melodia pelas calçadas, indo e vindo de algum lugar.

Na área próxima ao grande Templo, as pessoas dançavam, músicos tocavam e as fogueiras queimavam, espalhando calor e fuligem pelo ambiente já quente e empoeirado.

Jerusalém dividia-se em dois grandes núcleos, uma chamada zona baixa e uma zona alta, localizada a noroeste, sendo ambas separadas por uma depressão ou vale, e cada uma delas cruzada por diversas ruas "principais", marcadas a intervalos regulares por pequenas colunas. As casinholas simples de um pavimento amontoavam-se umas sob as outras, formando um mosaico difícil de decifrar.

Existia a rua do mercado na zona alta e a pequena rua do mercado na zona baixa, duas "avenidas" comerciais unidas entre si por uma infinidade de pequenas ruelas secundárias, formando um virtual labirinto, pois era muito frequente alguém se perder ali, principalmente estrangeiros.

Nessa "malha viária", cujas ruas eram desprovidas de pavimentação, a característica básica era o mau cheiro constante, um odor resultado da mistura de infinitas coisas, azeite queimado, comida, urina...

Chegamos aos portões da cidade e nos dirigimos até a casa da guarda onde, após me identificar, entrei com Sérgio no salão de reuniões, recomendando, expressamente, que não fôssemos interrompidos.

Bem, Sérgio, aqui estamos e agora quero ouvir de você tudo o que aconteceu durante minha ausência, principalmente no que se refere a Áulus, que acredito ser um dos braços do movimento de corrupção e, mais ainda, podendo até ter sido responsável por inúmeras perdas de nossos próprios soldados.

Sérgius soltou um suspiro, parecendo pensar por um instante, organizando as ideias.

— Sabe, Antônio, creio que há muito acerto no que me disse, porque eu mesmo pude constatar o envolvimento de outros centuriões, todos fieis a Áulus.

“Por saberem de nossa amizade, praticamente fui deixado de fora de quase tudo por aqui, tomando parte apenas em missões menores, uma ou outra patrulha noturna, mas mesmo assim andei fazendo algumas observações e um dia, logo depois de seu desaparecimento, não sei se por um descuido deles, consegui ser incluído em um destacamento conduzido por Áulus, para patrulhar uma área em torno de Betfagé e Betânia, cerca de três quilômetros ao norte.

Ao chegarmos em Betânia, notei que Áulus disse alguma coisa a seu imediato, um decurião de nome Flácus, afastando-se depois a galope.

Esperei algum tempo e simulei um problema com meu cavalo, ficando para trás como se fosse retomar a Jerusalém, mas, após o pelotão se distanciar, parti rapidamente na mesma direção tomada por Aulus.

Ele já levava certa dianteira, mas perguntando aqui e ali consegui descobrir para onde tinha ido. Me aproximei do local e deixei meu cavalo em uma hospedaria, recomendando ao dono guardá-lo e alimentá-lo até minha volta.

Aulus tinha entrado em uma pequena casa da periferia, cercada por uma densa plantação de oliveiras, sobre a qual tinha ouvido antes alguns comentários da parte do pessoal de Umídio, com quem dei um jeito de travar amizade.

Tendo retirado o elmo, providenciei uma túnica simples para parecer um transeunte comum e resolvi me aproximar.

O que vi não deixa margem a dúvidas. Estavam todos fora da casa discutindo acaloradamente, numa espécie de pátio circular.

“Vocês têm que dar mais dinheiro para compensar o que fizeram, pois não imaginam o que poderia ocorrer caso tivessem matado o homem.”

“Mas não fomos nós. Porque vamos pagar pelo erro dos outros?”

“Não quero saber. A partir de agora o preço está dobrado e, caso não aceitem, sabem o que pode acontecer.”

“Mas, domine, como vamos conseguir tanto dinheiro? Vamos descobrir quem foi e entregá-los a vocês. Será que isso não basta?”

“Não. O que sei é que foi alguém de seu povo, o que para mim é o bastante. É minha última palavra. É pegar ou largar e, nesse caso, aconselharia vocês a sumir do país.”

Depois da conversa, encerrada com muitos xingamentos de parte a parte, os bandidos acabaram concordando e Aulus se afastou, indo novamente ao encontro de seus homens.

Esperei todos saírem, tomei do cavalo e retomei a fortaleza, simulando um problema com o animal. Não foi difícil, pois há alguns dias ele estava mancando de uma perna e o responsável pela estrebalaria tinha-me dito que seriam precisos muitos dias para ele se recuperar.

No entanto, como você vê, valeu a pena e pude confirmar algumas suspeitas minhas que, junto das suas, transformam Aulus no nosso homem. Se conseguirmos pegá-lo, poderemos desvendar todo o resto.”

O relato de Sérgio me deixava excitado, com vontade de preparar uma boa armadilha para o patife, mas essa missão a Tiberíades, ainda que fosse para ajudar a Síxtus e Hipólita, interrompia o processo e eu sabia que seria difícil retomar a ele mais tarde.

— Muito bem, Sérgio, mas temo que essa sua disposição, junto com a minha, vão ter que esperar

algum tempo, porque como você já sabe, estarei de partida para Tiberíades em duas ou três semanas e pretendo levá-lo comigo.

“Também sinto que é uma pena, mas não estamos numa posição boa para agir no momento, para o que devemos nos armar de paciência, pois se os deuses julgarem que devemos desempenhar algum papel importante nisso tudo, tenho fé em que os acontecimentos futuros assim o dirão, claramente, para nós.”

Passamos ainda um longo tempo ali conversando, onde contei a ele das lições do Mestre, a família de Ester, meu amor por ela, a tranquilidade que experimentei naquela cidade de Cafamaum.

— Sérgio, não sei dizer como, mas acredito que encontrei a mulher certa para mim e desejo casar-me com ela, tão logo seja possível. As circunstâncias ainda não o permitiram, mas ainda vou conseguir realizar esse meu desejo, até, quem sabe, ficar por aqui mesmo, pois sinto que este é o meu lugar, de alguma forma meu coração me diz que cheguei ao meu destino.

Sérgio estava como que espantado e maravilhado com o que ouvia.

— Antônio, pense em sua carreira, seus pais. Teria coragem de abandonar tudo por essa mulher?

— Meu amigo, tenho certeza que eles também irão amá-la e, no momento certo, a levarei até Roma para conhecê-los. Isto não é problema, porque sinto uma grande harmonia no coração de Ester, suficiente para nós dois.

Ficamos um longo tempo em silêncio.

— Se ela é assim tão importante para você, é porque deve mesmo ser alguém muito especial. Neste caso, conte comigo para o que der e vier.

Fiquei muito feliz, com a certeza que eram sinceras suas palavras. Iríamos mesmo até a morte um pelo outro se fosse preciso.

Anoitecia e nos aprestamos para retomar aos alojamentos da fortaleza.

Ao cair da tarde, tochas e lâmpadas eram dispostas a intervalos regulares sobre os muros pelos donos das casas, de modo a iluminar a rua e diminuir o perigo no local, uma vez que o tráfego de pedestres era contínuo e intenso durante todo o dia, para grande júbilo dos artesãos e comerciantes que se alinhavam de um lado e do outro junto as casas.

Por motivo de segurança, os viajantes, usualmente, preferiam transitar pelas ruas mais largas, as “principais”, com iluminação mais forte e mais visibilidade.

Basicamente, na parte da cidade chamada zona baixa, haviam-se radicado as profissões consideradas mais “nobres”, sendo a zona alta reservada aos “pagãos” ou “impuros” de modo geral, e outros cujas profissões não fossem tão “nobres” aos olhos da ortodoxia da sociedade judaica de Jerusalém.

Era, na verdade, um espetáculo interessante, onde os brados dos vendedores, o vozerio dos transeuntes, o cheiro forte dos animais e dos alimentos misturados, esculpiam em nossa lembrança uma recordação única e inesquecível.

Passamos novamente pelas imediações do Templo e nos dirigimos até a grande fortaleza, onde entramos e fomos cada um para seu aposento.

“Oh, Jerusalém! Se você soubesse a felicidade que me invade o ser. Nem todos os seus profetas e artistas reunidos conseguiriam compor uma oração ou uma obra tão linda quanto Ester!”

Desejei estar com ela novamente às margens do grande lago, cantando ao seu ouvido uma daquelas canções suaves que ela me ensinou, sentindo suas mãos nas minhas, suas lágrimas de felicidade se juntando às minhas, correndo copiosamente e molhando a areia sob nossos pés.

“Ester, gostaria de levar você junto comigo, em meu cavalo, rumo ao infinito, onde só houvesse paz e harmonia, para juntos semearmos estrelas pelo céu.”

Que terra de contrastes, que povo enigmático e formidável aquele, cuja história milenar produziu e sintetizou tudo o que havia de melhor numa figura de mulher.

XV - ESPERANÇAS

Dez dias se passaram e, finalmente, Síxtus chega ao porto de Cesareia, trazendo Hipólita, gravemente enferma.

Ao cumprimentar meu amigo, pude perceber que não era a mesma pessoa, mas o homem que aparecia ali na minha frente era a figura de alguém sofrido, aparentando idade maior do que tinha. Logo compreenderia que as coisas não tinham sido fáceis para ele, que a própria vida havia se encarregado de castigá-lo.

Conversamos longamente, ainda a bordo da galera em que vieram, e ele pôde, então, desabafar comigo todo o peso que lhe ia na alma.

— Antônio, agora faz sentido para mim aquelas suas ideias, em relação aos postulados pitagóricos, as leis de causa-efeito e da pluralidade das existências, só que, no meu caso, estou pagando tudo de uma só vez e nesta mesma existência.

"Primeiro foi Sílio. Você sabe que no início, repugnava-me a ideia de um filho aleijão, mas depois acabei me afeiçoando ao menino, bem como passei a entender e admitir os esforços de Hipólita para reabilitar sua saúde e diminuir seus sofrimentos.

Hipólita é uma grande mulher, hoje sei disso, pois vem suportando todas as intrigas e desaforos de mamãe e Júlia com uma tranquilidade inacreditável, parecendo mesmo que nada pode atingi-la.

Após a morte de nosso filho, ela ficou muito abalada e pensei até que ia morrer, mas mercê de muitos cuidados médicos e paciência, consegui que ela não perdesse de todo a vontade de viver.

Passamos, então, bons momentos juntos, mas parece que os deuses ainda não haviam esgotado seus planos para mim e trouxeram agora esta maldita doença, que devora Hipólita um pouco a cada dia. Estou verdadeiramente desesperado, pois não resta mais nenhum recurso da medicina que não tenhamos tentado, sendo que aqui viemos como derradeira e tênue esperança, uma vez que os médicos disseram maravilhas do clima da região de Tiberíades e, por essa razão, ficamos motivados a empreender esta última tentativa.

Faria qualquer coisa, pagaria qualquer soma em dinheiro para aquele que trouxesse alguma esperança de cura para minha mulher, que a devolvesse novamente à vida e a mim."

Meu amigo chorava com os olhos da alma as acerbadas provas que enfrentava.

— Sabe, Antônio, o sofrimento faz com que a gente reflita melhor sobre a vida, nossos atos passados e intenções para o futuro. Não agi corretamente com muita gente, principalmente no meu relacionamento com Ana e seu filho, nosso filho, que enjeitei covardemente, condenando-o talvez a um futuro negro, razão pela qual, todas as noites peço aos deuses misericórdia para minha alma.

"Quem sabe, mesmo, os deuses não quiseram castigar-me levando justamente aquele filho que eu havia colocado em meu coração, para que eu aprendesse o valor da vida humana, para que eu ponderasse melhor a covardia de meu gesto passado em relação a meu próprio filho da carne.

De lá para cá, tem sido um tormento, um sofrimento atroz a minha vida, dia após dia vendo Hipólita acabar sem que eu possa fazer qualquer coisa, independente de todo o meu dinheiro, que não vale mesmo nada se não pode me devolver a vida de minha esposa."

Hipólita sofria de terrível doença de pele, semelhante à lepra, já em estado avançado, para o que, de fato, não havia esperança na medicina da época.

Síxtus fala da morte de sua mãe, a confissão de seu crime hediondo à beira da morte, pedindo o perdão do filho. Na hora suprema assaltam-na visões horríveis de perseguidores para nós invisíveis, desencarnando ela em grandes sofrimentos morais.

— Meu amigo, fico muito triste em ver o tamanho de suas provas, mais ainda, quando percebo que pouco posso fazer para ajudá-lo. No entanto, vamos fazer de tudo ao nosso alcance para amenizar o sofrimento de sua mulher e o seu próprio, uma vez que é grande sua responsabilidade, no sentido de

não perder nunca a esperança, passando a ela sempre sentimentos positivos.

"O pior sentimento que existe é a tristeza da alma, que é a fonte de onde tiramos toda a nossa vontade de viver, para a qual também não existe remédio ou poção mágica.

Como você sabe, Sérgio também está aqui, na verdade já está em Tiberíades, providenciando tudo para recebê-los, de modo que acredito possamos mesmo vir a passar grandes momentos juntos, relembrar os velhos tempos, nossas aventuras de menino.

Ainda que a situação pareça nebulosa a você, meu amigo, eu lhe digo que nem tudo está perdido e haveremos de viver dias melhores, todos nós, estou convicto."

Síxtus tirou de uma bolsa um pergaminho e me entregou, soturno.

— Caro amigo, eu nunca soube aproveitar nossa amizade fraternal como deveria, valorizar aqueles que me são caros, privilegiá-los de alguma forma. Gostaria que o tempo voltasse, pois teria oportunidade para corrigir todas as besteiras que fiz, fazer algumas coisas que não fiz, reparar algumas injustiças.

"Gostaria de ser somente eu a sofrer, que sempre fui o mais mesquinho e cruel, mas, infelizmente, as notícias que trago de sua casa também não são das melhores.

Mânlio não está bem e sua mãe pede que você retome com urgência, pois, caso demore muito, poderá ser tarde para encontrá-lo ainda com vida."

Tomei a carta em minhas mãos, ainda indeciso sobre se devia ou não lê-la naquele instante.

No entanto, quebrei o lacre e li tudo com o coração em pedaços.

Era mesmo muito grave. Papai tinha sofrido um desmaio e os médicos disseram ser um ataque do coração, podendo-se prever para breve o desenlace final.

— Isso muda tudo, uma vez que terei que voltar a Roma e não sei por quanto tempo.

Síxtus tomou outro pergaminho de dentro de uma bolsa de couro.

— Pode ir tranquilo, Antônio, porque tenho aqui comigo algumas surpresas para nossos anfitriões. Algumas delas, tenho certeza que ainda não esperavam, mas que nosso amigo Vitélio, Legado de Tibério na Síria, resolveu que é chegada a hora de dar um "aperto" por aqui.

"Eis que veio comigo Aurélio Pompílio, outro de meus antigos companheiros de luta nas Gálias, que você ainda não conhece, escolhido e recomendado por mim para substituí-lo no comando da "Itálica".

É um homem de minha estrita confiança e de Vitélio, com instruções severas em relação à solução imediata do problema dos assaltos, que nos têm vitimado há tanto tempo. Além disso, tem o encargo de tratar, embora não declaradamente para não ferir susceptibilidades, do problema do envolvimento de elementos do governo com a corrupção.

Temos perdido muitos homens por aqui e isto não tem passado despercebido a Vitélio, que já há tempos, muito aqui entre nós, procura um pretexto para deitar as mãos em Pôncio, não me pergunte porquê.

O seu "sumiço" foi a gota d'água e agora, o legado imperial está muito preocupado e pessoalmente envolvido com a solução de todo esse mistério.

Quanto a você, especificamente, trago aqui a carta de Tibério referente à sua nomeação ao tribunato, o que deverá ser mais uma surpresa adicional para nosso gordo amigo. Acredito que você e Aurélio formarão uma boa dupla, sem contar com Sérgio, mas estarei por perto caso necessitem de ajuda."

Aquele era, de fato, um momento singular em minha vida, com várias notícias boas e ruins alternando-se em minha cabeça.

— Mas e você, o que vai fazer?

— Por ora, meu amigo, nominalmente sou apenas mais um dos "assessores" políticos do governador, sem muitas atribuições, porque Tibério deixou-me total liberdade para passar com Hipólita seus últimos dias de vida, com que, então, deverei me empenhar para que sejam os melhores. Por isso, não irei me envolver pessoalmente, mas até sua volta de Roma acumularei o comando geral

da "Itálica". ^ti

Saímos do navio e, enquanto eram tomadas as medidas para nossa viagem a Tiberíades no dia seguinte, comunicamos formalmente a Umídio a nova situação, para que ele informasse ao governador.

Pôncio não tinha comparecido à chegada de Síxtus, pois se encontrava em Jerusalém, onde ocorriam os grandes festejos da Páscoa judaica, ocasião em que, obedecendo à tradição, o governador romano deveria receber o povo na torre Antônia para "ministrar a justiça".

O navio deveria retomar a Roma dentro de um mês, tempo suficiente para tomar minhas providências quanto à instalação de Hipólita e Síxtus. Além disso, poderia passar alguns dias com Ester, uma vez que, vencidos meus últimos temores, tinha resolvido finalmente comunicar à família minhas intenções, com o objetivo de pedir sua mão quando voltasse.

Como previsto, as notícias caíram como uma bomba no palácio do governador, levando pânico a algumas pessoas, principalmente a Aulus, que ficaria, a partir de agora, privado de sua "cobertura" e não teria mais a ampla liberdade de ação de que dispunha.

No dia seguinte, iniciamos a longa viagem até Tiberíades, onde Sérgio estava já a nos esperar, na propriedade adquirida pelo governo para a instalação do casal patricio.

Tiberíades era uma cidade muito interessante sob muitos pontos de vista.

Tendo sido fundada por Herodes Antipas em homenagem a Tibério, tinha ali o rei títere o seu palácio de verão.

Apesar de sua grandiosidade, a cidade ainda despertava animosidade entre o clero judeu, pelo fato de ter sido erguida, propositalmente segundo alguns, em antigo cemitério, onde famosos rabis jaziam enterrados.

Os judeus ortodoxos tinham-na qualificado como "cidade maldita" e, para vencer a resistência dos cidadãos e povoar a cidade, o monarca se viu obrigado a, numa atitude extrema, libertar milhares de escravos com a condição de ali se estabelecerem. Com esses escravos, chegaram também centenas de zelotes, além de uma infinidade de assassinos, ladrões e bastardos.

Em vista disso, Tiberíades era tida como sendo um local livre, concentrando bandidos e aventureiros de toda a espécie, além de fugitivos da justiça, que encontravam naquele lugar a oportunidade de viver uma vida sem maiores sobressaltos.

Era chamada a "pérola do lago", cidade branca e movimentada, apoiada à sombra da altiva e cintilante fortaleza bem acima do nível do lago.

Chegamos pela estrada romana que vinha do sul e margeava a costa ocidental do Kennereth, passando a pouca distância de sua porta norte, a "via maris", estrada pavimentada com grandes lajotas, testemunha concreta da capacidade da engenharia romana.

A zona urbana era cercada por uma enorme muralha e sua porta norte possuía no alto um arco, tendo ao centro a deusa Tyche, filha de Zeus e ungida protetora de Tiberíades, sendo também conhecida entre os romanos por Fortuna, deusa da sorte. Como todas as outras obras na cidade, era magnificamente esculpida, sem perder nenhum detalhe, realçando todas as particularidades humanas.

Contrastando com a majestade da arquitetura, também ali podia-se testemunhar a grande e indefectível presença de pedintes, falsos cegos, caolhos, surdos, mudos, coxos, mancos, até mesmo leprosos e aleijados, todos eles disfarçados e maquiados com maestria.

Também a miséria moral se fazia presente, prostitutas ambulantes da pior categoria a vender o corpo em plena rua, dentro de pequenas tendas de pele de cabra, exibindo os mais variados tipos de tatuagens extravagantes e usando roupas escandalosamente provocantes, quase sempre de cores vivas e berrantes.

Nos portões de entrada, também podiam ser vistas caravanas de comerciantes de todos os lugares, que traziam neve do Hermon para vender ali e no resto do país, assim como o precioso

minério de ferro fenício, as valiosas madeiras do vale do Hulé, muito disputadas pelos fabricantes de mobiliário, e ainda as delicadas peças de cristal confeccionadas pelos famosos artesãos de Nahum.

Era grande a emoção que sentia, pois estava, afinal, na Galileia, terra da minha amada Ester, o que me deixava louco de vontade de largar aquilo tudo e correr para Cafamaum, só não o fazendo porque seria um ato de extrema indelicadeza para com meus amigos.

O governador tinha resolvido nos surpreender, nos aguardando em sua fortaleza "de verão", para onde nós, militares, nos dirigimos imediatamente, enquanto o restante da caravana seguia mais adiante na estrada até a propriedade onde nossos amigos deveriam ficar.

Pôncio Pilatos nos esperava na sala de audiências, juntamente com Aulus e um punhado de amigos, pessoas influentes na cidade, mercadores, armadores, até mesmo alguns sacerdotes.

Ao nos ver entrar, precipitou-se para Síxtus, estreitando-o em um forte abraço em uma cena cômica, pois não conseguia abraçá-lo totalmente com seus curtos braços.

— Meus amigos, quero que conheçam Síxtus Cipião, tribuno militar que vem nos brindar com seus serviços.

"Sendo meu amigo de longa data, sou duplamente feliz, porque além de contar com o curso de um grande soldado, terei também a felicidade de poder privar novamente de sua presença e companhia, dando um pouco mais de sabor a esta porcaria de lugar.

Seja bem-vindo, meu amigo."

Pôncio não tinha freios na língua e pelo jeito, estava num daqueles seus estados "normais" de bebedeira. Entretanto, alguma coisa funcionava ainda dentro dele, uma vez que deliberadamente fingia desconhecer as mudanças promovidas por Vitélio, mas Síxtus não se fez de rogado.

— Agradeço suas palavras, Pôncio, e me coloco desde já às suas ordens, mas existem alguns pontos que necessitam ser melhor esclarecidos.

"Primeiro que eu não sou o tribuno militar, mas sim o nosso amigo Antônio aqui, por ordem do nobre Vitélio, Legado Imperial na Síria que, reconhecendo seu grande valor, houve por bem nomeá-lo tribuno militar no comando da "Itálica", tendo como "primipilo" o valente Aurélio Pompílio, heróico veterano e meu companheiro das Gálias, assim como Antônio."

Pôncio e os demais ficaram com a expressão escancarada de quem ouve o que não quer.

— Posso dizer ao governador que estará muito bem servido com esses bons soldados, com a certeza de que ainda teremos muitas novidades.

Síxtus dizia isso com o intuito de deixar, veladamente, subentendido ao governador que estava sob suspeita.

Tirou da bolsa os rolos de documentos e entregou-os a Pôncio.

— Aqui estão as ordens, diretamente de Vitélio e uma do próprio Tibério.

— Ótimo, então teremos mais ação por aqui. Já estava ficando enjoado dessa situação de impasse com esses fascínoras que não me deixam sossegado.

Pilatos era um ator nato, com uma incrível capacidade de dissimulação, não demonstrando, em momento algum, seu desagrado pelo rumo que iam tomando os acontecimentos.

— Fique tranquilo, pois posso garantir que Aurélio é especialista nesse tipo de ação, liberando a atenção de Antônio para questões mais estratégicas e importantes.

— Então minhas congratulações a Antônio, o mais novo general do exército romano.

Tudo era motivo para beber e o governador já estava vermelho e meio oscilante, parecendo sempre prestes a um desmaio que não vinha.

— Agradeço suas palavras e deixo, então, Aurélio aqui com você. Enquanto isso, vou com Síxtus até sua nova residência.

"Em dois dias estarei de volta e poderemos conversar sobre a estratégia que usaremos para acabar com a ação de grupos armados contra o exército."

Antes de dar tempo para mais conversas, nos despedimos de todos e saímos da fortaleza,

deixando o novo centurião-chefe para desempenhar seu papel e começar a fazer suas próprias observações sobre as pessoas.

Durante a viagem até Tiberíades, tínhamos já conversado bastante e passei ao novo comandante operacional da coorte todas as informações que tinha, bem como as impressões sobre Aulus, Pôncio e como achava que tudo aquilo se entrelaçava.

Chegamos rapidamente à fazenda que seria o lar de Síxtus e esposa daqui por diante, situada a meio caminho de Magdala, um local arborizado, com muitas plantações e muito bonito.

A estrada apresentava também uma vista deslumbrante do sereno azul do Kennereth, o perfume daquelas águas tranquilas levemente tocadas pelo vento, suas dezenas de velas brancas singrando aquele pequeno mar, deixando poucos rastros e seguidas por vários bandos de gaivotas.

Ao fundo dava para ver claramente, envolto em luz, o cume branco e gelado do Hermon e sua cadeia de montanhas, assim como a tranquilidade prateada de Saidan e Nahum, outras *duas* cidades também muito apreciadas por Jesus.

Em sua eterna luta com a terra, os "felah" cultivavam um tesouro de árvores frutíferas de várias espécies, especialmente na Galileia, contribuindo para a fama da região de ser o grande empório que alimentava a província.

Sérgius já nos esperava e ficou muito feliz em nos ver todos juntos novamente.

O estado de Hipólita era, como já disse, muito grave e um exército de servas se revezavam nos cuidados com sua higiene pessoal e na aplicação de pomadas e unguentos diversos, na tentativa de minorar seu sofrimento, dando-lhe um mínimo de condições para conversar com outras pessoas.

Naquela noite trocamos muitas lembranças e pude ouvir compungido suas queixas doloridas de estar, apesar de jovem ainda, já condenada a uma existência miserável e uma morte horrível.

Poucas pessoas fazem ideia da tortura causada por uma doença desse tipo, a visão do próprio corpo sendo consumido vagarosa, mas eficazmente, pelas chagas, pedaços de seus membros caindo, a insensibilidade à dor, finalmente a cegueira e a morte. Mais do que isso até, no que tange ao isolamento forçado pela ignorância das pessoas, a morte em vida, o estigma e a marginalização.

Hipólita passava por tudo aquilo com sua altivez e dignidade de sempre, muito diferente de sua irmã, pois sempre fora pessoa séria e responsável, respeitando e fazendo-se respeitar por todos.

— Antônio, estou morta já. Não sei porque Síxtus ainda se dá ao trabalho de trazer-me tão longe, pois ambos sabemos que não existe mais esperança.

"Quero que minha ida aconteça logo, para poder encontrar novamente meu Sílio, meu menino arrebatado, tão injustamente, pela morte. Mas agora, mesmo em demanda ao "empíreo", poderei, quem sabe, ter ainda a felicidade de lá encontrá-lo, no lugar para onde vão os meninos corajosos."

Procurei injetar nela um pouco de ânimo, caso contrário não poderia mesmo haver nenhuma saída.

— Sempre há uma esperança, minha cara. Esta região é muito agradável e seu clima faz verdadeiros milagres, segundo os médicos, por isso nunca diga que está tudo acabado. Procure viver intensamente a beleza do lugar, saia com seus criados para conhecer os arredores, vá até a margem do lago e veja que maravilha a criação da natureza.

Sem saber como, mas intuído por forças superiores, me vi instado a comentar sobre as pregações do Mestre Jesus.

— Sabe, Hipólita, este é um lugar diferente, místico, com propriedades ainda não pesquisadas em profundidade, com um povo bom e generoso, onde encontrei por fim a mulher de minha vida, minha esperança de futuro, quando não mais pensava poder existir.

"Aqui é a terra dos profetas, minha amiga, que atraem multidões para ouvir suas palavras, terra do chamado rabi da Galileia, Jesus, um simples filho de carpinteiro, mas que fala de coisas que nós não ousaríamos. E a terra dos milagres, da fé e da busca da verdade, onde após uma vida toda de procura, encontrei a minha, razão pela qual tenho certeza que também, você e Síxtus, poderão encontrar a de vocês.

Aqui é a terra da alegria, onde se produz a fartura que alimenta toda a província, o leite e o mel, onde o esforço e a dedicação de quem trabalha a sementeira é regamente recompensado.

Pense grande, minha amiga, e dê uma chance à alegria, a Síxtus que também sofre. Dê uma chance a nós todos que gostamos de você e estamos aqui à sua disposição, para fazer o máximo ao nosso alcance em seu benefício, qualquer coisa que pudermos.

— Acredite em mim, tenha fé e certamente algo de bom acontecerá."

Hipólita não conseguia falar, transida pela dor, sufocada pelas próprias lágrimas que desciam abundantes, mas parecia assentir com a cabeça, demonstrando haver assimilado minhas palavras, sob a influência de elevados mentores espirituais.

Logo entrou no aposento uma serva, trazendo um cálice contendo uma bebida anestésica para acalmar seus nervos tão maltratados.

— Minha amiga, agora tenho que ir. Vou encontrar minha amada, que logo você também conhecerá. Lembre-se sempre do que eu disse, dê uma chance a esse lugar que não se arrependerá.

Na manhã seguinte, parti junto com dez homens até Cafamaum, com o objetivo de encontrar Ester e falar a ela sobre meus planos.

Pensei muito em papai, em como minha mãe deveria estar sofrendo com sua situação, minha própria agonia em não poder estar ali presente, para confortá-los.

Num tempo em que os meios de transporte ainda eram rudimentares, Roma estava, para mim, a uma distância infinita, abissal, o que de certa forma acabava me reconfortando um pouco, face a absoluta impossibilidade prática para agir rapidamente.

O navio levaria ainda quinze dias para partir e mais um mês de viagem até chegar a Ostia, eliminando assim qualquer foco maior de ansiedade que eu pudesse vir a sentir. Era algo como se fosse uma "ansiedade administrada".

Em Cafamaum, todos estavam em polvorosa, pois alguns soldados tinham levado várias pessoas para a prisão da guarnição, atendendo a pressões de alguns sacerdotes vindos de Jerusalém. Os presos eram em sua maioria seguidores de Jesus, cujo crime maior tinha sido assistir a uma de suas pregações na praia.

Meu coração acelerou instantaneamente, quando soube por Amos, que Joab e toda a família estavam entre os presos, que deveriam ser todos transferidos para a capital para julgamento.

Ato contínuo, sem esperar mais nada, dirigi-me até a guarnição romana, entrando velozmente pelo pátio adentro, colocando todos para correr.

— Onde está o centurião?

Os dois sentinelas mal conseguiam sair do lugar e comecei a perder a paciência.

— Quero ver o seu comandante aqui, agora.

De repente, ambos "voaram" à procura do centurião comandante, que veio, também "voando", de volta.

— Salve, dómine, em que podemos ajudá-lo?

Fuzilei o homem com os olhos.

— Desde quando você recebe ordens dos sacerdotes judeus?

O homem ficou branco como uma vela.

— Mas dómine, eles tinham um documento com o timbre de Aulus, comandante da coorte.

— Aulus nunca foi comandante da "Itálica". O comandante sou eu, entende? Quero ver todos soltos agora mesmo e nunca mais, ouça bem, nunca mais cumpra qualquer ordem dada por um desses vigaristas judeus, nem que venha com o timbre de Tibério.

"Nesses casos, eu esperava um pouco mais de inteligência de sua parte. De qualquer modo, uma ordem desse tipo deve ser dada pessoalmente, entendeu?"

Glácus era o nome do infeliz.

— Dómine, me garantiram se tratar apenas de alguns desordeiros seguidores daquele homem.

— Chega! Estou esperando. Você tem cinco minutos para soltar a todos aqueles que foram presos naquela reunião. Você corre um risco enorme agora de ser mandado para servir de comida aos selvagens britânicos.

Em um piscar de olhos estávamos todos de volta às ruas, eu, Ester, Joab e os outros, incluindo nosso velho amigo Matheus.

Cheguei em sua casa e dei nela um longo beijo, um abraço sentido pelos vários dias de separação.

— Amor da minha vida, pretendo falar com seu pai a nosso respeito, claro que com o seu consentimento.

Ela parecia não acreditar no que eu dizia.

— Sei que venho de um mundo diferente, onde as pessoas são diferentes, que haveremos de encontrar muitas dificuldades, mas desde que a vi sinto que aqui é meu lugar e nossos destinos estão ligados por alguma força desconhecida.

— Não somos ricos e você certamente deve ter posição elevada. O que diriam seus amigos ao verem você casado com uma simples mulher da província? Não se esqueça das amarras sociais que nos prendem, meu amor, porque podem se transformar em grilhões doloridos para os mais desavisados.

Aquele era um momento mágico para mim, porque minha alma dizia que a vontade de Ester era a mesma que eu sentia.

— Meu amor, prefiro enfrentar qualquer coisa com você do que ficar à deriva na vida, como até hoje. Sou romano, mas sinto que meu coração pertence, sempre pertenceu, a você e a este lugar. Por isso, quero que você seja minha para sempre, venha comigo para a vida que meu coração adivinha ser nossa de direito.

Nossos corpos estavam juntos e podíamos sentir nossos corações baterem em uníssona melodia.

— Antônio, meu querido, claro que quero, para sempre, eu e você.

Ali selamos novamente, como já o tínhamos feito em várias existências anteriores, nossa aliança eterna e trocamos os fluidos de nossas almas imortais.

Parte dela passou a habitar dentro de mim e muito de mim se mudou para sua alma.

Joab recebeu a notícia com grande alegria, apesar de também se mostrar apreensivo a respeito das reações das pessoas. É importante lembrar que eu era um "conquistador", o invasor romano, o qual fazia parte do império que tinha escravizado o país.

Acertamos que o casamento ocorreria na volta de minha viagem a Roma, mas resolvemos fazer uma festa de noivado segundo os costumes de seu povo, para a qual convidaríamos meus amigos e outros companheiros da caserna. Síxtus fez questão de ser o padrinho que me apresentaria a noiva, e mesmo Hipólita pareceu adquirir novas forças, ante a perspectiva da festa.

Nosso amigo Matheus nos deu um grande presente concordando em proferir a prece, rogando ao Mais Alto que olhasse por nossa felicidade, pedindo proteção para nossos caminhos.

Amós, no entanto, ficou bastante aborrecido ao saber do enlace, pois jogava definitivamente por terra seus planos de riqueza fácil. Sem o sabermos, tramava já há algum tempo uma maneira de vingar-se de todos nós, que éramos, em sua cabeça, seus inimigos.

Matheus e a família de Ester ficaram afinal conhecendo Hipólita e acabaram se tomando a partir de então, presença constante na herdade do casal, porque pareciam trazer vida nova a todos ali. Assim, Síxtus insistia mesmo para que frequentássemos assiduamente a fazenda, a qual acabou por adquirir, finalmente, movido por um forte sentimento de que não sairiam mais dali.

A palavra de Jesus passou então a frequentar aquele lar, levada pelos lábios de Ester e sua mãe, mas principalmente Matheus, promovendo progressos consideráveis no ânimo da enferma, levando a ela mais equilíbrio e aceitação para sua situação.

Muitas vezes, conversávamos a respeito de Jesus, suas lições e seu significado, pois Ele ensinava através de parábolas, nem sempre entendida pelas pessoas.

— Antônio, você acredita nos milagres atribuídos a esse homem?

Síxtus procurava também uma tábua de salvação à qual se agarrar naquela sua tragédia pessoal.

— Olha, meu amigo, vi muitas coisas que não conseguiria explicar à luz dos postulados seguidos por nossa sociedade.

“Não sou médico, mas fiii testemunha de alguns dos prodígios de que é capaz o chamado rabi da Galileia. Paralíticos voltaram a andar, cegos a enxergar, mudos e surdos a falar e ouvir e muitas outras, mesmo uma ressurreição, imagine você, a qual não vi, mas que me foi contada de fonte limpa.

Se quiser ouvir mais, peça a Copônio, um dos centuriões da “Ittálica”, que lhe conte o drama por ele vivido com seu filho, salvo, de maneira comprovada, por esse mesmo Jesus.

Desse modo, meu amigo, mesmo não sendo muito místico, quem sou eu para desafiar os fatos concretos ocorridos na frente de todos?”

Síxtus era mais “romano” do que eu e relutava bastante em acreditar em algo que poderia mudar radicalmente seus valores e seu estilo de vida.

E natural no ser humano o medo do desconhecido, principalmente de coisas relativas a aspectos culturais e religiosos, porque é em cima desses pilares que, normalmente, se assentam todo o seu sistema de crenças.

Foi Matheus quem complementou as ideias.

— Meus amigos, o Mestre veio nos trazer pessoalmente a palavra do Pai Eterno, e por que isso? Por que o próprio Deus se abalaria em vir dar satisfações a nós, míseros vermes se comparados à Sua grandeza?

“A resposta está no AMOR, por todas as criaturas, mas principalmente por nós humanos, seus filhos diletos. Somos todos criados por Ele, desde a mais remota antiguidade, quando ainda organismos elementares à procura do sol, nos contrafortes do velho continente Lemuriano, até hoje, homens já feitos à Sua imagem e semelhança.

A todos nós, Deus tem acompanhado amorosamente ao longo desse período, e quis Sua infinita misericórdia nos brindar com a vinda de Seu filho mais elevado, Jesus, que também é nosso irmão, para nos lembrar algo que estava esquecido dentro de nossa alma há longos anos. Veio nos lembrar que somos todos irmãos, feitos da mesma forma, básica e conceitualmente iguais, e que devemos nos ajudar uns aos outros para vivermos melhor e alcançarmos a plenitude espiritual.

Sois deuses, Ele diz, para nos lembrar também que, sendo iguais a Ele, também podemos fazer tudo aquilo que Ele faz, bastando para isso que consigamos enxergar a estrada certa e retilínea, a estrada do AMOR, fraternal e desinteressado, AMOR pelo prazer de amar e ver nossos irmãos mais felizes.

Por que pensam vocês, que uma alma tão adiantada quanto à do Mestre, que poderia já estar usufruindo da paz infinita em mundos mais elevados, se submete a esse sacrifício de vir falar a nós, ignorantes, selvagens, ainda muito imperfeitos e rancorosos? O que acham que Ele sai ganhando com isso?

A resposta é uma só: o AMOR, porque Ele jamais poderia alcançar a verdadeira paz sabendo que nos deixou aqui para trás, desamparados, porque Ele nunca conseguiria justificar a Si mesmo e a nosso Pai eterno tal omissão.

É dever de todos aqueles que detêm o poder, trabalhar pela elevação dos mais humildes, caso contrário seu poder de nada vale, morre em si mesmo, sem sentido maior.

Quem represa a riqueza e não a distribui, toma-se um entrave ao progresso, e é isso que Ele veio nos dizer aqui, nos mostrar como fazer através de seu exemplo pessoal.

Tendo atingido a perfeição do espírito, podendo migrar para regiões de paz infinita, às quais naturalmente fez jus, o Mestre decidiu não ser um entrave ao progresso e lutar ao nosso lado pela libertação final.

Como se sentiriam vocês, se tivessem a oportunidade de empreender uma viagem maravilhosa, onde colheriam riquezas sem fim, mas tivessem que deixar para trás um filho infeliz, um filho

aleijado, do corpo ou da alma?"

Matheus falava influenciado por elevadas entidades espirituais, que o auxiliavam na tarefa de conseguir a redenção de todos nós, ali presentes.

A emoção era muito grande e todos nós estávamos com os olhos brilhando de lágrimas, de saudades de algo ou de algum lugar há muito esquecido.

— Foi a mesma coisa que Ele sentiu, meus filhos. Ele nunca poderia desfrutar da paz e da felicidade eterna deixando para trás todos nós, aleijões morais, sem antes nos forneceras ferramentas para conseguirmos nossa própria redenção.

"É isso que Ele veio fazer aqui. Certamente Sua missão não deverá ir muito longe, pois a ignorância dos supostamente poderosos terrenos, daqueles que presunçosamente se julgam poderosos, logo deverá se fazer sentir. Sabemos que imensas forças antagônicas se movimentam, na tentativa de fazer perder a obra do Mestre Amado, mas serão vãs tais misteres, porque Sua vitória haverá de chegar e Suas lições haverão de ficar gravadas a fogo, para sempre, na alma desse planeta.

No futuro, logo quando ao nascer, cada um de nossos irmãos haverá de reconhecer que esta é a Sua terra, a terra por Ele abençoada, por Ele marcada para o sucesso.

Basta uma só vez, meus filhos, nada mais. Antônio é testemunha disso também, pois só é preciso vê-Lo e ouvi-Lo uma vez, para entender que nada mais poderá ser como antes. Tendo tomado contato com Seu imenso carinho e amor por nós, será impossível esquecer-Lo, pois o amor se instala imediatamente em nosso coração e nos transforma como por milagre em soldados da paz.

Isto sim é que é o verdadeiro milagre."

Um mês depois, sentado em meu catre na enorme galera com destino a Roma, sentia ainda as palavras de Matheus a ecoar em minha alma.

Ele tinha razão.

Nunca mais seria a mesma coisa.

Abro um pouco a pequena janela do quarto e vejo as estrelas brilhantes no tapete azul do firmamento, os olhos de Ester.

XVI- ADEUS AO GUERREIRO

Em Roma, aguardava-me uma daquelas tristes experiências a que todo ser humano tem que se submeter, a morte de meu pai, após uma vida toda de trabalho e luta pela pátria.

Dois anos tinham se passado desde minha partida para a Judeia e muitas coisas mudaram, amigos e conhecidos tinham partido também para outros locais, alguns tinham morrido, Fúlvia Cipião, enquanto Júlia, já casada, morava com o marido em sua própria casa no bairro do Palatino.

Os cabelos de minha mãe, embora naturalmente claros devido à sua origem, mostravam já alguns cachos totalmente brancos, testemunhando a passagem inexorável das areias do tempo.

A maior parte de meus conhecidos servia a legião, nas diversas frentes que ameaçavam constantemente os fluxos comerciais, vitais para a sustentação do império. Alguns serviam também na administração como juízes, questores, tendo-se transformado em pessoas ocupadas, sem tempo nem para si mesmo, devido à enorme burocracia que inundava todos os cantos com uma quantidade espantosa de regras e regulamentos.

Aos poucos, notei que o tempo havia deixado suas marcas também em mim. Ainda ontem era um jovem sonhador e cheio de ideais, radiante por ter entrado na legião, orgulhoso por mostrar a todos minha condição e meu cavalo, presenteado por papai. Hoje, sinto-me cansado, mais cauteloso com as coisas e infinitamente menos orgulhoso em ser um soldado, e, às vezes, penso que vi e vivi coisas demais, que carregaram meu espírito em demasia, pesando agora em tudo o que faço.

Aquele homem forte que habitava ainda minhas lembranças, quedava agora inerte em seu leito, e seu

corpo era apenas uma pálida figura daquele que tinha sido também o meu herói, e que continuaria sendo para sempre.

Papai tinha logrado muitas vitórias ao longo de sua vida, muitos amigos cujo fluxo incessante passava ao longo de todo o dia pela nossa casa. Nessas horas ele se sentia satisfeito, recompensado, diferente do que tinha ocorrido quando da doença fatal de Emiliano Cipião, que morreu sozinho, ignorado tristemente e em grande agonia.

Mânlio Turrânio estava entre os poucos soldados a alcançar o que se denominava "honesta missio", uma espécie de aposentadoria ou reforma militar. A "honesta missio" era uma das principais metas do soldado romano e consistia numa "licença" absoluta que podia beneficiá-lo de várias formas, a primeira delas em terras ou dinheiro. O veterano podia, assim, estabelecer-se em colônias ou fazendas particulares, ou ainda ser aquinhoado com uma soma razoável que lhe permitisse viver honestamente, além de ser isento de impostos para o resto de seus dias.

O significado do título de "veterano" ia muito além de mera distinção honorífica, bastando sua apresentação em qualquer ponto do império para que magistrados e autoridades abrissem todas as portas para o novo cidadão. Sua concessão era feita numa solenidade especial, onde eram comemorados os vinte anos de serviços prestados por aqueles que se haviam distinguido por suas ações de heroísmo.

A importância dada a isso tudo podia ser sentida no próprio encaminhamento que havia sido dado à minha vida, o interesse do próprio Tibério em agir pessoalmente para abrir-me portas, razão pela qual era agora um tribuno do exército.

Certa noite, sentindo em sua alma já a se fecharem as cortinas da vida, chamou-nos, eu e mamãe, para sua cabeceira, pois desejava nos dizer ainda algumas palavras, desabafar conosco algo que, aparentemente, apertava ainda seu coração generoso.

O fim estava cada vez mais perto, e os médicos tinham sido unânimes em tirar todas as ilusões que eu pudesse ter quanto a uma possível recuperação.

Papai, em seu leito de morte, precisava confessar um último segredo, de grande importância para nós, envolvendo a figura de Silano, a quem mandamos sair para podermos falar mais livremente, uma vez que o assunto dizia respeito diretamente à sua origem e poderia chocá-lo.

— Meus amores, está perto a minha hora e não posso partir com esse terrível segredo preso em minha alma, como a me puxar para baixo impedindo meu voo final.

"Você, minha querida Elêusis, etemo sol de minha vida, sempre companheira fiel e trabalhadora, esteio maior desta casa, razão primeira de tudo aquilo que conseguimos ao longo de todo esse tempo que passamos juntos, e nós dois sabemos que nem sempre foi fácil para você, obrigada a suportar meus humores e, por vezes até, minha perfídia."

A emoção era muito forte e sua fisionomia denotava grande tristeza.

— Meu filho, Antônio, vocês precisam me perdoar para que eu possa ir em paz.

Segurei sua mão com força, encorajando-o a continuar, a livrar-se de uma vez daquele peso todo, que parecia impedir sua alma de atingir a paz merecida.

— Há muito tempo você está perdoado, pai, desde que você se dedicou inteiramente a nossa felicidade, deixando de fazer muitas coisas das quais gostava, seus próprio sonhos.

— Ah! Meu filho. No entanto, existe uma última questão grave que preciso resolver antes de poder ir em paz.

"Há muitos anos, um jovem soldado cometeu um deslize em sua vida, algo muito sério, causando uma série de problemas e trazendo a infelicidade a algumas pessoas muito caras ao seu coração.

Não obstante a grande amizade por um companheiro de armas, não hesitou por um momento em trair-lhe a confiança covardemente, aproveitando sua ausência e tomando-lhe a mulher por amante.

Foi uma paixão louca que não poderia levar a nada, dado a enorme superficialidade daquele relacionamento, onde o que realmente importava era apenas a procura desenfreada pela satisfação

dos caprichos da carne e dos sentidos, sem considerar se com isso traziam a ruína de alguém.

Quando do retomo do marido, esta mulher deu à luz um menino, fruto daquele romance proibido, o qual foi prontamente rejeitado e condenado ao monturo público, que era, sem dúvida, a condenação à morte para o pequeno inocente."

Sentia diminuir pouco a pouco a força exercida em minha mão, a me dizer que seu tempo estava acabando.

— Como vocês puderam já perceber, era eu o jovem soldado e o menino em questão era o resultado de meu relacionamento criminoso com Fúlvia Cipião, mulher de meu amigo Emiliano.

"Carrego comigo a certeza que ele sabia de tudo, mas nunca mo revelou. Sua nobreza de caráter o impediu de deixar a mulher infiel à própria sorte, como era seu direito, condenando-a à marginalidade na sociedade, mas ao contrário, construiu uma vida em tomo dela e teve dois filhos pelos quais fez tudo o que pôde para assegurar seu futuro.

Por isso é difícil julgar as pessoas. Ainda que Emiliano fosse, às vezes, despótico e cruel para com seus desafetos, por várias vezes se fez notar a retidão de seu caráter e a justiça de seu julgamento, tendo sido, eu mesmo, testemunha privilegiada ao longo de muitos anos.

Você próprio, Antônio, pode dizer muito a esse respeito, pois Emiliano, na verdade, foi para você um segundo pai."

As coisas ficavam mais claras em minha cabeça, a insistente implicância de Fúlvia para comigo, suas palavras descorteses, seu ciúme um tanto inexplicável às vezes, porque, com efeito, ela não conseguia sentir ódio por mim e tampouco amor.

— Antes, porém, que fosse consumado o hediondo crime com o pequeno infeliz, fiquei sabendo de suas intenções e resolvi, no meu íntimo, que tudo faria ao meu alcance para evitá-lo.

"Certa noite, fui alertado por um dos servos da casa e percebi a criada de Fúlvia sair da mansão com um embrulho nas mãos, caminhando rapidamente pelas sombras para cumprir o sinistro propósito ordenado por seus senhores.

Segui ocultamente a mulher por um longo tempo e esperei até que ela depositasse o pequeno num canto de uma esquina, já no bairro do Esquilino. Tão logo ela saiu, rapidamente me apossei do precioso fardo e pude confirmar as informações recebidas, pois se tratava de um menino, sem dúvida meu filho com Fúlvia, enjeitado pela vida mas que, graças aos deuses, ensejaria uma tentativa para reparar de alguma forma o que tinha feito naquela espúria cumplicidade.

Jurei aos céus fazer tudo o que estivesse ao meu alcance pela sua felicidade e levei o menino para minha casa."

Neste momento, tive de chamar o médico que esperava fora do quarto, pois meu pai parecia prestes a perder os sentidos.

Após um rápido exame, seu olhar não deixava mais qualquer margem para dúvidas de que o fim se aproximava, agora rapidamente.

— Quero sentar, pois esta posição está acabando com minhas costas.

Olhei para o médico e este assentiu com a cabeça, porque a essa altura não faria mais qualquer diferença.

— Ao chegar em casa com a criança, o generoso instinto maternal de sua mãe explodiu em toda a sua plenitude e, imediatamente, tomou a si a tarefa de cuidá-lo.

"Contei uma mentira a você, meu amor, e espero agora seu perdão. Inventei uma história que a criança era filho de um companheiro de lutas, tombado em batalha, dizendo ainda que sua mãe também teria morrido como consequência do parto.

Esta é a história de Lívio, meu maior pecado, para o qual talvez nunca consiga encontrar remissão."

Mamãe não havia perdido em nenhum momento sua serenidade e o que disse a seguir veio confirmar o que suspeitei, que de alguma forma ela já sabia de tudo.

— Meu amor, também quero confessar a você uma coisa. Na verdade, eu já sabia de tudo, porque seus olhos nunca conseguiram esconder de mim os sentimentos que lhe iam na alma.

"Desde o primeiro momento entendi o que se passava e o enorme sofrimento que você sentia, a aflição toda vez que nosso Lívio tinha uma febre, a alegria que sentiu quando ele deu seus primeiros passos.

Do mesmo modo, a dor que você sentiu ao receber a notícia de sua morte na Germânia, dor esta que, creia, não foi maior do que a minha pois, se Lívio não era meu filho na carne, sempre o fora no coração.

Não há o que perdoar, meu amor, pois fomos durante toda uma vida cúmplices do mesmo ato, e assim haverá de continuar para todo o sempre."

O rosto de papai molhado por uma mistura de suor e lágrimas, seu olhar calmo, demonstrava para nós um grande alívio pela nobreza demonstrada por mamãe, se sentindo agora livre para lutar sua derradeira batalha.

Em um esforço infinito, apertou meu braço com energia e me inclinou para que pudesse ouvi-lo, a voz já fraca mas ainda bastante audível, para que pudesse me deixar sua derradeira mensagem.

— Meu filho, que o momento presenciado e vivido por você aqui seja um estímulo para toda a sua vida. Nunca se esqueça de que é necessário ter muito amor pela vida, que sempre nos devolve em dobro o que lhe damos. A vida vale pelas boas coisas que fazemos, pelas obras que edificamos, pelas simpatias que angariamos.

"Lembre-se sempre que, se você der amor à vida ela devolverá também muito amor e felicidade."

Em seguida, chamou mamãe, que se inclinou junto ao seu rosto, ficando ambos, por momentos, dizendo aquelas coisas que só são entendidas por dois corações apaixonados.

Final mente, papai perdeu a consciência para não mais recuperar e, na tarde do dia seguinte ardia seu corpo na pira funerária do Campo de Marte, onde eram pranteados os guerreiros, cercado por um grande grupo de antigos companheiros, dentre os quais o próprio Tibério.

Silano parecia ser o que mais sofreu com a morte de Mânlio, pois os dois eram companheiros inseparáveis em tudo e tinham construído uma grande amizade.

Nesse ponto residia aquela que seria talvez uma das maiores virtudes do sistema que estruturava as famílias, ou seja, o indivíduo era incorporado a um dado grupo familiar em função da afinidade com suas tradições e com as pessoas que a compunham, ficando em um plano secundário possuir ou não o mesmo sangue correndo nas veias.

Tal costume era aceito por todos, mesmo nos estratos mais elevados da sociedade, sendo bastante comum alguns serem considerados filhos, quando na realidade adotivos, que assim se comprometiam em levar adiante os valores e as tradições da família que os acolhia. O próprio Tibério tinha ascendido ao poder, mercê de sua condição de filho adotivo de Augusto que, por sua vez, logo viria a ceder seu lugar a Caio "Calígula", outro adotivo.

Assim, ser um filho adotivo, naquele tempo, não significava um estigma na vida das pessoas, ou motivo de zombaria como muitas vezes ocorre nas sociedades modernas mas, pelo contrário, era, na maioria dos casos, razão de orgulho e satisfação, por ter sido considerado capaz de continuar a obra de toda uma cadeia familiar.

Portanto, Silano podia de fato ser considerado um membro de nossa família, filho adotivo de Mânlio, e estávamos todos muito satisfeitos em contar com aquele menino valente entre os nossos.

Meu retomo à Judeia ocorreria em setembro, de modo a poder ainda ir pelo mar, pois a partir de outubro, o Mediterrâneo ficava impraticável à navegação, com ondas e ventos violentos, forçando longas marchas por terra entre Roma e suas províncias orientais.

Enquanto aguardava o dia do embarque, pude liquidar vários negócios deixados por papai e também adquirir uma casa maior e mais bem localizada para Elêusis e Silano, apesar de seus protestos, além de providenciar algumas servas e criados para ajudá-los nas tarefas do cotidiano.

Meus projetos para o futuro envolviam levar minha mãe e "irmão" para morar em minha casa, depois de meu casamento com Ester, mas Elêusis não pensava nessa hipótese.

— Mamãe, Ester e você vão se dar muito bem. Estão loucos para conhecê-la e^a1 Silano, além do que não ficaria sossegado com vocês aqui tão longe de mim.

— Meu filho, se você gosta dessa moça como diz, eu também gosto desde já e penso que deve mesmo ser uma boa pessoa para tê-lo impressionado assim. Da mesma forma, gostaria muito de conhecê-los, o que sem dúvida ainda ocorrerá, mas não me peça para deixar Roma.

"Aqui estão sepultados todos os meus sonhos mais queridos, meu filho, minha casa, minhas lembranças de vocês, Clódio, Lívio, meus queridos, meu homem. Nunca conseguiria viver longe daqui, pois a alma de seu pai está nessa cidade, ele gostava muito de sua casa, seu lugar favorito e meu também.

Sinto muito, meu filho, mas sinto que aqui é meu lugar, onde estarei sempre. Desejo a vocês muitas felicidades em seu casamento e apenas quero que um dia, se puder, tragam meus netos, se os tiverem, para que eu possa conhecê-los antes de me reunir a seu pai."

E ali ela ficou, desaparecendo pouco a pouco na neblina dos tempos, serenamente, para um dia se encontrar com seu amor no infinito, enquanto eu me lançava ainda mais uma vez no turbilhão das emoções para resgatar meus compromissos.

Muitas lembranças de papai, nossas idas ao "circus" romano para assistir às corridas, seu ombro amigo a me carregar feliz para todo lado, nossa ida ao "tonsor" público para a minha primeira barba, assunto que ele comentava orgulhoso com seus amigos, minha cerimônia de passagem da adolescência à idade adulta, o sorriso que deu ao me presentear com meu primeiro cavalo.

Reflexos de um gigante que eu nunca mais haveria de esquecer.

O retomo à Judeia por mar acabou sendo muito acidentado, sendo que, por várias vezes, estivemos a ponto de abortar a viagem, pois perdemos vários barcos numa violenta tempestade, o que nos fez levar o dobro do tempo para chegar a nosso destino.

Na chegada ao porto de Cesareia, encontrei Aurélio e Sérgio a me esperar com diversas novidades, para darem-me conta das ocorrências durante os cerca de sete meses que fiquei fora.

—Salve, Antônio, grandes notícias. Parece que agora estamos perto de colocar as mãos em Aulus e seus cúmplices, uma vez que nossos homens conseguiram confirmar a sua ligação com os bandidos, descoberta por Sérgio.

Aquilo trouxe-me de volta à minha realidade, infundindo novo ânimo para que pudesse dar continuidade às tarefas que deixei pendentes.

— E verdade, Antônio, estamos infiltrando um elemento no grupo principal dos assaltantes e logo teremos uma indicação sobre o próximo encontro entre eles, o que poderá significar grande vitória para nós.

—E realmente uma boa notícia, mas agora quero os detalhes. Como pretendem comprometê-lo?

Entramos em meus alojamentos na guarnição de Cesareia, que pretendia deixar logo pela manhã do dia seguinte, rumo a Jerusalém.

— Cerca de um mês atrás, resolvi montar uma espécie de "prova" para ter a certeza final do envolvimento de Áulus com os salteadores.

"Despachamos uma pequena caravana com suprimentos para a região de Hebron, guardada por poucos homens e fizemos com que ele acreditasse que estávamos também enviando os valores referentes ao soldo da guarnição local.

Desse modo, somente eu, Sérgio e Áulus, tínhamos conhecimento dessa informação, pois evidentemente nem os homens da caravana sabiam de nada, porque, na verdade, não levavam dinheiro nenhum.

De fato a caravana foi interceptada alguns quilômetros depois de Betânia, com indicações claras de que os bandidos procuravam o dinheiro do suposto pagamento, que logicamente não encontraram.

Os homens não conseguiram identificar ninguém porque eles estavam encapuzados, nem os ajudantes condutores de animais e carroças que seguiam com eles.

Perdemos alguns homens, mas terá valido a pena se conseguirmos desmascarar o patife."

Realmente, o ocorrido comprovava para mim o que sempre suspeitei, além do que vinha a atestar, de uma vez, o acerto da iniciativa de Sérgio em segui-lo naquele dia.

— De acordo com o que dizem, estamos mesmo perto de pegá-lo, por isso temos que tomar muito cuidado para o "pássaro" não voar, porque, se ele perceber poderá, facilmente, colocar tudo a perder. Só de pensar em pôr as mãos nos patifes, sinto já enorme satisfação antecipadamente, antevendo a cara do governador quando apresentar a ele o responsável por tudo.

Mais cinco dias e estávamos novamente em Jerusalém, na magnífica fortaleza Antônia, símbolo maior do domínio romano.

Tencionava deixar tudo mais ou menos delineado com Aurélio e partir logo em seguida para Tiberíades, de modo a cumprir obrigações protocolares junto ao governador e finalmente seguir para Cafamaum, encontrar o meu amor e marcar, de uma vez, nosso casamento.

Os acontecimentos acabaram por se precipitar e forçaram minha permanência ali por mais algum tempo.

Conseguimos, após muitas tentativas, infiltrar uma pessoa no grupo de assaltantes que agia na região de Betânia, a qual começava já a nos provar sua grande utilidade, pois recebemos uma mensagem que nos indicava data e local onde haveria uma grande incursão contra uma caravana militar que trazia dinheiro de Cesareia para a capital. Ainda segundo nosso contato, as orientações para o ataque tinham sido passadas, pessoalmente, por Aulus, em reunião presenciada por ele num local escondido nas imediações.

Os bandidos estavam ariscos e desconfiados, pois agora mudavam continuamente os locais de reunião para evitar serem descobertos, o que nos fez abandonar o plano original de prender Aulus quando ele estivesse em plena reunião com os fascíhoras.

Essa informação veio mesmo em boa hora e busquei envolver também a Copônio, nosso conhecido e mais antigo centurião, além de Ströd, o gigante germânico, homens de minha total confiança.

Segundo nosso plano alternativo, ficaríamos de tocaia esperando o ataque dos bandidos no local informado por nosso homem, procurando fazer prisioneiros que pudéssemos interrogar depois e incriminar Aulus e os seus. Nosso próprio "espião" poderia testemunhar, mas queríamos preservá-lo para futuras missões, além do que seu testemunho poderia ser colocado sob suspeita por ser ele um dos "nossos", enquanto que uma confissão arrancada àqueles homens teria um peso maior numa eventual condenação.

O tempo passava e a ansiedade era quase insuportável em minha cabeça, bem como a vontade imensa de ver Ester e meus amigos Sixtus e Hipólita.

Chegamos a ensaiar nossos planos por diversas vezes, até cada um de nós saber recitar dormindo tudo o que tinha de ser feito e por isso, quando chegou o dia, nossa confiança no sucesso da empreitada era total e absoluta.

Levando vinte homens de estrita confiança, escolhidos a dedo por Copônio e Ströd, nos dirigimos até o local designado para a emboscada, onde nos ocultamos por detrás de um promontório elevado, de onde podíamos dispor de uma visão privilegiada dos arredores. Pusemos homens também em alguns pontos estratégicos para nos prevenir contra eventuais "batedores" isolados, que pudessem fazer abortar a operação.

Essa providência foi bastante útil, porque, não demorou muito, e logo tínhamos dois prisioneiros guardados, devidamente amarrados, em uma pequena caverna nas proximidades.

De minha parte, não via a hora de deitar as mãos nos chefes da "guerrilha", aqueles patriotas de mentira, que iludiam a boa fé do povo, fazendo-os pensar que "lutavam pela pátria" quando, ao invés disso, a pilhagem era o único móvel que dirigia suas ações.

Passamos o dia em intensa expectativa quando, ao cair da tarde, um de meus "olheiros" me trouxe a notícia de que o grupo principal dos bandidos estava já posicionado para o ataque à caravana que se aproximava, denunciada pela pequena nuvem de areia que se elevava a cerca de dois quilômetros ao norte.

Esperamos então, o início do ataque deles e logo caímos em cima pela retaguarda, tomando-os inteiramente de surpresa.

Com pequenas perdas, somente três ou quatro feridos, conseguimos desbaratar completamente a quadrilha e fazer meia dúzia de prisioneiros, aos quais juntaríamos os outros dois "guardados" na gruta.

Do lado dos fascínoras, porém, foram doze mortos, um número excessivo, porque os defensores da caravana nada sabiam de nossas intenções quanto a pegá-los vivos para serem interrogados.

Dei uma passada de olhos entre os infelizes mortos, agora desprovidos de seus capuzes, e constatei, pesaroso, que um deles era Amós, estimado por Joab como um filho. No íntimo, cheguei a lamentar sua morte, porque sabia que tal seria motivo de grande tristeza para todos em casa de Ester.

Enterramos os corpos e rumanos em direção a Jerusalém, onde Aurélio tinha já um esquema preparado para "extrair" a verdade daqueles homens.

— Sérgio, terá que ser amanhã pela manhã, quando Aulus estiver presente, para que possamos prendê-lo e acusá-lo devidamente.

Eu tinha pressa em resolver aquele assunto, mas alguma coisa lá no fundo me alertava que minha vitória não seria completa.

Chamei Aurélio.

— Quero que tudo fique sob sigilo absoluto e amanhã, depois de acusarmos Aulus, quero vigilância pesada em cima dele. Agora que estamos tão perto não desejo, de modo algum, correr riscos e deixar escapar essa vitória. Por isso, lembre-se, olho vivo para nosso "pássaro" não escapar.

— Deixe comigo, Antônio, pois temos tudo preparado e somente homens de total confiança para cuidar do caso. Para você ter uma ideia, Ströd em pessoa vai conduzir os interrogatórios, para não nos arriscarmos a que um dos outros possa estar envolvido e fique tentado a exagerar na "dose" e matá-los.

— E nosso homem? Já identificou os chefes?

— Sim. Sabemos que eram três, mas conseguimos dois deles entre os prisioneiros, porque o outro morreu. Nosso homem garante que ambos estavam presentes da última vez que Aulus se reuniu com eles.

— Ótimo, mas então olho nos dois.

Chegamos à fortaleza levando os prisioneiros, ocultamente, em uma das carroças, para não despertar curiosidade e não açular o ânimo do povo, que poderia causar problemas e protestos contra a prisão dos "patriotas".

Ströd começou sua tarefa com os infelizes e logo tínhamos o que estávamos procurando, ou seja, o depoimento dos dois chefes da quadrilha e de mais três assaltantes, incriminando de maneira insofismável ao centurião Áulus e mais alguns outros soldados.

Estava em meus aposentos, andando de um lado para o outro, aguardando o resultado do interrogatório, quando entraram Ströd e Sérgio.

Foi Ströd quem me deu a notícia.

— Os prisioneiros cantaram como um passarinho. *Temos já os soldados e chefes menores em nossa "mira", mas primeiro vem o chefe maior, certo?*

— Muito bem, Ströd, fizeram um trabalho muito bom. Onde está Aurélio?

— Está na sala de audiências e, conforme combinamos, convocou Aulus para uma reunião com você, pretextando a necessidade de receber algumas instruções gerais antes de sua viagem a

Tiberíades.

— Ótimo. Agora, posicionem os homens e os prisioneiros para o reconhecimento e chame também todos os outros centuriões para o testemunho do ato final desse drama.

Passei uma água no rosto, ainda empoeirado da viagem, e subi para a sala de audiências, usada normalmente pelo governador para "fazer justiça" ao povo.

Agora será a minha vez, pensei, de resgatar as centenas de soldados que perderam sua vida pela ação daquele bruto, muito provavelmente acumpliciado com outros. Apesar disso, sabia que, seguramente, ainda não se tratava do "chefe maior".

O governador não se deixaria pegar tão facilmente, mas me contentei em, pelo menos, "cortar seus pés", pois, daquele dia em diante, ficaria mais difícil para ele fazer qualquer coisa, estando Aurélio e eu por ali.

Do mesmo modo, sabia que estava arrumando um poderoso inimigo, o que poderia ser fatal para nós todos mais tarde.

Consegui me safar do labirinto da fortaleza e entrei na enorme sala, onde já me aguardavam Aulus, Aurélio e vários outros oficiais e centuriões.

Cumprimentei todos eles e dei início então à nossa pequena e rápida comédia.

— Espero que todos estejam bem de saúde, em pé e à ordem, para glória de Tibério César, nosso imperador e chefe maior.

"Como sabem, devo partir logo pela manhã para Tiberíades, razão pela qual reuni todos vocês para antes resolver alguns assuntos pendentes, que têm me incomodado muito já há bastante tempo, desde que cheguei aqui, para ser mais exato.

Como todos já estão cansados de saber, temos sido vítimas de vários bandos armados, os quais têm sido responsáveis por muitas perdas, principalmente de homens, porque mercadorias sempre podemos repor.

Ao longo do tempo, tenho me debruçado sobre esse problema, feito várias investigações, buscando encontrar uma pista, um caminho, que permitisse acabar com essa vergonha e restaurar a dignidade do exército aqui na região. Temos sido motivo de chacota em todas as cidades e o povo já nos olha com desprezo, cospem e xingam quando passamos, abertamente e em claro desafio." Enquanto falava, todos assentiam com a cabeça concordando.

— Tive de me ausentar por alguns meses, resolver assuntos particulares em Roma, os quais exigiam urgentemente minha presença, mas antes deixei um plano de trabalho feito em parceria com Aurélio aqui presente que, se desse resultado, poderia mudar completamente o panorama. Esperava que, quando ao voltar, tivesse já o valente Aurélio condições melhores para resolvermos finalmente essa questão que tanto nos tem incomodado.

"Felizmente, parece que os deuses ouviram minhas súplicas e, logo ao desembarcar, recebi notícias de investigações levadas a efeito com grande sacrifício por nossos homens que, se fossem reais, abreviariam nossas preocupações e nos permitiriam desbaratar prontamente os bandos e desmascarar algumas pessoas que sabíamos, já de algum tempo, colaborar com eles."

A afirmação caiu como um raio entre os presentes.

— Mas como? Quer dizer que existem traidores entre nós?

Quem lançava a questão era Valério Moretti, também centurião dos mais antigos e amigo de Copônio.

— Sim, meu caro Valério, e hoje, após muitas tentativas, finalmente conseguimos desvendar o grande mistério, saber os nomes, descobrir, enfim, quem nos apunhalava pelas costas o tempo todo, enquanto exibia um sorriso nos lábios e pretextava lealdade. Conseguimos descobrir quem conduziu criminosamente centenas de nossos jovens soldados à morte, enlutando inúmeros lares, levando a tristeza e a miséria a várias famílias, privadas dos esteios dos quais dependiam para sua sobrevivência.

Enquanto falava, Aurélio colocava dissimuladamente alguns homens em posições estratégicas no salão, para impedir uma eventual tentativa de fuga por parte de Áulus e seus mancomunados.

— Sim, meus amigos, agora, aqui nesta sala, eu posso finalmente ter a satisfação de apontar a vocês o responsável por essa vergonha, que suja de lama a honra de nosso exército.

"Estou falando de Áulus, aqui presente, oficial da legião que, tendo-se igualado aos fascínoras, não merece ser tratado de outro modo."

O acusado levantou-se como que movido por uma mola, assustado, olhando em torno qual fera acuada.

Com um safanão, Aurélio obrigou-o a sentar-se novamente, tendo antes o cuidado de desarmá-lo completamente.

— Nobre Antônio, por acaso perdeu o juízo? Talvez esteja brincando, não é? Então, é tudo uma grande brincadeira?

— Infelizmente, para você não é, meu caro.

A um sinal, Ströd fez entrar no salão nossos oito prisioneiros.

Ao ver dentre os presos dois de seus chefes, que o conheciam pessoalmente, seu ânimo desabou.

— Não adianta, Antônio, não vou falar nada. Além disso, o governador não está aqui e você nada pode fazer em sua ausência.

— Outro engano, meu caro, pois como comandante da coorte posso muito bem recomendar seu castigo pela pena de morte, porque seu crime é de alta traição, sem nenhuma atenuante.

"Vamos, Ströd, faça os pássaros cantarem."

O enorme germano não precisou fazer muita força e logo os dois chefes do bando e os outros contaram suas histórias, identificando claramente Áulus como sendo o contato que lhes passava todas as informações, dando-lhes preciosas oportunidades para amealhar grandes riquezas e aniquilar bons rapazes, cujo único defeito era serem legionários do exército romano.

— E não é tudo, pois temos ainda o testemunho do valente Sérgio, também aqui presente, que vai nos contar agora, nesta reunião que eu transformo em conselho disciplinar, o que viu e ouviu em suas investigações.

Sérgio narrou então o episódio em que flagrou o traidor em companhia dos falsos "zelotes", sepultando qualquer esperança que Aulus pudesse ainda alimentar em sair livre das acusações.

Após o relato, exercendo minhas prerrogativas de comando, coloquei sumariamente a julgamento pelos oficiais, os quais deveriam se manifestar sobre a culpabilidade ou não do acusado.

O resultado, como não poderia deixar de ser, foi sua condenação por unanimidade, após o que, pela autoridade que estava investido como general do exército romano e chefe do réu, proferi a sentença para aquele julgamento, a qual nem o governador poderia revogar.

— Tendo em vista as provas apresentadas e o resultado do julgamento pelo corpo de oficiais da "Itálica" para o crime de alta traição, condeno o réu à morte por enforcamento, a ser executado de hoje a duas semanas, período em que ficará exposto à execução por parte de todos os soldados, para que todos possam ver a cara do covarde que tantos problemas nos tem causado.

Pedi a Copônio que levasse Aulus e os outros prisioneiros para as celas no subterrâneo da fortaleza, onde seriam vigiados de perto até a execução da sentença. Quanto aos bandidos, seriam enforcados pela manhã, por força de édito do próprio governador, que estabelecia as formas de punição para esses casos.

Como última providência, lavrei, então, o instrumento de condenação, contendo os timbres de todos os oficiais ali presentes e despachei na mesma hora para Damasco, onde ficava Vitélio, legado de Tibério na Síria, com uma cópia para o governador que estava em Tiberíades.

Em seguida, promovi por merecimento meu amigo Sérgio e o germano Ströd, pois sua participação no desbaratamento daquela quadrilha tinha sido decisiva.

— Caro Sérgio, agora estou livre. Posso ir com tranquilidade, pois não pesa mais sobre meu

ombro a morte daqueles meninos.

No dia seguinte, no entanto, eu descobriria que não seria tão fácil.

Logo pela manhã, Sérgio veio me acordar informando que Aulus tinha sido morto, provavelmente envenenado, na calada da noite.

XVII - PÁSCOA

A notícia das circunstâncias envolvendo a morte de Amós trouxe, como esperava, muita tristeza à família de Joab que, não obstante o ódio e despeito do jovem "zelote", dedicavam-lhe especial estima.

A família do moço, seu pai, principalmente, ficou muito revoltada, jurando vingança a qualquer preço, o que acabou por me transformar em inimigo número um de grande parte dos habitantes de Cafamaum e, de quebra, trouxe também muitos inconvenientes a todos da casa de minha noiva.

Comentários sobre o nosso projetado casamento correram como rastilho de pólvora por toda a cidade, o que contribuiu para tornar mais pesado ainda o ambiente. Eu era o "invasor" e, mais do que isso, era também considerado o assassino de um jovem judeu, de nada adiantando argumentar sobre suas atividades junto aos assaltantes. Seria sempre a minha palavra contra a vida de um mártir, um "zelote".

Tentei por várias vezes explicar os motivos e circunstâncias que cercaram o fato, mas nossos "amigos" e conhecidos preferiam não acreditar, sem falar nos sacerdotes, que encontraram no episódio a esperada oportunidade para capitalizar em cima e tentar recuperar um pouco da antiga influência junto ao povo.

De nada adiantaria gastar mais tempo ali, tentando explicar algo que a cegueira das pessoas não compreenderia e assim, segui viagem, juntamente com Ester, para Tiberíades, indo depois até a fazenda de Síxtus, onde planejávamos ficar por alguns dias até as coisas acalmarem um pouco.

Durante minha estada em Roma, Ester e Matheus tinham passado muitos momentos bons com Síxtus e Hipólita, trazendo vida nova e esperança àquela casa, desanuviando os pensamentos negativos através da prece, saneando o espectro fluídico que impedia a todos de pensar com clareza sobre o que fazer.

Fiquei agradavelmente surpreendido ao notar o semblante mais calmo e alegre de Hipólita, mais suave, mas exibindo sua antiga determinação, caminhando já pelos arredores da propriedade por conta própria.

Síxtus não cabia em si de contentamento.

— Antônio, operou-se um milagre nesta casa. Hipólita vive novamente e não apresenta mais na face o estigma da morte, apesar da doença ainda estar lá, mas, mesmo nesse ponto, parece ter melhorado.

"Agora sinto que a alegria voltou novamente aos nossos corações e o futuro não mais nos parece tão negro como antes. Ester é um anjo e você é um homem de sorte em poder contar com uma companheira tão maravilhosa em sua vida.

Elas se tomaram amigas e, por várias vezes, saíram juntas em passeio pelas vizinhanças, às vezes com o velho Matheus, indo inclusive até Tiberíades fazer compras, quando antes nem levantava da cama.

Acertou quando disse que esta é uma terra diferente, milagrosa, meu amigo, e só agora sinto a verdade de suas palavras, com minha alma muito mais leve, o que me desperta, outra vez, a vontade de retomar projetos abandonados há algum tempo.

Se tudo isso está acontecendo por consequência desse homem, Jesus, então, se ele for de fato um rei, estou disposto a ser mais um de seus súditos."

Fiquei espantado, incrédulo com essa revelação, pois o Sístus que eu conhecia, materialista, impiedoso, romano, nunca admitiria tal coisa.

— Então, meu amigo, quer dizer que vocês já foram assistir à fala do nazareno? Conte-me como foi.

— Na verdade, fui uma vez só. Quem mais assistiu ao nazareno foi Hipólita e Ester, juntamente com as criadas, pois fiquei algo receoso de ir pessoalmente às reuniões, face à minha condição de representante imperial.

“Entretanto, cada noite que voltavam parecia mais uma luz acesa sobre a cabeça de todos, principal mente minha mulher.

Passamos várias noites conversando a respeito das lições trazidas pelo Homem, e sou obrigado a concordar um pouco com Pilatos, que considera Jesus meio lunático, pois vai contra tudo o que conhecemos e acreditamos.

Agora percebo que, abrindo uma nova perspectiva para encarar a vida, Jesus traz algum encanto às pessoas mais pobres, os infelizes, escravos, que vislumbra, então, uma chance para melhorar sua posição, o que seria impensável do jeito que as coisas normalmente são.

Pensei comigo que talvez não se tratasse apenas de uma perspectiva, mas de alguma revelação muito maior, que ainda não tínhamos conseguido entender direito.

Mas isso agora não importa, porque se essa é a razão, o caminho que pode trazer novamente a vida a Hipólita, não hesitarei em fazer qualquer sacrifício a seu lado, se preciso até me tomando um seguidor desse rei dos judeus.”

Sem dúvida, Sístus amava a esposa, amor que, caprichosamente, tinha criado fortes raízes em seu espírito, podendo-se adivinhar aí, pelos mais sensíveis, fortes laços de compromissos entre ambos, cuja origem, certamente, não se encontrava naquela existência.

— E, meu amigo, você mudou muito. O que pretende fazer?

Sentamos em um banco do jardim da casa, artisticamente trabalhado, onde tudo fazia adivinhar o bom gosto da proprietária.

— Como disse há muito, Antônio, vou fazer tudo o que puder, desde que signifique uma esperança de vida melhor para minha esposa.

“Mesmo que Jesus seja mais um profeta dessa terra, mas se, ainda assim, suas palavras a fazem feliz, ótimo. Sou totalmente favorável a deixar que isso continue, mesmo porque nada existe **que possa condenar sua conduta, nenhum crime contra Roma do qual pudesse ser acusado, nada.**”

Nisto, chegou Hipólita acompanhada por Ester.

— Salve, meu amigo, estava passeando e conversando um pouco com sua noiva. Ela me contou todo o ocorrido e os problemas que estão tendo por causa disso. Não se preocupe, porque a memória do povo é curta e logo tudo estará esquecido.

Olhei para ela incrédulo com o que via. Seu rosto não mais apresentava praticamente nenhum sinal da doença e suas mãos exibiam novamente a tonalidade alva de sua pele acetinada.

— Desculpe, Hipólita, mas não posso deixar de notar sua incrível melhora. Sístus tem razão, temos um milagre aqui.

— Antônio, quase não tenho mais nenhuma marca no corpo. E uma dádiva de Deus, nosso Pai, através de seu filho Jesus, o amor personificado.

“Nunca senti tamanha energia fluindo através de mim, parecendo que vinha diretamente do céu e descia pela minha cabeça, espinha, braços, pema, tudo. Senti uma paz infinita naquele dia e tive certeza absoluta que iria melhorar, não sei exatamente como, mas tive certeza.

De qualquer modo, o vocabulário dos homens é muito limitado para que se possa exprimir, de maneira fiel, o que se passou comigo.

Naquela noite, alguém perguntou a Jesus se o reino do Pai era poderoso como Roma e Ele respondeu: “As magnificências dos Césares são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sábios,

como todos os guerreiros, são chamados no momento oportuno aos tribunais da justiça de meu Pai que está nos céus. Um dia, deixarão de existir as suas águias poderosas, sob um punhado de cinzas misérrimas e suas ciências se transformarão ao sopro dos esforços de outros trabalhadores mais dignos do progresso, suas leis iníquas serão tragadas no abismo tenebroso desses séculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem, a lei do AMOR, instituída por meu Pai, desde o princípio da criação."

Ele falava então olhando para mim e senti a verdade daquilo que dizia. Verdadeiramente senti a iniquidade de meus sentimentos, a inutilidade de minha vida até o presente.

O remorso me inundou, quando tive a exata noção de ter desperdiçado a minha vida em coisas superficiais, cosméticas, enquanto a pobreza e a infelicidade gritavam e batiam à minha porta, pedindo socorro.

Pensei em minha irmã, Ana, de quem também fui algoz, interessada que estava apenas em satisfazer meus próprios instintos e na fortuna material de Sfxtus, hoje meu esposo e em quem descobri insuspeitado companheiro amoroso.

Naquele momento, senti-me a mais baixa e abjeta das mulheres e percebi que não tinha nada a mostrar, nada a oferecer àquele Deus de bondade que chegava até nós através de Jesus. Senti vontade de ir embora, sumir, para livrar o mundo de minha presença inútil, um peso morto e sem sentido, deixar o caminho livre para aquele tipo de gente que, sentia, ainda virá a herdar a Terra.

De repente, percebi aqueles olhos magnéticos a me fitar, mesmo estando com meus olhos fechados, e então, algo como que uma energia azul desprendendo-se dEle e me atingindo, como já falei.

Tudo mudou em minha vida, para sempre, e hoje sei que não é outro o caminho, senão pela caridade e pelo amor, minha felicidade nunca estará completa enquanto houver um só sofredor, um só escravo, um só bandido, um só doente."

Os olhos de minha amiga pareciam iluminados como os de Ester.

— Antônio, amanhã é sábado e Jesus vai pregar novamente na praia de Cafamaum. Vamos todos juntos, pois é o mínimo que podemos fazer para, pelo menos, demonstrar nossa gratidão ao Mestre Jesus pela melhora de Hipólita.

Síxtus concordou, fazendo coro com as palavras de Ester.

— Ester tem razão, Antônio, seria uma boa ideia, porque gostaria muito de apertar as mãos daquele homem que me devolveu a vida, minha esposa e meu amor que não tem preço.

Seria ótimo, pois poderíamos ir à paisana, mais descontraídos, oxigenar um pouco a alma. Na verdade, no fundo estava com muita vontade de ver Jesus novamente, aquela figura fantástica e magnética, que apesar de não acreditar na maior parte do que Ele dizia, ainda assim admirava muito Sua obra, o trabalho que fazia com aqueles pobres e infelizes, o bem estar que trazia a todos.

Nos muitos dias de felicidade que vivi por ali, lembro-me bem de Matheus¹⁴ e seus escritos, onde anotava as lições de Jesus para depois ter material de discussão e leitura para as oportunidades de suas próprias pregações.

Naquela época, os cristãos não possuíam os evangelhos escritos, que somente algum tempo depois apareceriam no mundo, grafados pelos apóstolos, razão pela qual todos os pregadores da boa-nova, como Matheus, colecionavam as máximas e as lições do Mestre de próprio punho, ou com a cooperação de alguém que soubesse escrever.

¹⁴ ¹ Não se trata, obviamente, de Matheus, o evangelista, cuja atuação mais relevante no cenário do primitivo cristianismo se daria mais tarde. Naquela época, este foi o nome hebreu escolhido por Clódio, meu irmão, naquele que foi o seu "segundo nascimento", ou, como dizia às vezes, seu verdadeiro nascimento para a vida. Desse modo, a adoção de um novo nome simbolizava, para Clódio, o seu encontro com a verdade, encontrada tão longe.

Nisso, passou o tempo e chegou finalmente a Páscoa, a festa mais sagrada para os judeus. Devido ao episódio da morte de Amós, tínhamos resolvido adiar nosso casamento para depois das festividades, quando toda a família de Ester compareceria a Jerusalém, em cumprimento aos rigorosos preceitos religiosos.

A pressão de Caifás, sumo-sacerdote e seu sogro Anás, tinha aumentado bastante sobre os ombros do governador, de quem exigiam a imediata prisão de Jesus e sua condenação à morte. Pilatos e eu estávamos já naquela ocasião em Jerusalém, prontos para cumprir nossas obrigações como representantes do supremo poder de Roma na província. O governador, para a cerimônia tradicional de "ministrar" a justiça aos súditos do imperador, enquanto eu deveria me ocupar com os inúmeros aspectos relativos à segurança, pois a capital regurgitava de gente de todo tipo e se transformava num barril de pólvora, prestes a explodir.

Estávamos no salão de audiências, quando Pilatos me chamou.

— Antônio, aqueles pilantras disseram que desejam me falar. Convidaram-me para presidir uma sessão daquela comédia que eles chamam Sinédrio, naturalmente para forçar-me a aprovar a condenação daquele profeta.

"Não tenho mais paciência para isso, então vou pedir a você que vá em meu lugar. Diga qualquer coisa, que estou doente, e escute o que eles tem a dizer. Faça-os ver que você é o comandante militar da província e tem toda a autoridade emanada do imperador, como se fosse eu mesmo. Entretanto, não permita que o humilhem de qualquer maneira, pois costumam ficar valentes nessa época."

— Muito bem, governador, pode deixar que lá estarei. Quer dizer, então, que ainda insistem no propósito de condenar Jesus?

O governador fez um ar de enfado.

— Agora mais do que nunca. Corre um boato por aí, que Jesus ressuscitou um tal de Lázaro, se não me engano uma pessoa importante de Betânia, o que colocou os covardes em polvorosa.

"Imagine-se no lugar deles com algo desse tipo ocorrendo às vésperas da Páscoa. Não se comenta outra coisa nas ruas e, segundo meus informantes, eles estão loucos para pegá-lo."

Pôncio Pilatos estava na verdade se divertindo a valer com aquilo tudo e eu também, pois imaginava as figuras cômicas de Caifás e seu sogro pulando de raiva.

— Em todo caso, Antônio, como sei que tem amigos simpatizantes desse Jesus, é bom sugerir a eles e alertá-los para ficarem longe de Jerusalém, pois os idiotas esperam apenas por uma oportunidade para matá-lo.

Quando falava nos simpatizantes do Mestre, Pôncio se referia a Síxtus, e só se dava a esse cuidado devido a ter ficado muito surpreso com o caso de Hipólita. Como era extremamente supersticioso, imaginava, com isso, um meio de "ficar com os pés nas duas canoas", pois qualquer que fosse a verdade final, ele estaria "coberto".

Pessoalmente, ele não gostava de Caifás e seu sogro, figuras desprezíveis e venais, que se aproveitavam da miséria e, sobretudo, da ignorância de seu povo para manter sua riqueza. Entretanto, o que Pôncio me pedia fazia parte também de minhas atribuições como comandante militar, e era meu dever executar suas ordens.

Despedi-me de Pôncio e fui, juntamente com Sérgio, em direção ao famoso templo de Jerusalém, uma vez que era lá que moravam os sacerdotes.

Já tinha visto aquele homem por várias vezes e nunca tinha gostado, baixa estatura, grosseiro e venenoso, desconfiado em relação ao desprezo dos outros, por ter conseguido o posto devido a seu sogro, o poderoso Anás. Deleitava-se com a riqueza, a pompa e a cerimônia, bem como o respeito e a reverência que era seu direito exigir, uma vez que era o sumo-sacerdote, a encarnação viva da lei sagrada.

Possuía um senso de humor ácido e irônico, sendo obrigado, pelas regras da limpeza ritualística, a ser ungido com o óleo sagrado, como antes era feito com os reis da antiguidade.

Seguíamos a trote lento pelas ruas, acompanhados de vinte cavaleiros, passando pelas avenidas apinhadas de gente daquela cidade que, apesar de tudo, tinha também a sua mágica para nós, romanos.

A noite, as luzes brilhavam em Jerusalém e pelo vale do Kedron e a lua pascal, cheia, tomava as noites iluminadas. O breve pôr-do-sol deixava sempre um leve avermelhado sobre o vale e logo, de bem longe, os peregrinos podiam ver as luzes da cidade.

Nesta hora, a lua ainda estava escondida atrás das montanhas, mas seu brilho prateado já se prenunciava, lançando uma luz tímida, quase etérea, sobre tudo.

Penetramos, eu e Sérgio, no interior do templo, sendo levados pelos sentinelas levitas até os aposentos do sumo-sacerdote, em adiantados preparativos para presidir à reunião do Sinédrio, para a qual contava com a presença do governador.

O sumo-sacerdote tinha seus aposentos, ricamente providos, ao lado da chamada "câmara do conselho" e nos recebeu com visível má vontade, ao saber que o governador não estaria presente à reunião.

— Nobre Antônio, então Pôncio Pilatos mandou seus cães de guerra em seu lugar. Esperávamos contar com o prestígio de Roma às nossas celebrações.

Era uma figura mirrada e rígida. Calculei que não seria necessário apertar muito seu pescoço para acabar com aquela empáfia.

Estava já todo paramentado para a reunião, usando na cabeça um enorme turbante enfeitado de jóias, com o peito coberto de pedras preciosas. Usava um traje escarlate e azul, decorado com motivos diversos, um pesado cinto de ouro a cingir-lhe a fina cintura, vários pequenos sinos tilintando nas mangas largas.

Ao seu lado, seu sogro Anás, também ricamente paramentado, com sua barba e cabelos igualmente unguados com óleo.

Anás também era uma figura singular, muito mais popular do que seu genro, influenciando e de fato determinando todas as ações importantes, deixando a Caifás somente a chancela final.

Apesar de ter sido deposto por corrupção, a mando de Tibério, o povo ainda o amava e aclamava, razão pela qual, ainda dava as cartas por ali.

— Salve, Caifás, pois se soubéssemos de seus receios em relação aos militares teríamos enviado um civil para a sua reunião.

Isso teve o dom de provocá-lo ainda mais.

— Não temos medo de militares romanos, pois são vocês os responsáveis pela segurança do país, não é mesmo?

Falava em aberta ironia, lembrando ainda meus insucessos iniciais contra os salteadores.

— Não importa, meu filho, pois acho até melhor que tenha vindo um militar, pois entenderá melhor nossas ações e poderá tomar as rápidas providências que o caso exige.

Era Anás falando, uma pessoa realmente perigosa, que em tudo superava o genro, aparência, personalidade, segurança, exibindo um enorme poder de ação.

Caminhamos rumo ao que denominavam "salão das pedras cortadas", local do templo onde eram realizadas as reuniões do Sinédrio, que possuía uma ampla câmara abobadada para acolher seus setenta e um membros. Esses mesmos membros exploravam todos os negócios ligados à liturgia religiosa, mercadores de todos os artigos utilizados nas inúmeras cerimônias.

Ali estava a verdadeira razão de suas preocupações, pois o advento das ideias de Jesus, se tivesse êxito, não arruinaria o Sinédrio, mas os negócios dele dependentes, o que seria a derrocada política e financeira da classe dominante.

Naquela reunião, toda a torrente de pecados revelou-se afinal, claramente, o cheiro de luxúria e o gosto dos desejos, a hipocrisia de todos, seus falsos sentimentos de culpa, as mentiras que pregavam, suas fanfarrônicas maliciosas e sujas, os sacrifícios que exigiam para vender a "limpeza"

das consciências, enfim a tragédia da natureza humana.

Lembrei do que dizia Jesus, quando de sua vinda anterior a Jerusalém, falando nos degraus daquele mesmo templo.

“Nada que entra pela boca pode corromper o homem, mas o que sai da boca, pois que vem do coração. Maus pensamentos, assassínios, adultérios, roubos, falsos testemunhos, difamações, são essas as coisas que tomam um homem impuro.”

Em tudo e por tudo que vi ali, tive certeza que a verdade falava pela boca do Nazareno.

Como esperava, as discussões todas centraram-se na ressurreição de Lázaro e o que isto poderia significar para todos. Era uma reunião secreta à qual somente os membros do Sinédrio e nós tínhamos acesso, além de não mais do que uma dúzia de levitas de confiança do clero, que, com toda a certeza, deviam também ter a sua parte naquilo tudo que se revelava.

Falava-se abertamente, mas utilizando-se figuras de linguagem, como se fosse possível esconder aquela montanha de perfídia.

Jesus tinha poucos defensores entre os sacerdotes ali presentes, que logo perderam o pé da situação.

Rapidamente, percebi que Ele já estava condenado, e que os sacerdotes esperavam apenas o aval do governo romano para desencadear os acontecimentos.

A reunião levava já uma hora e nós continuávamos ali sentados, escutando por várias vezes as histórias da ressurreição de Lázaro, seguidas dos argumentos dos presentes, buscando encontrar pontos que permitissem acusar a Jesus de ter infringido alguma lei.

O que incomodava mais o clero ali presente era que Lázaro tinha se tomado a prova viva do poder do Mestre e era temido por isso. Desde então, sua casa em Betânia tinha se tomado ponto de peregrinação obrigatório para quem desejasse conhecer “aquele que voltou da região dos mortos.”

Muita gente procurava o ressuscitado, a maioria viajantes com destino à capital, que aproveitavam para conhecer sua casa, pois a distância até Betânia podia ser coberta em pouco mais de uma hora.

Lembro-me bem dela, pois passei por sua frente várias vezes.

A fazenda de Lázaro era uma propriedade situada nos limites do núcleo habitado de Betânia, cuja casa, de fachada imaculadamente branca, possuía uma porta com batentes trabalhados em pedra, tendo, diante de si, um bonito jardim com alguns bancos, igualmente talhados em pedra.

A maior consequência tinha sido o fato da ressurreição ter ocorrido às vésperas da Páscoa, pegando Jerusalém cheia de peregrinos e causando grande comoção popular.

A circunstância de que entre as testemunhas do milagre se contassem alguns membros do templo e distintos cidadãos amigos da família do ressuscitado, longe de ajudar, serviu para precipitar os acontecimentos que desembocariam na prisão do Mestre.

Entrávamos já noite alta adentro com aquela reunião, e eu estava cansado de ficar ali, razão pela qual tomei a decisão de pedir a palavra para encerrar a questão e ir embora.

— Senhores do Sinédrio. Tendo ouvido todos os comentários dos membros aqui presentes em relação aos supostos “crimes” praticados por aquele a quem chamam Jesus de Nazaré, além de dispor de informações próprias de nossas fontes, devo dizer que já cheguei a uma conclusão sobre o assunto, que espero seja final.

“Segundo fontes fidedignas, esse Jesus não significa ameaça ao poder de Roma e tampouco à própria província da Judeia, de modo que nada podemos fazer, simplesmente, porque a lei está do lado dele, que nada fez para motivar ou nos induzir a pensar que a tenha infringido.

De acordo com nossas observações, pudemos atestar também que se trata de alguém muito popular, com milhares de seguidores que gostam dele e o acompanham a qualquer parte. Desse modo, por que prender esse homem? Por ele ser popular? A nosso ver seria um erro grosseiro, porque daí poderiam surgir distúrbios entre a população que nós, e incluo o governador, queremos evitar a

qualquer custo.

Além disso tudo, vou ser mais franco. Ficou bastante claro para mim nesta noite o real motivo pelo qual vocês mesmos não fazem o que nos pedem."

Deixei passar um minuto em silêncio, para dar maior impacto a minhas palavras.

— Vocês têm medo. Isso mesmo, medo. Perderam o controle da situação por sua própria ação criminosa dentro disso que chamam templo, mas que, na verdade, nada mais é do que um mercado. E sabem por que? Porque o povo está cansado de suas mentiras, de ser enganado por um bando de ladrões como vocês, que se prevalecem de suas posições para calcar ainda mais a miséria, tirando o pouco de quem não tem.

"O crime de vocês é muito pior do que o dele, porque vocês tiram as coisas dos outros através da escravidão das ideias mentirosas, enquanto ele nada pede e nada recebe. Até onde sabemos, trata-se de uma pessoa humilde, sem posses, um simples filho de carpinteiro.

Ainda segundo essa linha, mesmo que ele esteja dizendo mentiras ao povo, nada recebe em troca, de modo que, se realmente forem mentiras, ninguém sai lesado com isso, nem a ordem pública que é meu interesse imediato, pois o homem só prega a paz e a não-violência, dizendo claramente para todos os que quiserem ouvir que o reino de seu pai não é deste mundo."

Tomei um fôlego maior e resolvi terminar logo com aquilo.

— Em resumo, digo a vocês o seguinte: Não vamos ajudá-los a perpetrar um crime contra esse homem, porque ele nada fez contra Roma e seria injusto fazê-lo sofrer qualquer coisa por isso.

"Quero que esse ponto fique bastante claro, porque não vou repetir. Mais ainda, qualquer de vocês que aja, deliberadamente, contra ele sem motivo, sem prova real de sua culpa, estará aí, sim, cometendo um crime contra a ordem pública e terá que se ver comigo.

Agora, os senhores me dão licença, porque tenho ainda algumas tarefas a cumprir. Apenas uma última coisa, para que não fique mesmo nenhuma dúvida. Depois de hoje, aquele que aparecer na fortaleza, mais uma vez, pedindo para que prendamos esse profeta sem provas, vai levar vinte chibatadas e passar uma noite em nossa "hospedaria".

Em meio ao espanto geral, retirei-me com Sérgio, que estava branco como uma vela.

— Antônio, será que não exagerou um pouco? Aqueles homens são perigosos e podem nos dificultar muito a vida por aqui.

— E verdade? Vamos ver então quem dificulta mais.

Mais tarde, verificaria dolorosamente o acerto profético das palavras de meu amigo.

Voltamos então para a fortaleza, onde relatei o ocorrido ao governador, que deu gostosas gargalhadas, pois sentia um prazer especial em humilhar Caifás e seu sogro.

Na verdade, Pilatos não gostava de concorrência, ou seja, queria ser o centro das atenções e aqueles dois estavam atrapalhando, muito embora rolassem, à socapa, diversos negócios escusos entre eles, inclusive participação na arrecadação para a fortuna pessoal do governador.

Entretanto, mesmo após nossa saída, segundo soubemos por um dos levitas da guarda do templo, secretamente nosso informante, continuou ainda a reunião por longas horas, varando a madrugada, na qual o Sinédrio, expurgado de todos os "simpatizantes" de Jesus, deliberou por unanimidade continuar a pressão sobre nós, prendendo e justificando o Mestre. Entretanto, como era sexta-feira, os levitas que receberam ordem para prendê-lo acabaram deixando para o domingo, pois era proibido fazê-lo no sábado.

Alertado que foi quanto a isso, mesmo assim, Jesus não deu importância e continuou em Betfagé até a manhã do domingo.

Como não conseguiram fazer prender a Jesus, na segunda-feira o Sinédrio convocou Lázaro e sua família para depor, quando as evidências factuais mostraram, sem sombra de dúvidas, o prodigioso ato ali ocorrido. Para decidir a questão de uma vez, o médico do templo que examinou Lázaro em sua mortal enfermidade, foi enfático ao afirmar não saber explicar, à luz de seus conhecimentos

médicos, o que ocorreu, razão pela qual julgava que algo sobrenatural tinha agido naquele caso.

Nem é preciso dizer que tal depoimento, principalmente devido ao caráter sobrenatural atribuído ao fenômeno, foi torcido para servir de prova do "poder maléfico do demônio, aliado do rabi da Galileia."

Desse modo, como Lázaro era a "prova viva", aproveitaram para também condená-lo à morte, por ser um "cúmplice no ato do demônio".

Assim, a sorte de Jesus estava já lançada, para o derradeiro testemunho, a Jiçã definitiva que marcaria, para sempre, com uma cruz, o coração da humanidade.

XVIII - A MAIOR PÁSCOA DE TODOS OS TEMPOS

Para espanto de alguns, apesar de, no fundoda alma, eu já suspeitar que fosse ocorrer daquela forma, Jesus resolveu entrar em Jerusalém nas festividades da Páscoa, razão pela qual, coloquei todo mundo de prontidão para qualquer eventualidade, deixando ordens severas, principalmente quanto a vigiar de perto o "clero" do Sinédrio.

A família de Ester chegou também para participar e cumprir suas obrigações no templo, ficando todos hospedados na casa de um irmão de seu pai, um dos muitos "monopolei" ou negociante de mercadorias no atacado, o qual, por sua vez, era cristão como eles.

A ortodoxia religiosa ditava que todos estavam obrigados a comparecer diante de Deus e fazer suas oferendas, exceto, é claro, os incapacitados fisicamente de subir o aclive até o recinto do templo, de modo que, nas festas da Páscoa, uma das mais solenes do ano, convergiam a Jerusalém centenas de milhares de judeus de todos os lugares.

Nesta ocasião, encontrar alojamento na cidade era virtualmente impossível, a menos que se tivesse a sorte de possuir, como Joab, algum parente residindo lá, situação esta que ensejava oportunidades de grandes lucros para quem dispusesse de algum aposento para alugar. A maioria das pessoas, no entanto, acabava optando por se instalar em tendas nos arredores, que, obviamente, ficava muito mais em conta.

Ao pé da encosta do Monte das Oliveiras, passava a estrada que unia a capital ao nordeste da província, passando por Jericó, onde grupos caravaneiros iam e vinham, em sua maior parte peregrinos, com destino à "cidade santa", ou que dela saíam voltando aos seus acampamentos.

A visão panorâmica que tínhamos dos portões principais era espantosa, revelando aos nossos olhos como um imenso tapete de tendas a se perder na distância, em ambos os lados da sinuosa estrada.

Ao longo dos dias seguintes, eu ficaria conhecendo melhor a história de Judas Iscariotes, um dos apóstolos, o qual acabaria por desempenhar um triste papel no decorrer dos acontecimentos.

Ester e Joab acompanhavam todos os dias os passos de Jesus, que estava em Betânia aguardando o sábado de Páscoa, quando entraria, triunfalmente, em Jerusalém. Apesar de nossos avisos ao grupo, o Mestre tinha já tomado sua decisão, independentemente de sua vida estar ou não em perigo.

As profecias diziam textualmente que "o Messias libertador de Jerusalém desceria do Monte das Oliveiras e entraria na cidade montado em um burrico".

Nos tempos antigos, todos os profetas e reis importantes tinham cavalgado jumentos, até mesmo o rei Davi, e a profecia de Zacarias falava exatamente do "Messias que chegaria montado em um jumento".

No sábado pela manhã, alguns dos apóstolos, junto com outros crentes, tomaram a dianteira e

decidiram pôr-se a caminho de Jerusalém para alertar os peregrinos da iminente chegada de Jesus de Nazaré, o que iria contribuir, de maneira decisiva, para que a entrada triunfal do Mestre ocorresse em meio a grande multidão.

Em Betfagé, cidade conhecida por ter nos arredores várias fazendas de criação de jumentos, alguns apóstolos providenciaram um animal com o qual Jesus poderia entrar em triunfo na capital.

Como o burrico escolhido era muito pequeno, a elevada estatura de Jesus obrigava-o a flexionar Suas longas pernas para trás, de modo a não arrastar os pés pelo caminho. O quadro formado por Sua figura cavalcando o minúsculo animal era estranha, mas era esta justamente a intenção, de ridicularizar o poder terreno, cujo costume era, normalmente, entrar triunfalmente cavalcando enormes cavalos e vistosas carruagens.

Conforme o grupo ia avançando, ao longo do caminho, a compacta multidão ia saudando e gritando vivas ao Cristo como sendo o profeta prometido pelas escrituras. Verdadeira febre coletiva parecia ter tomado conta das pessoas, que jogavam suas túnicas por sobre a poeira das ruas, logo convertida em lama fina pela chuva, para que o Mestre pudesse passar montado no burrico.

Até hoje, sinto ainda um grande calafrio, quando vejo novamente, buscando nos arquivos permanentes da memória cósmica, aqueles homens e mulheres lançando ramos de oliveiras e flores de diversas cores à passagem de Jesus, bem como o inesquecível e forte aroma de essências espargidas no ar.

Era totalmente inesperado, e ninguém poderia prever uma recepção daquela, tendo em vista as ameaças que pesavam sobre a cabeça do Mestre e seus seguidores, partidas diretamente do Sinédrio.

Indiferentes à chuva fina que começava a cair, todos gritavam | Sua passagem: "bendito aquele que vem em nome do Senhor! Bendito seja Aquele que vem do Céu".

Jesus estava feliz e exibia felicidade em cada centímetro de Seu corpo, saudando a todos, acariciando as crianças que as mães lhe atiravam no colo, tudo isso com o coração transbordante de evidente alegria.

A comitiva virou, então, à direita, em direção à encosta oriental do Monte das Oliveiras, por onde subiram todos, uma ladeira acentuada e pedregosa que atravessava perpendicularmente a estrada que ligava Betânia a Jerusalém.

Quando Jesus, já tendo desmontado, chegou ao cume da montanha, a chuva já havia passado, mas pelo céu ainda passavam algumas nuvens escuras e ameaçadoras, o que não impedia o grupo em fila indiana de prosseguir por entre as plantações de oliveiras.

Do cume, era possível admirar Jerusalém em toda a sua majestade, distinguindo-se, ao longe, as torres da fortaleza Antônia, o palácio de Herodes e as muralhas do templo, assim como a enorme quantidade de casinhas e ruelas entremeadas que formavam a caótica rede urbana.

Chegavam à capital cada vez mais pessoas, vindas desde a porta da Fonte e das Telhas, ao sul das muralhas, certamente avisadas da iminente chegada de Jesus.

Súbito, o silêncio desceu sobre todos, total, pesado, mudando a fisionomia do Mestre que, caminhando até a cabeceira da rampa ocidental da colina, começou a chorar mansamente, lágrimas tranquilas descendo, como um filete de luz, pelo rosto e barba.

Grande emoção se apoderou de todos e ainda hoje, revendo ou relembrando esses fatos, mesmo que pelos olhos de outra pessoa, sinto um grande aperto no coração.

Então, com os braços caídos ao longo do corpo, incapaz de represar no peito a própria emoção, o gigante exclamou com a voz embargada:

"Ó Jerusalém, se tão só tivesses sabido, tu também, ao menos neste dia, as coisas relativas à tua paz e que houveras podido ter tão livremente... Mas agora, estas glórias estão prestes a sumir de teus olhos, pois tu estás a ponto de repelir o Filho da Paz e ignorar o Evangelho da salvação... No entanto, logo chegará o dia em que teus inimigos farão trincheiras ao teu redor e virão assediar-te

por todos os lados, e acabarão por destruir-te completamente, até não restar pedra sobre pedra.

E tudo isso acontecerá porque não conheceis o tempo da tua Divina Visita... Estás a ponto de rechaçar o regalo de Deus, e todos os homens te rechaçarão”.

O Mestre profetizava, amargamente, a futura destruição de Jerusalém pelos exércitos de Tito, cerca de trinta anos depois, quando, então, não restaria mesmo pedra sobre pedra.

Cristo enxugou as lágrimas e montou novamente no jumento, retomando a viagem interrompida rumo a Jerusalém, cruzando com uma quantidade enorme de pessoas que subiam a encosta do monte à Sua procura.

Por todos os lados, recebia Jesus os vivas da multidão, que se manifestava com barulho ensurdecedor, correspondendo, juntamente com os discípulos, àquelas palavras de afeto, avançando lentamente em meio à turba entusiasmada, muitos dos quais insistiam em tocá-Lo em sua montaria, exigindo alguma energia por parte dos apóstolos.

Quando à porta da cidade, Jesus entrou sem maiores problemas, porque os Levitas, temerosos ao ver o tamanho da multidão que aclamava o Mestre, não tiveram coragem para fazer nada.

Jesus, apesar de seu aparente alheamento a essas coisas, era bastante previdente e tinha planejado sua entrada pela porta da Fonte por vários motivos: evitar uma maior proximidade com a fortaleza Antônia, quartel-general romano, além de obrigar o séquito a passar por algumas das ruas mais populosas da capital.

Assim fazendo, também protegia a Si mesmo e Seus seguidores contra a ordem de prisão emanada do Sinédrio.

Ao adentrar as ruas de Jerusalém, a multidão, já descomunal àquela altura, num gesto que espelhava a beleza dos sentimentos que lhes iam na alma, passou a atirar rosas e flores diversas à passagem do Cristo, enfurecendo ainda mais, por outro lado, os fariseus e escribas que haviam saído a contemplar a cena, os quais correram a contar no Sinédrio a sua versão dos fatos.

Enquanto a vilania se instalava mais uma vez dentro dos muros do templo, a comitiva prosseguia sua viagem pelas estreitas ruas da cidade, sendo saudados por quem estivesse a pé, nas janelas ou terraços, todos encantados com a visão simples e paradoxalmente majestosa do rabi, tal qual está registrado nas escrituras.

Na cabeça de todos ali naquela multidão, a ideia enraizada era de que Jesus encarnava o libertador esperado e anunciado nas profecias, que, de fato, possuía ainda muito da fantasia interna de cada um, certamente no desespero para encontrar um líder de verdade, ao invés daquelas “marmotas” fantasiadas dentro do templo, que nada faziam além de oprimir e se aproveitar do povo, explorando, em proveito próprio, sua ignorância e suas crenças.

Fico imaginando até hoje, o que poderia ter ocorrido, caso o rabi tivesse concordado e acedido aos incessantes pedidos daquele povo.

Mas esta não era definitivamente a intenção do Mestre que, fazendo ouvidos moucos à multidão, assim como ao que lhe pediam os próprios discípulos, deixou a todos, silenciosa e rapidamente, entrando na grande esplanada principal do templo, pela chamada porta Dupla.

Durante todo o tempo em que permaneci na Judeia, nunca cansei de admirar aquela obra magnífica de Herodes, o qual havia-se debruçado pessoalmente em sua construção, desde a concepção até a “entrega” à casta sacerdotal.

O chamado Pátio dos Gentios era enorme e circundado por colunas trabalhadas, separado do setor do templo propriamente dito por uma balaustrada.

O templo todo possuía treze portas de acesso, as quais eram guarnecidas por Levitas ou policiais, encarregados de manter a ordem e assegurar o cumprimento das determinações dos sacerdotes pelos “fieis”.

O luxo das instalações era bastante evidente em todos os lugares da imensa construção, causando grande deslumbramento em todos os visitantes, mesmo naqueles que já o conheciam, os

quais quedavam maravilhados frente a sua grandiosidade.

Suas enormes portas eram todas recobertas com lâminas de ouro e prata, sendo que, a uma dada hora do entardecer, recebendo a incidência praticamente direta da luz solar, espalhavam por todo lado um brilho cegante, juntamente com as portas banhadas a ouro do telhado, trazendo ao conjunto uma espécie de "aura" dourada.

Geralmente, o Pátio dos Gentios apresentava um grande fluxo de pessoas, especialmente junto às colunas do Pórtico Régio, localizando-se ali as barracas dos indefectíveis vendedores de animais para sacrifícios litúrgicos, naturalmente com a anuência e participação dos sacerdotes.

Naquele pátio, podiam ser encontrados todos os tipos de animais "aprovados" para os sacrifícios, em consonância com as prescrições severas da ortodoxia religiosa. Além disso tudo, também sentavam praça por lá os "cambistas", geralmente gregos e fenícios, cujo negócio principal era a troca de moedas de diversos países, sendo tal função muito importante, se pensarmos que já naquela época, grande parte dos peregrinos era proveniente do estrangeiro e se utilizava dos "serviços" destes profissionais para fazer o câmbio necessário a satisfazer o obrigatório tributo ou contribuição ao tesouro do templo.

Ao invés de adotar uma postura agressiva como esperava a grande maioria, Jesus, cercado por seus seguidores, examinava a tudo passando por entre os inúmeros "pontos-de-venda", conversando calmamente com um e outro sobre particularidades de seus negócios. Assim, diminuindo o nível de ansiedade da multidão que antes O aclamara tão freneticamente, pôde Jesus adentrar ao templo e orar com tranquilidade.

Naquela noite, pude conversar com Ester, que me contou todo o ocorrido e o desalento, raiva em alguns, que se apossou da maioria daqueles que esperava alguma ação decisiva, que Jesus tomasse da espada e liderasse a todos em uma milagrosa vitória sobre o opressor, que na verdade éramos nós, romanos.

— Antônio, esses acontecimentos foram importantes para evidenciar a nossos olhos uma triste verdade, que pouquíssimas pessoas entenderam o sentido das palavras do Mestre. A maioria não entendeu nada, pensavam que Jesus seria o general a nos levar a todos num massacre contra os romanos, logo Ele, cuja missão sempre foi trazer a mensagem de amor ao mundo.

"Muitos dos discípulos, inclusive, exibiam uma máscara de vergonha e frustração no rosto, até eles que tiveram a felicidade de privar da presença do Deus vivo, ouvir de perto Suas palavras bondosas e positivas, Suas lições de tolerância e de paz.

Não sei como puderam fazer uma coisa dessas, deixá-Lo tão só junto de tanta gente. Penso que a pior solidão é a das ideias, Antônio, ficar sozinho no meio de tanta gente".

Pensei comigo que, de fato, Jesus deveria estar muito chocado, mas não era apenas para aqueles homens que Ele falava, para seus discípulos ou aqueles que se juntavam para ouvi-Lo na praia de Cafarnaum. Jesus falava para o futuro, para toda a humanidade, num alcance muito maior do que podíamos suspeitar naquele tempo.

Jesus plantava uma semente, que levaria ainda algum tempo até germinar, mas cujos frutos estavam destinados a satisfazer, para sempre, a nossa imensa fome de amor e de verdade.

Ao voltar mansamente de Jerusalém, naquele dia em que fora tão festivamente recebido, Jesus havia causado grande comoção ao seu grupo de discípulos, os quais não conseguiam aceitar o fato dEle ter "perdido" tão preciosa oportunidade para, finalmente, proclamar o seu "reinado" sobre a Judeia. Nos dias que se seguiram, todos tiveram que fazer muitos esforços para "engolir" tantas emoções.

Alguns mais do que outros, como Simão Pedro e Judas Iscariotes, este um espírito belicoso que esperava uma ação mais enérgica, armada talvez, e que sofreu grande decepção em seus ideais de antigo "zelote". Para Judas, ele tinha sido enganado, traído, abandonado, sem nenhuma opção, por um homem ao qual tinha dedicado suas forças e os melhores anos de sua vida. Começou ali a sinistra ideia

de entregar Jesus e os outros aos sacerdotes do Sinédrio.

De início, ao contemplar toda aquela massa humana rendendo homenagens ao profeta da Galileia, todos reavivaram, de alguma forma, dentro de si, antigas esperanças de poder e influência, levando a pensar que, de fato, havia soado a hora em que as coisas seriam colocadas "no seu devido lugar", através do cumprimento das profecias sobre o advento do Messias.

Os apóstolos imaginavam-se, quem sabe, já ocupando "ministérios" e cargos de importância na administração do novo "reino", vestes fulgurantes, audiências, um grande exército, a dominação de outros países que passariam de dominadores a dominados.

Os sentimentos de desalento, revolta e tristeza dos discípulos, demonstravam, sem sombra de dúvida que, não obstante os três anos de convivência estreita, material e espiritual, na soma final, nenhum deles havia entendido ou captado quase nada da mensagem trazida pelo Mestre.

Naquela noite, o silêncio ruidoso de Jesus era bastante eloquente quanto a seus motivos, pois estava já a poucas horas de sua própria morte física, que deveria significar o ápice de todo um processo de aprendizado, mas que nenhum de seus seguidores, mesmo os mais próximos, parecia ter assimilado a essência de seus ensinamentos.

Enquanto isso, novamente Caifás e os seus recomeçaram seu trabalho junto a Pôncio Pilatos, buscando convencê-lo a ordenar a prisão do Mestre.

— Ora, governador, por acaso não viu a compacta multidão a segui-lo pela cidade, em aberto desafio aos poderes constituídos?

Estávamos todos presentes à sala de audiências da fortaleza naquela tarde, eu, Sérgio, Pôncio Pilatos e Cláudia Prócula, Sixtus e Hipólita, Aurélio e alguns outros oficiais, alguns funcionários graduados do governo, como o senador Públio Lentulus que, segundo sabíamos, ali tinha chegado com o objetivo de solver pesado drama pessoal.

— Caifás, escute o que estou dizendo. Você está com medo de fazê-lo e vem a mim com o rabo entre as pernas, pedindo para que eu faça o seu serviço sujo? Diga-me, Antônio, você já falou com os nobres sacerdotes e resolveu tudo, não é verdade? Então, porque eu tenho ainda que aturar este homem aqui?

Cláudia estava também muito emocionada, porque conhecia, já com alguma profundidade, as ideias pregadas por Jesus.

— Caifás tem um evidente desequilíbrio de personalidade, querido, não vê como ele treme quando fala?

O comentário de Cláudia provocou instantâneas risadas nos presentes e serviu para desanuviar um pouco o ambiente.

— Sim, governador, já procurei estes homens e pensei ter resolvido tudo, mas parece que vou ter que tomar as providências que combinamos.

Caifás se agitou, porque aquela era a derradeira chance. Se a perdesse, tão cedo não poderia fazer nada.

— Nobre Pôncio, e se eu disser que disponho de provas conclusivas da traição desse homem? Se eu apresentar as provas?

Fiquei preocupado, pois como podia aquele homem possuir tais provas?

— Ora, meu caro, se você dispuser de tais provas concretas, veja bem, concretas, aí então, voltaremos a falar. Enquanto isso, pela milionésima vez, caia fora daqui.

Hipólita estava também alarmada com o tom de voz de Caifás.

— Antônio, como aquele homem pode ter provas contra Jesus? Nós todos o conhecemos e sabemos que nunca pregaria a rebelião contra Roma. Ele não precisa fazê-lo porque a sublime insurreição de que fala deve ocorrer dentro de cada um de nós. Será que ele vai foijar alguma mentira? Tenho medo.

Eu também estava com os mesmos receios, mas, na verdade, nada podia fazer.

— Se ele foijar alguma prova e nossos homens vierem a descobrir, juro que o jogo para os jacarés, mas por outro lado, temos de considerar que Pôncio também não é muito certo da cabeça. A única coisa que podemos fazer é ficarmos alertas e tentarmos avisar aquele pessoal para sumirem daqui.

Eu estava sendo benevolente em meu julgamento do governador, porque na verdade se tratava de um completo desequilibrado mental. Além disso, não podia esquecer dos grandes interesses que ligavam os dois no submundo da província.

Poderia acontecer daquele louco querer arrumar uma maneira de agradar seus parceiros, o que seria inevitável, se Caifás conseguisse mesmo uma prova, ainda que forjada.

O que eu não suspeitava é que, na verdade, tudo já tinha sido combinado para afastar-me do processo, deixando campo livre para as ações criminosas do clero dominante do Sinédrio. Devido a possuírem grandes interesses em comum, parece que o governador chegou à conclusão que não valia a pena ficar contrariando seus sócios, indefinidamente.

Após a saída de todos, recebi ordens diretas de Pi latos para partir dali a uma semana, levando comigo uma centena de homens, rumo à região de Citópolis, onde deveríamos sufocar uma revolta local, a qual, segundo ele, contava com grandes efetivos dos "zelotes".

Era uma missão que deveria durar perto de dez dias, se tudo corresse bem, o que me contrariou bastante, porque não desejava me ausentar da capital, logo quando tudo parecia indicar um iminente conflito com as autoridades judaicas.

Entretanto, caindo na armadilha tramada por Caifás, seu sogro e Pilatos, que me desejavam longe dali, não me restava outra alternativa senão atender ao chamado da guarnição supostamente em perigo, caso contrário, seria acusado de traição e negligência, caindo em cheio no agrado de todos os que foram prejudicados por minhas ações, principalmente os antigos amigos do traidor Aulus.

Tal preocupação, como que adivinhando as ocultas razões por trás de tudo, sombreava-me o semblante, quando cheguei aos aposentos de meus amigos, hóspedes do palácio do governo.

Meu ânimo não passou despercebido a todos.

— Antônio, hoje, eu e Cláudia vamos sair à procura do Mestre para avisá-lo do perigo que está correndo. Vamos passar pela casa do irmão de Joab e levar Ester e Matheus conosco mas, enquanto isso, contamos com você para nos manter a coberto.

— Muito bem, Hipólita, vou então providenciar uma escolta para vocês.

— Nem pense nisso. Vamos disfarçadas para não chamar muito a atenção, junto com Maria, uma das servas de Cláudia, também seguidora de Jesus, de modo que soldados armados conosco só iriam atrapalhar.

— Não se preocupe com isso, porque Sérgio e Ströd irão com vocês também disfarçados, só como "garantia".

Sérgius era uma pessoa em que depositava irrestrita confiança, enquanto Ströd, o grande germano, tinha me provado sua lealdade mais de uma vez.

— Está bem, se isto o fizer mais tranquilo. Amanhã falamos mais.

Disfarçadamente, chamei de lado Sérgio e Ströd e expus a eles a necessidade de sua intervenção noturna para acompanhamento das senhoras, o que aceitaram pronta e entusiasticamente. Pelo menos, naquele dia, eu poderia dormir sossegado.

Deveria partir dali a uma semana, e um sentido de urgência não me deixava sossegado.

Escrevi rapidamente umas poucas linhas em um pedaço de papiro e entreguei a Hipólita.

— Por favor, entregue a Ester e diga a ela que vou vê-la tão logo possa me livrar disso tudo aqui.

Os avisos levados até o grupo do rabi não surtiram o efeito desejado e dois dias depois, numa segunda-feira, estava Jesus novamente em Jerusalém, ainda sem ser molestado pelos Levitas ou policiais do Sinédrio.

Sem perda de tempo, o Mestre tomou a adentrar o recinto do templo, disposto a mais uma prédica àquela multidão.

A Esplanada ou Pátio dos Gentios regurgitava lotada de pessoas que iam e vinham, comprando e vendendo coisas, visando a satisfazer a complexa ritualística, vigiada de perto pelos sacerdotes e seus esbirros.

Os pontos comerciais estavam bastante movimentados e milhares de judeus de todos os cantos do mundo apressavam-se para comprar ou trocar moedas, de forma a atender às oferendas obrigatórias, no tributo ao tesouro do santuário, ou ainda escolher uma "vítima sem mácula" para a ceia pascal.

Como já disse, na realidade, cada barraca daquele comércio todo, tinha por trás a figura de algum sacerdote, cuja orientação, astúcia e usura, havia atingido um ponto tal que, qualquer item, adquirido em outra parte, podia ser recusado por "critérios técnicos", o que praticamente colocava todos os peregrinos como reféns de um suposto "atestado" de adequação. Os encarregados de proceder ao sacrifício podiam rejeitar um animal apenas por uma leve "suspeita", ou caso viessem a considerar sua cor "inadequada", expondo também o ofertante à vergonha em público e obrigando o mesmo a adquirir nova vítima.

Do mesmo modo, a troca de moedas ensejava a cobrança de uma comissão ou ágio escorchante pelos cambistas.

Nesse ambiente, Jesus tentou iniciar sua pregação do dia, mas sua voz foi logo suplantada pelo barulho infernal dos negociantes, em pleno processo de regateio com seus clientes.

A certa altura, não mais suportando a situação, o Mestre tomou de um chicote e passou a dispersar os animais para fora do templo, de forma que passassem por sobre as diversas bancas dos comerciantes, causando indescritível pandemônio. Nessa hora, vários dos peregrinos, já enraivecidos com aquela desonestidade institucionalizada pelos sacerdotes, completaram a obra dos animais e acabaram com o restante das barracas.

Interessante notar que a juventude daquela época, à semelhança do que temos visto, por várias vezes, nos dias de hoje, era frontalmente contra o arbítrio e o abuso do poder por parte dos mais fortes, razão pela qual, absorveram muito bem esse ato de Jesus e o aplaudiram delirantemente.

Desnecessário dizer que os sacerdotes ficaram muito aborrecidos com este episódio, o que motivou uma reunião de emergência do Sinédrio, visando, é claro, obter, a qualquer custo, a condenação final de Jesus.

Entretanto, isso levaria mais algum tempo, havendo ainda grande hesitação de parte do Conselho, porque, naquele dia, novamente a multidão estava com o Mestre e, conseqüentemente, era grande o risco de uma comoção popular, podendo resultar em uma intervenção por parte das forças romanas aquarteladas na fortaleza.

Não obstante, contrariando a todos, Caifás raciocinava que, mesmo com a intervenção romana, seria criada uma situação mais favorável para ele, pois poderia colocar a culpa de um eventual massacre em Jesus.

Em que pese a aparente imobilidade do clero, e segundo um dos guardas do Sinédrio que era nosso informante, a sorte do Mestre estava já selada, sendo apenas questão de tempo e oportunidade, que viria alguns dias depois na calada da noite, com a posterior cumplicidade passiva do ilustre governador, secretamente negociada com os algozes.

Jesus era um incômodo real para aquelas pessoas, porque, praticamente, desmontava em público qualquer escriba ou sacerdote que ousasse interferir ou interpelá-Lo em Suas pregações.

Naquele final de dia glorioso, estando já o sol a se esconder, dando por interrompidos Seus trabalhos junto ao povo, dissolveu-se a aglomeração e pôde então, Jesus recolher-se novamente rumo a Betânia. A partir do dia seguinte, no entanto, passou a acampar no próprio Monte das Oliveiras, nos limites de Jerusalém, onde seria, fmalmente, perpetrada a suprema injustiça dos

homens com o Enviado Divino.

Jesus sabia que sua prisão era iminente e inexorável, razão pela qual tomou a atitude de despedir-se de todos, já na quarta-feira.

Aquele homem simples e ao mesmo tempo tão completamente evoluído, não desejaria nunca um reino na Terra ou mesmo fundar uma igreja, exatamente nos moldes das que hoje existem, no entanto, seus ensinamentos iriam mais tarde, fruto do nível ainda primitivo de evolução da humanidade, desembocar em estruturas colegiadas e burocráticas, auto-perpetuantes, perdendo o perfume e a simplicidade de suas lições, do verdadeiro cristianismo, perdendo também, como consequência, a sua essência.

No dia seguinte, meus informantes trouxeram-me a notícia da traição de Judas.

O atormentado apóstolo tinha ido procurar pessoalmente Caifás, movido pela intenção de revelar detalhes do acampamento do Mestre e mostrar como poderia pegá-Lo, sem causar muita comoção popular.

Porque, exatamente, Judas o fez, acredito que nunca saberemos em profundidade, além do que não me cabe julgar, mas calculo que tenha sido algo como uma vingança interior contra o homem responsável pelo desmoronar de seus ideais de libertação da pátria.

Judas enxergava em Jesus o libertador esperado, o herói de espada na mão, e quando percebeu seu equívoco, sua personalidade não suportou e ruiu fragorosamente.

Na quinta-feira, saí disfarçado juntamente com Sixtus, Hipólita, Ester, Joab, Raquel, Matheus e Sérgio, pois o Mestre pregava novamente no templo e eu estava curioso para acompanhar um daqueles tão comentados "duelos" verbais entre Ele e os doutores da lei.

No templo, um grupo de escribas interpelou Jesus, com o objetivo de colocá-lo em situação difícil, de modo a viabilizar sua prisão em público.

— Mestre, ainda uma vez lhe pergunto. É lícito para nós pagarmos tributo a César? Afinal, devemos fazê-lo ou não?

Evidentemente, Jesus havia percebido a secreta intenção oculta por trás daquela pergunta e não se fez de rogado.

— Mostrem-me a moeda utilizada para fazer tal pagamento.

Mais do que depressa, um dos integrantes do grupo entregou-lhe um denário de prata, que foi detido e estudadamente examinado pelo Mestre antes de responder.

— Que imagem e que inscrição levam esta moeda?

Os do grupo se entreolharam e responderam:

— A de César.

Jesus exibiu então um sorriso antes de concluir, devolvendo-lhes a moeda.

— Então, dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus e a mim o que é meu.

A multidão reunida ao redor para acompanhar a contenda sorriu e aplaudiu satisfeita, enquanto o grupo de escribas se retirava contrafeito e envergonhado.

A armadilha tinha sido bem urdida, uma vez que era do conhecimento geral que o denário de prata era o tributo que a nação judaica utilizava como unidade, para pagar, simbolicamente, a Roma, como sinal de submissão e aceitação de sua tutela e poder.

Se Jesus tivesse se pronunciado contra o tributo, estaria ali a prova da traição e o Conselho do Sinédrio teria corrido até Pôncio para acusá-lo de sedição. Caso contrário, se tivesse demonstrado aquiescência em relação à aceitação da autoridade e submissão à Roma, o povo judeu poderia ter sentido a alma ferida em seu patriotismo, podendo daí resultar numa perda importante de prestígio por parte de Jesus.

Aquela última páscoa do Mestre foi, de fato, a maior de todos os tempos, estando presentes mais judeus do que nunca em Jerusalém.

No dia seguinte, uma sexta-feira, parti, juntamente com Sérgio e Ströd, para Citópolis, com o

objetivo de acabar com a suposta rebelião na província. Digo suposta, porque, como já suspeitava, descobriria ser a mesma um engodo, mais uma manobra urdida pelos sacerdotes, acumpliciados com o governador, para afastar de Jerusalém todos que pudessem impedir a encenação da tragédia suprema da humanidade.

Logo após sairmos pelos portões, sob os protestos de Síxtus, Pôncio Pilatos reconduziu Umídio Décimo ao comando militar, para que este desse suporte ao que estava por vir.

XIX - CALVÁRIO DE LUZ

Enquanto prosseguia em minha missão a Citópolis, os acontecimentos se precipitaram rapidamente na capital da província.

Finalmente, na sexta-feira, Caifás conseguiu montar a sua farsa final, com testemunhos forjados sobre uma suposta sedição, incentivada por Jesus, contra Roma.

Naqueles tempos, em que muito poucos sabiam escrever, dava-se muito valor à palavra proferida e, por isso, tinham muito valor os depoimentos verbais quanto às ideias ou valores externados por outrem, e foi nesse tipo de coisa que aqueles verdadeiros celerados conseguiram o seu intento.

Jesus foi preso pelos guardas do templo, a mando de Caifás e Anás, na sexta-feira de Páscoa, à noite, logo depois da ceia. Jesus orava naquele momento no jardim de Getsêmani, onde gostava de ir, no Monte das Oliveiras.

A notícia da prisão caiu como uma ducha fria no meio de todos no palácio, sem que ninguém pudesse fazer nada a respeito, nem mesmo Síxtus, pois, com as provas forjadas, Pôncio Pilatos tinha agora, a desculpa que faltava para contentar seus parceiros na economia subterrânea da província, além do que, poderia também posar de vítima, como se estivesse sendo "obrigado" a fazê-lo contra a sua vontade.

Para tanto, ordenou a Umídio providenciar a presença de legionários no templo para acompanhar os acontecimentos e garantir que tudo corresse sem perturbação da ordem pública, como se isso fosse algo importante para ele.

Depois disso, os fatos acabaram por se precipitar, como se fizessem parte de um grande e minucioso "script", e tudo aconteceu rapidamente, uma verdadeira comédia idealizada por Caifás e Pilatos.

No palácio de Herodes, Jesus foi humilhado e supliciado selvagememente, de modo a fazer corar nossos mais terríveis interrogadores militares, sendo tratado como conspirador vulgar. Vestiram-lhe uma túnica alva, igual à indumentária dos príncipes daquele tempo, colocando-lhe nos braços uma cana imunda, à guisa de cetro, e coroando-lhe a fronte abatida com uma coroa de espinhos, devolvendo-o após isso, a Pilatos para que este pudesse, então, sancionar a sentença.

Naquela hora, como sempre, Pôncio Pilatos exibia o rosto frio e entediado, dado que, definitivamente, não gostava de seu trabalho, não vendo a hora de poder voltar para junto de seus amigos em Roma, gozar sua imensa fortuna juntada ao longo dos anos de governo.

— Olhai todos vocês e vejam que sou inocente do sangue deste justo. Fazei o que quiserdes.

Se Pôncio tivesse sido uma pessoa normal, haveria contornado sem dificuldade as conhecidas e extenuantes tentativas por parte de Caifás e dos seus, para forçar a condenação de Jesus. Ao contrário, as ameaças acabaram por desencadear nele um surto maníaco e, para esse tipo de doente, a hipotética perda da posição social ou profissional pode significar um gravíssimo choque, mergulhando-o em profunda crise.

Uma inteligência sã, por muito que seja pressionada, dificilmente aprova a execução de um inocente, ainda mais se tiver em mãos o máximo poder militar, e principalmente jurídico, de toda a província.

Desse modo, o psicopata reagiu como tal, cego pela crise e transtornado, refugiando-se na ideia delirante e obsessiva, recorrendo a um arremedo do antigo ritual romano da "lustratio", ou purificação mística, lavando as mãos.

Isso tudo exigia uma certa liturgia para ser efetiva, ou seja, existia toda uma ritualística sacerdotal para tal purificação, que foi, simplesmente, ignorada por Pôncio, quando da condenação do Mestre.

Além disso, havia também que considerar seus interesses em comum com os algozes do Mestre, que formavam um peso importante na balança, para a decisão de permitir a consecução de seus nefandos propósitos.

À época da prisão de Jesus, os espinheiros estavam floridos e sua coroa de espinhos entrelaçados tinham entremeadas pequeninas flores manchadas de sangue.

Era costume que os condenados à crucificação fossem obrigados a carregar a própria cruz ao longo de todo o caminho até o Gólgota, monte onde eram cumpridas tais sentenças. Era uma colina triste e estéril, sem beleza, seus caminhos poeirentos e a paisagem desolada, árida mesmo, sob um sol causticante.

Na retina espiritual, aqueles com maior sensibilidade conseguiriam ver o grande número de luzes que cercavam a grande cruz no calvário.

Ao calor tórrido daquele dia, nuvens escuras haviam se concentrado na atmosfera, prenunciando forte tempestade e, em poucos minutos, a abóbada celeste permanecia qual uma represa, repleta de sombras espessas.

Daqueles a quem mais havia amado, recebera a traição, o abandono e a negação na hora extrema do testemunho. Daqueles a quem tinha devotado sua vida em lições de caridade e amor, tinha recebido o espinheiro venenoso, representando a mais profunda ingratidão.

No entanto, naquele momento podia-se notar que havia sido construído um caminho entre o céu e a Terra, por onde desciam ao Gólgota legiões de seres de luz que, permanecendo como uma couraça luminosa ao redor da cruz, pareciam transformá-la em farol resplandecente, cuja claridade se espalhava por todo o infinito.

Minha sensibilidade trazia à lembrança fragmentos de uma época, em que tinha implorado uma nova oportunidade para vir à Terra, aprender e resgatar meus muitos e pesados compromissos.

Sem saber como, atraído como um inseto por aquele foco de luz magnífico, senti minha alma se desligar de meu corpo carnal e me vi transportado ao cume da infamante colina, a fim de prestar a Jesus meu último preito de devotamento.

Era aquilo que tinha pedido antes de descer à matéria, não é mesmo?

Era possível ver, então, a figura etérea do rabi, cercada amorosamente por suas poderosas coortes, formadas por anjos luminosos. Nunca imaginei poder testemunhar nada tão belo e divinizado, olhos voltados para Sua casa, Sua pátria universal, o firmamento, como que num retomo glorioso para perto do Pai.

Meu corpo andou a esmo por muito tempo e, no caminho, na noite daquele dia, a imagem do Justo surgiu de novo em minha mente, impressionantemente límpida, aquele olhar e sorriso inconfundíveis. Com os ouvidos da alma, registrei mais uma vez a voz do Mestre em suaves inflexões.

"Vá em paz e segue-me. Ainda vais contar muitas vezes a história do que viste aqui. Vais contar como foi a vitória final de meu Pai, o reencontro dEle com seus filhos amados".

Foi quando tive a exata noção do que tinha perdido, do que todos nós tínhamos perdido.

Foram muitos os desdobramentos da execução do Mestre, aproveitada pelos sacerdotes para buscar vingança pelas humilhações sofridas.

As perseguições aos seguidores de Jesus foram horrendas e cruéis, tendo a família de Ester sido obrigada a voltar para casa rapidamente e, incógnita e sem alarde, mudar de cidade, para escapar à sanha da massa ignorante e sedenta de sangue.

Dois dias depois, recebi um pequeno bilhete de Ester, rabiscado às pressas, no qual me avisava de sua partida e das intenções de Joab em mudar para Saidan, pequena cidade de pescadores que já conhecíamos, situada à beira do lago, mais ao sul de Cafamaum.

Resolvi tirar uma licença de minhas obrigações militares, deixando tudo nas mãos de Aurélio, porque não reunia condições para continuar com minhas tarefas. Pôncio não estava no palácio e a própria Cláudia Prócula mostrava-se também traumatizada com o desenrolar dos acontecimentos.

— Antônio, vá em paz. Deixe comigo que eu mesmo me encarrego de comunicar seu afastamento ao meu marido. Depois do que fez, não se atreverá a me enfrentar tão cedo.

"Procure Ester e faça tudo pela sua felicidade, porque é uma moça muito elevada, muito espiritualizada, feita para você. Proteja-a com sua vida, porque nela reside o seu tesouro aqui na Terra.

Poucos têm a mesma sorte que você, de encontrar uma pessoa tão maravilhosa quanto Ester, mas a maioria, como eu mesma, acaba condenada a permanecer o resto da vida acorrentada a um estranho.

E como somos criados em Roma, ao sabor dos interesses menores, onde a única coisa que importa é a manutenção das riquezas, do "status quo", dos privilégios da classe dominante, calcando continuamente para baixo a maioria sofredora silenciosa.

A mensagem de Jesus ficou bem clara em minha mente, contra isso tudo, o estilo de vida, nossos valores pífios, aos quais damos tanta importância.

Nada significam, Antônio, e se pudesse, eu mesma jogaria tudo para o alto e sairia pelo mundo procurando meu caminho, minha alma gêmea, meu amor, que deve, assim como eu, andar também por aí, a esmo, solitário e infeliz, porque não demos à vida uma oportunidade para nos encontrar.

Você não, meu amigo, tem um longo tempo pela frente, sendo jovem e promissor, bafejado pela sorte, que colocou à sua frente uma mulher digna como Ester.

Vá logo, Antônio, e não se preocupe com o resto porque darei um jeito. Será meu presente para vocês dois alcançarem um futuro de paz e harmonia*'.
Entreguei, então, o rolo escrito a Cláudia e saí de seus aposentos, buscando a direção do pátio, onde já me aguardava o cavalo e provisões preparadas para a viagem.

No caminho, passei pelos aposentos reservados a Hipólita e Sfxtus, considerados hóspedes oficiais do governo.

Meu amigo estava ainda chocado pela forma como tudo ocorreu, a extrema parcialidade e falta de energia exibida pelo governador o tempo todo, além da extrema crueldade revelada por Umídio.

— Síxtus, estou de saída. Vou tirar um tempo para resolver minha vida, procurar Ester e sua família, que devem estar precisando de ajuda, agora mais do que nunca, pois desse bando de ignorantes podemos esperar tudo.

— Faz muito bem, amigo, acho que você deve mesmo ir e ficar por lá, até acabar toda esta confusão.

"Dessa vez, acho que Pôncio foi longe demais. Ele e Umídio não perdem por esperar, porque estou já a redigir um relatório detalhado sobre tudo o que se passou.

Veremos o que diz Vitélio a respeito, mas, enquanto isso, vá logo defender o que é seu, porque não se sabe o que essa corja é capaz de fazer."

Hipólita também me deu muita força nessa direção, pois, ao longo de todos esses anos, tinha desenvolvido uma sólida amizade por Ester e os seus.

— Vá protegê-la, meu amigo, e não deixe que nada lhe aconteça. Se assim permitir nosso Pai Eterno, ainda vamos conseguir nos recuperar dessa infâmia e nos encontrar em condições melhores. Leve-a para sua casa em Roma, Antônio, para junto de Elêusis, e aí, sim, sua felicidade estará completa.

— Estaremos em Tiberíades, caso vocês necessitem de ajuda. Acho mesmo que você deve

convencer todos a irem para minha casa, pois lá estarão seguros, a menos que essa turma de idiotas seja também imprudente a ponto de desafiar a autoridade romana, da qual estou investido como senador. Neste caso, sentirão, sem dúvida, o peso de minha mão.

Meus amigos estavam também de partida no dia seguinte para sua propriedade nos arredores de Tiberíades. Eu só não iria junto porque desejava chegar rapidamente, o que não seria possível, caso tivesse que acompanhar a caravana.

Perguntei a Síxtus se ele tinha estado com Sérgio, com o qual tinha perdido contato após nosso retomo da malfadada missão.

—Sérgius está, nesse momento, a meu pedido, acompanhando pessoalmente os cuidados médicos a Matheus, barbaramente espancado por alguns guardas do templo, que o reconheceram como um dos seguidores do Mestre. Vai ser muita sorte se ele escapar, porque estava quase morto, quando o encontramos, ainda nas mãos dos bandidos. Por muito pouco estivemos de eliminá-los, livrando o mundo daqueles homens desprezíveis.

"De fato, meu amigo, se for mesmo verdade o que dizem os postulados pitagóricos, ainda deverei retomar à matéria muitas vezes, para resgatar meus crimes. O filho que não cheguei a conhecer, o sacrifício de Ana, que usei covardemente para satisfazer meus instintos, abandonando depois à sua própria sorte, as tramas palacianas, urdidas em conluio com outros fascínoras, travestidos de pomposos representantes de dignas famílias patrícias, as traições, mentiras, tudo, enfim, que você pode imaginar de baixo e que pesam agora, qual chumbo, em minhas costas.

Pesam sobretudo as humilhações a que submeti minha companheira aqui a meu lado, a solidão, deixando-a exposta à sanha de minha mãe e minha irmã, infelizmente também criaturas venais, a quem só interessava o gozo imediato das paixões e as vantagens da riqueza material.

Lembro-me também da agonia de papai, abandonado por todos, por mim, inclusive, em seu leito de morte em extrema penúria moral.

Nunca poderei me perdoar por tudo isso, Antônio, principalmente em minhas noites, quando me vem à mente a fisionomia triste de Emiliano, meu pai, buscando nos rostos duros, uma palavra amiga para amenizar o sofrimento que lhe ia na alma, encontrando apenas o silêncio estudado, adivinhando, por trás, já, os acordos para divisão de seus bens terrenos".

Hipólita estava abraçada temamente ao marido, buscando amenizar, de alguma forma, as emoções que lhe iam no íntimo.

— Por muito tempo esperei uma oportunidade para poder limpar um pouco essa mancha que sinto deformar completamente minha alma, e parecia ter encontrado, no último lugar onde esperaria fazê-lo, aqui nos confins do império, na boca do filho de um carpinteiro, chamado Jesus de Nazaré.

Mas agora está morto o sonho, atestando novamente a vitória da ignorância sobre o amor e a paz, trazendo de retomo as trevas ao meu espírito. O que será agora, meu amigo?"

Foi sua esposa quem respondeu.

I* — Também tive os meus pedaços no banquete da iniquidade, meu querido, e também não são pequenas as minhas culpas, mas creio haveremos encontrado aqui muito mais do que um homem.

"Jesus veio nos ensinar os caminhos luminosos do amor, que levam ao reino de nosso Pai, infinito, pleno de felicidade, mas não veio fazer as coisas por nós.

Compete a cada um de nós lutar agora, daqui por diante, para fazer frutificar seus ensinamentos em nossos corações, para nos tomarmos também os arautos desse reino por Ele apregoado, onde todos somos filhos do mesmo Pai.

Antes, porém, devemos vencer nossos preconceitos de pretensos conquistadores do mundo e é nossa, tal responsabilidade. Nós que chegamos a compreender, pelo menos um pouco, Suas palavras, temos a tarefa de explicá-las aos outros que não entenderam, os ignorantes, os pobres de espírito, pois aquele que recebe tem que repartir, para que a riqueza não morra em suas mãos.

Feliz daquele que, recebendo, consegue aumentar o que recebeu e dividir com quem não tem,

trazendo também alegria ao seu irmão. Desse modo, poderemos um dia, quem sabe, ousar voos mais altos, com a certeza de ter ajudado nossos irmãos a também elevar o espírito”.

Fiquei feliz pelos dois, pois exalavam o perfume da perfeita harmonia entre si, dando-me a plena certeza de terem encontrado as luzes de seu próprio destino.

Despedi-me e pude, finalmente, correr em busca do meu amor, agora em Saidan, pois queria muito estar com ela, precisava também desabafar, buscar suas palavras doces para acalmar meus pensamentos sombrios, precisava da harmonia daquele espírito elevado para refrigerar minha alma.

Levei perto de quatro dias para a viagem e logo cheguei às margens do formoso lago, berço da vida na Galileia.

O caminho mais seguro passava pela rota das montanhas, pelo rio Jordão, onde a melhor travessia era pelos montes mais baixos de Gelboé, com uma vista deslumbrante, passando depois pela cidade de Cilópolis, onde a maioria dos viajantes parava para o pernoite.

A estrada principal que passava por Cilópolis estava repleta de gente, que na época da Páscoa demandava à cidade santa para cumprimento das obrigações religiosas.

Até onde alcançava a vista, o som dos cascos dos animais, o repicar dos sinos e o barulho típico dos arreios misturados às milhares de vozes dos peregrinos.

Caravanas de camelos passavam uma após a outra, carregadas de fardos com mercadorias para serem negociadas nas grandes festividades. Tais caravanas, normalmente, não levavam mulheres, pois seus chefes eram negociantes que tinham o objetivo de chegar, o mais rápido possível, a seu destino e fazer o máximo de dinheiro.

Era uma visão cosmopolita, gente de todo lugar, um misturar de línguas diferentes, homens de negócios da Síria, mercadores da Babilônia, vestidos em trajas pesados e turbantes característicos, alguns a pé, mas a grande maioria montada ou carregada em veículos tracionados por animais ou escravos, que puxavam carroças ou andavam curvados ao peso dos enormes volumes em suas costas.

O ar das encostas de Gelboé era fresco e suave, mas ao descer para a planície, o calor voltava e parecia querer aniquilar meus pulmões. Havia ainda o cheiro inconfundível dos animais e dos corpos humanos suados, cheiro forte de alho e especiarias diversas, esterco, o barulho se tomando ensurdecedor para quem saía da quietude e calma das montanhas e suas árvores.

As hospedarias eram pouco mais do que uma parede de pedra envelhecida e cercada de musgos, geralmente com um cercado aberto para os animais e um galpão de madeira para abrigar as pessoas. Normalmente, o gerente morava em uma casa com sua família, guardando algumas acomodações especiais para quem se dispusesse a pagar por um tratamento melhor.

Como pude verificar pessoalmente, embora ditos “especiais” tais quartos eram quase sempre pequenos e acanhados, cheirando a rato morto e óleo da lâmpada utilizada para iluminação noturna.

Durante o caminho, nas várias cidadezinhas ouvi comentários sobre uma “ressurreição” do Mestre, três dias após sua execução e orei mentalmente para que fosse verdade.

Uma noite, caminhando ao longo da praia ao lado da “via maris”, senti invadir-me uma espécie de calor, fazendo-me cair em um torpor de semi-consciência, quando parece que ouvi aquela voz firme e melodiosa tão conhecida ao meu espírito imortal.

“Soldado romano, por que não se dispõe a seguir o verdadeiro caminho? Minha estrada é plana e retilínea, enquanto as outras são cheias de curvas e muitas pedras. Chegará um tempo em que todos os exércitos pertencerão ao reino de meu Pai, e suas divisas serão o amor e a fraternidade, porque somos filhos do mesmo Pai”.

A natureza toda parecia quedar genuflecta e em silêncio para beber as palavras do Ungido de Deus.

“Em verdade vos digo que é longa sua caminhada e suas tarefas ficaram agora bastante evidenciadas. Foi preciso aos olhos de vocês que ocorresse a morte de um Justo, para que a verdade de meu Pai pudesse ser demonstrada e, mesmo assim, muitos de vós ainda permanecem cegos e

surdos à grande revelação.

Não terminou, no entanto, a minha missão entre vós e ainda deverei passar algum tempo junto àqueles que irão divulgar a boa-nova pelos povos da Terra, antes de retomar ao lugar que é meu de direito”.

Na retina espiritual, percebi grande claridade, em meio a qual pude distinguir Sua inconfundível figura, a mesma túnica branca que soubera usada por Ele na crucificação.

Foi um sentimento de profunda paz que me invadiu, lavando minha alma em um influxo de alta energia. Aquilo me trouxe indizíveis emoções ao espírito, algumas promessas feitas ainda no umbral, quando dos preparativos para minha descida à matéria, todas as incontáveis vezes em que implorei para ter mais uma chance, aquela chance, que seria, sem dúvida, a maior de todas.

No quarto dia, cheguei a Saidan e não encontrei nenhum sinal de Joab e os seus, mas apenas alguns comentários tímidos em relação à perseguição desenvolvida e incentivada pelos sacerdotes, cujas ações principais estavam sendo dirigidas para as cidades onde o Mestre tinha por hábito ministrar suas preciosas lições.

Resolvi ficar algum tempo por ali, para o caso de eles ainda não terem conseguido chegar devido às dificuldades do caminho, além do que, pretendia fazer dali o centro de minhas buscas, se fosse preciso. Escolhi para isto uma pequena hospedaria na entrada do que parecia ser a “rua principal” e aluguei um quarto, pagando adiantado ao proprietário, de modo a ter um pouco de paz.

Dez dias se passaram sem notícias e resolvi prosseguir mais adiante até Tiberíades e depois até Cafamaum, pois imaginava que eles poderiam ter retomado à própria casa.

A pequena, mas relativamente confortável, casa de Ester exibia sinais de vida e fiquei exultante, pois pensava que logo iria poder estreitar minha amada nos braços.

Acelerei o galope do animal e logo entrava rapidamente pela sala, encontrando Matheus sentado em sua cadeira favorita.

—Matheus, que alegria encontrá-lo aqui. Onde estão todos?

— Meu filho, folgo também em vê-lo, pois aconteceram muitas coisas no tempo que ficamos fora. “Cheguei com Síxtus e Hipólita há cinco dias e estava, justamente, esperando por você.

Sérgius também veio e está nos fundos da casa procurando algo para comermos. Acho que também ficará contente com sua presença”.

Matheus estava com a fisionomia grave e percebi que alguma coisa não ia bem.

— Vamos, diga-me logo o que aconteceu. Onde está Ester?

Nesse momento entrou Sérgius na sala, dirigindo-se a mim e dando-me um longo abraço.

— Amigo velho, fico contente em vê-lo novamente. Espero que você tenha o espírito forte, porque não são boas as notícias.

Meu coração adivinhou tudo imediatamente. Aquela casa estava morta, não sentia a presença de Ester por ali.

Deixei cair pesadamente meu corpo na cadeira, escondendo a cabeça entre as mãos num último ato de proteção, pois, no fundo, não queria escutar o que meu espírito adivinhava.

I — Tivemos notícias que todos foram levados por um grupo de guardas do templo, na calada da noite, para local ignorado.

“Síxtus ficou sabendo e ordenou buscas ao comandante da guarnição, que em suas investigações acabou por descobrir somente vestígios dos lugares onde foram enterrados, apenas alguns montes de pedras nas imediações da estrada.

Conseguiram prender um dos suspeitos que confirmou a execução de todos, Joab, Raquel e Ester, ffiamente”.

Pensei comigo que a vingança de Caifás e seus bandidos tinha se consumado, afinal, contra o invasor romano, o intruso que tivera o desplante de desafiá-lo em plena reunião do Sinédrio. Ele tinha conseguido pegar-me em meu ponto mais vulnerável, porque sabia que não poderia ficar ao lado

deles o tempo todo.

Ninguém, vizinhos ou amigos, havia levantado um dedo para impedir a ação dos levitas, em face do momento ser ainda de muita emoção, eivado de um falso patriotismo, considerando também que aquela família havia confraternizado com o "inimigo", além do fato de serem, declarada e publicamente, seguidores de Jesus.

Estava atordoado com o rumo que as coisas seguiram, destruindo mais uma vez meus sonhos de vida, meu amor, impiedosamente. Qual o sentido daquilo? O que eu precisava aprender afinal?

— E onde está o prisioneiro que fizeram? — Perguntei.

— Foi morto por colegas de cela. Ao chegarem de manhã, encontraram-no já sem vida num canto, provavelmente porque souberam que ele tinha falado. O bandido implicou e identificou outros cúmplices, mas agora, com ele morto, não vai mais ser possível o reconhecimento, além do que, provavelmente, não são da região.

"O centurião do destacamento suspeita de vingança pessoal, pois são várias as famílias das redondezas seguidoras do Mestre, mas somente a de Joab foi atingida".

Isso reforçou em mim a certeza de que tinha sido mesmo uma vingança pessoal, mas contra mim, resultando na morte de inocentes que nada tinham a ver com minhas ações ou palavras contra o poder do clero judeu.

Nos outros dias que por ali fiquei, pude me certificar junto ao comandante da guarnição que pouco ou nada mais restava a ser feito. Lutava agora contra sombras, fantasmas, que se moviam e atacavam covardemente, fugindo logo em seguida.

Eu deveria ter adivinhado que tal tipo de pessoa nunca pensaria em me enfrentar diretamente em campo aberto, mas sim, procuraria a estratégia da serpente, observando pacientemente, procurando o melhor caminho, o ponto mais vulnerável, atacando então, mortalmente, sem dar chance de reação à sua vítima.

O pior pedaço viria quando fomos até o local onde estavam enterrados seus corpos, um deserto árido e cheio de pedras espalhadas por todo lado, como se fora resultado de uma enorme explosão.

Ah! Meu Deus, como chorei naquele momento, ao vislumbrar ali, debaixo daquele chão poeirento, todos os meus sonhos de felicidade, sepultados sob um punhado de pedras.

Não sei o que faria, se meus amigos não estivessem ali comigo.

Tomei da espada e procurei alguns galhos secos nas proximidades. Não tinha sido Ele crucificado? Não tinha sido por Ele que a vida de Ester tinha sido tirada? Resolvi então fazer uma pequena cruz improvisada, que coloquei mansamente em uma das extremidades do improvisado jazigo.

Pensei que nunca conseguiria me afastar daquele lugar, comecei a delirar, conversar com uma Ester imaginária, Joab e Raquel. Eu os via ali conversando comigo, como se nada tivesse acontecido, falávamos de nossos projetos, nosso casamento, as lições deixadas por Jesus.

Por vezes, parecia também ver dedos acusadores apontados para mim, verberando acusações numa língua estranha que não conseguia compreender. Apesar disso, sentia grandes jatos de ódio vindo em minha direção, risos sinistros de satisfação.

Surgia, então, do nada, a figura franzina de Caifás, rindo, gostosamente, de meu infortúnio, gozando sua vingança contra minha petulância em ameaçá-lo.

Perdi a razão, e comecei a golpear para todos os lados e ficaria louco de vez se Sérgio e Síxtus não tivessem me acudido naquele momento. Seguraram-me enquanto Matheus e Hipólita faziam-me dormir através de pesado sonífero embebido em um lenço.

Não sei quantos dias fiquei naquele estado, mas a primeira pessoa que vi ao acordar foi Sérgio. Estava em casa de Síxtus e senti uma angústia infinita ao perceber que havia retomado ao que, para mim, era agora um inferno, onde não mais veria Ester, minha amada, minha alma gêmea universal.

— Bom dia, amigo, seja bem-vindo à nossa companhia, pois ainda precisamos muito de você.

— Qual nada. Não tenho mais motivos para permanecer neste mundo de ignorância e crueldade. Nesta hora entrou Matheus, trazendo uma xícara fumegante com um chá preparado com ervas medicinais fortificantes.

— Meu filho, que bom ver que acordou. Espero que possamos conversar tão logo se sinta mais forte.

— Matheus tem razão, pois creio que você logo terá uma surpresa da parte dele.

Que novas surpresas teria, meu Deus? Será que já não tinha sido suficientemente castigado?

Nisso entrou Síxtus, acompanhado de Hipólita e Cláudia.

— Antônio, não deve nos assustar dessa forma. Todos esperamos por você para que continue valendo a pena ficar neste mundo louco.

“A vida tem sentido pela existência de pessoas como você, caso contrário, ficaria impossível viver num mundo cheio de Pôncios e Caifás.

Quanto à sua ausência, tratei de tudo conforme combinamos e você pode ficar tranquilo pelo tempo que quiser”.

Cláudia era uma pessoa energética, cujo entusiasmo acabava sempre contagiando a todos.

— Muito bem, agora vamos sair e deixá-lo descansar mais um pouco, para que possa se recuperar melhor.

Tomei o chá, que deveria conter alguma espécie de sonífero, e adormeci em seguida, acordando somente no outro dia pela manhã.

Permaneci longo tempo em silêncio, ainda fresca na memória a lembrança de meu último encontro com Ester, em casa de Joab.

Chovia muito naquele dia, trazendo alegrias e preocupações para as famílias.

As casas, cujos terraços eram conformados por folhas e terra batida, não eram impermeáveis à ação da água e, tão logo começava a chover, imediatamente a água abria caminho por entre a precária cobertura, despencando no interior da frágil habitação.

As goteiras propagavam-se por vários pontos, transformando a cozinha da casa no aposento mais vulnerável, em um vaivém de pessoas, na inócua tarefa de procurar controlar a descida da água com vasilhas, cântaros, pratos e quaisquer outros utensílios para armazenar.

Aquela rotina constituía mesmo uma rotina adicional para todos os habitantes da maior parte das aldeias da Judeia.

O barulho do pipocar da água sobre a argila e o metal adicionava mais um instrumento a executar a melodia da vida e, após um certo tempo, chegava a soar benfazejo aos ouvidos da alma, porque eram portadores do elixir mágico que fazia a natureza florescer, forrando de cetim verde o campo de provas da humanidade.

A entrada de Matheus no quarto trouxe-me de volta à realidade.

— Salve, Matheus, espero que não me traga novamente aquele chá, porque desejo ficar acordado.

— Não se preocupe, filho, que hoje eu quero mesmo que fique acordado, porque tenho algumas revelações a fazer.

Notei que trazia uma tesoura e uma bacia.

— Será que você agora vai querer cortar meu cabelo?

— Não, vou cortar o meu cabelo e, enquanto isso, vamos conversando.

Sentou-se em um banquinho perto de minha cama e logo entrou Hipólita.

— Veja, Antônio, chegou agora meu “tonsor”. Acho que não vou escapar.

Hipólita se aproximou sorridente e começou a cortar mechas dos cabelos de nosso velho amigo.

— Sabe, filho, que há muito tempo morei também em Roma. Sou romano, sabia?

“Como você, entrei cedo para a legião e logo fui mandado para lutar nas Gálias, porque estávamos levando algumas surras por lá.

Meu pai era oficial, um centurião, e servia na Bretanha.

Diziam que era um bom soldado e por isso eu era bem conceituado em minha unidade.

Meus sonhos de menino logo foram por água abaixo, quando fui confrontado com os horrores da guerra. Amigos partiam, dolorosamente, em cenas de crueldade inaudita, que ficaram para sempre gravadas em minha mente.

Tanto adversários como nossos próprios homens terminavam sempre por se igualar em tudo, quando confrontados na cova rasa. Tudo o mais perdia ali o sentido, levado para as profundezas da terra".

Enquanto falava, Hipólita ia jogando grandes tufo de seu cabelo na bacia.

— Ao retomar para casa, não era mais o mesmo homem, Antônio. Parecia que algo tinha "desligado" dentro de mim, aquele espírito guerreiro de antes tinha se transformado em profunda aversão pela violência.

'Testemunhei muitos sonhos despedaçados, tragados pela voraz máquina da guerra, várias famílias, de repente, ficaram sem seu "campeão", nas profundezas de algum buraco em território estrangeiro.

Meninos e meninas sem pai, mulheres sem seu homem para conduzir seus destinos, caindo em completa miséria, sendo obrigadas a vender sua própria dignidade para continuar vivendo.

Conversei com meu pai uma vez e expus a *eh**, meus sentimentos. Chamou-me, então, de covarde, pois pensou que era medo o que eu sentia. Coitado, em sua simplicidade ele não conseguiu entender que alguém pudesse ter genuína aversão à violência, sem sentir medo de lutar ou covardia.

Mamãe entendeu, na época, o que eu dizia, as mulheres possuem uma sensibilidade muito maior e um amor muito profundo pela vida, pois é delas que nasce a humanidade todos os dias.

Quando apareceu uma vaga para prestar serviço na Judeia, imediatamente me apresentei, intuindo, talvez, que aqui deveria estar o objeto daquela minha busca, além do que, estava já saturado de uma vida de mentiras naquela sociedade viciosa da metrópole".

Estava pasmo, pois à medida em que caíam seu cabelo e barba, por baixo revelava-se um rosto bastante familiar para mim.

— Assim, Antônio, vim parar por aqui e, um dia, numa patrulha, fomos surpreendidos em uma emboscada dos "zelotes", quando fui dado como morto, sendo resgatado por alguns seguidores de um homem chamado João Batista.

"Durante algum tempo fiquei entre a vida e a morte, mas acabei por me recuperar e pude aprender algumas coisas importantes com aqueles homens.

Sei que não vou poder satisfazer plenamente à sua curiosidade com essa história resumida, mas mesmo assim acho que vale a pena.

Assisti a algumas palestras daquele que se dizia o precursor, o anunciador do Messias que deveria estar, em breve, entre nós e, não me pergunte por quê, acreditei nele. Senti dentro de mim que aquele homem dizia a verdade e que deveria tomar parte naquilo tudo".

Matheus não tinha mais barba e agora, com o cabelo curto, parecia muito comigo, como se eu fosse vinte anos mais velho.

Hipólita piscou-me um olho e saiu, deixando-nos a sós.

— Acompanhei por longo tempo aquele homem. Abandonei tudo, meu nome, família, tudo, deixei que pensassem que estava morto, porque senti que caminhava, finalmente, em direção à verdade que procurava.

"Quando Jesus apareceu um dia no rio Jordão, pedindo para ser batizado por João, percebi que finalmente Ele tinha chegado, a resposta a todas as minhas preces, o filho de Deus ali entre nós, vivo e respirando, para nos anunciar a boa-nova.

Quando você chegou, Antônio, e fomos apresentados na casa de meu amigo Joab, não imagina a alegria que de mim se apossou, pois era como se eu mesmo estivesse revivendo minha própria história.

Senti que nossos caminhos haveriam de se cruzar e eu poderia, então, contar a você a minha história. Senti que você encontraria aqui também a sua verdade, nessa terra mágica, que produziu um homem da estatura de Jesus.

Não me enganei. Hoje tenho plena certeza que não me enganei”.

Minha busca tinha chegado ao fim. Era Clódio, meu irmão desaparecido há tanto tempo que falava comigo ali na minha frente.

A emoção transbordava de meus olhos. Reuni o que me restava de forças e dei um forte e prolongado abraço em meu irmão, agradecendo a Deus a oportunidade de ainda poder sentir tamanha alegria, quando, dias antes, tinha sido tão duramente golpeado pela fatalidade.

— Admiro muito a você, Antônio, pois parece que também aprendeu sua lição. Tudo o que veio buscar aqui você encontrou.

— É, meu irmão, mas Ester já não está comigo. Nunca mais vou poder vê-la, estreitá-la em meus braços, beijá-la, e isto toma agora intolerável a vida para mim.

— Engana-se, Antônio. Na realidade que importa ela está e estará sempre com você, ao seu lado e dentro do seu coração.

Senti, de repente, no ar o perfume de jasmim favorito de Ester.

— Além disso, você ainda tem que pensar em mamãe, agora sozinha. É sua responsabilidade zelar, para que aquela heroína tenha agora a paz tão necessária para construir uma velhice com dignidade. Pense nisso.

— Quando voltar, vou dizer a ela que você está vivo. Ela vai gostar de saber, porque sei que, no fimdo, nunca acreditou em sua morte.

— Sim, faça isso. Diga a ela que, finalmente, consegui descobrir minha verdade. Ela entenderá.

Matheus, na verdade meu irmão Clódio, se levantou quando entraram todos na sala.

— Agora que você está bem, preciso seguir meu caminho, porque agora é que começa o verdadeiro trabalho. Nós que estamos

de posse da palavra do Mestre, devemos propagá-la e distribuí-la aos quatro cantos, pois assim fazendo, estamos repartindo as riquezas que Ele nos deixou.

Despediu-se então de todos nós e, após trocarmos um último abraço, saiu ele pelas portas do mundo novamente, continuando sua busca e levando, agora nos lábios, as palavras de Jesus.

XX - DESPEDIDAS

Am *péticG&* as rotinas típicas do cotidiano daquele *povo* trouxeram de volta, *rmarmríef* o *rolar* preguiçou? da vida, (X deuses da natureza não paravam *de trabalhar* e rapidamente a floração da primavera tingia a paisagem de amarelo> escarlata e azul, depois um verde brilhante, *seguido* por um marrom dourado pelo sói ardente de verão,

Eu continuava em Tiberíades, *em casa* de meus amigos, com medo de deixar para trás aquela *região* tão querida, as lembranças sagradas que em tudo me traziam a figura de Ester, suas relíquias pessoais que eu guardava quai fossem valiosos tesouros.

Logo, os primeiros pioneiros cristãos começaram a se organizar em grupos de oração, para estudar e difundir as palavras do Mestre.

Em Cafamaum, os fieis organizaram, pouco tempo depois da crucificação, uma grande comunidade de Cristãos, convertendo muitos em apóstolos abnegados da nova doutrina de renúncia, sacrifício e redenção. Para que o Supremo Profeta jamais fosse esquecido em seus martírios no sacrifício do Calvário, o povo simples e humilde de então, organizou o culto da cruz, acreditando ser essa a melhor homenagem à memória do nazareno.

Começariam ali os cultos subterrâneos, os quais logo seriam "exportados" para Roma, onde, nas catacumbas, se reuniriam os adeptos do cristianismo nascente, porque desde seus primeiros eventos, suas ideias seriam também consideradas subversivas e perversoras pela sociedade romana.

Matheus, na verdade Clódio, há tempos não aparecia e eu contava ainda vê-lo, antes de deixar a Judeia para sempre e *retomar* a Roma.

Passava meus dias andando pelas imediações, circulando pelas diversas cidadezinhas ao longo da "via maris", apenas para observar as pessoas em seus afazeres rotineiros, para mim maravilhosos. O que eu não daria para estar ali também, juntamente com minha amada, cumprindo aquela suave ritualística diária.

Muitas vezes, fazia grandes percursos a cavalo, junto com Sérgio e Sístus, sem destino, somente pelo prazer de sentir a brisa fresca no rosto, aquele ar gostoso que vinha da imensidão do lago.

Costumava então passar os dias em casa de Ester, imerso em profundas tristezas e recordações, apesar das constantes tentativas de todos para me fazer interessar por outras coisas, para me tirar do vórtice daquele furacão que ainda me comia o coração por dentro. Aquele era o meu santuário e ali tudo emanava as vibrações harmoniosas da minha prometida, a cozinha onde tantas vezes sentamos para comer, seu quarto e sua cama que tantas vezes abrigou aquele corpo tão sagrado.

Ainda escuto, à noite, a oração do "Ouve, Oh! Israel", em sua voz doce e melodiosa, qual sublime tradução de diáfanas notas musicais que do céu jorravam em sua linda cabeça.

Ester e os seus já se encontravam, então, amparados no plano espiritual e acompanhavam, com tristeza, os meus tormentos. Orava, então, e, nessa hora, eu parecia sentir como que um banho de energia a lavar-me a alma e o corpo de cima em baixo.

Hoje, agradeço o companheirismo e a amizade preciosa de Sérgio, meu irmão de várias existências na matéria, que sempre esteve perto de mim, ocupando minha cabeça e distraíndo minha atenção, evitando assim qualquer ato impensado de minha parte.

Um dia, fomos a Saida, cidade onde morava a família dos Zebedeus, de cuja casa saíram alguns apóstolos de Jesus, pois tinha eu decidido procurá-los para satisfazer minha curiosidade a respeito da assim chamada "vida pública" do Mestre, aqueles três anos inolvidáveis onde tudo aconteceu.

A pequena cidade nada mais era do que um anárquico cenário de casinhas e o casarão que procurava ficava situado frente à praia.

As chuvas transformavam as ruas da cidade num virtual atoleiro, pelo qual corriam alegres e despreocupados grupos de meninos descalços, qual passarinhos, armados de varas e paus a perseguir enlameados e escandalosos gansos.

As mulheres da vila quedavam silenciosas, nas portas e janelas de suas casas, a observar a dificuldade dos transeuntes em caminhar pelas ruas.

O zumbido das moscas, saídas aos milhares do lixo acumulado nas vielas, o cheiro misturado de alimentos sendo cozidos que exalava dos pátios e a fumaceira das lâmpadas que iluminavam os míseros casebres, eram, verdadeiramente, difíceis de suportar e "fechavam" o cenário de uma típica vila da Galileia daquela época.

Ali ainda viveríamos, Sérgio e eu, algumas experiências que seriam, para nós, imorredouras imagens luminosas, marcando-nos para sempre.

No dia mesmo em que chegamos, por volta das dezesseis horas, tivemos a felicidade de, junto com muitas outras pessoas, testemunhar uma aparição do Mestre.

Estávamos à beira da praia quando, de repente, fez-se um silêncio total e surgiu, no centro de um barco fundeado, a figura alta de um homem. Não sei bem ao certo como aconteceu, mas apenas procuro dizer o que vi.

Foi uma ocorrência, em tudo, impressionante e, naquele momento, pudemos então, todos os que ali se encontravam, vislumbrar a inconfundível figura de Jesus em toda a sua plenitude.

Seu rosto sereno e imperturbável, nimbado da luz do sol que caía a oeste, inspirava respeito e irradiava uma calma absoluta.

O aspecto do Mestre em nada tinha mudado, seus olhos amendoados, os longos cabelos a descer pelos ombros largos, o sorriso exibindo dentes impecavelmente brancos. Isso tudo constituía para mim prova incontestável da paz e harmonia que Ele desfrutava, sabe-se lá onde, no apregoado reino de Seu Pai. No entanto, nossos corações endurecidos ainda não estavam preparados para aceitar aquela dádiva, aquela prova final e conclusiva da transcendência de seus ensinamentos.

"Que a paz do meu reino esteja no meio de vós".

Ficou ainda mais gelado o silêncio. Nada se movia e parecia que, mais uma vez, a natureza toda quedava genuflecta, à espera da palavra do Filho do Homem.

Foi uma aparição bastante breve, mas o suficiente para sepultar, de vez, o que restava de meu orgulho de romano, debaixo de um sorriso e uma humildade contagiante.

"Estou prestes a despedir-me de vós e subir ao Pai. E logo, muito breve, enviar-vos-ei o Espírito da Verdade a este mundo onde vivi.

E quando Ele chegar, espalhareis o evangelho do reino primeiro em Jerusalém, depois pelo mundo todo.

Amai aos homens como eu vos amei e servi vossos semelhantes como eu vos servi. Servi a eles com o exemplo... e ensinai aos homens com os frutos espirituais de vossa vida. Ensinai-lhes a grande verdade, ou seja, que o homem é um filho de Deus e, portanto, somos todos irmãos.

Recordai tudo quanto vos ensinei e a vida que vivi entre vós e meu amor vos envolverá.

Vós que recebestes a minha palavra e a fizestes frutificar em seu coração, lançai também a semente do reino de meu Pai em outras sementeiras, santificando a vida e a oportunidade que ora tendes.

Deixo a todos a minha paz, para sempre".

Assim dizendo, simplesmente desapareceu na frente de todos nós, silenciosa e calmamente, ficando aquela agradável sensação de paz e energia interior.

Subitamente, despertou também a natureza de seu torpor reverenciais, com seus ruídos característicos.

Ainda com a despedida nítida em nossas cabeças, ficamos ali parados, olhando-nos uns aos outros, entre divinizados e assustados com a experiência singular vivida.

Permanecemos ainda por longo tempo em contemplativa imobilidade, alguns mesmo assombrados, sem conseguir articular palavra ou se mover. A multidão, sentindo indizível sensação e exibindo um brilho no olhar, imóveis como os degraus de pedra do ancoradouro, erguiam as frentes para o céu, buscando uma explicação ou um sinal adicional para o que tínhamos presenciado.

Repentinamente, algumas pessoas começaram a gritar exortações de júbilo, quebrando aquele "encanto" que nos paralisava e, logo, todos nós estávamos também pulando, chorando e rindo, nos abraçando, convertendo o velho ancoradouro em palco de grande alegria.

Estávamos tão felizes em ter tido a oportunidade de testemunhar aquilo tudo, que não ligávamos mais para as barreiras sociais, nos igualando e nos nivelando, mesmo que por momentos, aos homens comuns, na verdade nossos irmãos, sentindo ainda no rosto a leve brisa e as palavras do Mestre a sussurrar em nossos ouvidos suas mensagens de amor.

Era uma autêntica possessão coletiva, onde romanos, gentios, judeus, ricos e pobres, todos se irmanavam no repartir das palavras de Jesus.

Olhei para Sérgio e percebi que também ele tinha visto o mesmo que eu, o pranto suave que seus olhos não conseguiam esconder.

Muito cansados, física e mentalmente, acabamos por nos render e caímos por sobre a areia da praia, ainda com o raciocínio bloqueado pela emoção.

Tinha sido Ele, sem dúvida, aqueles olhos eram os mesmos que vi em Cafarnaum e Jerusalém,

jamais me enganaria.

Aos poucos, as pessoas foram abandonando o local rumo a suas casas e afazeres diversos, o barulho das crianças foi desaparecendo também até quase se extinguir, e logo, estávamos ali, a sós, dois soldados romanos ainda meio sem saber o que fazer ou falar.

Sem nada dizer, dei um último abraço em meu amigo e nos encaminhamos até nossos cavalos para retomar a Tiberíades, onde passaríamos ainda mais alguns dias em casa de Síxtus, antes de voltar a Jerusalém e reassumir minhas funções.

Em minha cabeça estava já decidido a retomar para Roma e pedir ao amigo Caio Lúcio uma nova designação, de preferência para um lugar distante o bastante para conseguir esquecer minha tragédia pessoal e recomeçar novamente.

O sol já havia descido a linha do horizonte e a fraca claridade residual começava a revelar um magnífico manto de estrelas, a estender suas luzes por sobre a abençoada terra da Galileia, escolhida pelo Mais Alto para acolher seu filho dileto.

Como era pequena a pretensiosa grandeza romana frente àquela terra, pois apesar de toda a sua riqueza e poder material, jamais seria capaz de gerar um homem daquela magnitude!

Chegando à fazenda de Síxtus, encontramos Matheus, que nos fazia uma última visita, antes de estender suas peregrinações a países distantes.

A certeza da elevada estatura espiritual atingida por Síxtus e Hipólita, seu arrependimento sincero e a harmonia que aqueles dois conseguiram, após abraçar as lições do Mestre Jesus, eram comoventes.

A residência havia se transformado em um ponto de reunião, para onde convergiam diversas pessoas, principalmente de Cafamaum, para estudar as palavras e as lições da "boa-nova". Hipólita tinha se convertido em mãe carinhosa para muitas crianças da região, quase todas órfãs, ou filhos de milhares de famílias de "manzerim", que carregavam também suas cruces na marginalidade imposta pela insana ortodoxia religiosa

Aquilo tudo me atingiu bastante, pois apesar de não mais conseguir ter filhos próprios, minha amiga sublimava seus sentimentos e instinto materno, oferecendo seu amor e carinho àquelas dezenas de crianças que por ali apareciam todos os dias.

Paulatinamente, a fazenda acabou se transformando em uma referência para os infelizes e desvalidos da sorte, que para lá se dirigiam, na esperança de mitigar seu sofrimento, receber ânimo novo e readquirir a vontade de viver.

Todas as noites havia um grupo de oração e estudo reunido, ocasião em que sempre aparecia alguém para dirigir algumas mensagens àqueles que buscavam uma fonte limpa para matar a sede da alma.

Meu amigo também tinha sofrido notável transformação e, de arrogante e cruel membro da aristocracia patricia, converteu-se em amigo dos muitos que por ali passavam, contribuindo com seus conselhos, encaminhando alguns para serem ajudados pelo governo, financiando viagens e empregando muita gente na própria fazenda, desenvolvendo novas frentes de trabalho e até ensinando uma profissão para que pudessem trabalhar por si mesmos e viver com dignidade.

Sua fisionomia transparecia agora uma paz interior que não tinha antes e suas palavras eram agora gentis e sinceras, dispensando sua atenção a todos que fossem procurá-lo.

Nosso velho Matheus desempenhava relevante papel em toda essa transformação, assumindo a responsabilidade pelos grupos de reunião que, devido à sua grande projeção entre os cristãos, por esse motivo, estava sempre em contínua atividade.

Não obstante estar em paz comigo mesmo, sentia ainda que faltava fazer mais alguma coisa, uma última providência, antes de poder me despedir daquela gente. Nunca mais tomaria a vê-los, pois tinham decidido ficar ali para sempre, tendo Síxtus me recomendado diversas providências para liquidar seus negócios em Roma e despachar para lá os resultados.

Uma noite, recebi a visita espiritual de Ana, mãe de Silano que, amparada por generoso e elevado mentor, desejava comunicar-se comigo com o objetivo de corrigir algumas coisas que lhe afligiam, impedindo que se sentisse em harmonia consigo mesma.

Após ter participado de uma daquelas inesquecíveis reuniões, onde a palavra de Matheus galvanizava a todos e nos elevava o espírito a alturas inimagináveis, senti um súbito torpor, uma forte sensação de cansaço pelo corpo e uma inexplicável angústia a me rodear os pensamentos. Pensei em tomar algum medicamento, mas fui desencorajado por meu irmão, que me deu uma xícara de chá e recomendou fosse dormir um pouco.

Na verdade, intuído pela espiritualidade, Matheus colaborava com a missão que nossos mentores tinham planejado executar, sugestionando-me a que fosse para meus aposentos, colocando-me em posição para facilitar a comunicação com minha amiga.

Adormeci de imediato, e pude logo, vislumbrar o rosto inesquecível de Ana, sua figura alva a deslizar em minha direção, acompanhada por um ancião de aspecto respeitável.

Apesar da grande luminosidade branca do ambiente e do sentimento de harmonia ali reinante, observei uma ponta de tristeza nos lábios e olhos de minha amiga.

— Antônio, meu querido amigo, após todos esses anos em sofrimentos atrozes de incomensurável penúria moral, quis a misericórdia divina se compadecer de minha pessoa e me ajudar a sair daquele abismo.

“Fiquei por longo tempo me refazendo, em atrozes arrependimentos por minhas ações criminosas, meu comportamento grotesco e vil, em total desacordo com os compromissos que tinha assumido, antes de envergar as vestes materiais.

Aqueles que me amaram e fizeram tudo por mim, paguei com a moeda da falsidade e da perfídia, jogando no lixo todos os bons sentimentos que atiravam em minha direção.

Mesmo com você, meu querido, que sempre teve uma palavra amiga, um olhar amoroso, que me acompanhou, lado a lado, até minha saída do corpo, que mesmo depois disso, acolheu como seu meu precioso filho, apesar de resultado da minha incontinência e falta de amor verdadeiro.

Quantas vezes esses quadros passaram à minha frente, e quantas vezes senti as mesmas agonias, o pior sofrimento que é o que resulta da fragilidade moral com que agimos, da inconsequência criminosa presente em nossos atos, quando na matéria.

No entanto, parece que alguém se apiedou de minha pobre pessoa, e agora já consigo ter um pouco de equilíbrio para poder me comunicar com você, meu amigo querido de tantas épocas”.

Senti um indizível bem estar, ao me certificar que Ana estava amparada, que ela tinha conseguido se recuperar, que ela estava num bom lugar, que fosse onde fosse, parecia ter lhe trazido outra vez aquela sua energia própria, que eu sabia ser sua característica pessoal, sua vontade de fazer as coisas.

Aquilo purgava do meu espírito o peso daquelas lembranças do sofrimento penoso em que minha amiga tinha abandonado a matéria, trazendo lágrimas de alegria e alívio aos meus olhos espirituais. Ana estava bem assistida e outra vez parecia estar a caminho de novas realizações.

Agradei a Deus mentalmente através de uma oração desordenada. Lembrei de algumas palavras ditas por Matheus, em uma de suas prédicas nas nossas reuniões noturnas, mas o que acabou saindo de mim foi mais um sentimento de enorme gratidão, dirigido ao Mais Alto.

Naquele instante, veio à minha mente a visão sublime do Crucificado, suas palavras doces induzindo-nos a vãos mais elevados.

“Honras e glórias, mocidade e fortuna, bem como as alegrias passageiras do plano terrestre de nada valem, pois tudo aqui vem a ser apenas ilusão, que desaparece nos abismos da dor e do tempo”.

Minha amiga continuou, então, sua mensagem.

— Passei muito tempo e foi preciso muito trabalho de vários amigos que descobri por aqui, para me livrarem da lama pegajosa na qual me debatia, perdidas já as esperanças de escapar,

trazendo-me para este lugar tão sublime, onde pude, afinal, me recuperar e analisar de forma mais equilibrada minhas ações passadas, com o fito de vislumbrar novos projetos para o futuro, tomar novas disposições para reparar minha conduta desprezível e poder me aproximar, novamente, de todos vocês.

"Meu querido Síxtus e minha querida irmã Hipólita encontraram já o seu destino e apenas gostaria que você levasse a eles todo o meu amor, minhas melhores energias, meus sentimentos mais caros.

Logo quando abandonei meu antigo corpo de carne, aqui cheguei carregada de ódio imenso aos dois, por mim vistos como traidores, principalmente Hipólita, a quem passei a maior culpa, por ter ela conquistado o homem que mais amei nesta minha passagem pela Terra.

Entretanto, com o passar do tempo percebi que isso tinha que acontecer, pois as pesadas pendências que existiam entre os dois, exigiam que assim fosse, que eles tivessem uma chance para se resgatar mutuamente.

O Mestre Jesus, nosso Irmão universal, disse que "é preciso morrer a semente para que haja a continuidade da vida, para que daí possa nascer uma planta melhor e mais forte, dar origem a novas sementes e povoar os canteiros da vida".

Foi isso mesmo o que aconteceu, pois da morte nasceu a vida que continua em meu filho e também a vida que brotou novamente nos corações de Síxtus e minha irmã, além da grande esfera de luz que agora brota dessa união e ilumina o caminho de tantos".

Quando falava, sua fronte aureolada de luz atestava para mim a grande transformação que também tinha ocorrido com minha querida amiga.

— Entretanto, Antônio, para que eu possa me sentir ainda melhor e plenamente recuperada para novas atividades, resta uma única providência adicional que espero seja suficiente para sanar minha última aflição.

"Preciso que você revele a Síxtus e Hipólita a verdade sobre Silano. É preciso que eles tenham uma chance de se reconhecerem e reconciliar, resolvendo também uma pendência que nos une a todos de longa data, em uma teia de intrigas e paixão, tendo ensejado muitas ações criminosas e a perda de várias de nossas passagens aí, pelo orbe.

Sei que hoje Silano é para você como seu próprio filho, mas é mais este sacrifício que estou pedindo ao seu coração generoso, porque o amor que nos une permanecerá para sempre em nossas almas, independente da distância. A dor que você possa sentir com isso é ilusória, na verdade não existe, mas deve se transformar em alegria por ter, mais uma vez, colaborado com o direcionamento dele para o futuro".

Uma grande angústia se apoderou de mim naquele instante, face à perspectiva de separar-me de Silano.

Revi mentalmente todos os acontecimentos que cercaram a morte de Ana e o nascimento de Silano, praticamente em minhas mãos, o primeiro choro que deu aconchegado ao meu peito, o carregar daquele fardo, meio desajeitado, em direção a minha casa, e depois o sorriso meigo de mamãe e a satisfação de Mânlio, meu pai, ao receberem o pequeno em seus braços.

Nós dois, eu e Silano, tínhamos história para contar, e nossa cumplicidade, eu sentia, ia muito além da mera existência humana.

As palavras de Ana, no entanto, trouxeram a verdade ao meu espírito. Mais uma vez estava em minhas mãos encaminhar seu filho adorado para que ele pudesse alcançar também seus objetivos, trilhar, finalmente, sua própria estrada, rumo à evolução.

Ainda com o coração confrangido de emoção, concordei, sinceramente, com minha amiga querida e prometi mentalmente fazer tudo o que ela me pedia.

Notei que seu rosto se alargava num lindo sorriso, que começavam a jorrar do Alto poderosos feixes de luminosidade ainda mais intensa, inundando-nos a todos com uma energia vivificante e

muita alegria.

Senti uma paz enorme e pude ouvir as últimas palavras de Ana, antes de despertar.

— Meu adorado amigo, eu tinha certeza que poderia contar com sua ajuda. Posso agora partir em paz, para minha total recuperação e foijar novas disposições a fim de que meu espírito possa evoluir junto com vocês.

"Muita paz para você. Ainda vamos nos encontrar."

Despertei ainda com aquele sorriso encantador brincando em minha mente, seu perfume inundando fortemente meu quarto com um aroma refrescante.

Estavam todos reunidos no salão de refeições do solar quando me aproximei e, em poucas palavras, narrei a meus amigos a verdadeira história de Silano, com as mãos de Hipólita entre as minhas, cumprindo minha promessa ao meu antigo amor.

— Meus amigos, esta é a história e, apesar de já sentir muito a distância que fatalmente deverá me separar de Silano, sinto também que este é o seu verdadeiro caminho e quero que ele seja muito feliz.

Síxtus estava bastante emocionado e com a voz embargada, nada conseguia dizer, sendo sua esposa a falar em seguida, também muito emocionada com meu relato, lágrimas abundantes a correr pelo seu belo rosto.

— Antônio, meu amigo, afinal nos trouxe nosso maior tesouro. Teremos, então, a oportunidade tão sonhada de nos redimir frente à horrível injustiça que perpetramos anos passados.

"Silano é também meu filho do coração, imagem da querida Ana, retrato do meu amor e encontrará em mim uma mãe verdadeira e em Síxtus um pai extremoso, nosso maior tesouro que cuidaremos com amor e carinho, prova maior de que todos nós, finalmente, nos reconciliamos".

Síxtus não conseguia falar e apenas me deu um abraço emocionado, longo, dizendo tudo com a linguagem da alma.

Matheus deu-nos as mãos, então, elevando sentida prece em agradecimento a todas as bênçãos que tínhamos recebido naquela noite.

No dia seguinte, acordei com uma estranha sensação, que me impelia a novamente ir até aquela praia na cidadezinha de Saidan, onde tinha testemunhado aquela sublime aparição do rabi da Galileia. Um sentimento de urgência me dizia que eu tinha que me despedir daquele lugar antes de meu retomo a Roma.

Cheguei logo pela manhã, sozinho, a cavalo e me dirigi, de imediato, àquele sagrado lugar na praia.

Na área defronte o atracadouro, alguns degraus de pedra davam acesso à aldeia a quem chegasse pelo mar a Saidan.

Alguns barcos em atividade, diante da primeira desembocadura do Jordão, estenderam suas velas, aproveitando as primeiras brisas do dia. Nesse momento, o lago começava a encrespar e as gaivotas, voando com a ajuda do vento, se reagrupavam, animando os pescadores com seus chilreios.

Com a elevação da temperatura, suando por todos os poros, entrei naquela água cristalina, deixando minhas roupas e sandálias entre os calhaus, perto de onde havia amarrado meu cavalo.

O relativo frescor me serenou e foi como um bálsamo para clarear minhas ideias e acalmar os ânimos.

A lembrança de Ester ressurgiu grande, calma e límpida em minha cabeça, trazendo-me um sentimento de angústia e inquietação, pois meu espírito parecia adivinhar, por desconhecidos meios, todos os sacrifícios que me esperavam, viver a solidão da ausência de sua figura adorada.

Molhei lentamente os braços e o rosto, usufruindo o prazer daquela despedida, daquele momento de descontração e, por alguns minutos, permaneci com o rosto virado para o sol, de olhos fechados.

Senti aquele instante mágico como uma bênção, um refrigerio para a alma castigada, que me ajudou a esquecer, pelo menos durante aqueles poucos minutos, dos espinhos encravados em meu espírito.

Repentinamente, meu instinto de militar me alertou, com uma clara percepção de haver alguém às minhas costas.

O silêncio do momento era quebrado apenas pelo leve marulhar das pequenas ondas sobre a areia da praia, o vento sibilava suavemente pelas reentrâncias do madeirame e das velas das embarcações fundeadas.

Era ela, eu sabia.

Estremeci, e uma imagem calorosa e quente como aquele sol veio à minha mente, assustando minha típica incredulidade romana.

Resolvi me virar rapidamente e, ao fazê-lo, quebrei o encanto.

Ao olhar para a terra, ainda pude vislumbrar sua imagem sorridente desvanecendo-se lentamente, junto a minhas roupas e sandálias, e tive a certeza final que meu instinto não havia me enganado.

Ela tinha vindo me visitar.

XXI - VOLTANDO PARA CASA

O império de Tibério chegaria ao seu inglorio final e subiria ao poder seu neto adotivo, Caio César, o Calígula, assim chamado por frequentar desde criança o ambiente da caserna, quando usava uma "caliga" pequena ou "calígula", mandada fazer especialmente para ele pelos soldados.

Calígula era, na verdade, sobrinho do morto, subindo ao trono após haver mandado assassinar, cruelmente, a Tibério Gemello, o outro neto adotivo de Tibério e seu mais próximo rival.

Pôncio Pilatos, por sua vez, continuaria ainda por longos anos, muito depois de meu regresso a Roma, a cometer seus desatinos e arbitrariedades, fazendo sofrer ainda mais o povo judeu. Entretanto, por volta do ano 36 de nossa era, ocorreriam alguns fatos que determinariam o seu fim.

Certa ocasião, ordenou uma cruel matança de samaritanos que protestavam contra atos de seu governo, chamando a atenção e fornecendo um forte motivo àqueles que desejavam sua ruína.

Tendo tomado conhecimento do ocorrido, imediatamente Vitélio aproveitou a chance para defenestrar o insano governador para Roma, o que ele desejava fazer há muito tempo. No decurso da viagem, mais um azar atingiria Pôncio, com a morte de Tibério, o que precipitaria um final medíocre para o outrora poderoso romano.

Sua viagem até Roma teve de ser feita por terra, porque entre novembro e março o tráfego marítimo pelo Mediterrâneo ficava, praticamente, paralisado devido às condições meteorológicas adversas.

Para desgraça do ex-governador, o sucessor de Tibério seria justamente Calígula, que se encarregou de lhe dar um destino final desterrando-o para as Gálias, onde morreu esquecido poucos anos depois. Na verdade, foi um louco tratando de outro.

De retomo a Roma, acabei sendo designado para a Germânia onde, no comando de uma legião, parti com a tarefa de combater os bárbaros do norte que ameaçavam as Gálias.

A experiência na Judeia, porém, nunca mais se apagaria de minha lembrança, de meus indelévels registros nas profundezas da alma.

Síxtus e Hipólita nunca mais retomariam à metrópole, transformando sua propriedade em autêntico marco de luz para os deserdados e infelizes, encaminhando e resolvendo os problemas de muitos outros, contando, para isso, com a ajuda do filho Silano, que depois acabaria por assumir, com êxito, as tarefas dos pais.

Seus espíritos ressurgiriam luminosos como duas estrelas no firmamento, vitoriosos e plenos de energia, que, por sua vez, facilitariam a continuação de sua obra no plano espiritual, fundando e dirigindo, por longo período, uma importante instituição socorrista, que resiste até nossos dias como

uma das pedras angulares de apoio ao progresso daqueles que descem à matéria, na busca de sua própria verdade.

Matheus, ou Clódio, abandonou o corpo material poucos anos depois de minha volta a Roma e hoje cumpre importantes missões em esferas elevadas, como valioso elemento de auxílio à construção do universo idealizado pelo Supremo Arquiteto.

"Depois, andareis por todo o mundo, pregando esta boa-nova do reino e, assim como o Pai me enviou, assim também eu vos envio agora".

Pelo resto de meus dias, o olhar carinhoso de Ester a me seguir nos sonhos, me dando força e ânimo para continuar, dizendo que logo chegaria o tempo em que estaríamos juntos de novo.

Não tardaria e logo começariam as reuniões cristãs em Roma, fazendo com que o crescimento subterrâneo da doutrina do Mestre viesse, naturalmente, e com espantosa rapidez.

Esse crescimento não se deveu, exclusivamente, à importância da "urbs" no mundo, mas em sua maior parte à importância da colônia judaica ali existente, que a benevolência de Júlio César tinha ensejado, há muitos anos, a sua aclimação.

Por ocasião da repressão ordenada por Tibério no início de seu império, os judeus eram tão numerosos que tinham sido mandados aos milhares para outros países, mas, apesar disso, continuavam em grande número na Grande Cidade.

Foi com a colônia judaica que o cristianismo, oriundo de Jerusalém, penetrou em Roma, colocando uns contra os outros, rompendo a harmonia e unidade entre os defensores da antiga lei e os adeptos da nova fé.

A nova religião trazida pelos judeus logo exerceria grande atração sobre numerosos romanos, seduzidos pela grandeza de seu deus único e pela beleza pura de seus ensinamentos, das muitas luzes do cristianismo, da esplêndida mensagem de redenção e fraternidade que divulgava.

É difícil estimar o número de conversões operada pela nova crença em Roma, mas é errôneo restringi-las às camadas mais humildes. Paulo de Tarso deixaria claro em suas cartas, que recrutava discípulos entre a criadagem dos imperadores, escravos e libertos, os quais, sob a aparência de falsa humildade, alinhavam-se entre os mais poderosos servidores do regime.

De qualquer modo, em poucos anos, a doutrina cristã estenderia sua influência às classes dominantes.

Durante muitos anos, os seguidores de Jesus não passariam de uma frágil minoria, a qual acabaria exposta às prevenções das massas e à hostilidade do poder, não só porque os cristãos se abstinham das práticas tradicionais romanas, mas também porque, fascinados com a visão da pátria celestial e esquecidos da cidade natal, nunca respondiam a quem perguntava sobre sua origem, a não ser por sua denominação de cristãos, sendo, dessa forma, taxados de desertores e inimigos públicos.

Com isso, passaram a ser objeto de toda sorte de restrições e castigos, patenteando, ao longo do tempo, milhares de atos de heroísmo dos mártires, que mesmo sendo vítimas de crudelíssimas perseguições, não hesitaram em deixar seu testemunho de sangue, fincando os pilares que permitiriam a continuidade do cristianismo nascente.

Ao politeísmo dos deuses greco-romanos, ainda que reduzidos ao estado de símbolos, aos ensinamentos difusos das religiões orientais, a nova doutrina propunha um deus único, soberano e paternal.

As diversas idolatrias, contrapunha um culto centrado no espírito imortal, livre das aberrações astrológicas, dos sacrifícios sangrentos e das nebulosas iniciações, que substituíam por um simples batismo com água pura, orações, um verdadeiro banquete celebrado em comum.

O redentor anunciava uma realidade miraculosa, baseada na vida terrena de Jesus, filho de Deus, garantindo a salvação e a vida depois da vida, as muitas moradas da "casa eterna", dando sentido às ressurreições individuais como caminho seguro rumo à elevação espiritual.

O atrativo mais forte da nova religião residia no fato de que todos eram irmãos, e assim se

tratavam os cristãos. Suas reuniões ocorriam no silêncio dos grandes maciços de pedra, em cavernas desprezadas pelo tempo, onde podiam ser ouvidas as vozes que traziam a mensagem de amor do Mestre, pois logo um grande número de apóstolos da Judeia passou a procurar Roma, trazendo aos irmãos da metrópole as prédicas mais edificantes e consoladoras.

Tochas brilhantes iluminavam estes desvãos subterrâneos, cujas entradas as heras protegiam, enquanto suas portas empedradas davam a impressão de angústia, tristeza e supremo abandono.

O sinal da cruz se transformaria, então, na senha silenciosa entre os irmãos de crença.

Não teriam vida longa os velhos deuses romanos, que amavam os mais ricos e os que oferecessem os maiores sacrifícios nos templos. O Jesus, no entanto, humilde e pobre, descalço e crucificado, não tardaria a encontrar guarida no coração oprimido dos sofredores.

Entre aquelas pedras abandonadas que davam acesso às catacumbas subterrâneas, onde se amontoava a velha poeira dos mortos, ecoariam os primeiros sons que levariam os humildes ensinamentos do Mestre à vitória sobre a truculência e desumanidade dos ídolos de pedra.

As palavras ressoariam pelas arcadas silenciosas e sombrias, fracamente iluminadas pela claridade de algumas tochas, mercê da passagem de milhares de apóstolos anônimos e silenciosos, muitos dos quais acabariam por tombar nas arenas ignominiosas dos "circus", para cimentar, com sangue e lágrimas, a edificação da fé cristã.

Naquelas inolvidáveis assembleias do início da cristandade, todos eram atendidos com as mais francas expressões de bondade fraterna e espontaneidade. As pessoas ajudavam-se mutuamente, sem estardalhaço nem arrogância, estendendo entre as várias comunidades uma rede de auxílio, ensinamentos e amizade e, a respeito disso tudo, o povo romano logo começaria a admirar a simplicidade e a pureza da nova religião, a confiança dos cristãos em seu Deus e em suas promessas, o amor e a felicidade que cultivavam entre si.

Como seria de esperar, em virtude do cristianismo jogar por terra todo um sistema de crenças e valores sobre os quais repousava a sociedade romana, grandes interesses materiais acabariam sendo contrariados, atraindo a ira de segmentos importantes e dominantes do império.

Desse modo, logo alguns éditos mais rigorosos surgiriam, na tentativa de impedir os cristãos de manifestar livremente sua crença, embora em um primeiro momento, o governo de Cláudio procurasse fazer as coisas sempre com a máxima ordem e equilíbrio, sem grandes excessos na execução de seus desígnios.

O futuro reservaria ainda muitas provas, até que o cristianismo pudesse se firmar, para sempre, na alma da mais poderosa nação sobre a Terra.

Depois da Germânia, já no governo de Cláudio, fomos designados para uma campanha na Bretanha, desfechada a mando do imperador, sob o comando do cônsul Plúcio, juntamente com um exército composto por quatro legiões.

Desembarcamos em Rutupiae, marchando, logo após, para o Tâmisia e Londinum, chegando a conquistar uma cidade chamada Camoludunum. Depois disso, enviamos três colunas fortemente armadas, sempre para o norte, que terminaram por atingir uma região desconhecida, povoada por tribos favoráveis a nós. Entretanto, avançando ainda mais, acabamos por encontrar povos mais belicosos e difíceis de tratar, solidamente apegados às suas montanhas.

Os chamados Brigantes eram governados por uma mulher, Cartimandua, que, apesar de ser favorável aos romanos, não conseguiu mudar o ponto de vista da totalidade de seu povo.

Era uma mulher enérgica, possuindo uma vontade férrea, mas também encantadora e lindíssima, que causou a todos nós uma impressão muito forte, pois na sociedade romana, patriarcal por excelência, não era comum uma mulher como aquela, além do que, não tínhamos experiência em negociar com uma rainha.

Mesmo alguns de nossos oficiais recusavam-se a prestar-lhe as homenagens devidas, pois isso feria, de alguma forma, seu amor próprio, detalhe simples, mas que viria a ser o estopim que

arruinaria a precária situação de equilíbrio conseguida.

Os excessos da administração romana, sob as mãos de ferro do cônsul Suetônio Paulino, acabariam por provocar a revolta de outra rainha, Budica, dos Icenianos, que só seria dominada depois de muito esforço e ações de guerra.

Por muitas vezes, fui encarregado pessoalmente de negociar com Cartimandua, com o objetivo de conseguir sua adesão a nós, que poderia evitar muitas perdas de vidas em ambos os lados.

Aquela série de contatos acabou por provar-me que aquela rainha, além de ser muito bonita, era também bastante inteligente e não se deixaria enganar como Budica dos Icenianos, que, na verdade, tinha sido atraída a uma emboscada preparada pela perfídia romana.

— Não precisa mentir para mim, guerreiro romano, porque sei muito bem o que vocês procuram. Querem poder, domínio, saque, aumentar seu exército de escravos, por isso não me venham falar de paz e equilíbrio, porque o único equilíbrio que conhecem é aquele trazido pela morte de seus adversários.

O tempo provaria que ela estava certa e, logo, também os Brigantes aderiam à resistência contra nós, inviabilizando toda a campanha. A história é testemunha de que Roma nunca conseguiria conquistar aqueles povos do norte da ilha, ferozes guerreiros, que lutavam de forma selvagem em defesa de suas casas e aldeias.

Assim, ficamos por longo tempo num impasse em nossos "castella", construídos para servir como acampamentos para nossas tropas, sem conseguir avançar um milímetro sequer, entrando em ações de guerrilhas e escaramuças que nos traziam perdas pesadas a troco de nada.

Longe de casa, nos céus de um país estranho, muitas vezes eu procurava distinguir as estrelas que tinha visto na Judeia e brincava comigo mesmo, dando nomes a elas. Ester era a mais brilhante, a mais bonita, e conversava com ela todos os dias antes de dormir.

Trazia ainda comigo várias relíquias de meus amores que já tinham ido deste mundo, as pequenas coisas que recolhi no fatídico dia em casa de minha amada, um colar, uma pulseira, alguns objetos que me foram dados por Matheus, um tosco crucifixo de madeira feito por suas mãos.

No plano espiritual, Ester já refeita e trabalhando ativamente em uma das muitas equipes de socorro, conversava com Matheus, preocupada com o rumo que as coisas estavam tomando.

— Matheus, sinto que está próxima a hora de meu amado. Será que vamos poder ajudá-lo? Como faremos para que ele não sofra muito?

Meu irmão ergueu os olhos para o Alto, antes de responder.

— Antônio tem de seguir seu próprio caminho até o fim, minha filha, e nada podemos fazer para mudar isso.

"Por outro lado, podemos orar e concentrar nossas forças para que ele tenha a luz que precisa para enfrentar seu desafio final, o momento em que cai o véu de nossos olhos e podemos, afinal, contemplar a verdade universal, por nós esquecida quando entramos no corpo material".

— Mas sinto que não tenho muito controle sobre isso. Como podemos saber que estamos no caminho certo?

Enquanto falavam, caminhavam em direção a um posto de observação, de onde podiam ter uma visão panorâmica do orbe terrestre e da região onde estávamos:

— Basta que tenhamos pureza no coração, que nossas ações sejam movidas por um genuíno desejo de melhorar, de elevar nossa alma e de nossos irmãos, que nossos pensamentos sejam resultado de um sentimento de amor e fraternidade, para que nossas luzes se acendam e iluminem nossa estrada.

"Quando estamos imbuídos de autêntico sentimento de amor e fraternidade, acabamos por atrair para nosso lado influências e poderosas forças do mesmo tipo, o que amplia nossas possibilidades e facilita nossas tarefas.

Nosso irmão Antônio tem, inegavelmente, muitos méritos, colhidos ao longo de sua última existência terrena, angariando, por essa razão, o auxílio de entidades superiores, que reconhecem

nele uma grande mudança. Entretanto, suas ações violentas e algumas quedas durante esse mesmo período, somadas aos seus inúmeros compromissos com raízes no pretérito, sugerem que deverá ainda passar por algumas dolorosas experiências adicionais.

Isso tudo deverá ocorrer, não pelo fato de que Deus é vingativo e cruel, cobrando caro, "olho por olho", pelas faltas cometidas pelos seus filhos, mas porque nós mesmos acabamos, através de nossas ações e pensamentos, definindo o que nos virá pela frente, nossa colheita.

Nós mesmos acabamos por escolher nosso destino, lastrados em nosso patrimônio pessoal de realizações, nossas sementes.

Por isso, creio que Antônio ainda deva colher algumas ervas amargas em sua sementeira, para o que só podemos ajudar com muita oração e pensamentos positivos".

No etéreo plano dos espíritos, pesadas correntes de sombras se manifestavam e buscavam nos envolver a todos em um abraço mortal. Tratava-se, na verdade, de grandes contingentes de sofredores, antigos desafetos e adversários, que acabaram sendo vítimas de nossas ações violentas.

Vinham agora como um verdadeiro exército, cobrar sua vingança, tomar satisfações pelos nossos atos, lançando mão, para isso, de poderosas forças magnéticas com o objetivo de influenciar nossos pensamentos e ações, bem como intuir aqueles que deveriam ser nossos verdugos no plano material.

Ainda que não atuassem diretamente, diversas equipes de socorro espiritual se aprontavam já para prestar assistência aos milhares que abandonariam, finalmente, suas vestes de matéria densa.

"Não é bom que o homem esteja só, pois ninguém vive para si mesmo. Todo aquele que quiser ter amigos, deverá se mostrar amistoso. Acaso não vos enviei a ensinar dois a dois, para que não vos sentísseis sós e não caísseis nos erros e sofrimentos causados pela solidão?

Sabeis também que durante minha permanência entre vós, não me permiti estar sozinho por muito tempo. Desde o princípio tive sempre a meu lado dois ou três de vós... inclusive quando falava com o Pai.

Confiai, pois, uns nos outros".

Ainda ecoavam em meu cérebro as palavras do Mestre trazidas por Matheus, mas como eu poderia fazer para atender a essa invocação, agora que minha alma gêmea já não estava neste mundo? Estava condenado, inexoravelmente, à solidão, talvez como uma prova adicional, necessária ao meu espírito.

Dirigi-me até a tenda de campanha, no acampamento que tínhamos montado, a cerca de dois dias de viagem de Camoludunum.

Notei alguma coisa estranha, pois os sentinelas não estavam no lugar de costume, disparando em mim uma espécie de sentimento de alarme.

Entrei e fui, instantaneamente, dominado por dois homens que já me esperavam do lado de dentro, cobrindo-me a cabeça com um dos tapetes, quando, então, experimentei a terrível sensação de um instrumento estranho que me abria dolorosamente o peito.

Não tive tempo de fazer nada e caí pesadamente no chão, o copioso suor do instante supremo, a derradeira passagem, um abrir e fechar de olhos, já no plano espiritual, um acender de luzes repentino, os livros do passado e do futuro, também repentinamente, abertos à nossa frente.

Antes de perder totalmente a consciência, pude lobrigar, por instantes, as figuras de Ester, Matheus, papai e mamãe, que me recebiam nos braços como se fosse um novo nascimento. Enquanto cerrava ligeiramente as pálpebras, notei também espantado que o cenário havia mudado completamente. O céu não era o mesmo, nem a Terra, tampouco via meus homens e agora me encontrava em um ambiente saturado de uma luminosidade branca e reconfortante, chegando aos meus ouvidos os ecos suaves de uma música celeste, tocada e regida por artistas invisíveis.

Minha amada tomou-me então de encontro ao peito com o máximo de cuidado e carinho, acariciando meus cabelos com suas mãos de neve e translúcidas, trazendo-me um intenso sentimento de paz e alegria.

Passei um longo período naquela região luminosa, sem ter contato nenhum com meus amores, Ester, Matheus e meus pais, o que me trazia grande angústia, dada a infinita vontade que tinha de encontrá-los.

Estava só novamente.

Não sei por quanto tempo fiquei por ali, meses, talvez anos, andando erraticamente por aquela paisagem despovoada, sentindo, ainda aberta no peito, a chaga provocada pelo ferimento mortal.

Ao longe conseguia vislumbrar o azul do globo terrestre, de onde pareciam sair várias estrelas da superfície em direção ao infinito, as almas daqueles que morriam no testemunho, na arena, jogados às feras ou vítimas da sanha dos ignorantes, colhendo após a morte do corpo sua luminosa recompensa, seguindo o Cristo em sua trajetória de felicidade eterna, junto às "diversas moradas do Pai".

A dor superlativa por ter desperdiçado essa extraordinária oportunidade, tudo subitamente claro, em minha mente. Relembrei várias vezes minhas promessas, meus planos, meu choro convulso suplicando uma chance de participar daquele momento único da humanidade, estar com Ele, o prometido de Deus, no mesmo instante e no mesmo lugar.

"O que será de mim agora? Gostaria de ser um verme que fosse, mas novamente na Terra, para poder recomeçar, trilhar a estrada plana e retilínea da qual Jesus falou ao soldado romano, a prática do amor e da fraternidade que leva ao reino de Deus".

Depois daquilo nunca mais seria a mesma pessoa.

Contemplei maravilhado a chuva de luz que parecia sair do planeta, cada vez mais luminosa, e a angústia novamente me dominou, por me ver ali mais uma vez naquela condição de indigência moral.

Finalmente, cansado de andar errante naquela terra de ninguém, roguei auxílio e elevei uma prece, um gemido sentido do coração, àquele Cristo de luz, àquele Jesus que me falou do seu caminho. E então, sua misericórdia infinita permitiu que eu fosse encaminhado a uma estação de refazimento, para me preparar, visando ao enfrentamento de novas lutas na matéria, novas provas, novas esperanças.

Finalmente, voltei para casa.

FIM